

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO**

**INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT**

DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar:
Informação em Arte, um novo campo do saber**

Diana Farjalla Correia Lima

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciência da Informação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Rio de Janeiro
junho 2003

BANCA EXAMINADORA

Prof. Nilson Alves de Moraes -- UNI-RIO
Dr. em Sociologia Política, PUC. SP.

Profa. Rosa Maria Lellis Werneck -- UFRJ
Dra. em Ciência da Informação, UFRJ/ECO; IBICT.

Prof. Aldo de Albuquerque Barreto -- IBICT.
Ph.D. in Information Science, The City University, London, England.

Profa. Maria Nélida González de Gómez -- IBICT.
Dra. em Comunicação e Cultura, UFRJ/ECO.

Profa. Lena Vania Ribeiro Pinheiro -- IBICT --- Orientadora.
Dra. em Comunicação e Cultura, UFRJ/ECO.

SUPLENTES

Profa. Rosali Fernandez de Souza -- IBICT
Ph.D. in Information Science, Polytechnic of North London, England.

Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva -- ICCF
Dr. em Ciência da Informação, UFRJ/ECO; IBICT.

Lima, Diana Farjalla Correia

Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar:
Informação em Arte um novo campo do saber / Diana Farjalla Correia Lima;
orientadora Lena Vania Ribeiro Pinheiro. - Rio de Janeiro: /S.n./, 2003.

358 f.

Tese (Ciênc. Inf.) - IBICT/PPGCI - UFRJ/ECO

1. Ciência da Informação. 2. Museologia. 3. Arte. Ciência da Informação
- Tese. 4. Interdisciplinaridade. 5. Informação em Arte. 6. IBICT/UFRJ -Tese.
I. Título

CDD 020

RESUMO.

O processo do conhecimento que conduz ao cruzamento de fronteiras entre Ciência da Informação e Museologia, ou interdisciplinaridade, é investigado segundo a configuração conceitual e prática que permite reestruturar, em zonas comuns do conhecimento, espaços que agregando saberes, comunidades e linguagens interativas, modelam perspectivas para o surgimento de novos campos do saber. E a Informação em Arte, emergindo desse contexto fertilizador do estudo entre acervos museológicos de arte e a informação especializada em centros de documentação de arte, é focalizada segundo a feição da interdisciplinaridade estrutural, considerando-se a relação entre campos do saber e domínios do poder simbólico. A base empírica é constituída pelo CIDOC-ICOM, International Committee for Documentation of the International Council of Museums; ASIST, American Society for Information Science and Technology; PPGCI, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ); e MMSD, Mestrado em Memória Social e Documento (UNI-RIO).

ABSTRACT

The process of knowledge that conducts to the cross boundaries among Information Science and Museology, or interdisciplinarity, is investigated by conceptual configuration and practice which permits to re-structure, in common zones of knowledge, spaces that aggregate know-how, communities and interactive languages, modelling perspectives for the appearance to new areas of knowledge. And, Information in Art emerging as a fertile field to the study of art museum collections and specialized information in art documentation centers is focalized as a structural interdisciplinarity, considering the relation between fields of knowledge and domains of symbolic power. The empirical basis of the work is constituted by CIDOC-ICOM, International Committee for Documentation of the International Council of Museums; ASIST, American Society for Information Science and Technology; PPGCI, Post-graduation Programme of Information Science (IBICT/UFRJ); and MMSD, Master Degree on Social Memory and Document (UNI-RIO).

Presto minha homenagem ao
brilhante Professor Pierre
Bourdieu, falecido em janeiro de
2002, cujo pensamento é um dos
pilares para a reflexão teórica que
sustenta a presente tese de
doutorado.

*Aos meus pais Bella e Irineu
(doce saudade)
por tudo que generosamente me deram e,
especialmente,
pela alegria de compartilhar minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia deixar mencionar os componentes da Banca Examinadora que atenderam ao convite formulado pela Professora Orientadora e por mim. Compor uma banca para avaliação requer escolher membros competentes, mas sobretudo, deixar atuar a percepção de nossas afinidades. Nesse conjunto de sete membros três foram meus professores. Porém dois deles -- Profa. Rosali Fernandez de Souza e Prof. Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT) -- eu gostaria muito que tivessem sido, todavia as dificuldades de horário, dias e prazos não me permitiram, assim, tê-los na Banca foi o modo de dizer do meu apreço. Ainda, no grupo estão dois recém-doutores Profa. Rosa Maria Lellis Werneck e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva, colegas do PPGCI que, embora de períodos diferentes, tornaram-se próximos pelos interesses comuns, particularmente, pelas questões das nossas teses que se entrelaçam e, sobretudo, pela 'filiação' intelectual e afetiva gerada pela nossa Orientadora.

À Mestra Lena Vania Ribeiro Pinheiro, inestimável Orientadora plena de cuidados, que me acompanha como professora e orientadora desde o mestrado (MMSD da UNI-RIO), porto seguro para dirimir incertezas acadêmicas apontando as pertinências e... espantar desânimos existenciais. 'Valeu' a cumplicidade deste instigante trabalho. Generosa, você convida para o banquete do conhecimento. Respeitosa, você escuta; perspicaz, compreende e atende ao ritmo e humores; estimula, imprimindo confiança ao vôo do aprendiz.

À amiga Lena pela ventura trepidante desses onze anos de convívio.

Às Professoras do PPGCI Maria Nélida González de Gómez (Nélida) e Maria de Nazaré Freitas Pereira (Názinha) que nas ricas experiências das aulas ministradas e nos trabalhos encetados, temperados pela camaradagem entre mestres e alunos, descortinaram horizontes

teóricos possibilitando firmar fundamentos pela via da reflexão filosófica e dos estudos sociais da ciência.

À Nélida, pelo aprendizado profissional que me foi proporcionado integrando seu grupo de pesquisa e pelo afeto que brotou desta relação.

À Professora Rosali Fernandez de Souza pela generosidade e presteza em fazer a versão para o Inglês do Resumo da tese.

Aos colegas do PPGCI -- mestrado e doutorado que, reunidos nas mesmas classes, contribuíram com múltiplas visões, dividiram descobertas e tornaram mais amenos os densos estudos.

À equipe do DEP- IBICT que, silenciosamente, faz funcionar as engrenagens que apóiam o Curso e, também, pelo envio de dados sobre o PPGCI. E, ainda aos membros desse grupo: Ilce Gonçalves Cavalcanti Milet pelo auxílio prestado elaborando a ficha catalográfica da tese. Selma Santiago (sempre alerta!) pela atenção dispensada e as corretas indicações, em tudo! E Sebastião N. da Silva ('Seu Tião').

Ao secretário da Pós, Senhor Abnezer da S. Cunha, habilidoso no trato dos meandros burocráticos, pelo eficiente e prestimoso atendimento ao longo do Curso. O que seria de nós sem o 'Seu Abnezer'?

Ao Professor Nilson Alves de Moraes que desde o mestrado em Memória Social e Documento (UNI-RIO) acompanha minha vida discente, pela extrema sensibilidade e o modo generoso que imprime às suas ações para com os alunos. Nunca me esquecerei... No mestrado, você retornando das férias com um livro nas mãos, dizendo que o livro ajudaria minha dissertação. Era Bourdieu em edição de Portugal. Em alguns momentos difíceis da pesquisa do doutorado, suas conversas estimulantes e as mensagens eletrônicas (carregadas do mais fino humor) foram revigorantes.

Aos colegas, professores do Departamento de Estudos Museológicos (DEPM) e à UNI-RIO, pelo apoio dado ao longo de todo o Doutorado, em particular, à Professora Marisa Salomão, chefe do departamento, companheira da empreitada pioneira para compor a primeira turma do Curso de Pós-Graduação em História da Arte e Arquitetura na

PUC. Período ‘heróico’ de memorável lembrança. (um dia, há vinte e três anos atrás...).

À Professora Tereza Scheiner (DEPM, UNI-RIO), minha Mestra no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), pela generosidade de suas palavras estimulantes, pelo material emprestado, pelas deliciosas discussões e algumas digressões, é claro! Grata sobretudo Terê, pela amizade construída ao longo de trinta anos.

Ao Professor, colega do mesmo departamento da UNI-RIO e amigo, Ivan Coelho de Sá, sempre pronto para ajudar, seja cedendo um exemplar esgotado para a tese, seja conversando sobre arte no seu laboratório de restauração (oásis) e, ainda, nos longos papos sobre a vida.

Aos meus alunos (UNI-RIO) que se acercaram com simpatia, acompanhando curiosos a trajetória do meu doutorado e oferecendo ajuda.

À Professora Rosane Maria Rocha de Carvalho (UERJ), museóloga, atuando no Museu Histórico Nacional, colega do Curso de Museologia, querida Rose, minha irmã mais moça escolhida pelo afeto cimentado em três décadas, obrigada pelo incentivo, pela ajuda na confirmação de dados e pelas conversas entremeadas de reflexão e risadas.

Ao Professor e amigo Márcio D’Olne Campos que conseguiu a proeza de unir Física e Antropologia em florescente diálogo, pelo clima de bom humor, o ótimo café e os livros.

Ao MMSD, Mestrado em Memória Social e Documento da UNI-RIO pelo encaminhamento de dados.

Ao COREM, Conselho Regional de Museologia, 2ª. Região pelo envio de dados.

Ao arquiteto Luiz Antônio Bolcato Custódio, Diretor Presidente do Comitê Nacional Brasileiro do ICOM, pela cessão do paper de Andrew Roberts, antes da publicação.

SUMÁRIO

1. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, MUSEOLOGIA, ARTE: TRÍPTICO EM MOLDURA INTEGRADA	01-25
1.1 ACERVOS MUSEOLÓGICOS DE ARTE E INFORMAÇÃO EM PERSPECTIVA POLICROMÁTICA: A INFORMAÇÃO EM ARTE	12
2. OBJETIVOS DA PESQUISA	26
3. METODOLOGIA	27-40
4. INTERDISCIPLINARIDADE E CAMPOS DO CONHECIMENTO	41-81
4.1 CONHECIMENTO: CAMPO DAS METÁFORAS E AS METÁFORAS DO CAMPO	45
"link" para a metáfora bourdieuana	48
4.2 FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO E INTERDISCIPLINARIDE: DESLIMITES E PERMEABILIDADE	55
4.3 AMBIÊNCIA INTERDISCIPLINAR: ENTRE A NATUREZA E A PRÁTICA	59
4.4 ESPAÇOS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES: ORGANIZAÇÃO E ATUAÇÃO	62
4.4.1 MUDANÇAS E FORÇAS INTERDISCIPLINARES REPERCUTINDO NO MUNDO INTELECTUAL E ACADÊMICO	65
4.4.2 NOVOS CAMPOS --- NOVOS SIGNOS DO HÍBRIDO, DO REPOSITÓRIO, DA INTERDISCIPLINARIDADE ESTRUTURAL TRADUZINDO EMPÍRIA / TEORIA	69
4.4.3 TRAÇADO DAS CORRESPONDÊNCIAS INTERDISCIPLINARES EM DESENHO EPISTEMOLÓGICO	77
5. INTERDISCIPLINARIDADE E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	82-94
6. INTERDISCIPLINARIDADE E MUSEOLOGIA	95-121
6.1 O CANTO DAS MUSAS E A MEMÓRIA ARCAICA DAS DISCIPLINAS	97
6.2 MUSEOLOGIA / MUSEUS E ALQUIMIA (INTER)DISCIPLINAR	103
<i>Interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia</i>	
7. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA EM TEMPO DE CONHECIMENTO FRONTEIRIÇO: APLICAÇÃO OU INTERDISCIPLINARIDADE ?	122-151
7.1 ENCANTAMENTO DA ETERNA MUSA: LITERATURA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	122
7.2 DESLIMITES DA ETERNA MUSA: COMPARTILHANDO PRÁTICAS	130
7.3 COMPOSIÇÃO DA ETERNA MUSA: CONEXÃO NA ACADEMIA	145

SUMÁRIO

<i>Construção da Informação Especializada para Pesquisas em Arte Gerando Novo Campo do Saber</i>	
8. “FERTILIZAÇÃO CRUZADA” E UM HÍBRIDO EM GESTAÇÃO: INFORMAÇÃO EM ARTE - UM NOVO ESPAÇO DO SABER	152-255
8.1 PROPICIANDO CONDIÇÕES: COMITÊS DO ICOM E TRAJETÓRIA DO CIDOC	153
8.2 PROPICIANDO CONDIÇÕES: VILLA DEI PAPERI INSPIRA TRÍADE GETTYANA	170
8.2.1 GETTY CENTER FOR THE HISTORY OF ART AND THE HUMANITIES	177
8.2.2 GETTY ART HISTORY INFORMATION PROGRAM	178
8.2.3 MUSEUM PROTOTYPE PROJECT	203
8.3 DESENHANDO A INTERFACE: RESULTADOS	206
8.3.1 MUSEOLOGIA ENTRE PARES -- Perfil CIDOC	209
8.3.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ENTRE PARES -- Perfil ASIST	224
8.3.3 ACADEMIA E FORMAÇÃO INTELECTUAL – Perfil PPGCI	246
8.3.4 ACADEMIA E FORMAÇÃO INTELECTUAL -- Perfil MMSD	251
8.3.5 DO PERFIL AO RETRATO DE CORPO INTEIRO	254
9. O CAMPO FORJA SEU ESPAÇO: EM BUSCA DA LEGITIMAÇÃO OU... O ESTATUTO ‘DISCIPLINA’	256-272
entrelaces	258
desvelar é preciso...	270
BIBLIOGRAFIA	273-299
ANEXOS	300
Anexo I - Perfil CIDOC 1996	301
.....1997	304
.....1998	308
.....1999	311
.....2000	314
Anexo II - Perfil ASIST 1996	318
.....1997	321
.....1998	325
.....1999	328
.....2000	332
Anexo III - Perfil PPGCI 1972 - 2002	
Teses: 1994 - 2002	335
Dissertações: 1972 - 2002	337
Anexo IV – Perfil MMSD 1991 - 2002	
Dissertações: 1991 - 2002	340
Anexo V -- ESPECIALISTAS.	342

**Nothing
is
more
obscure
than
the
obvious**

Oscar Wilde

1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, MUSEOLOGIA, ARTE: TRÍPTICO EM MOLDURA INTEGRADA

O panorama dos estudos da produção do conhecimento científico, seara que se identifica na atualidade ao domínio acadêmico da *Epistemologia*, no decorrer dos séculos XIX e XX ostenta duas grandes marcas imprimindo características que, por sua vez, respondem às proposições teóricas e práticas envolvendo o modelo orientador da organização e compreensão desse universo de interpretações: as ‘realidades’ das Ciências.

A primeira ocorrência a ser apontada --- detectada ainda sob forma embrionária entre os séculos XVI – XVII --- definiu-se durante o século XIX sendo reconhecida sob a forma da ruptura que, ao longo desse período, ocorreu no modelo do saber unitário originário do pensamento grego clássico, transmudando o quadro para refletir a imagem da ‘atomização’ no mundo do saber.

O desenho, então, modelou-se em várias áreas autônomas e solitariamente responsáveis, a partir dessa nova feição, pelo seu específico objeto temático de reflexão no processo da organização e consolidação do seu espaço de trabalho conjugando a teoria e a prática. Essa divisão --- ‘atomização’; gerou a imagem do conhecimento organizada segundo as *especialidades* ou *saberes*, fazendo-se vinculada ao *modelo da disciplinaridade nas Ciências* que se impôs como “paradigma.”¹.

A segunda se inscreve no decorrer do século XX, no ramo das Ciências Sociais (e Humanas), denominação que é refletida no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Brasil) como

¹ A disciplinaridade como modelo dominante no campo do conhecimento é discutida pelos seguintes autores:

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Série Logoteca).

MORAES, Nilson Alves. Pensando a interdisciplinaridade. Apontamentos, memória e cultura. Rio de Janeiro: Mestrado em Administração de Centros Culturais/UNI-RIO, v. 4, n. 1, jan/jun. 1994.

KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

Ciências Sociais Aplicadas --- dimensão do conhecimento que abriga a *Ciência da Informação*, a *Museologia* e outras interpretações que estudam a(s) *Arte(s)*, áreas temáticas enfocadas no presente trabalho --- e já se fazia mencionar no primeiro quartel do século, firmando-se como prática efetiva a partir da sua segunda metade quando, então, alcançou diversos grupos e setores da sociedade, conforme aponta Julie Thompson Klein,² Professora de Humanidades da Wayne State University, pesquisadora das questões que enfocam a natureza e as relações da interdisciplinaridade.

O aparecimento do conceito de interdisciplinaridade como se faz entender atualmente, conforme a pesquisa realizada por Klein permitiu analisar,³ está relacionado ao termo usado, em meados dos anos 20, para designar no Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais, Social Sciences Research Council – SSRC (Estados Unidos da América) as pesquisas envolvendo duas ou mais sociedades profissionais e membros dessa entidade. Nos anos 30 o termo, também, apareceu indicado na publicação *Journal of Educational Sociology* e, ainda, mencionado para nomear bolsa de pós-doutorado do referido Conselho.

Ao longo do trabalho da pesquisadora norte-americana, observa-se que do seu estudo emergem, além desse marco histórico do período anos 20 - 30, indicadores que permitem formalizar outros quatro blocos temporais associados a comportamentos significativos para o movimento do processo interdisciplinar no espaço do conhecimento.

Esses ‘tempos históricos’ que se destacam progressivamente, a partir de 1920/1930, podem ser apontados pelos segmentos que, aqui, foram organizados sob a forma dos seguintes recortes:

² Klein menciona que a “primeira citação registrada de interdisciplinaridade em Ciências Sociais ocorreu de fato em 1926, ano em que Jean C. Smuts colocou o holismo em circulação no livro *Holism and Evolution*”. Isto se explica em virtude da relação comum existente: a ligação que “repousa” na concepção de *totalidade* compreendida como não podendo ser adequadamente explicitada, no que se refere às suas propriedades, por meio da observação – redutora, das suas partes.

KLEIN, J. T. 1996. Op. cit. Cap: Introduction: interdisciplinary claims.

³ O ‘histórico’ da interdisciplinaridade, que está relatado sob a forma de cinco momentos cronológicos e conceituais, tomou por base:

KLEIN, J. T. 1996. Op. cit. Cap: Introduction: interdisciplinary claims. p. 6-10.

- os anos 1930 – 40 mostrando a interdisciplinaridade presente no âmbito do movimento da educação geral e dos currículos, bem como em pesquisas das áreas do conhecimento das Ciências ‘duras’.
- o período relativo aos anos 40 - 50 (a Segunda Guerra Mundial foi o elemento de maior peso para o desenvolvimento do processo) situa ações de programas responsáveis por projetos interdisciplinares de suporte público, privado e misto em setores tais como o universitário, o industrial, o da publicidade e propaganda entre outros.
- o espaço compreendido pelos anos 60 - 70 apresenta a “idéia da interdisciplinaridade... fortemente entrelaçada às solicitações difundidas no mundo inteiro para reestruturação do conhecimento e da sociedade”, estabelecendo para as atividades interdisciplinares um lugar cativo no espaço das pesquisas.⁴
- o tempo que abarca 1970 - 1980 caracteriza a imagem das atividades interdisciplinares ligadas às pesquisas em áreas de forte competição econômica internacional, destacando-se entre elas, por exemplo, aquelas contemplando áreas tradicionais do conhecimento e novas áreas como Ciências da Computação.

A interdisciplinaridade fazendo-se representar como contra-argumento à posição hegemônica da disciplinaridade, até então percebida como modelo padrão do *sistema de conhecimento científico* em vigor; apresentou-se postulando movimentos de integração sob a forma de espaços detectados como *zonas comuns* entre domínios específicos do conhecimento (uni)disciplinar dotados de rígidas *fronteiras disciplinares* com suas comunidades produtoras do saber e, desse modo, agiu esgarçando o ‘traçado’ de separação dos territórios do saber por meio da ação identificada

⁴ SCHÜTZE, Hans G. interdisciplinarity revisited: introduction to a new debate on an old issue. In: LEVIN, Lenart, LIND, Ingemar.(Eds) Inter-disciplinarity revisited: re-assessing the concept in the light of institutional experience. Stockholm: Organization for Economic Cooperation and Development, Swedish National Board of Universities and Colleges, Linköping University. 1985. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 1.

como *cruzamento de fronteiras*, revelando “tensões produtivas em dinâmica de suplemento, complemento e crítica”.⁵

Tomando como pano de fundo promover a (inter)comunicação entre os diferenciados procedimentos peculiares de abordagem que determinado objeto de estudo pode sofrer, dependendo dos focos científicos que o estiverem submetendo ao crivo das suas investigações particulares, a *interdisciplinaridade* constitui processo para integrar discursos e atividades das áreas / disciplinas sob perspectiva de base dialógica em contraponto à fragmentação e ao isolamento que havia caracterizado o cenário do saber.

A interdisciplinaridade delineia seu caráter alcançando visão polimorfa, multifocal, inspira movimentos conectivos, propõe superar as facetas parciais de análise e de crítica, estimulando parcerias que se prestam à construção epistemológica da *unidade do conhecimento*.

A interdisciplinaridade, ao configurar abertura de ‘outro caminho’ para a produção do conhecimento, tem sido identificada como alternativa, um novo modelo para a reorganização do saber, um novo paradigma.

“Quando intelectualmente é admitido como premissa para a redescoberta e o repensar, para a ressocialização para reintelectualização, a interdisciplinaridade se torna não somente o caminho de fazer coisas mas o novo caminho do conhecimento.”⁶

No universo do conhecimento, onde coexistem os contextos do disciplinar e do interdisciplinar, os espaços relativos às variantes interpretativas, os saberes, são compreendidos como *campos do conhecimento* e, na perspectiva antropológica da Cultura entendida como processo da natureza da comunicação,⁷ assumem feição codificada. Esses territórios de produção cultural têm sido enfocados e reconhecidos como domínios específicos da realidade, atuando como *áreas do poder simbólico*⁸

⁵ KLEIN, J. T. 1996. Op. cit. p. 3.

⁶ KROKER, Arthur. Migrations across the disciplines. *Journal of Canadian Studies* 15 (fall); 3-10. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p 14-15.

⁷ VELHO, Gilberto, CASTRO, E. B. Viveiros de. *O conceito de cultura nas sociedades complexas: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: [Museu Nacional - UFRJ], 197-. 23 p. Texto mimeografado. Artigo posteriormente publicado na revista Artefacto, ano II, n. 1, jan. 1976.

⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).

e identificadas ao binômio saber / poder, tema investigado nos estudos desenvolvidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu --- antigo Professor Titular da cadeira de Sociologia do Collège de France e diretor do Departamento de Pesquisas (centro de pesquisas) da École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, bem como criador da revista *Actes de la recherche en Sciences Sociales*.⁹

Os traços que modelam as formas de pensamento e de ação, dotando os espaços da disciplinaridade e da interdisciplinaridade em silhuetas de perfil antagônico (campos opostos), atuam em posturas de combate no mapa do conhecimento onde são travadas disputas pelas posições de destaque (leia-se “tensões” pelas posições entre “dominantes e pretendentes”¹⁰ pelo domínio do modelo). A descrição e explicitação dos trabalhos de Bourdieu esclarecendo, no seio do debate acadêmico, o problema do poder simbólico cujas significações transmutam-se em formas objetivadas de atuação, descerrou perspectivas, nesta tese, para entender o sentido cultural emprestado à questão entre campos disciplinares e interdisciplinares e, assim, tratá-la.

Na qualidade de *campos regionalizados da produção simbólica*, as áreas dos saberes referem-se às manifestações *das práticas e representações culturais*,¹¹ ilustrando aspectos da realidade social, dizendo respeito aos instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos; igualmente, aos de comunicação; e também aos de legitimação de poder. Os campos, em razão do exposto, exprimem e enquadram-se como formas denominadas *sistemas simbólicos*,¹² entre os quais se incluem as perspectivas das *Ciências* e das *Artes*.

⁹ Pierre Bourdieu faleceu em 23 de janeiro de 2002.

¹⁰ Nesse jogo das oposições, o mesmo que relação de forças entre grupos, o autor exemplifica usando elenco de termos como: “conservadores” e “inovadores”, “ortodoxos” e “heréticos”, “velhos e novos” ou “modernos”.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1997. Cap: 3. Por uma ciência da obra. p. 53-89. Primeira reimpressão com alterações do autor

¹¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

¹² BOURDIEU, P. 1989. Op. cit.

Considerados *campos de significações culturais* --- mensagens e bens simbólicos socialmente ambientados e transmitidos --- expressam, ainda, conforme Bourdieu, por meio das formas sociais, as estruturas mentais que regem as disposições dos grupos em sociedade (as formas simbólicas e os aparatos interpretativos).

O *campo de produção do conhecimento*, no âmbito da esfera cultural que se afigura como seu espaço social de ação, em razão da sua autonomia estabelece-se conceitual e materialmente apresentando pretensões de “legislar... em nome de um poder ou de uma autoridade” --- as instâncias de legitimação que o campo determina e acata são de ordem interna, porém, respondem aos estímulos externos. As funções de representação (ou simbolização) do campo ficam a cargo dos diversos elementos e grupos, ou seja, o seu “corpo de agentes” “(ou de classes construídas como agentes)”¹³ corporificados nas instituições e nos profissionais qualificados, atendendo aos padrões que estipulam tanto as condições de definição dos organismos como do acesso à profissão, quanto àquelas referentes à participação no meio especializado.

Os signos identificadores das tomadas de posições de domínio no campo, determinando as “disposições” que marcam as “distinções” (as diferenciações das propriedades, atributos dos agentes), expressam-se por meio dos “bens simbólicos”, imbricados à aquisição e ao domínio da “competência”, do “capital cultural”, entre outros valores representativos da legitimidade oriunda do reconhecimento e da autoridade que é outorga do próprio campo.¹⁴

As convenções estipuladas pelas diferenças, “*signos distintivos*” que regem o aparato simbólico dos campos, dizem respeito ao *Habitus* que, constituindo “princípio de visão” opera “divisão” e, assim, ao mesmo tempo em que é matriz cultural do “diferenciado” é elemento “diferenciador”, tanto nas “estruturas objetivas” quanto “nas práticas”. Instalando, ainda, o processo de “auto-reprodução” das formas culturais, ou melhor dizendo:

¹³ BOURDIEU, P. 1997. Op. cit. Cap: 1. Espaço social e espaço simbólico. p. 22.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. (Introd. Org. Sel.). Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos). p. 32-33, 184, 284-289.

ativando a reprodução no espaço social; que ordena as experiências do real. Bourdieu afirma que as “diferenças simbólicas” moldadas pelo Habitus nos campos, “constituem uma verdadeira linguagem.”¹⁵

No quadro das injunções do poder simbólico sob formas de manifestações culturais que ocorrem e as posições ocupadas pelos seus agentes no contexto social --- especificamente quando Bourdieu caracterizou o campo das artes enfocando o papel dos museus artísticos no contexto do poder simbólico --- os museus apresentam modalidades de ações indicadoras da competência cultural que se originam em territórios específicos, nos quais o indicativo de “reputação” é percebido em sua face positiva e, assim, repercute no ambiente cultural em razão da “representação social que lhe é dada pelos outros”. Tais modos constituem classes para exercer a legitimação cultural nomeadas de *instâncias*, isto é, formas institucionalizadas e objetivadas da representação cultural que marcam o sentido da distinção social.

A inclusão do museu em qualquer uma das classes legitimadoras, apontadas pelo autor revestidas de três aspectos designativos (instâncias de consagração; instâncias de difusão; instâncias de reprodução) é feita a partir da ‘impressão’ causada pelas significações culturais no imaginário social e distingue, entre o exercício que possa perpassar por essas três instâncias, aquela que, em especial, opera a ação com maior intensidade e abrangência no microcosmo social que cada campo estrutura com suas próprias leis.¹⁶

Os museus, agentes institucionais detentores de “acervos culturais”, os bens simbólicos de várias ordens --- elementos considerados dotados de valor, destacando-se pelo capital cultural acumulado que expressa a ‘excepcionalidade’ calcada na aura dos objetos nomeados por exemplo, como obra de arte e como obra rara, este último termo usualmente aplicado para documentos bibliográficos (um determinado incunábulo permite ilustrar essa indicação), referendando o Habitus --- apresentam-se, conforme o sociólogo, pontificando ao mesmo tempo e com o mesmo poder de ação

¹⁵ BOURDIEU, P. 1997. Op. cit. p. 21-23.

¹⁶ Idem. Ibidem. p. 53-89.

simbólica nas três classes de legitimação. A saber: “instâncias de consagração” (de consagração cultural ou de consagração dos bens simbólicos); -- “instâncias de difusão” (de difusão cultural ou de difusão dos bens simbólicos); -- e por último, as “instâncias de reprodução” dos produtores e dos consumidores dos bens simbólicos (ou de reprodução cultural dos bens simbólicos).¹⁷

Comunidades profissionais relacionadas ao “mundo intelectual” também formalizam instâncias legitimadoras. Ao modo dos museus, esses grupos se revestem do aspecto de “concentração” do capital simbólico, isto é, significando possuir uma “propriedade” qualquer à qual foi atribuído um valor percebido pelo grupo (um poder) e incorporado pelos campos do conhecimento. No caso em questão, o poder do “tipo capital cultural” é identificado ao reconhecimento da autoridade atribuída ao grupo, representação social ao qual compete qualificar a produção “erudita” ou “científica” (categoria que justifica, no mundo do saber, a diferença, a disposição) e a disseminar entre seus membros tais valores como indicadores para o perfil das visões que prescrevem modelos e ações da área.¹⁸ Retratando a posição simbólica ocupada pelo capital cultural na arena social os Conselhos, Comitês, Associações e congêneres permitem indicação na categoria de instâncias de difusão cultural dos bens simbólicos.

Obedecem a tal descrição as associações que representam as fronteiras disciplinares dos campos do conhecimento da Ciência da Informação e da Museologia: ASIST - American Society for Information Science and Technology -- Sociedade Americana de Ciência e Tecnologia da Informação; e CIDOC (ICOM) - International Committee for Documentation of the International Council of Museums -- Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus.¹⁹

Refletindo, ainda, poder e capital simbólico, destaca-se a universidade. O mundo acadêmico que, no ambiente cultural, alcança o

¹⁷ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 100, 121, 89.

BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 289.

¹⁸ BOURDIEU, P. 1997. Op. cit. Cap: 2. O novo capital. p. 35-52.

¹⁹ A sigla CIDOC deriva do título em Francês, Comité International pour la Documentation.

indicativo da “excelência”, qualidade calcada na garantia de competência (conhecimento e técnica) que se faz relacionada, especialmente o status de espaço propício para a produção de capital cultural aberto pelos seus cursos. Neles se destacam aqueles voltados para a excelência acadêmica e representados pelos Programas de Pós-Graduação, em seus níveis de mestrado e doutorado. Na academia, locus da reflexão, da pesquisa, das ações coletivas que movem o capital cultural do saber acadêmico acumulado, soma-se, como procedimento usual do conhecimento, a nova produção que, elaborada nos dois níveis desses Programas, permite surgir afinada com questões teóricas e práticas descortinadas a partir do debate científico nas tensões das posturas já cristalizadas e outras a serem legitimadas pelo espaço universitário. A configuração apresentada pela academia é aquela exercida pela instância de reprodução cultural dos bens simbólicos.

No contexto acadêmico, ilustra a feição que se mencionou acima com relação ao significado da competência e ao acolhimento de novas proposições produtoras do conhecimento postulantes da legitimação, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI (IBICT - UFRJ; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro) que, no seu mestrado e doutorado em Ciência da Informação, vem desenvolvendo trabalhos e a produção de dissertações e teses que evidenciam a inter-relação entre a Museologia e a Ciência da Informação pela natureza e origem das questões que são abordadas pelos alunos museólogos.²⁰

As instâncias por configurarem espaços que facultam a entrada e os meios de permanência profissional em determinado campo do conhecimento, também por constituírem formas de integração e reconhecimento social, conforme o modo pela qual se expressa o campo em

²⁰ Em se tratando do tema interdisciplinaridade e as modulações envolvendo museus / Museologia, Ciência da Informação, e Arte, duas coletâneas do Projeto Ziman - Conhecimento Público foram recentemente publicadas pelo IBICT-DEP reunindo a produção do PPGCI.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP. 1999.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida (Org.). Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000.

sua linguagem simbólica; possuem legitimidade para exercer, no quadro da disciplinaridade versus interdisciplinaridade, o reconhecimento do cruzamento das fronteiras disciplinares, procedendo para institucionalizar o capital simbólico e significando o mesmo que institucionalização do campo simbólico.

As áreas do conhecimento / campos do conhecimento, segundo o desenho angular cujo vértice dá conta da produção do saber científico em vertentes constitutivas e referentes ao comportamento das disciplinas acadêmicas, podem ser identificados de acordo com dois modelos definidores que se identificou sob a forma de caráter de insulamento e o caráter de complementaridade.

A reta do insulamento conduz às *áreas /aos espaços da unicidade*, o mesmo que *campos homogêneos do saber* representando o contexto da *disciplinaridade*. A linha da complementaridade, por sua vez, leva às *áreas / aos espaços mistos*, correspondendo aos *campos híbridos do saber* e representantes do âmbito da *interdisciplinaridade*. Assim, a cada tipologia, ou seja, as disciplinas do conhecimento reconhecidas em suas configurações interpretativas, correspondem grupos de funções profissionais de caráter unitário e de natureza mista, categorizados respectivamente como *comunidades homogêneas e comunidades híbridas*.²¹

Os campos da Ciência da Informação e Museologia merecem, à luz das análises dedicadas ao tema, enquadramento na categoria *campos híbridos do conhecimento*, tendo em vista que a formação dos seus domínios resulta de processo de natureza interdisciplinar e, por conseguinte, apresentando comunidades híbridas que são formuladoras e executoras de perspectivas combinatórias do saber desenvolvendo "linguagens operatórias"²² e sínteses.

A formação das áreas da Ciência da Informação e da Museologia, em consonância com o aspecto do padrão de natureza interdisciplinar, é tema investigado por autores desses dois espaços do saber que referendam tal

²¹ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 3.

²² JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 63.

comportamento do campo. O enfoque dessa questão debatida e tratada pelos pares, no interior do próprio campo, reflete os interesses que mobilizam ambas comunidades, desde os anos 70.

No rol dos estudiosos reconhecidos pelos integrantes desses dois espaços ²³ estão inscritos no contexto da Ciência da Informação os nomes de Mikhailov; D. J. Foskett; Gernot Wersig; Tefko Saracevic. E no ambiente da Museologia estão gravados os nomes de George Henri Rivière; Tomislav Sola; Anna Gregorová; Andrew Roberts; Peter van Mensch; entre outros autores.

Essas áreas / disciplinas, espaços interdisciplinares nascidos do cruzamento de fronteiras do conhecimento, estabelecem contactos tráfegando e articulando-se aos outros variados domínios em diferentes modos de colaboração que, por sua vez, podem configurar ou cooperação disciplinar ou complexas atividades interativas quando, então, “tomam de empréstimo métodos e conceitos para formar campos híbridos.” ²⁴ Torna-se conveniente mencionar que mesmo em “área da unicidade”, aquela que exemplifica o espaço homogêneo do conhecimento, o “*complexo de fronteira*” ²⁵ não está ausente, pois a contribuição para a formação de outras disciplinas ou campos mistos não é prerrogativa de área detentora de caráter híbrido.

O tema do cruzamento das fronteiras disciplinares conduz à abordagem do *curso interdisciplinar*, ²⁶ expressando-se na relação entre Ciência da Informação e Museologia, especialmente quando a Arte emerge como amálgama dessa composição interativa no espectro do conhecimento

²³ Decidiu-se nomear nesse parágrafo do capítulo ligado à introdução da tese os autores que são considerados ‘nomes clássicos’ da Ciência da Informação e da Museologia. Eles vêm abordando a questão interdisciplinar em meio a sua produção teórica que é bastante conhecida e relevante para as duas áreas. A produção desses autores vem sendo apresentada nos idiomas Inglês e Francês (o último, mais raro), razão pela qual tem sido amplamente disseminada, no exterior, por meio de publicações tradicionais referendadas pelas suas respectivas áreas do conhecimento. O tema da interdisciplinaridade na Ciência da Informação e na Museologia e os demais autores que o tenham abordado, no exterior e no Brasil, serão tratados nos capítulos dedicados a cada um desses campos.

²⁴ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 7

²⁵ Idem. Ibidem.

²⁶ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 63.

e contempla os acervos culturais que os museus detêm, sob a perspectiva da Informação em Arte.

1.1. ACERVOS MUSEOLÓGICOS DE ARTE E INFORMAÇÃO EM PERSPECTIVA POLICROMÁTICA: A INFORMAÇÃO EM ARTE

Os *acervos museológicos* --- conjuntos diversificados quanto à origem e feição --- compreendem na categoria de elementos integrantes das coleções museológicas os exemplares referentes, também, aos tipos de museus que estão relacionados no item indicado pela letra **b)** e constam da definição do ICOM, Conselho Internacional de Museus da UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.²⁷

Inicialmente a definição de Museu conforme o artigo 2, Estatutos do ICOM.

“1. O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e seu entorno para a educação e o deleite do público que o visita”.

“a) Esta definição de museu aplicar-se-á sem nenhuma limitação derivada do caráter do órgão reitor, do estatuto territorial, do sistema de funcionamento ou da orientação das coleções da instituição interessada.”

E, prosseguindo, o item que explicita o conceito, indicando a abrangência e a diversidade de apresentação dos museus o que explica a gama dos seus exemplares (bens museológicos).

“b) Além das instituições designadas como “museus”, consideram-se incluídos nessa definição:”

i) “os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios monumentos históricos de natureza museológica, que adquirem, conservam e

²⁷ ICOM - International Council of Museums. Código de Deontologia del ICOM para los Museos. Paris: ICOM/UNESCO. 2002b. p. 16. Pasage de Estatutos do ICOM aprobados por la 16ª Asamblea General del ICOM (La Haya, Países Bajos, 5 de septiembre de 1989) y modificados por la 18ª Asamblea General del ICOM (Stavanger, Noruega, 7 de Julio de 1995) y por la 20ª Asamblea General del ICOM (Barcelona, España, 6 de Julio de 2001).

difundam a prova material dos povos e seu entorno;”

ii) “as instituições que conservem coleções e exibam espécimes vivos vegetais e animais como os jardins botânicos e zoológicos, aquários e viveiros;”

iii) “os centros científicos e os planetários;”

iv) “as galerias de exposição não comerciais; os institutos de conservação e galerias de exposição que dependam de bibliotecas e centros de arquivos;”

v) “os parques naturais;”

vi) “as organizações internacionais, nacionais, regionais ou locais de museus, os ministérios ou as administrações públicas encarregadas de museus” de acordo com a definição de museu do estatuto do ICOM

vii) “as instituições e organizações sem fins lucrativos que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo relacionadas aos museus e museologia;”

viii) “os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação, a continuação e a gestão de bens patrimoniais materiais e imateriais (patrimônio vivo e atividades informáticas criativas);”

ix) “qualquer outra instituição que, a juízo do Conselho Executivo, e prévia determinação do Comitê Consultivo, reúna algumas ou todas as características de museu e que ofereça ao museu e a todos os profissionais de museu os meios para realizar pesquisas nos campos da museologia, da educação ou da formação.”

Os acervos formados e enquadrados na tipologia expressa pelo documento internacional aos quais foi determinado o valor de *bens culturais* na medida em que se apresentam como detentores de significações, dizem respeito, em razão dessa especificidade, à “função de representação” ou “simbolização”, conforme Roger Chartier.²⁸ Tal qualidade “atribuída aos

²⁸ CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 19.

objetos pelo campo da Cultura permite que sejam caracterizados tendo a base conceitual repousando na ordem simbólica”.²⁹

Os ‘*objetos*’ *museológicos* (termo extensivo também aos elementos e espaços construídos e aos espaços naturais musealizados de facetas variadas integrantes do *Patrimônio Cultural* ³⁰ em virtude dessa designação englobar “objeto, natural ou artificial, que se considera dotado de valor estético, histórico, científico ou espiritual”.) ao serem reconhecidos na categoria *documentos*, constituindo *fontes de informação*, são interpretados, segundo Peter van Mensch,³¹ como “mensageiro de dados” (object as a data carrier).

O tema, exemplificado pelo professor de Museologia da Reinwardt Academie (Holanda), trata da análise de veículos sógnicos abarcando as mensagens culturais trocadas entre o meio social e os indivíduos, segundo a visão da Cultura, formalizando “código” e operando sob a forma de “sistema de comunicação”.³²

Esse espaço, no qual se dá o processo codificado da comunicação cultural, é percebido como “campo total das intertextualidades”,³³ ao modo de um campo semântico que expressa as várias concepções interpretativas elaboradas pelo ser humano no tempo e espaço e, dessa maneira, a resultante produção de sentidos considerada como indicativa dos “níveis de experiências históricas.”³⁴ Essa produção, então, passa a ser compreendida e indicada como modalidade de texto “dentro da crescente compreensão literária do significado (interpretação do significado cultural como texto a ser

²⁹ LIMA, Diana Farjalla Correia. Memória Social e a instituição museu: reflexões acerca da herança cultural (re)interpretada. In: *Symposium Museology and Memory, ICOFOM – France. 1997. 19-29 June*. ICOFOM/International Committee for Museology -- International Council for Museums- ICOM/UNESCO. Paris: ICOFOM Studies Series, n. 27. 1997. p. 206.

³⁰ ICOM. 2002b. cap: Glosario. Op. cit. p. 15.

³¹ MENSCH, Peter van. Museology and the object as data carrier Lieden, Netherlands: *Reinwardt Cahiers*. -- Object, museum, Museology, an eternal triangle. Reinwardt Academie. 1987.

³² VELHO, Gilberto., CASTRO, E. B. Viveiros de. 197-. Op. cit..

³³ FALCON, Francisco José Calazans. *A história cultural*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1992. (Coleção Rascunhos de História). p. 9.

O autor com relação ao assunto textualidade do campo cultural referencia obra de Kristeva, a seguir, indicada.

KRISTEVA, Julia. *Le langage, cet inconnu*. Paris: Seuil. 1981.

³⁴ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 142. (Coleção O homem e a história).

lido)”³⁵, entendimento que se faz vinculado à ampla noção que integra as objetivações da Cultura, bem como as propostas formuladas no plano das idéias e, desse modo, remetendo ao ambiente das *práticas* e das *representações culturais*, área temática e objeto de estudo da História da Cultura.

Tal perspectiva, que se identifica ao conjunto de todos os símbolos ou signos que o ser humano utiliza, aponta para os estudos sobre comunicação e semiologia de Abraham Moles,³⁶ que tratam os objetos como “vetor de comunicações.” E, ainda, para Arnold Hauser, teórico, pioneiro nos anos 50 no enfoque da História Social da Arte³⁷ que, estudando as obras de arte em relação ao fluxo da história, designou-as “testemunhos indirectos do que aconteceu, e assim, susceptíveis de várias interpretações”.

Construções oriundas da produção cultural, as obras de arte são mencionadas por Pierre Boudon “como forma que se refere a um contexto”³⁸ --- a arte é “uma questão de formas” e as formas artísticas tanto modelam quanto são modeladas pelas “configurações históricas da cultura, do poder e da autoridade.”³⁹ Tais exemplares / documentos integrantes dos acervos museológicos e componentes do *campo das artes* englobam gêneros e técnicas artísticas de múltiplos aspectos, fazendo-se representar por meio das coleções tradicionais de objetos; pelos sítios e/ou logradouros que abarcam conjuntos arquitetônicos, escultóricos e os exemplares isolados; pelos demais tipos de intervenções características dos processos atuais da dinâmica das artes em espaços urbanos e/ou áreas e ambientes de outras ordens.

³⁵ FALCON, F. J. C. Op.cit. p. 9.

³⁶ MOLES, Abraham, BAUDRILLARD, Jean, BOUDON, Pierre, LIER, Henri van, WAHL, Eberhard. Semiologia dos Objetos. Petrópolis: Vozes. 1972. p. 94. (Coleção Novas Perspectivas em Comunicação, 4). Seleção de ensaios da Revista Communications. n. 13, 1969. p. 10-11.

³⁷ HAUSER, Arnold. Teorias da arte. 2 ed. Portugal: Editorial Presença, Brasil: Martins Fontes, 1978. p. 50.

³⁸ BOUDON, Pierre. Sobre o estatuto do objeto: diferenciar o objeto do objeto. In: MOLES, Abraham, BAUDRILLARD, J., BOUDON, P., LIER, H., WAHL, E. Op. cit.. p. 94.

³⁹ STAR, Randolph. Vendo a cultura numa sala para um príncipe renascentista. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 313.

Esses acervos de múltiplas faces e considerados de ordem museológica, particularmente em se tratando das Artes Plásticas ⁴⁰ e da Arquitetura, acham-se situados ora em espaços fechados ora em espaços ao ar livre, estando sujeitos ao gerenciamento de instâncias públicas e/ou privadas responsáveis pela sua seleção e manutenção. Em virtude do caráter de exemplares de coleção que lhes é atribuído como pela circunstância de expressarem valores do patrimônio cultural, tornam-se vinculados a situações de exibição / visitação e, por esse motivo, sujeitos ao interesse de segmentos do público em níveis diferenciados de interrogação e ocorrências que demandam resposta dos seus gestores.

Os *museus* --- e seus bens culturais; em razão dessas características ligadas às demandas externas e, ainda, pelo seu caráter técnico-funcional determinam *processo de natureza informacional e comunicacional*, segundo pode ser confirmado na assertiva da documentalista Helena Dodd Ferrez ⁴¹, mestre em Ciência da Informação pelo IBICT, UFRJ e cuja trajetória profissional se fez sedimentada, em especial, atuando nos museus integrantes do IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

"Ao focar os museus a partir das suas funções, constata-se que são instituições estreitamente ligadas à informação de que são portadores os objetos e espécimes de suas coleções. Estes, como veículos de informação, têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram, e disseminam informação."

As instâncias de legitimação cultural que atribuem 'valor' de bens culturais, que tutelam acervos, assim como deles usufruem, 'marcam' a disposição social no campo apontando para os dois planos nos quais os atores sociais interagem referendados por esse mesmo campo. No primeiro, encontram-se os agentes sociais institucionais representados pelos museus e suas bibliotecas / centros de documentação / informação e outras

⁴⁰ O termo Artes Plásticas está sendo aplicado sob forma genérica compreendendo, portanto, os acervos denominados de artes gráficas, visuais e assemelhados, tendo em vista as linguagens artísticas contemporâneas e suas múltiplas formas de apresentação.

⁴¹ FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. Estudos Museológicos. Rio de Janeiro: IPHAN. 1994. (Cadernos de Ensaio 2). p. 65.

modalidades relacionadas; no segundo, localizam-se os agentes sociais individuais representados pelo público em geral --- especializado ou não, pelos próprios profissionais das agências institucionais, pelos pesquisadores, pelos visitantes e por outros usuários do complexo museológico, ou que a ele estão ligados pelas relações que a instituição estabelece com diversas outras instâncias e suas comunidades.

A responsabilidade por tais bens, documentos do patrimônio cultural definidos sob a chancela museológica, não pode prescindir do estudo técnico-conceitual adequado à sua identificação e ao seu manejo, dizendo respeito ao tratamento de análise que é específico da sua tipologia, abrangendo os contextos interpretativos que tomam como referência às *percepções artísticas* que ocorrem em dois extratos estabelecidos pelo sistema / campo das artes e relacionados: -- a) extrato da produção / criação artística; -- b) extrato da recepção / apreciação artística.

Essa visão de leitura especializada do *texto* e do *contexto artísticos* coloca sob foco as relações fundadas nos elementos da morfologia e nos demais aportes culturais ‘agregados’ à obra de arte / ao exemplar museológico (ao objeto, ao conjunto arquitetônico etc.), determinando para o desenvolvimento dessa investigação o concurso de outras fontes especializadas capazes de atuar como referências para o seu desvelamento (que se situam em diversos focos interpretativos, entre os quais os referentes simbólicos).

Enquanto o *texto é identificado à própria categoria obra de arte* referindo-se à questão da injunção forma e conteúdo, estético e histórico (nas Artes Plásticas, na Arquitetura, por exemplo, o ‘texto’ se faz centrado na visualidade, isto é, a leitura se faz a partir da relação forma – conteúdo ‘imagem’); o *contexto indica aqueles outros referentes interpretativos acerca da obra e suas relações* no espaço-tempo que, de modo geral, estão *situados na categoria dos documentos de biblioteca e de arquivo* (na medida em que seus registros documentais são produzidos nesses espaços). Deve-se esclarecer, com referência ao estudo de obras de arte de qualquer natureza, no que se refere às particularidades dos conteúdos a serem

tratados pela análise informacional, que desempenham, também, o papel de referentes para análises de outras obras, assumindo o *duplo papel de texto-contexto*.

As obras de arte de qualquer origem / gênero, quanto à sua natureza de conteúdo morfológico (dados intrínsecos) e sua natureza de conteúdo contextual (dados extrínsecos) costumam diferir daqueles outros documentos tradicionais, os produtos textuais técnico-científicos submetidos ao processamento da informação em bibliotecas, arquivos e serviços assemelhados. Do mesmo modo, a transmissão da informação do acervo museológico quando se faz ligada à especificidade do caráter 'ambientação de museu' identifica-se e processa-se, primordialmente, utilizando aquele espaço comunicativo de feição tradicional cunhado na linguagem expositiva da disciplina Museografia, ou seja, a exposição museológica (de base imagética) que, seguindo outra particularidade da área, possui a qualidade técnica de representar, também, elemento integrante da categoria do referente técnico-interpretativo para estudo das obras de arte, por conseguinte, ativa no papel de *texto-contexto* da mesma maneira que a obra de arte.

O museu, instituição de função social é, por definição, centro cultural produtor de conhecimento (*casa / centro de pesquisa*). Assim, o processo de elaborar e transmitir informação na instituição museológica é operado tomando-se como fundamentos os acervos de base museológica e os de base bibliográfica que são identificados, de modo pertinente, às coleções das obras e aos seus diversificados referentes técnicos para estudo.

O quadro comporta em razão dessa qualidade, lado a lado, os *documentos da arte* e os *documentos sobre arte*, elementos identificados pela atribuição de caráter museológico e bibliográfico, estando esses dois modos de discursos artísticos --- *discurso da arte e discurso sobre arte* ⁴² ---

⁴² Os termos documentos da arte / discursos da arte; documentos sobre arte / discursos sobre arte foram determinados e aplicados, de modo respectivo, para as obras de arte e para os seus referentes de leitura no estudo desenvolvido, em 1995 (dissertação) sobre pesquisa especializada em acervos museológicos e bibliográficos dos museus artísticos e instituições assemelhadas.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos: proposta de um modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. 1995. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Documento). Universidade do

sob o foco da informação especializada em arte – ***Informação em Arte*** que desenvolve práticas para integrá-los, tendo em vista que

“abrange o conteúdo informativo do objeto de arte, no seu sentido mais amplo, documento oriundo de manifestações e produção artística e sobre Arte, artista e obra de arte, nas áreas de: Artes Plásticas – pintura, escultura, desenho, gravura (litografia, xilogravura, serigrafia), ambientações /instalações e performances; ... Artes Gráficas; Desenho Industrial, ... Audio-Visuais – cinema, vídeo e fotografia...”⁴³
(grifo nosso)

Os acervos museológicos e os bibliográficos, documentos da arte e sobre arte, ou melhor, os discursos da arte e sobre arte --- ressaltando-se que tal categorização presta-se mais a ordem das explicitações acadêmicas, pois se verifica a flexibilidade do duplo papel mencionado --- constituem fontes de pesquisa para construir a informação artística e representam os textos-contextos artísticos

“**de percepção/criação e percepção/recepção, (apreciação)** necessitando-se determinar, ainda, com relação aos referentes de análise da percepção artística aqueles referenciais denominados como ‘coexistente’ e ‘posterior’ ”. ⁴⁴ (grifo do texto original)

Cabe explicitar que a informação especializada no processamento técnico das coleções museológicas de arte e na disseminação / transferência da informação, corresponde a dois ‘momentos’ ou ‘tempos’ integrados do exercício museológico, representando grupos de elementos vinculados a duas das “três linhas técnico-conceituais e aos seus desdobramentos que envolvem o conhecimento, o manejo dos acervos e relações daí advindas.”⁴⁵

Rio de Janeiro-UNI-RIO. Rio de Janeiro. Orientadores: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Lamartine Pereira da Costa.

⁴³ PINHEIRO, L. V. R. 1995b. Op. cit.

⁴⁴ LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. In: (Org) PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro: Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 17-40.

⁴⁵ LIMA, D. F. C. 1997. Op. cit. p. 206.

Esses *momentos* são denominados pela área de museus, respectivamente, de *Documentação [Informação] Museológica e Comunicação (em Museus)*, ocorrendo permeados pelas atividades que sustentam o trabalho do museu, sobretudo pela pesquisa estimulada e gerada em razão da abordagem do patrimônio cultural, o acervo. Mensch denomina as três linhas conceituais, acima mencionadas, como funções desenvolvidas em contexto museológico:

- “1. Preservação:... coleta, conservação, restauração, armazenamento e documentação”;
2. “Investigação:... interpretação científica do valor informativo do patrimônio cultural...” [pesquisas];
3. “Comunicação: métodos ...para transferir a informação a uma audiência: publicações, exposições e atividades educativas adicionais...”⁴⁶

O primeiro momento configura a prática ligada à disciplina *Documentação Museológica*, correspondendo ao processo de identificação e catalogação do acervo, atividade desenvolvida pelo museólogo --- ou o profissional de museu, especialista que domina o gênero e o tema das coleções. Esse processo de construção da informação é mantido em constante alimentação de novos dados acerca de cada exemplar da coleção, pois o bem cultural se presta a agregar informação a sua história de modo permanente, o que se costuma nomear de ‘ganhar informação’.

A tarefa se realiza baseada nos conhecimentos da Museologia, da História da Arte (associada à Estética e demais disciplinas ‘artísticas’ como por exemplo, História Social da Arte), e da Ciência da Informação --- os Sistemas de Indexação e Recuperação de Informação (SIR).

O segundo momento, *Comunicação (em Museus)*,⁴⁷ caracterizado como tempo da transferência da informação articulado ao primeiro momento, *Documentação Museológica*, se expressa junto ao público, em especial por

⁴⁶ MENSCH, Peter van. Modelos conceituais de museus e sua relação com o patrimônio natural e cultural. Trad. Tereza Scheiner. *Boletim do ICOFOM-LAM*, Buenos Aires, Rio de Janeiro: ICOFOM-LAM. n. 4/5, p. X, ago. 1992.

⁴⁷ Documentação Museológica (Museum Documentation) e Comunicação em Museus são disciplinas que constam dos currículos dos cursos de Museologia, ostentando essas denominações ou sob denominações diferentes, como por exemplo, Museografia, Informação e Comunicação etc.

meio da ‘marca registrada do museu’, ou seja, pela exibição / exposição e, segundo Véron,⁴⁸ “implica[ndo] o uso de diferentes códigos e sistemas semióticos, que vão atuar simultaneamente sobre os receptores”. Além das exposições, atuam como elementos adicionais outras modalidades de recursos informacionais e comunicacionais que são habitualmente utilizados tais como palestras, edições variadas, bases de dados, sites na Internet, etc.

“No exterior, precisamente nos Estados Unidos, as atividades de informação artística são desenvolvidas em museus, portanto, estão concentradas nas Artes Plásticas e emergem da informatização. Há o reconhecimento, por parte dos estudiosos, de que esse campo é fruto da “união” de duas disciplinas: Belas Artes e Ciência da Informação. Outros autores acreditam que a informação em museus está fortemente relacionada à História da Arte.”

49

Aldo de Albuquerque Barreto⁵⁰ tratando a questão da “ideologia da produtividade” --- critério da “efetividade” enfatizado pelo uso da automação na organização / controle da informação; revela o seu efeito redutor: comprometimento das referências da linguagem natural desorganizando o espaço comunicativo do receptor. Do mesmo modo, explicita os aspectos para não se perder, no horizonte, o processo de “acesso e assimilação da informação”.

Deslocando-se para o ambiente museológico o caminho indicado pelo autor no seu trabalho enfocando Ciência da Informação e apropriando-se do seu esquema proposto para dois estágios diferentes, porém, relacionados e próprios da Indústria de Produção de Conhecimento, é possível, por meio de exercício de reflexão, traçar correspondências e argumentar que, em se tratando de acervo museológico, o primeiro momento – Documentação Museológica representaria a “indústria da informação” ou “sistema de

⁴⁸ VÉRON, Eliséo, LEVASSEUR, Martine. Etnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens. Paris: Bibliothèque publique d'information. Centre Georges Pompidou. 1989. p. 21.

⁴⁹ PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Mapa brasileiro da infra-estrutura de Informação em Arte. Rio de Janeiro. julho 1995b. Projeto de pesquisa submetido/apresentado ao CNPq e não aprovado. Cópia digitada, gentilmente cedida pela autora.

⁵⁰ BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação no mundo da técnica. ECO - Publicação da pós-graduação de Comunicação/UFRJ. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ. v. 3, p. 25-34,1992. (Série Diversos).

produção de informação”, enquanto a Comunicação (em Museus) se faria representar pela “indústria do conhecimento” ou “sistema de produção de conhecimento”. Barreto considera o segundo estágio como promotor “do acesso e a assimilação da informação”, o que permitiria confirmar que, nessa etapa, efetivar-se-ia o processo comunicacional da informação museológica.

Em razão das particularidades requeridas pelo conhecimento das áreas da Museologia e das Artes nas tipologias relativas aos acervos em foco, a questão da informação de coleções museológicas de arte envolve o conhecimento teórico e prático do quadro de elementos que estruturam e movem o campo das artes. O domínio desse tema concerne aos procedimentos para definir as características das *duas vertentes para análise informacional*, o mesmo que os planos ou tempos das percepções artísticas (da criação, e da recepção / apreciação), e de maneira idêntica estabelecer o processo permanente de interação entre elas. Esse é ponto básico das demandas formuladas pelo segmento temático de investigação científica que estuda os assuntos artísticos, inseridos nas denominadas *Pesquisas em Artes* --- termo próprio ao processo e ao espaço da Informação em Arte.

Enquanto uma vertente está vinculada ao tratamento museológico da peça sob ângulos plurais da descrição morfológica, histórico-contextual e técnico-administrativa, a outra vertente está ligada a múltiplas perspectivas de leituras ⁵¹ que se formalizam em produtos textuais e imagéticos integrantes dos seus referentes técnico-interpretativos para estudo e relacionadas ao processo da intermediação do conhecimento museológico.

⁵¹ Disciplinas do campo artístico e de outros campos do conhecimento com pontos de interesse vinculados às Artes Plásticas e geradoras de interpretações / explicitações, caracterizando, também, a intertextualidade do espaço cultural e suas interações interdisciplinares.

-- Estética e História da Arte: disciplinas “tradicionais” do campo de estudo da Arte;

-- Filosofia, Psicologia, e Sociologia: disciplinas com abordagens consideradas Teorias da Arte;

-- Antropologia, Semiótica / Semiologia, Comunicação Social, História da Cultura (das Idéias / das Mentalidades), Memória Social, Museologia, Informação em Arte (Ciência da Informação).

-- Cinema, Literatura.

Algumas disciplinas já se consolidaram, ou estão se consolidando, como vertentes do conhecimento para o estudo específico de questões artísticas. Tal já ocorreu com História da Arte, Filosofia da Arte, Sociologia da Arte. Na atualidade ocorrendo com a Antropologia da Arte e a Informação em Arte.

As vertentes constituem o que se pode denominar de unidade informacional do objeto. Isto se explica na medida em que ambas constituem as referências que dizem respeito aos dados intrínsecos e extrínsecos dos bens artísticos (os últimos, também, identificados aos contextuais e entre eles os de natureza simbólica), integrando tais dados um composto indissociável. E, assim, a pesquisa dedicada à arte não pode prescindir dessa associação entre dados que são próprios ou agregados ao objeto, ou seja, do ‘diálogo’ que se pode extrair da relação entre as fontes de consulta alocadas nos diferentes acervos (a relação texto e contexto é imagem a ser lembrada).

As denominadas *percepções artísticas* --- de criação e de recepção / apreciação; distinguidas (diferenciadas) como bens simbólicos, caracterizam-se tomando o aspecto cultural de coleções, quer sejam enfocadas como museológicas ou como bibliográficas e documentais em geral,⁵² (esses acervos abrangem além dos tradicionais exemplos de documentos impressos ou documentos manuscritos, outras modalidades tais como fotografias e slides; filmes, discos, fitas ou CDs; partituras musicais anotadas ou não; projetos de instalações artísticas com desenhos e textos combinados; plantas de projetos arquitetônicos; objetos vários; etc,) compondo os acervos das instituições identificadas como museus.

Referendando as duas vertentes para análise da informação estética ou artística --- realização do contexto da Informação em Arte --- as coleções nomeadas segundo essas duas tipologias técnicas (designando áreas de competência cultural ou simbólica) correspondem aos espaços dos profissionais das comunidades especializadas que transitam nos museus tratando dos acervos (ditos museológicos; bibliográficos; arquivísticos ou qualquer outra denominação técnica que lhes possa ser aplicada). E, ainda, os tipos de coleções que compõem os acervos representam as fontes de estudo interligadas para a pesquisa das artes, quer sob a ótica da Museologia e disciplinas afins, quer sob o prisma da Informação em suas derivações disciplinares (Centros de Documentação / Informação).

⁵² Essas coleções multifacetadas permitem que seus exemplares sejam considerados na acepção de documentos multigrafados, conforme Suzane Briet.
BRIET, Suzane. Qu'est-ce que la documentation?. 1951.

As percepções, que segundo Bourdieu ⁵³ representam o poder simbólico, são formas culturais produtoras de acervos vinculados às instâncias de bens simbólicos. As comunidades de saberes especializados a elas correlacionadas detêm um determinado tipo de capital cultural, estão inscritas em seu Habitus, ocupam posições no espaço de tensões e movimentam-se nesse território cultural e artístico exemplificado como *campo do poder*, ou seja, “espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital”, como reforça o autor, “entre agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente”.

A informação museológica especializada em arte, *Informação em Arte*, está referendando pela prática que se trata de conhecimento enraizado nos territórios das disciplinas História da Arte, Museologia e Ciência da Informação, tendo em vista que cada conhecimento por si, melhor dizendo, cada capital cultural aplicado isoladamente não permite a construção dessa informação devido ao nível de particularidades que a disciplina detém --- nível que se faz requerido pela natureza das *Pesquisas em Artes* --- orientando a demanda técnico-conceitual para os estudos acerca da produção, circulação e consumo de bens culturais nos circuitos do sistema / campo artístico.

Em face dessa ambientação mista de conhecimentos, capitais simbólicos, cuja configuração se enquadra pelos estudos da interdisciplinaridade na ‘categoria’ “híbrida”, a Informação em Arte vem estabelecendo articulações para integrar as diversidades de conteúdos, linguagens e atividades em processo de elaboração combinada nas práticas relativas à geração, ao processamento e à disseminação da informação. Tal comportamento procura não invalidar determinadas características próprias de cada visão e busca evoluir redefinindo questões, moldando alternativas, propondo nova(o)s metodologias, modelos e proposições conceituais ⁵⁴ e,

⁵³ BOURDIEU, P. 1997. Op. cit. p. 53-89

⁵⁴ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p.112.

ainda, atividades em consonância com os movimentos que imprimem a ocorrência do processo interdisciplinar.

Considera-se que a prática interdisciplinar redefine “um novo e diferenciado espaço” ⁵⁵ conceitual e prático, configurado ao modo de um “complexo conjunto de interesses, ações, e estruturas”, ⁵⁶ organizando-se para fornecer as bases aptas ao discurso comum colocado sob o foco da convergência de um processo de ordem integradora, critérios de julgamento e estratégias institucionais estabelecidas. ⁵⁷

A investigação que foi encetada na presente tese de Doutorado em Ciência da Informação permitiu ‘olhar’ a Informação em Arte --- nascida, nos anos 80, no ambiente museológico que congrega os documentos *acervos de arte* e os documentos *acervos sobre arte* das bibliotecas / centros de documentação (de arte) como *resposta-proposta* aos desafios para desenredar / desvelar a variedade de discursos e práticas envolvida nas questões geradas pelo desenvolvimento das Pesquisas em Artes --- sob a perspectiva da “reflexão acerca de como um novo objeto é constituído” ⁵⁸ e como esse objeto do conhecimento é exercitado no cruzamento das fronteiras disciplinares entre Ciência da Informação, Museologia e Artes. Para tanto, o trabalho desenvolvido sobre esse fenômeno interdisciplinar destacou na análise, elegendo como fio condutor o processo combinado teórico-prático de intervenção que emerge e configura-se nas estruturas institucionais desses campos / disciplinas envolvidas e os entrelaces que produz.

⁵⁵ PECK, Jeffrey M. Introduction and “There’s no place like home? Remapping the topography of German Studies.” *German Quartely*. 62, 2, p.141-142, 178-187. 1989. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 7.

⁵⁶ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

⁵⁷ Idem. Ibidem. p. 2.

⁵⁸ PECK, J. M. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 7.

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

geral

Investigar a relação entre Ciência da Informação e Museologia no quadro do cruzamento das fronteiras disciplinares, enfocando no novo espaço simbólico do conhecimento --- o *campo híbrido da Informação em Arte*; os procedimentos e as estratégias de consolidação referentes ao processo nomeado *interdisciplinaridade estrutural*, representados por práticas interativas e produtos elaborados de ordem informacional e museológica, nos contextos de produção e disseminação do conhecimento relativos ao tema Acervos Museológicos / Pesquisas em Artes.

específicos

Identificar e analisar as estruturas institucionais --- instâncias culturais de legitimação do poder simbólico --- e os temas interdisciplinares Ciência da Informação / Museologia em contextos técnico-profissional e acadêmico e a respectiva produção científica, no Brasil e no Exterior: organismos e comunidades de saberes especializados.

Identificar e analisar, na ambiência interativa em questão, as ocorrências que focalizam ou formalizam elementos / fontes de consulta para construção da informação sobre acervos dirigidas às pesquisas artísticas: espaços, cursos, pesquisas e projetos, modelos, instrumentos, produtos e serviços.

3. METODOLOGIA

Foi desenvolvido estudo exploratório para identificação e análise das relações interdisciplinares que são demandadas pelo tema das Pesquisas em Artes, ou seja, o ‘espaço da “fertilização cruzada”’,¹ identificado à Informação em Arte que contextualiza os museus de arte, seus acervos de obras artísticas e de referenciais interpretativos.

A investigação “das aproximações, das interações e dos métodos comuns às ... especialidades”² Ciência da Informação, Museologia e Arte, nesse novo domínio do conhecimento e território profissional que desponta, o campo da Informação em Arte, aplicou, na qualidade de apoio para a análise conceitual sobre sistema simbólico --- campo simbólico --- relacionada às pesquisas de acervos museológicos de Artes, o modelo “teoria geral da economia dos campos” desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu.³

De acordo com tal proposição teórica, enfoca-se a dimensão da Cultura e seus sistemas simbólicos – Mito / Religião, Arte, Ciência e Língua; sob a perspectiva da “sociologia dos sistemas simbólicos”. Esses, por sua vez, apresentam-se sob caráter compósito, ou melhor, embora reconhecidos como instrumentos de conhecimento e comunicação, também são instrumentos de legitimação da ordem vigente, determinando espaços de exercício do poder simbólico, os espaços do saber-poder.

¹ Deve-se mencionar que o termo *cross-fertilization* (fertilização cruzada / fertilizações cruzadas) é usado por Julie Thompson Klein, autora que se tem dedicado ao tema da interdisciplinaridade, a exemplo de seus livros datados dos anos 90. No entanto, em texto traduzido para o Português (anos 80) do autor da área da Ciência da Informação, D. J. Foskett, artigo originalmente publicado em 1973, o termo *fertilização cruzada de idéias* é mencionado. O autor é focado a partir da página inicial do capítulo 5.

FOSKETT, D. J. A Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.) *Ciência da Informação ou Informática ?* Rio de Janeiro: Calunga. 1980. p. 56. Artigo publicado originalmente no *Journal of Librarianship*. v. 5. n. 3. p. 161-174. July 1973.

KLEIN, J. T. Op. cit.

² JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 40.

³ Assunto indicado nas obras de Bourdieu referenciadas na tese.

No conjunto das instâncias de legitimidade cultural, executoras do poder simbólico e afetas ao contexto estudado pela tese, estão presentes e destacam-se as representações e práticas que se manifestam formalizando as fontes investigadas.

Nelas situam-se, inicialmente, na qualidade de instituições profissionais associativas de membros atuantes nas áreas de Museologia e da Ciência da Informação, duas entidades consideradas relevantes quanto à representatividade técnica e social nas suas respectivas áreas de atuação: a primeira, o Comitê Internacional de Documentação, *International Committee for Documentation*, CIDOC do ICOM - UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) que reúne entidades públicas e privadas dedicadas à informação museológica, os agentes individuais que desenvolvem atividades vinculadas aos museus, cabendo destacar nesse grupo os documentalistas de museus, os outros profissionais da informação, além dos especialistas da Museologia e de áreas afins. A segunda, a Sociedade Americana de Ciência e Tecnologia da Informação, *American Society for Information Science and Technology*, ASIST, que reúne entidades públicas e privadas, cientistas da informação e demais especialistas de domínios aliados na tarefa do acesso à informação.

A seguir, na categoria área acadêmica, o Instituto Brasileiro em Ciência e Tecnologia, IBICT em convênio com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ que vem desenvolvendo o *Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI*.

O IBICT é pioneiro em cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. Iniciou com o curso de Especialização em Documentação e Informação – CDC, Curso de Documentação Científica, em 1955; a partir de 1970, o de Mestrado e o de Doutorado em 1993/1994. Em 1998 o Instituto abriu inscrições para o pós-Doutorado.⁴

⁴ UFRJ – IBICT. Programa de pós-graduação - Ciência da Informação: especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado. [Rio de Janeiro:] [UFRJ - IBICT] [2000 ?]. Folder.

São egressos do IBICT os profissionais que participam como docentes de outros cursos de pós- graduação em Ciência da Informação e que foram sendo criados no país, configurando a Instituição, dessa maneira, um ‘marco histórico’ quando se trata da implantação e da consolidação da Ciência da Informação no universo da academia no Brasil.

Ainda no contexto da área acadêmica, o *Mestrado em Memória Social e Documento* – MMSD da Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO, instituição que abriga na sua estrutura organizacional três cursos de graduação tradicionalmente interlocutores da Ciência da Informação: Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (cursos originalmente ligados à Biblioteca Nacional, ao Arquivo Nacional e ao Museu Histórico Nacional).

O mestrado teve no seu quadro de fundadores docentes, professor do IBICT e apresentando disciplina afeta à Ciência da Informação.⁵ Inclui, na atualidade, no seu corpo de professores (docentes da própria Universidade) doutores em Ciência da Informação. Tem recebido, desde o início das suas atividades, significativo contingente de alunos oriundos das três áreas mencionadas, tendo em vista que os referenciais da memória coletiva são identificados à herança cultural, o denominado patrimônio (forma sintética do termo usado pelos conhecedores do assunto), objeto que é domínio temático abordado pelas perspectivas específicas de cada um dos três campos.

A Pesquisa procedeu à verificação, respectivamente:

- 1) da produção entrelaçando Museologia e Ciência da Informação, no espaço da Museologia, tomando por base os registros dos eventos e trabalhos relacionados ao CIDOC, incluídos os dos Groups (Working Groups), no período 1996 – 2000 (cinco anos);
- 2) dos temas pertinentes desse entrelace no espaço da Ciência da Informação --- para fins de comparação --- tomando por base os

⁵ A Professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro, é o professor do IBICT mencionado. A disciplina ministrada chamava-se Informação e Comunicação Cultural. A autora da presente tese, museóloga egressa do antigo Curso de Museologia do Museu Histórico Nacional, foi sua aluna e orientanda no mestrado da UNI-RIO. A dissertação se apoiou no tripé Museologia, Ciência da Informação e Artes Plásticas, sinalizando a questão interdisciplinar. (a dissertação foi mencionada no capítulo 1).

registros de eventos e trabalhos da ASIST, inclusive os dos Special Interest Groups (SIGs), no período 1996 – 2000 (cinco anos);

- 3) do estágio dessa interação no Brasil, em nível acadêmico, abordando o PPGCI do IBICT e ECO/UFRJ, identificando, nesse espaço de elaboração de pesquisa, a produção de teses de doutorado e dissertações de mestrado indicadoras das relações entre Ciência da Informação e Museologia, no período 1972 – 2002 (1972 marca a defesa da primeira dissertação; a primeira tese foi defendida em 1994).
- 4) e também do estágio, no Brasil, dessa interação em nível acadêmico enfocando o Mestrado em Memória Social e Documento – MMSD da UNI-RIO. Procedendo, nesse reduto produtor de pesquisa, à identificação da produção de dissertações de mestrado indicativas das relações entre Ciência da Informação e Museologia, no período 1991– 2002 (1991 é o ano da primeira defesa).

A investigação, com relação ao ambiente técnico-profissional das associações representado pelo CIDOC e pela ASIST (itens 1 e 2), teve que ajustar seu período para o levantamento dos dados (cinco anos) ao limite do ano 2000 em razão dos problemas enfrentados pelo Comitê do ICOM. Não houve condições financeiras e operacionais para editar ou tornar disponível pela Internet os textos da Conferência de 2001 e artigos do periódico NEWSLETTER, do mesmo modo, isso ocorreu com referência ao ano de 2002.

Optou-se por determinar, no contexto acadêmico, o mesmo que universitário de formação / aperfeiçoamento — PPGCI e MMSD (itens 3 e 4), período temporal mais extenso do que o estabelecido para o universo CIDOC – ASIST. A decisão decorreu do processo da própria pesquisa tornando compreensível que, pela diferença da natureza desses dois ambientes, a relação quantitativa *produto versus ano* mensurada em série de cinco anos tenderia ao efeito de mascarar a trajetória das relações. Desse modo o período para cada curso se inicia a partir das datas das primeiras defesas e alcança o primeiro semestre do ano de 2002, já que o

levantamento final de dados para a tese, encerrado entre setembro/novembro, utilizou, além do banco de teses da CAPES, as listagens dos órgãos com atualizações até os meses de julho (MMSD); de agosto e setembro (PPGCI).

Procedimentos metodológicos:

- a) levantamento e fichamento de fontes primárias e secundárias das áreas em questão;
- b) revisão da literatura nacional e internacional;
- c) identificação e levantamento da produção museológica em sua relação com Ciência da Informação (verificações CIDOC, ASIST, PPGCI, MMSD);
- d) e análise relacional para traçado das vinculações Museologia, Arte e Ciência da Informação;
- e) identificação das representações e/ou das práticas culturais que estão caracterizando esse espaço simbólico;
- f) delineamento do campo simbólico da Informação em Arte.

No processo de revisão de literatura das áreas (item b), em especial no que se refere à Ciência da Informação, campo no qual se percebeu haver ‘tradição’ para o debate e para a produção investigativa das questões da interdisciplinaridade; considerou-se para determinar a ação interativa das disciplinas no desenho dos campos da Museologia e da Ciência da Informação, também as discussões que, pelo que se pode depreender da leitura dos textos, embora, não ‘falassem’ de modo explícito que estavam tratando da interdisciplinaridade, apresentavam-se ‘marcadas’ seja pela presença constante nas indicações dos textos que abordam o tema do modelo interdisciplinar, como pelas explicações que facultam compreender tais disciplinas agindo na qualidade de representantes dos movimentos que tangenciam, invadindo, o contexto da interdisciplinaridade. Esse procedimento possibilitou que se excluíssem as indicações que

tendenciavam comportamentos que não fossem esclarecedores quanto à origem e à explicação do argumento que a fonte consultada oferecia.

Ainda em relação aos procedimentos metodológicos:

o quadro da pesquisa estabeleceu dois conjuntos compostos por dois elementos.

-- I -- **Museologia entre pares**; e **Ciência da Informação entre pares** ilustram contextos relativos às instâncias associativas CIDOC e ASIST, focalizando realizações técnico-científicas que reforçam o caráter legitimador para procedimentos dos campos simbólicos do conhecimento.

Configuradas como manifestações culturais revestidas dos aspectos de outras instâncias apresentam-se sob formas que inspiraram as **variáveis** de número um, dois e três (1, 2 e 3) aplicadas para CIDOC e para ASIST.

1. --- grupos de trabalho: instâncias cujas variadas denominações que ostentam sinalizam para os temas, as áreas e as atividades envolvidas com os próprios do campo ou com demais domínios de relação. Esses grupos especializados discutem e esclarecem problemas, apoiando e formulando procedimentos referenciais para as comunidades.

2. --- eventos técnicos, seus temários e abordagens: instâncias em níveis de abrangência internacional ou regional congregando profissionais e instituições da área, de outros campos afins que, enfocando proposições e reportando experiências consideradas relevantes, revêem as posturas do campo descortinando os rumos trilhados e as adequações necessárias de reflexão e ação.

3. --- periódicos especializados e documentos (impressos, eletrônicos): instâncias que, pela praticidade dos seus formatos e o raio de alcance obtido pelos seus modos de disseminação, atuam com ampla repercussão não só entre os múltiplos segmentos do público especializado, reforçando posturas existentes e postulando propostas modificadoras (incluídas as caracterizações formuladas nas variáveis 1 e 2).

-- II -- **Academia e formação intelectual - PPGCI; e Academia e formação intelectual – MMSD:** revelam instâncias universitárias para especialização profissional, reduto do caráter legitimador que se apóia na produção acadêmica, cujo coroamento para o discente manifesta-se nas dissertações e teses aprovadas pela comunidade docente outorgando-lhe o título de mestre e de doutor (a marca de distinção do campo simbólico). Tais aspectos determinaram as **variáveis** de número quatro e (4 e 5) respectivamente para os cursos PPGCI e MMSD.

4. --- teses e dissertações: a produção teórica da instância universitária de pós-graduação representativa dos níveis de doutorado e de mestrado;

5. --- dissertações: a produção teórica da instância universitária representada por curso de pós-graduação em nível de mestrado.

Os **indicadores** das variáveis perpassam e combinam:

-----nas variáveis 1, 2 e 3, conjunto “...*entre pares*”

--- **participação dos grupos** especializados de trabalhos **nos eventos** anuais;

--- **temas, títulos das sessões e conferências nos eventos** identificados como reuniões, encontros, cursos, workshops conferências, palestras, painéis, debates e outros nomes;

--- **títulos de artigos dos periódicos especializados e/ou dos documentos;**

associados aos /às

--- **nomes dos profissionais e ramos de atividades dos responsáveis ou participantes individuais e coletivos:** conferencistas, instrutores, mediadores; grupos, instituições, organizações;

--- **questões levantadas e as atividades relatadas:** propostas teóricas ou técnicas e os projetos, pesquisas.

-----nas variáveis 4 e 5, (indicadores), conjunto “*Academia e formação...*”

--- **títulos dos trabalhos:** dissertações e teses;

--- **palavras-chaves;**

--- **linhas de pesquisa;**

--- **natureza das áreas do conhecimento (MMSD).**

Cabe esclarecer o uso, também, de dois elementos como referências auxiliares para elucidar alguns casos --- **nome** (e quando possível **especialidade / atividade** ⁶) **do orientador** e, do mesmo modo, --- **composição da banca examinadora**. Deve-se ‘confessar’ que tais indicações se revelaram mais claras quando conjugadas à própria experiência da autora da tese, permitindo identificar os atores nos movimentos do campo. Bourdieu, ou melhor, seu pensamento está presente: o membro da “confraria” domina os códigos culturais da comunicação comunitária.

Em se tratando do contexto das fontes de consulta:

❖ material pesquisado – composição

----- CIDOC ----- variáveis 1, 2, e 3, conjunto “...entre pares”

--- **CIDOC NEWSLETTER / BULLETIN**, edição bilíngüe Inglês/Francês (periodicidade anual, habitualmente agosto). Publicação versando sobre objetos do campo, relações no universo do conhecimento e desenvolvimento das questões e atividades, inclusive eventos. Inclui relatórios resumidos dos Grupos CIDOC (segundo semestre do ano anterior e primeiro semestre do ano da edição). Apresenta alguns números em versão eletrônica;

--- **mda Information**. Publicação da Museum Documentation Association. Número dedicado ao evento conjunto CIDOC-mds 1999, Conference Proceedings, usado na pesquisa, 1999, em lugar da NEWSLETTER que nesse ano não foi editada;

--- **CIDOC Report of the Annual Meeting** e/ou **CIDOC Report of Annual Business Meeting, Chair’s Report** (podendo, ainda, apresentar pequenas

⁶ A Plataforma Lattes (CNPq) com seu banco de currículos constitui fonte de consulta para alguns tipos de esclarecimentos.

PLATAFORMA LATTES. (CNPq) Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/curriculo/>>. Acesso em: segundo semestre 2002.

variações nos títulos). Relatórios das reuniões anuais, enviados aos membros, dando conta das atividades e delineando novas realizações ⁷ (e, também as versões eletrônicas). Esses documentos foram considerados como indicadores numéricos para o total referente à categoria Eventos na Tabela 2 (CIDOC).

--- **CIDOC Program Conference** e/ou **CIDOC Program of Annual Meeting** e ainda **Program Preview**. Programas da reunião anual apresentando temário das conferências, participantes e prestando outras informações acerca dos eventos. Também podem incluir textos dos contributed papers que, de modo geral, são artigos reunidos nos Proceedings. Do mesmo modo que os Relatórios, os Programas podem apresentar diversidade quanto aos títulos (exemplo: Conference Program).

-----ASIST ----- variáveis 1, 2, e 3, conjunto “...entre pares”⁸

--- **ARIST, Annual Review of Information Science and Technology** (periodicidade anual). Publicação dedicada aos denominados “artigos de revisão que sintetizam as tendências nos vários ramos da Ciência da Informação”;⁹

--- **BULLETIN of the American Society for Information Science and Technology**. (periodicidade bimestral: fevereiro, abril, junho, agosto, outubro, dezembro). O volume da publicação que inicia o ano corresponde ao mês de outubro. Registra os “problemas que afetam o campo” e os “eventos da comunidade da Ciência da Informação”;¹⁰

--- **JASIST, Journal of the American Society for Information Science and Technology** (periodicidade mensal). Publicação relatando “pesquisas e o desenvolvimento no extenso percurso de objetos e aplicações em Ciência da Informação e tecnologia;”¹¹

⁷ As versões em francês podem denominar-se Ata da reunião anual -- Compte rendu de la réunion annuelle.

⁸ Lembrando que, em 2000, a ASIS passou a chamar-se ASIST alterando os títulos das publicações.

⁹ ASIST PUBLICATIONS. Disponível em: <<http://www.asis.org/publications>>. Acesso em: setembro - 2002.

¹⁰ Idem. Ibidem.

¹¹ Idem. Ibidem.

--- **PROCEEDINGS of the ASIST Annual Meetings** publica, uma vez por anos, os artigos (contributed papers), dos eventos anuais;

--- **SIGVIS NEWSLETTER**, publicação eletrônica do grupo ASIST Special Interest Group on Visualization, Images, and Sound (SIG VIS);

--- **ASIST Program of Mid Year Meeting**; e --- **ASIST Program of Annual Meeting**. Programas das duas reuniões anuais indicando temas, palestrantes e outras informações sobre o evento. Esses documentos foram considerados como indicadores numéricos para compor o total referente à categoria Eventos na Tabela 4 (ASIST).

--- **ASIST LACASIS Meeting**; e --- **ASIST SOASIST Chapter Meeting**. Documentos eletrônicos relatando as reuniões seccionais (Chapter Events) de Los Angeles e de Southern Ohio. Esses documentos foram considerados como indicadores numéricos para compor o total referente à categoria Eventos na Tabela 4 (ASIST).

----- PPGCI, variável 4, conjunto “*Academia e formação...*”

--- **PPGCI - Relação de teses de Doutorado**. Listagem registrando dados sobre as teses de doutorado defendidas (cedida pelo IBICT);

--- **PPGCI – DISSERTAÇÕES**. Listagem registrando dados acerca das dissertações defendidas (cedida pelo IBICT).

-----MMSD, variável 5, conjunto “*Academia e formação...*”

--- **MMSD - DISSERTAÇÕES APRESENTADAS**. Listagem registrando dados referentes às dissertações defendidas (cedida pelo MMSD).

❖ material pesquisado — formato ‘textos’ (procedimentos)

-----CIDOC e ASIST, variáveis 1, 2 e 3, conjunto “*...entre pares*”

--- **resumos e/ou textos integrais**. (leitura)

-----PPGCI e MMSD, variáveis 4 e 5, conjunto “*Academia e formação...*”

--- **resumos**. (leitura)

❖ material pesquisado -- perspectiva qualitativa / Quadros, Elencos .

-----CIDOC

--- Quadro **Comitês Internacionais do Conselho Internacional de Museus**: Caracterização

-----CIDOC e ASIST

--- Quadro **Grupos...** 1996-2000

--- Quadro **Eventos** ... 1996 - 2000

--- Quadro **Periódicos e Documentos...** 1996-2000

--- Elenco: **Inter-Relações /Temas -- Abordagens** ... : Eventos e Periódicos / Documentos --1996-2000

-----ASIST

--- Elenco: ASIST -- **Instituições Relacionadas a Coleções de Cunho Museológico**. 1996-2000

-----PPGCI

--- Quadro PPGCI **Teses Defendidas** 1997 -2002 ---

--- Quadro PPGCI **Dissertações Defendidas** 1992-2002

-----MMSD

--- Quadro MMSD **Dissertações Defendidas** 1996-2002

❖ material pesquisado -- perspectiva quantitativa / Tabelas ---
Entrecruzando Conhecimentos

--- **CIDOC Tabela 1** – Atuação Interdisciplinar / Levantamento Preliminar 1996-2000

--- **CIDOC Tabela 2** - Atuação Interdisciplinar / Documentos Incorporados -- amostra: categorias analíticas 1996-2000

--- **ASIST Tabela 3** - Atuação Interdisciplinar / Levantamento Preliminar 1996-2000

--- **ASIST Tabela 4** - Atuação Interdisciplinar / Documentos Incorporados -- amostra: categorias analíticas 1996-2000

--- **ASIST Tabela 5** - Grupos de Interesse Especial / Special Interest Groups
– SIGs: sessões temáticas com indicação de responsabilidade 1996-2000

--- **PPGCI Tabela 6** – Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Tese 1992-2002

--- **PPGCI Tabela 7** - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Genérico e Contexto Tese 1972-2002

--- **MMSD Tabela 8** - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Tese 1996-2002

--- **MMSD Tabela 9** - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Genérico e Contexto Tese 1991-2002.

Nas tabelas 2 e 4, respectivamente referindo-se aos documentos incorporados à tese e as categorias analíticas do CIDOC e da ASIST compreende-se na qualidade de:

“**conferências**”: realizações como – palestras; -- workshops e cursos de atualização; -- debates / sessões temáticas extraídas dos programas e/ou dos relatórios dos eventos.

Para efeito de cálculo, quando as sessões temáticas indicam, nas fontes, as palestras que as compõem, somente foram incluídas as palestras, mesmo havendo resumos das sessões. As sessões só foram contabilizadas quando não indicavam quais as conferências realizadas nesse núcleo (assim cada sessão vale como única conferência), portanto, não há superposição de fatores.

“**artigos**”: -- tanto as palestras referentes aos eventos e veiculadas em sites específicos desse tema e nos periódicos especializados que, também, a eles fazem referência, bem como diversos artigos publicados nessas publicações e que se nomeou ‘demais artigos’ (somente nos Anexos Perfil ASIST), isto é, são aqueles textos que, mesmo não se referindo e não tendo sido incluídos nos eventos indicados, enfocam o assunto da pesquisa da tese (consignando outras referências da edição indicada no Perfil).

Esclarece-se que artigos relativos aos eventos (sessões, etc.) apresentam textos (conteúdos de redação) diferentes daqueles que foram inseridos e representados na coluna “conferências”. Assim são fatores incluídos somente uma vez e contabilizados referenciando uma só categoria.

- ❖ material pesquisado – sites e bases de dados eletrônicas consultadas (conjunto principal para a pesquisa)

--- **CIDOC e ICOM;**

--- **ASIST;**

--- **Banco de teses, CAPES/MEC** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação) para teses e dissertações.

Há um fato a ser considerado, qual seja, a dificuldade enfrentada para obter dados explicativos sobre a produção acadêmica, pois há trabalhos que não apresentam dados (campos ‘em branco’) no banco de teses CAPES (por exemplo, os resumos que são elementos esclarecedores, principalmente, se bem elaborados, além de outros indicadores que situam as peculiaridades dos trabalhos). Essa circunstância deixou de fora alguns produtos acadêmicos, mas em nada invalida o significado da investigação que se pauta pela análise qualitativa sobrepondo-se ao primado da interpretação quantitativa.

- Anexo I -- Perfil CIDOC (1996 a 2000);
- Anexo II -- Perfil ASIST (1996 a 2000);
- Anexo III -- Perfil PPGCI (1972-2002);
- ANEXO IV – Perfil MMSD (1991- 2002).
- ANEXO -- ESPECIALISTAS.

Por fim, esclarecimentos quanto à ordem de apresentação das instâncias inseridas nos conjuntos e seus elementos, no presente trabalho.

Em se tratando das instâncias representativas dos corpos profissionais o CIDOC está sendo apontado precedendo a ASIST por

representar, no campo da Museologia, um organismo criado e dedicado especificamente à documentação / informação museológica, ou seja, particularizado pela presença da comunidade dos documentalistas de museus, no âmbito dos profissionais da informação. Tal característica empresta ao Comitê a feição de espaço que foi criado, em meados dos anos 60, em razão da existência de movimentos condutores à interseção com a Ciência da Informação.

Em se tratando do PPGCI, cuja indicação precede a do MMSD, isto se deve por apresentar curso de mestrado mais antigo (início dos anos 70 em oposição ao fim dos anos 80), oferecer curso de doutorado, já ter aberto pós-doutorado e, por fim, aquela de relevante significado na investigação empreendida, qual seja, a existência de linha de pesquisa direcionada para o estudo da questão interdisciplinar --- Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade na Ciência da Informação, descortinando, no seu contexto, horizonte para desenvolver estudos sobre Informação em Arte, tema que já tem sido objeto de enfoque de trabalhos apresentados.

4. INTERDISCIPLINARIDADE E CAMPOS DO CONHECIMENTO

O conhecimento científico considerado no contexto dos quatro sistemas simbólicos que interpretam o real, inscreve-se, no mapa da dimensão cultural, sob a forma de ‘realidades’ da Ciência ao lado das ‘realidades’ da Religião / do Mito, da Arte e da Língua.¹ Nesse processo de dar significado ao ‘mundo real’ configurando a Ciência, sob as diversas modalidades pelas quais se organiza e pelos nomes aos quais atende, estabelece, nas problematizações que formula e nos objetos que elege, permanente e instigante diálogo questionando o real e verificando respostas no exercício da realidade científica. Desse modo, no seu universo (simbólico) abriga diversificadas formas de abordagens do saber, configurando *áreas / disciplinas interpretativas*, que emprestam às diferentes elaborações produzidas sua maneira de “compreensão” e “explicação”,² definindo-se *como espaços específicos do conhecimento* nas suas múltiplas formulações e denominações conhecidas no âmbito das Ciências.

A questão da formação do saber científico, representada sob a configuração de zonas particularizadas, ou domínios denominados *campos especializados do conhecimento por áreas / disciplinas*, encontra sua referência histórica em condições culturais que, embora possam ser apontadas a partir da Idade Moderna, evidenciaram-se, posteriormente, durante o século XIX.

No primeiro caso, os movimentos do Renascimento, da Reforma Protestante e os episódios dos Grandes Descobrimentos têm merecido destaque na literatura como ocorrências que, introduzindo novas questões nas visões de mundo da época (século XVI), marcaram,

¹ MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos). p. VII.

² WEBER, Max. Economie e société. Paris: Plon, 1971. Apud BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos). Cap: Apêndice I. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. p. 85-86.

conforme Hilton Japiassu,³ o início do processo de “mudanças do saber unitário que vem da Grécia”, sinalizando para “desmorona[r] o horizonte familiar e protetor do cosmos que delimitava o espaço mental há milênios”. O homem, nesse período espaço-tempo histórico, geográfico e cultural, precisou enfrentar outros modelos de entendimento do real quando, então, a criação de “um saber novo” despontou sob a forma da “proliferação dos saberes” que se organizaram em diversos “sistemas de conhecimento” e “equipamentos de saber-poder”⁴ (século XVII).

Os novos modelos concebidos e praticados, seguindo a organização que estabeleceu o entendimento da existência de limites nos domínios específicos da realidade social, alcançaram as significações culturais que abrangem “desde a demarcação de ciência e não ciência até divisões de espaço geográfico e poder político”.⁵

A partir do século XIX, contudo, é que se pode citar e apontar a ocorrência do fenômeno de “*desintegração*” no espaço do conhecimento, entendendo-se tal expressão como referente ao “surgimento das especialidades”,⁶ nas particularidades dos diversos saberes e na especificidade das variadas disciplinas que apareceram.

O quadro, conforme Max Weber,⁷ está ligado à autonomia das “áreas de ação” e, segundo Gernot Wersig,⁸ está relacionado ao “aumento dos diferentes campos” do conhecimento. Essa mudança iniciada no século XVIII efetivou-se durante o período dos oitocentos. E

“diz respeito ao espaço institucionalizado,
...que encontra justificativa ...no
processo de diferenciação, que

³ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 47-48.

⁴ ITAGIBA, Ivair Lisboa. Museologia como ciência. In: CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, 11, 20-29 outubro 1989, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. ABM-Boletim: Anais do II Congresso Nacional de Museus. Rio de Janeiro: ABM-Associação Brasileira de Museologia. 1989. p. 6.

⁵ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

⁶ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 48.

MORAES, N. A. de. Op. cit. p. 5-6.

⁷ WEBER, Max. Apud BOURDIEU, Pierre. 1986. Op. cit. p. 85-86..

⁸ WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. Information Processing and Management. v. 29, n. 2, 1993. p. 232.

paulatinamente se estabeleceu para as esferas das atividades humanas,... caracterizando-se pela independência relativa dos sistemas [simbólicos, entre os quais estão as Ciências] governados por suas próprias leis, o que produziu e favoreceu a elaboração de sistemas ideológicos denominados 'teorias puras' (como por exemplo: da economia, do direito, da política, da arte)."⁹

Acerca desse processo que fragmenta --- modelo criador da divisão entre as Ciências --- Japiassu¹⁰ afirma que “a Ciência unitária explode como um obus” ... “sobretudo a partir de Comte”, acentuando, assim, a “divisão do trabalho epistemológico.” Cabendo lembrar que o Positivismo considera as linhas demarcatórias do conhecimento como resultantes de uma ordem natural.

É possível dizer que se firmam no universo da Ciência, nesse momento e contexto históricos, os traçados das linhas demarcatórias dos saberes que os confinam no seu conjunto da teoria e da prática, ou seja, no seu pensar e no seu agir, estabelecendo as barreiras que determinaram ‘cientificamente’ a divisão das diferentes áreas do conhecimento especializado em espaços disciplinares homogêneos.

Ainda sob a perspectiva histórica que trata dos procedimentos ligados à fixação dos traçados de diferenciação e isolamento disciplinares, seja no plano dos discursos como ao nível das atividades, são modos que concernem ao mesmo tema da “produção de verdades em diferentes domínios”, afirmando Nilson Alves de Moraes¹¹ que a “fragmentação crescente e concentradora” do universo do conhecimento, do século XIX em diante, tornou-se o “modelo intelectual e operativo hegemônico no Ocidente industrial”.

Na história da formação dos *campos institucionalizados do saber*, áreas consideradas autônomas consoante a visão das teorias puras,

⁹ LIMA, D. F. C 1995. Op. cit. p. 46.

¹⁰ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 48, 61.

¹¹ MORAES, N. A. de. Op. cit. p. 9.

foram gerados “sistemas aceitos e reconhecidos”, nos quais os atributos de “legitimidade e autoridade” se fizeram presentes, vinculando “à imagem” do conhecimento o caráter de território “hierarquicamente estratificado”.¹²

O desenho desse modelo que instaura a relação de interdependência entre saber e poder político encontra eco na explicitação do objeto estudado por Pierre Bourdieu,¹³ quando o autor trata do exercício do “*poder simbólico*”, o poder dominante na construção da(s) realidade(s) dos grupos sociais.

Foi no bojo do processo do conhecimento consolidado no aspecto da hierarquia e da separação, com linhas arbitrárias demarcadas --- especialização e concentração de saberes e poderes --- que foram iniciados, nos anos 60, exercitados “com mais ênfase”¹⁴ a partir dos 70, os estudos e atividades que, no sentido da perspectiva epistemológica, ou seja, da visão teórica enfocando a produção do conhecimento, permitem sua caracterização segundo a abordagem da *interdisciplinaridade nas ciências*, em razão das facetas intelectuais e operativas que ela pode apresentar como “processo de reorganização do saber.”¹⁵

Esse processo que trata de uma nova forma de organização do conhecimento promoveu, ao longo do século XX, mudanças que redundaram no modelo “heterogeneidade, híbrido e complexidade”, enfrentando a posição central da disciplinaridade na estrutura acadêmica

¹² FISHER, Donald. Fundamental development of the social sciences: Rockefeller philanthropy and the United States Social Science Research Council. Ann Arbor: Univ. of Michigan Press. 1993. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

SHAPIN, Steven. The invisible technician. American Scientist. [S.l.] 77, 1992. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 1.

Nesta tese, as citações diretas (entre aspas) que originaram a atual referência foram transcritas do texto de autoria de Julie Klein. Nele, Klein cita os autores Fisher e Shapin de modo indireto, isto é, sem aspas..

¹³ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. (Introd. org. sel). Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos). p. 183-202.

¹⁴ MORAES, N. A. de. Op. cit. p. 9.

¹⁵ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 52.

e em outros setores “tornando a interdisciplinaridade... traço do conhecimento.”¹⁶

4.1 CONHECIMENTO: CAMPO DAS METÁFORAS E AS METÁFORAS DO CAMPO

Os espaços interpretativos comportando saberes da tipologia disciplinas unitárias, que se organizaram estabelecidos e definidos em áreas homogêneas, porém com traçados limítrofes, são caracterizados nas questões da interdisciplinaridade como detentores de *fronteiras do conhecimento* e, segundo investigações desenvolvidas por Julie Klein,¹⁷ as formações de cada saber significam “metáforas espaciais para *raia, setor, território e domínio*”, apresentando-se, portanto, sob a forma de “retórica para fronteira(s)”.

O termo *fronteira(s) do conhecimento*, que exprime modalidades do contíguo e do adjacente, pode, também, ser aplicado enunciando a idéia de confronto e, segundo a autora,¹⁸ apresenta-se, ainda, sob formas bastante variadas tais como:

- conhecimento “acadêmico” contra o conhecimento “popular” e associado ao “conhecimento esotérico versus vida cotidiana”;
- a “ciência” (para Japiassu constitui um sinônimo de disciplina)¹⁹ em oposição ao sentido de “não ciência” indicada, ainda, sob a forma de “aplicações da ciência” e “pseudociência”;
- as “disciplinas” exemplificadas pela “física versus química ou biologia”;
- as nomeadas “especialidades subdisciplinares” representadas pela história política, econômica e social;

¹⁶ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 4.

¹⁷ Idem. Ibidem. p. 5.

¹⁸ Idem. Ibidem. p. 4.

¹⁹ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 61.

No seu trabalho, Japiassu determinou o entendimento para ciência e para disciplina como sinônimos, porém, explicando que, comumente, disciplina designa o ensino de uma ciência, enquanto o termo ciência designa ‘mais’ uma atividade de pesquisa.

- as formações interdisciplinares do conhecimento, os denominados “campos híbridos”. exemplificados pela “psicologia social, estudos do meio ambiente e ciências materiais”;
- as esferas do saber designadas como “agrupamentos disciplinares” e reconhecidas como “ciência, tecnologia, ciência social e humanidades”;
- as distinções elaboradas sob as formas de categorias taxonômicas “conhecimento duro” (hard) oposto ao “leve” (soft) e, também, “pesquisa aplicada” situada em lado diverso ao da “pesquisa básica”;
- as “habilidades do conhecimento” apresentadas como “pensamento integrador, aptidão literária, metodologia comparada e habilidade para lidar com diversidades”;
- as “atividades do conhecimento” tais como a “transmissão” em contraponto à “descoberta”, a “explanação versus interpretação”;
- as “formas do conhecimento” da ordem do “quantitativo” em oposição ao “qualitativo”, o “objetivo versus subjetivo e normativo”;
- e por último, os “setores da sociedade” tendo sido selecionados como exemplos “indústria, academia, governo e o público”.

No panorama dos argumentos para identificação de significados que possam representar, de modo implícito ou explícito, a imagem ²⁰ explicativa e referencial para a configuração particularizada do conhecimento científico (conhecimento fundado na sistematização, definições e conceitos, leis e teorias), destaca-se, no estudo da autora na parte dedicada à crítica da revisão de literatura, que os “argumentos acerca do conhecimento são freqüentemente guiados por metáforas.” ²¹

Tomando por base estudos realizados sobre o tema, Klein relata que tais metáforas, ao longo de algumas décadas, foram sofrendo

²⁰ Ao se falar da identificação atribuída por agentes institucionais competentes aos campos do conhecimento, cabe mencionar o enquadramento dado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico à Ciência da Informação e à Museologia na categoria Ciências Sociais Aplicadas.

²¹ BECHER, Tony, HUBER, Ludwig. Editorial. European Journal of Education. [S.l.] 25, 3, 1990. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

transformações no largo painel de termos e suas significações conduziram

“da lógica estática da fundação e estrutura para as propriedades dinâmicas da rede - [network], da teia - [web], do sistema, do campo, e metáforas topológicas que descrevem relações entre elementos, tais como junções, uniões, pontos de conexão, interação de fronteira ou fronteira [boundedness], justaposições, interconexões, interpenetrações, quebras e rupturas.”²²

No estudo empreendido pela pesquisadora americana,²³ analisando os problemas que envolvem as interpretações e práticas do universo do conhecimento, as considerações levam-na a afirmar que dentre as metáforas concebidas e estabelecidas pelo uso, aquela representada pelo termo e sentido de “*campo* é a mais poderosa”, pois é definida como “um universo social autônomo munido das suas próprias leis de funcionamento e específicas relações de força”. Por essa razão, segundo palavras da estudiosa do tema da interdisciplinaridade, foi Pierre Bourdieu --- análise dos sistemas simbólicos e formulação da Teoria Geral da Economia dos Campos --- quem “estabeleceu um modelo para entendimento do conhecimento acadêmico.”²⁴

O termo *campo*, além daquele aplicado por Bourdieu para abordar, por exemplo, *campo artístico*, *campo cultural*, *campo religioso*, *campo jurídico* e *campo universitário*, alcança, na linguagem da vida cotidiana, “qualquer conjunto de atividades recorrentes.”²⁵

²² GOLDMAN, Harvey. Innovation and change in the production of knowledge. Social Epistemology. [S.l.] 9, 3, 1995. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

²³ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. The field of cultural production: essays on art and literature. New York: Randal Johnson/Columbia University Press, 1993. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5-6.

²⁵ POSNER, Roland. What is an academic discipline? In: CLAUSSEN, Regina, -SCHACKET, Roland Daube. (Ed.). Gedankenzeichen. Festchrift for Klaus Oehler. N. Stauffenburg. 1988. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 5.

“link” para a metáfora bourdieuana

Pierre Bourdieu, no seu estudo sobre a “sociologia dos sistemas simbólicos”²⁶ --- unindo “Marx, Weber, Durkheim”²⁷ conciliou as duas principais posições que orientam o tratamento dado aos sistemas simbólicos, reconhecendo-os segundo a feição de instrumentos de comunicação / de conhecimento e, do mesmo modo, como instrumentos de legitimação de poder.

Em relação às duas posturas teóricas e interpretações, na sua análise o autor observa que embora se trate de “diferentes teorias parciais e mutuamente exclusivas...é preciso situar-se no ponto de onde se torna possível perceber ao mesmo tempo, o que se pode e o que não pode ser percebido a partir de cada um dos pontos de vista.”²⁸

A crítica aponta, com referência ao primeiro modo de enfoque, que a utilização do método de análise estrutural das mensagens e bens simbólicos realizada segundo tratamento de ordem primordial, determinou a prerrogativa da sintaxe em detrimento das funções de natureza econômica e política que estão presentes nesses sistemas. Com relação à segunda abordagem, explica que a interpretação voltada para analisar e privilegiar as funções de ordem externa (econômicas e políticas) determina a ênfase no caráter alegórico dos sistemas simbólicos, ensejando a primazia temática das linguagens alegóricas.²⁹

Bourdieu, ao explicitar que os fatos simbólicos que se deve “decifrar” não constituem obras prontas, acabadas, mas práticas sociais que se apresentam ao mesmo tempo com funções de comunicação e/ou de conhecimento e funções políticas, alerta para o papel que a função de comunicação exerce ao dissimular a função de divisão. Esse procedimento se executa tendo em vista que a “cultura que une” (por meio da função de comunicação) “é também a cultura que separa (instrumento da distinção / diferenciação) e que legitima as distinções”, compelindo por

²⁶ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit.

BOURDIEU, P. 1989. Op. cit.

²⁷ MICELI, S. Op. cit. p. XXIII.

²⁸ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 27-28.

²⁹ BOURDIEU, P. Apud MICELI, S. Op. cit. p. X.

meio dessa postura as demais culturas a terem seu lugar definido e distante em relação àquela que passa a exercer o papel de “cultura dominante.”³⁰

Esclarece o autor:

“Uma vez que os sistemas simbólicos derivam suas estruturas da aplicação sistemática de um simples *principium divisionis* e podem assim organizar a representação do mundo natural e social dividindo-o em termos de classes antagônicas; uma vez que fornecem tanto o significado quanto um consenso em relação ao significado através da lógica de inclusão/exclusão, encontram-se predispostos por sua própria estrutura a preencher funções simultâneas de inclusão e exclusão, associação e dissociação, integração e distinção. Somente na medida em que tem como sua função lógica e gnosiológica a ordenação do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito, é que a cultura dominante preenche a sua função ideológica -- isto é, política -- de legitimar uma ordem arbitrária; em termos mais precisos, é porque enquanto uma *estrutura estruturada* ela reproduz sob forma transfigurada e, portanto, irreconhecível a estrutura das relações sócio-econômicas prevalentes que, enquanto uma *estrutura estruturante* (como uma problemática), a cultura produz uma representação do mundo social imediatamente ajustada à estrutura das relações sócio-econômicas que doravante, passam a ser percebidas como naturais e, destarte, passam a contribuir para a conservação simbólica das relações de forças vigentes.”³¹

A análise teórica de Bourdieu com relação à *questão do sentido e do poder* e a interpretação elaborada na qual ele assinala ênfase “à força do sentido”,³² coloca sob foco os *domínios específicos da realidade social* que correspondem às interpretações gestadas pelos diversos sistemas

³⁰ BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 11-12.

³¹ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 29.

³² MICELI, S. Op. cit. p. XII.

simbólicos relativas à definição de mundo, (os universos sociais de relações de sentido e de poder representados pelas áreas ou campos do conhecimento). E, ainda, caracteriza tais domínios sob a forma de espaço *socialmente predeterminado* no qual se instalou a prevalência de “cultura particular” (a imposição do sentido e as formas de classificação social construídas como legitimadoras do processo de dominação).

Essa feição, de acordo com o professor francês, é decorrência de uma “luta” ou “conflito” entre os grupos / classes que constituem determinada estrutura social, abrindo fulcro para que se ajustem os “sistemas de classificação políticos e de estruturas mentais às estruturas sociais” e deixando que, sob forma transfigurada, o campo de produção ideológica reproduza o campo das posições sociais.³³

O *campo simbólico* --- campos regionalizados de produção simbólica --- enseja, no âmago das suas comunidades especializadas, o que o autor³⁴ nomeia de “*relações informais de poder*”, as quais se fazem perceber quando se ultrapassa a visão dirigida, de modo exclusivo, para a ocorrência das relações específicas.

Esse território se mostra como “espaço social de relações objectivas” (para o autor, compreendidas como relações *intencionais*) entre as diferentes instâncias que se foram definindo pelas funções cumpridas na divisão (social) do trabalho, isto é, no ciclo que engloba as fases de produção, de reprodução, de difusão e consumo dos bens simbólicos (bens culturais), onde a “intenção objectiva” abriga-se “escondida por debaixo da intenção declarada, o querer-dizer que é denunciado.”

Ocorre, no interior do território, o processo das *lutas simbólicas*, --- “formas eufemizadas de luta” pelo aspecto transfigurado que assumem e o modo pelo qual são levadas avante --- sob forma de *estratégias*

³³ BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 15, 11.

³⁴ Idem. Ibidem. p. 64

BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 73, 105, 12, 16, 14.

voltadas para a tomada da posição dominante no plano da produção ideológica.

Esse *efeito ideológico*, segundo Bourdieu, está presente “na imposição de sistemas de classificação políticos sob a aparência legítima de taxinomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc.” Posição e situação cujo objetivo é manter o exercício do poder simbólico, estabelecido nas relações de sentido que, ali, se desenrolam em razão das “relações de força que neles se exprimem [nos campos simbólicos] só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido”.

É no ambiente desse universo simbólico que um jogo social, cujo objetivo pode ser ‘decodificado’ como busca pelo poder socialmente reconhecido, desenrola-se ³⁵ dando lugar às lutas travadas no campo. São as *lutas ideológicas*, segundo denominação e compreensão dada por Bourdieu. Para ele, *ideologia* foi termo, segundo relembra Miceli, “reservado para designar a produção erudita de um corpo de profissionais como por exemplo, as ideologias religiosas de um corpo de sacerdotes” (grifo nosso) ³⁶ e os interesses que tais conflitos envolvem. O que está em jogo “é o poder sobre o uso particular de uma categoria de sinais e deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo natural e social”; exprimindo o “*monopólio da legitimidade*” e, para o autor, a tomada da posição nos campos simbólicos de qualquer natureza equipara-se à tomada da posição política. ³⁷

O campo constitui espaço estruturado de atividades sociais significativas concernentes ao exercício de um código comum de transmissão cultural. Esse código cultural é, de acordo com Bourdieu, “matriz de significações” (dizendo respeito às categorias sociais de percepções, apreciações e ações) e caracteriza-se como princípio

³⁵ HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Knorr-Cetina e Latour. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.) *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. .p. 209.

³⁶ MICELI, S. Op. cit. p. XLVI.

³⁷ BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 72, 279.

BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 187.

gerador das práticas --- “distintas” e “distintivas” ³⁸ e, por extensão, do conjunto de representações culturais que as envolvem. Trata-se do conceito de *Habitus* ³⁹ entendido e trabalhado pelo autor como

“sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante.”

O *Habitus* na qualidade de princípio gerador, unificador e explicativo opera mediando, segundo Miceli, ⁴⁰ “a interação entre os dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as práticas”. As práticas, explica esse mesmo autor, decorrem, por sua vez, da relação dialética estabelecida entre estrutura e conjuntura (a conjuntura atuando como condições para atualização do *Habitus*).

Bourdieu esclarece, ⁴¹ ainda no tocante ao conceito de *Habitus*, que “serve para referir o funcionamento sistemático do corpo socializado”, para tratar do aspecto cumulativo existente nesse “conhecimento adquirido” e representa “um haver, um capital”, dizendo respeito à “competência cultural” incorporada e manejada nas vivências do campo. (grifos nossos)

As *significações* que vicejam no universo dos campos simbólicos consignam mensagens vinculadas aos objetos, aos instrumentos e aos agentes do campo, demarcando o espaço arbitrário no qual evoluem os grupos sociais diferenciados que estão inseridos e posicionados, atuando

³⁸ BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1997. Primeira reimpressão com alterações do autor. p. 22

³⁹ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p.191, 99.

⁴⁰ MICELI, S. Op. cit. p. XI, XLI, XLII.

⁴¹ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 62, 25.

BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 61.

como signos determinando diferenças, as *marcas de distinção*, por intermédio dos “atos e procedimentos expressivos” e através do “sistema de posições estatutárias definidas principalmente por oposição a outras posições estatutárias”, correspondendo, respectivamente, ao significante e ao significado.

E assim, no campo simbólico, a apreensão da lógica que preside as relações de sentido traça seu caminho não somente no domínio do conhecimento do código, mas dependente, também, da compreensão “do *contexto* e da *situação* em que [o código] é empregado”, posto que “a verdade de um fenômeno cultural depende de um sistema de relações históricas e sociais no qual ele se insere.”⁴² O quadro, em razão do exposto, deixa perceber que se apresenta estabelecendo estreita relação entre significações culturais e disposições sociais.

O autor, como referência explicativa, ou melhor, modelo teórico para construir a ‘existência’ dos campos de conhecimento e as ‘vivências’ das comunidades que lhes são próprias, lançou mão do modelo econômico, abordando mecanismos e conceitos “mais gerais” do universo da teoria econômica, utilizando-os segundo o que nomeou de “teoria geral da economia dos campos”.⁴³

Esse procedimento, conforme Bourdieu narra, decorreu da análise e da verificação que, efetuadas nas estruturas e na história dos diferentes campos simbólicos, identificou a presença de elementos da mesma natureza. A partir dessa constatação tornou-se possível, então, que ele realizasse o estudo calcado na presença dessas propriedades gerais, que compreendem características comuns aos campos, permitindo verificar “leis invariantes” e definir “formas específicas” pelas quais os mecanismos e conceitos se revestem em cada campo do conhecimento.

O *campo*, em razão da analogia com o modelo econômico, foi qualificado como esfera autônoma de organização, produção e circulação de bens culturais, ou seja, os “*bens simbólicos*” que constituem “realidade

⁴² BOURDIEU, P. Apud MICELI, S. Op. cit. p. XXVII, XXIX.

⁴³ BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 65-69.

com dupla face --- mercadorias e significações”,⁴⁴ embora, o campo busque dissociar seu ‘produto’ intelectual, enquanto significação cultural (científica, estética, filosófica etc.) de mera mercadoria.

Os domínios do conhecimento são percebidos nessa perspectiva da teoria como “*campo de concorrência*”,⁴⁵ onde se instaura a “dinâmica da competição do conflito por crédito”⁴⁶ entre os diversos especialistas de um campo e, da mesma maneira, entre os vários campos. Nesse último caso pode-se inserir, exemplificando, as áreas correspondentes aos modelos da disciplinaridade e interdisciplinaridade que, representando campos diferenciados no tocante à concepção e às práticas, são impelidos por forças antagônicas e riscam embates simbólicos no universo do conhecimento.

Em se tratando do processo da ‘construção’ cultural --- intelectual e social de um campo, o teórico francês afirma que todo *campo* estabelece seu caráter de autonomia lastreado pela capacidade de conquistar, definir e validar suas próprias leis, princípios e normas que o regem.

O desenho para constituição de um campo e, portanto, em direção a sua autonomia --- “para aquilo que o distingue e o define de modo exclusivo” --- ocorre mediante processo de “depuração”,⁴⁷ levando-o a isolar aquelas que são consideradas suas atividades especializadas das determinações exteriores e estranhas ao campo. Tal caráter repousa na noção pela qual, por exemplo, *a Ciência e a Arte são percebidas em si mesmas e por si mesmas*, o que se faz entender “por padrões que lhe são próprios”,⁴⁸ qual seja, a independência quanto às injunções impostas pelas relações com demais esferas.

Nesses campos autônomos do conhecimento o processo de produção do sentido --- o poder ou a força que os espaços do saber

⁴⁴ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 102.

⁴⁵ BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 278.

⁴⁶ HOCHMAN, G. Op. cit. p.228.

⁴⁷ BOURDIEU, P. 1989. Op. cit. p. 286, 285.

⁴⁸ BOURDIEU, P. 1986. Op. cit. p. 100.

detêm sob diversos matizes; visa à legitimação da *posição hegemônica*, aquela que deve ser mantida ou aquela a ser ocupada por representar-se como detentora da 'verdade' (interpretação que as comunidades conotam como de ordem universal e não de natureza arbitrária, como de fato se apresenta) a ser defendida e que será difundida no(s) campo(s).

4.2 FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO E INTERDISCIPLINARIDADE: DESLIMITES E PERMEABILIDADE.

A segmentação representada pelo termo *fronteira disciplinar*, organização espacial de vizinhança das diferentes interpretações no espectro do conhecimento (“realidades” geradas pelos sistemas simbólicos), traçando desenho resultante de linhas imaginárias indicadoras de um ‘marco divisor’ ou ‘barreiras de território,’ configurando campos do conhecimento, faz algum tempo que demonstra não estar conseguindo sustentar o cálculo da sua rigidez formadora em diversas das configurações disciplinares. E isto se dá na medida em que se percebe, que está sendo efetivada nesses locais temáticos do conhecer, a ocorrência de relações entre disciplinas. No âmbito dos estudos epistemológicos, o tema dos movimentos interativos entre domínios do conhecimento encaminha e formaliza para o que se denomina, na atualidade, de Estudos Interdisciplinares (Interdisciplinary Studies).⁴⁹

A fronteira, explicita Japiassu,⁵⁰ é indicador tipológico --- podendo-se acrescentar: e metáfora topológica --- da relação mantida pelo interdisciplinar na medida em que o sentido aponta para “modalidades possíveis de colaboração que são outras tantas formas de interdisciplinaridade.”

As reflexões, no contexto dessas discussões acerca das práticas interdisciplinares, conduziram para o “*trabalho de fronteira*” (boundary work), termo que se permitiu traduzir pela denominação “*conhecimento*

⁴⁹ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 57-66.

⁵⁰ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 89.

fronteiriço”, por representar a idéia do processo que se dá na zona de confluência das fronteiras do conhecimento, seção do domínio que estaria representando o espaço da interação --- “pequena zona de recobrimento” existente nas áreas / disciplinas envolvidas, o mesmo que “fronteira comum”⁵² (zona comum). O termo assinala conceito e ação englobando o “conjunto de argumentos, atividades e estruturas institucionais que definem e protegem as práticas do conhecimento.”⁵³

A noção e as práticas interdisciplinares --- o trabalho de fronteira / conhecimento fronteiriço --- apresentam variedades de designações e sentidos (muitas vezes podendo causar equívocos), em virtude da idéia estabelecida em torno do processo de interação disciplinar envolver tarefas diversificadas tanto em nível humano como em nível de categorias.⁵⁴ As variações se evidenciam na disputa travada no contexto terminológico que designa “determinado cruzamento de fronteira como troca subdisciplinar, filiação multidisciplinar, solução interdisciplinar, abordagem integradora, projeto participativo, paradigma transdisciplinar, ou crítica disciplinar cruzada.”⁵⁵

Nos estudos de Klein e de Japiassu enfocando as discussões de autores europeus e americanos, verifica-se um ponto peculiar e comum que transparece na determinação do sentido emprestado ao conceito de interdisciplinaridade, permitindo-se assinalar que o quadro comportando o interdisciplinar reflete noções variadas e, procurando explicitá-lo, revela um nicho para abrigar o livre trânsito de disciplinas entre campos, tornado patente no emprego de determinada disciplina designado como ‘aplicação’.

O termo *aplicação* é compreendido como o exercício que determinada disciplina faz em outros campos específicos do

⁵² Idem. Ibidem. p. 89.

⁵³ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 1.

⁵⁴ BROIODO, Jonathan. Interdisciplinarity: reflections on methodology. In: KOCKELMANS, Joseph. (Ed). Interdisciplinarity and higher education. University Park: Pennsylvania State University Press. 1979. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 10.

⁵⁵ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 10.

conhecimento, desse modo, transitando fora daquele que é o seu próprio domínio. Esse comportamento, o uso de instrumentos práticos ou teóricos das disciplinas em outros campos, ainda, associa-se à imagem da 'horizontalidade' que determinada disciplina detém, na medida em que aquilo que lhe é particular perpassa outros domínios, de modo independente, sem implicar em reciprocidade, como se preconiza que deva ocorrer nos processos interdisciplinares.

A princípio, e de acordo com tal configuração, movimentos no molde da aplicação fazendo-se presente no panorama do interdisciplinar poderia mostrar-se incompatível, no entanto, torna-se compreensível pois se identifica nesse exercício de certo conhecimento em outra área / disciplina e organismos que, em circunstâncias peculiares, possibilita compor condições propiciatórias para a convergência de práticas das quais emerge pelo processo de cruzamento das atividades a interdisciplinaridade.

Em contextos do conhecimento científico afetos a tal ocorrência a exemplo da Museologia e da Ciência da Informação, a questão da aplicação aparece e pode ser confundida. Tanto que, com referência à Ciência da Informação, Pinheiro comenta: "É fundamental esclarecer que uma área de aplicação pode apresentar contribuições interdisciplinares."⁵⁶

Passa-se, por motivo dessa capacidade de contribuição apresentada, a não alijar do contexto da interdisciplinaridade as possibilidades que o comportamento e sentido atribuído à *aplicação* pode oferecer, portanto, para a ocorrência interdisciplinar.

É, exatamente, para o reconhecimento da configuração que (entre)cruza determinadas fronteiras entre tantos diferentes conhecimentos, que a *interdisciplinaridade* volta o seu olhar e o seu exercício, no *ato de religar*, visto que vasta área do conhecimento já se

⁵⁶ PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT. 1999. Cap: Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. p. 176.

⁵⁸ LIMA, D. F. C. 1995. Op. cit. p. 18

havia permitido operar movimentos passíveis de um processo da ordem de 'deslimites' ⁵⁸ entre saberes seccionados. E, ainda, fora observado, ⁵⁹ em se tratando do discurso epistemológico referente a várias disciplinas, indicações que a perspectiva monofocal, ou (uni)disciplinar, não dava conta de cobrir a totalidade do seu objeto, produzindo, somente, uma visão parcelar do homem, da natureza e das inter-relações daí advindas.

Em virtude das áreas / disciplinas apresentarem limitações que lhes são próprias pela constituição formadora, elas não estão aptas a responder a todas questões. Recorrer às demais áreas permite expandir o raio de alcance da visão, pluralizando a perspectiva da construção do saber (e sem desdouro algum: suprir as carências que cada disciplina enfrenta, solitariamente).

"Ora não podemos esquecer-nos de que toda visão monodisciplinar, pela definição que ela nos fornece de seu fenômeno, pelas variáveis que retém, pela análise que escolhe e pelas conclusões a que chega, só pode atingir certo sentido parcial e limitado da realidade de que foi 'destacada' sua realidade. Ademais é inegável que a visão unidisciplinar fragmenta necessariamente o objeto e é levada a reduzi-lo à sua escala própria. É por isso que devemos conceber a *démarche* interdisciplinar, antes de tudo, como o esforço de reconstituição da unidade do objeto que a fragmentação dos métodos inevitavelmente pulveriza." ⁶⁰

No campo dos estudos do conhecimento os deslocamentos e deslizos --- *deslimites* --- que rompem o critério da divisão das áreas disciplinares, apresentam-se como exemplos de ocorrências que denotam a forma interdisciplinar sendo ativada. São comportamentos que, analisados, indicaram operações favoráveis para a verificabilidade científica, encontrando respaldo nas proposições conceituais e práticas que são demandadas pelos estudos dedicados à interdisciplinaridade.

⁵⁹ GUSDORF, G. In: JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 7-27.

⁶⁰ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 67.

Cabe, segundo a perspectiva do entendimento da existência de interpenetração e reorganização dos saberes científicos, na linha argumentativa que aborda o fato do fenômeno conhecimento estar se tornando “de modo crescente interdisciplinar”, apontar, à guisa de ilustração para esse acontecimento, duas razões consideradas como elementos representativos da situação de mudança que está acometendo o universo do saber. Podem ser exemplificadas seja pela “invasão nas pesquisas” de saberes de determinadas ordens em outras ordens de conhecimentos, como pela “capacidade permeável da fronteira” ⁶¹ (permeation) que se evidencia em “três níveis: disciplina, especialidade e o critério de demarcação que diferencia uma disciplina da outra”. ⁶²

A idéia da fronteira como “*membrana permeável*” toma as disciplinas como unidades capacitadas à absorção. A fronteira, em virtude dessa qualidade -- *porosidade*, é capaz de promover a incorporação dos elementos que atravessam e transbordam terrenos do conhecimento. Tanto a imagem da membrana permeável quanto àquela referida ao deslimite são identificadas, também, à *flexibilidade das fronteiras* e, portanto, aos movimentos de expansão que não só alcançam, mas ‘tocam’ outros espaços do saber estabelecendo, por esse modo, *contatos*.

4.3 AMBIÊNCIA INTERDISCIPLINAR: ENTRE A NATUREZA E A PRÁTICA

Klein, ⁶³ no estudo sobre formação interdisciplinar no qual “aprofunda e desenvolve o conceito de trabalho de fronteira / conhecimento fronteiriço”, ao analisar a literatura produzida, aborda o que

⁶¹ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 38-39.

A autora trata desse assunto, conforme referência que faz na fonte que está sendo consultada nessa tese, em duas outras obras suas:

KLEIN, Julie Thompson.. *Blurring, cracking, and crossing: permeation and the fracturing of discipline*. In: MESSER-DAVIDOW, Ellen., SHUMWAY, David R., SYLVAN David J., (Ed.). Knowledges: historical and critical studies of disciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia. 1993.

KLEIN, Julie Thompson. Interdisciplinarity: history, theory, and practice. Detroit: Wayne State Univ. Press. 1990.

⁶² KLEIN, J. T. Op. cit. p. 12-13.

⁶³ Idem. Ibidem. p. 2.

denominou “previous studies”, podendo ser traduzidos como estudos preliminares ou prévios (embora tais termos em Português não consigam expressar o sentido que se depreende do texto de Klein, ou seja, que não teriam atingido o ponto central da questão), como trabalhos que “ênfatizando a formação e manutenção de fronteiras” expõem tendências para tratar a questão “do cruzamento de fronteiras como anomalia, evento periférico ou como estágio do desenvolvimento”, quando, no entanto, reconhece-se que o problema de fronteiras é universal e o *cruzamento de fronteiras disciplinares* consubstancia o impulso ou o ‘salto’⁶⁴ interdisciplinar que se projeta sobre e para além dessas mesmas fronteiras, revelando “ultrapassagem” obtida pelo “esforço de superação.”⁶⁵

A circunstância dos estudos que tratam de modo equivocado a compreensão do fenômeno do “*cruzamento de fronteira* / “*fronteira cruzada*” (crossing boundary), levou Klein a destacar que “as interações e reorganizações criadas pelo cruzamento de fronteira configuram o ponto central para a produção e organização do conhecimento, assim como para a formação e manutenção da fronteira”, demonstrando que, nessa última perspectiva de apropriação (manutenção), pode-se depreender que esteja instalada a força da resistência às mudanças.

Parece que a essa altura da reflexão, talvez seja possível associar o ‘aviso’ dado por Klein, aventando a duplicidade do uso que se pode fazer do sentido atribuído ao cruzamento de fronteiras disciplinares, ao entendimento do poder simbólico enfocado por Pierre Bourdieu que legitima o modelo e ação a serem aceitos, escamoteando sob a estratégia das significações emanadas da *força do sentido*. Estaria, nesse caso,

⁶⁴ Quando se escreveu esse trecho da tese, elaborando a idéia da interdisciplinaridade como um salto do conhecimento multi e interdirecional que não reconhece limitações, ainda não se havia tomado conhecimento do texto da Professora Gilda Maria Braga tratando do “salto conjunto” / “área consiliente”. Quando a orientadora, Professora Lena Vania, numa daquelas ‘famosas’ leituras pelas quais toda tese passa, defrontou-se com o assunto, imediatamente recomendou o texto. Em razão de a tese abordar a interdisciplinaridade na Ciência da Informação, em especial, no capítulo 5, optou-se por ‘trabalhar’ o texto da Professora Gilda nesse local.

⁶⁵ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 65.

assistindo-se ao recurso da estratégia reativa da disciplinaridade, lutando face à interdisciplinaridade ?

Parece haver pertinência em formular esse pensamento, levando-se em conta que a interdisciplinaridade pode ser identificada como *paradigma emergente* desafiando a “metáfora prevalente da posição central da disciplinaridade” ⁶⁶ e, portanto, com capacidade de manobra para desestabilizar o poder hegemônico – a ordem disciplinar (que se entende como unidisciplinar).

As atividades interdisciplinares cruzam múltiplas fronteiras, por não estarem restritas tão somente às ocorrências disciplinares ou ao mundo acadêmico,⁶⁷ desenvolvendo vários trabalhos e o

“resultado inevitável de tanto estudo interdisciplinar, embora não seja sua proposta aparente, tem sido disputar ou desordenar os entendimentos convencionais das relações entre o mais fundamentais conceitos da descrição do conhecimento -- origem e fim, centro e periferia, foco e margem, dentro e fora...” ⁶⁸

Nos estudos da ciência, “espaço no qual o conceito [*conhecimento fronteiroço*] se originou” --- não obstante o que se abordou, agora, nas linhas imediatamente antecedentes --- tem havido considerável ampliação do raio do foco do olhar teórico, cujo peso que, antes, pendia para “as formações disciplinares” ⁶⁹, paulatinamente, foi sendo dirigido e se “aplicou o conceito às atividades interdisciplinares.” ⁷⁰ O que se está verificando é o fenômeno da confluência das áreas disciplinares, a ocorrência do conhecimento fronteiroço “em todos os campos do

⁶⁶ LEMERT, Charles. C. The Shallowness of depth. *Liberal Education*. 75, 7: 1989. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. p. 4.

⁶⁷ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 2.

⁶⁸ HUBERT, Ludwig. Editorial. *European Journal of Education*. 27, 3: 1992. Apud KLEIN, J. T.. Op. cit. p. 4.

⁶⁹ GIERYN, Thomas. Boundary-work and the demarcation of science from non-science: strains and interests in professional ideologies of scientists. *American Sociological Review*. [S.l.] 48. 1983. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 1-2.

SHAPIN, S. 1992. Op. cit. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 2.

⁷⁰ Conforme verificou o estudo realizado por Donald Fisher (1990-1993) analisando a produção registrada no Conselho de Pesquisa em Ciência Social, nos Estados Unidos. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 2 –3.

conhecimento já que o problema de fronteiras é universal”, considerando-se que o modelo padrão da disciplinaridade vem apresentando inclinações voltadas para “promover normas de interdisciplinaridade relacionando ou integrando teorias existentes, modelos e conteúdos por meio de cooperação”. E o termo “*fronteira*”, ao longo do tempo e nos domínios especializados, tornou-se a “nova palavra-chave nas discussões do conhecimento”.⁷¹

Ainda, torna-se conveniente explicitar, com outras palavras, que a *questão interdisciplinar*, segundo Japiassu,⁷² está apoiada no entendimento que afirma: “a realidade é necessariamente global e multidimensional”, desse modo, não se “exclui a diversidade de interpretação, mas reclama[-se] um pluralismo de perspectivas”. Assim, no plano geral, o nível das teorias “e o [nível] das aplicações” instaura “uma relação dialética de auto-implicação”. E tal processo pode ocorrer tanto em relação a qualquer ciência particular quanto com referência à integração das disciplinas científicas.

4.4 ESPAÇOS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES: ORGANIZAÇÃO E ATUAÇÃO

A *interdisciplinaridade* trata e abrange no universo do conhecimento a investigação que, sob um projeto de ordem comum, procede à combinação de modelos teóricos e práticas próprias a diferentes disciplinas / áreas, integrando conceitos, métodos distintivos e complementares dirigidos ao entendimento para resolver determinado problema. Elabora, nesse contexto de heterogeneidade de práticas, as denominadas *pesquisas Interdisciplinares*⁷³ --- englobando a designação pesquisas orientadas (termo usado nos meados dos anos 70/80) --- que, permitindo gerar uma linguagem comum, tornam-se capazes de formalizar, sobretudo, os domínios do saber reconhecidos como *áreas interdisciplinares*.

⁷¹ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 2-4.

⁷² JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 53, 87, 204.

⁷³ Idem. Ibidem. p. 53, 87, 204.

A *interdisciplinaridade*, tomando-se por base o estudo de Georges Gursdorf,⁷⁴ apresenta-se como postura crítica e modelo alternativo de cunho acadêmico e social (“sócio-filosófico”), que renova e muda domínios metodológicos, “abrigoando e obrigando à pluralidade como possibilidade de construção de conhecimento”⁷⁵ sob a égide epistemológica da noção interativa, ou melhor, segundo a acepção do conhecimento que acolhe reflexões provenientes das outras disciplinas e, também, da intervenção efetiva na realidade identificada como “ação concertada”.

A *ação concertada*⁷⁶ --- o termo *concerté* já era usado nos meados dos anos 70 na França, sendo seu uso correlato ao nomeado nos Estados Unidos de “field induced” ou “problem focused” e, ainda “field induced researches” --- exemplificando a noção de processo induzido ou atendendo a estímulos e que envolve a atividade relacionada às *pesquisas orientadas*, cujo sentido indica aquelas pesquisas que são produzidas sob propósito comum (são requeridas) para atender necessidades de diferentes domínios do conhecimento, desse modo representando a categoria que, na acepção e na prática da interdisciplinaridade, diz respeito ao processo de intermediação que procura superar o isolamento ditado pelos núcleos distintos das pesquisas apontadas como de ordem fundamental e de ordem aplicada. Essa nova situação proposta para pesquisa

“vai além do quadro de referência que poderia fazer dela uma simples aplicação do saber adquirido para comportar uma função essencialmente crítica de um saber e um caráter bastante inovador das pesquisas científicas”.⁷⁷

A pesquisa orientada que, atualmente, se identifica àquela nomeada de *pesquisa integrada*, conforme designa o CNPq, apresenta-se

⁷⁴ GUSDORF, G. Op. cit. In: JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 7-27.

⁷⁵ MORAES, N. A. de. Op. cit. p. 11.

⁷⁶ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 54, 137, 204.

⁷⁷ Idem. Ibidem. p. 44-46, 107, 142-144.

tendo por base os níveis teórico e prático indissociados, sendo considerada “a pesquisa que é práxis.”⁷⁸

A ocorrência do fenômeno interdisciplinar tem lugar nas áreas disciplinares, sob o ponto de vista teórico ou epistemológico, quando as disciplinas “ingressam num *processo de interação ou colaboração*” que está relacionado às suas estruturas e aos mecanismos comuns e, ainda, quando as disciplinas atuam como “*disciplinas cooperantes*”,⁷⁹ em virtude dos “possíveis métodos comuns” que são por elas instaurados.

O quadro que se está descrevendo apresenta indicadores que, no bojo dos Estudos Interdisciplinares, dizem respeito ao explicitado *cruzamento de fronteira* (crossing boundary), estando relacionados ao processo formador das “*interlinguagens*”, das “*comunidades híbridas e de funções profissionais*”, como também das “*zonas de intercâmbio [negociação] de interação*”, “definindo e legitimando” as argumentações provindas da condição interdisciplinar.⁸⁰ Tais acontecimentos, que emergem do exercício da prática, ocorrem dentro e fora do ambiente acadêmico, lembrando que esse setor não detém a exclusividade da interdisciplinaridade.

Os diversos espaços do conhecimento, ou das diferentes realidades disciplinares, atuando dentro dessa modalidade coletiva, estabelecem o denominador comum para a reflexão epistemológica e para intervenção concreta que, conjuntas, buscam soluções, emprestando significados para compreensão dos problemas, voltadas ao atendimento das indagações e necessidades que vão surgindo, ao longo dos tempos, no universo do saber e na sua prática social.

⁷⁸ COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. Ensino Superior e Interdisciplinaridade: um caminho para a transformação no limiar do século XXI. *Raízes e Rumos*. Rio de Janeiro, n. 3, ano 2, p. 17-19. 1 semestre. 1995.

⁷⁹ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 121-125, 68, 43-44.

⁸⁰ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 2.

4.4.1 Mudanças e forças interdisciplinares repercutindo no mundo intelectual e acadêmico

Os anos 60/70 marcam o período no qual a idéia da interdisciplinaridade estava fortemente entrelaçada às solicitações difundidas no mundo intelectual e acadêmico para reestruturação do conhecimento e da sociedade. Dentre o conjunto de motivações coletivas, isto é, sociais, que insere e caracteriza, no contexto do pensamento dessa época, o estado da prática da interdisciplinaridade, nomeado por mais de um teórico como um “sinal dos tempos”, “resultado de uma época” ou a “inovação da era”, merecem menção àquelas formas transformadoras identificadas como “novo conhecimento e novas demandas nos currículos”.⁸¹

As mudanças, novas formas, estão relacionadas à “metodologia do estudo do conhecimento” como decorrência de várias “pesquisas convergentes” que impulsionaram para “além da epistemologia”, agregando “... estudos etnográficos, análise de discurso, análise de citação, crítica historiográfica, pesquisa em arquivos e análise empírica de lugares e espaços, assim como análise organizacional do sistema de educação superior”.⁸²

Encontrava-se sob o foco da necessidade de mudanças, no caso específico da organização do sistema educacional, o modelo organizacional que, há longo tempo, funciona na Universidade. Esse tema, localizado no epicentro das questões didático-pedagógicas, fazia-se representar, como ainda se faz, pela questão da Universidade sob tutela de tendência estrutural consolidada nas instituições acadêmicas orientadas para a fórmula da “grande especialização, profissionalização, departamentalização e fragmentação.”⁸³

A modificação, nesse quadro, é devida, também, à investigação e ao enfoque dados ao “histórico do desenvolvimento da interdisciplinaridade”

⁸¹ SCHÜTZE, H. G. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 1.

⁸² KLEIN, J. T. Op. cit. p. 2.

⁸³ Idem. Ibidem. p. 3 -4.

contemplando a organização e a produção do conhecimento interdisciplinar ⁸⁴ que, inclusive, se fez alternativa ao modelo de atomização e isolamento da fronteira do conhecimento, ou qualquer outro termo segundo o elenco de metáforas que a identifica, o qual já se mostrou em páginas anteriores.

A posição da interdisciplinaridade representando alternativa para pensar o modelo que constitui ação no campo do conhecimento, credita sua qualificação e reconhecimento na categoria de paradigma emergente, conforme houve ocasião de se mencionar.

Os estímulos da coletividade intelectual e acadêmica postulam e acionam pressões indutoras que investem no rompimento das fronteiras (a metáfora da ruptura) e tendem a reformular as unidades do conhecimento, configurando reorganização do saber. O complexo de impulsos elaborado pelas “pessoas [que] trabalham engajadas nas instituições”, volta-se para “criar, manter, romper e reformular fronteiras entre unidades do conhecimento”.⁸⁷ Nessa arena social do saber, movimentam-se as forças que impulsionam em direção à composição que se desenrola fomentando, na interseção das fronteiras, aquela *zona comum* do conhecimento fronteiriço (trabalho de fronteira).

Cabe lembrar que o campo universitário, compreendendo um domínio no universo do conhecimento, constitui, conforme a *teoria geral dos campos* e a sociologia dos *sistemas simbólicos* tratados por Pierre Bourdieu, um *domínio de significações* e, como qualquer outra área no mundo social / cultural, apresenta-se, segundo Klein,⁸⁸ que faz uso do modelo teórico de Bourdieu para fundamentar sua análise, como “lôcus de lutas para determinar as condições e os critérios de legitimação dos membros e da hierarquia”. As áreas / disciplinas por sua vez, sob o ponto

⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 2.

⁸⁷ Idem. Ibidem. p. 1.

⁸⁸ Idem. Ibidem.. p. 5.

de vista sociológico, encontram correspondência em “corpos sociais organizados” no meio dos quais viceja o “jogo” das “rivalidades” e da competição.⁸⁹ O modelo organizacional da departamentalização, linhas acima abordado, pelo perfil que apresenta, é ambiente que favorece a competições simbólicas.

A autora, com respeito ao conceito de interdisciplinaridade, adverte que se trata de conceito controvertido que se encontra instalado no campo universitário revestido sob várias formas de alegações. Essa assertiva leva a considerar que é possível, então, seguindo a trilha da perspectiva teórica de Bourdieu interpretando a *força do sentido* (produção de significações -- “objectivas”, o mesmo que intencionais), dizer que a interdisciplinaridade combate, no espaço do saber acadêmico, usando como estratégias de luta para sua legitimação a defesa dos diversos argumentos coexistentes que o campo simbólico gera.

A interdisciplinaridade que, no cenário da academia, “nasceu da necessidade das universidades para que elas alcançassem sua própria renovação”⁹⁰ e é apontada, também, por Japiassu como “exigência interna das ciências humanas”⁹¹ (termo usado pelo autor como consignando o espaço da Ciências Sociais), encontrou ambiente fecundo para o seu desenvolvimento --- sobretudo, anos 60/70, período no qual a “interdisciplinaridade tornou-se uma força reconhecida no espaço das pesquisas”⁹³ --- por meio de energia solicitante que sobre ela atua, tendo sido apontada na pesquisa de Klein sob a forma de um princípio descrito como força de caráter endógeno e exógeno.

A pressão é exercida de maneira permanente, em nível de investigações e nível de atividades operacionais, apresentando movimentos que podem oscilar tanto para a condição do equilíbrio dessas duas forças oponentes quanto para aquela da inclinação direcionada a

⁸⁹ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 29.

⁹⁰ SCHÜTZE, H. G. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 8.

⁹¹ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit.

⁹³ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 9.

qualquer uma das faces dessa energia, não obstante ser possível argumentar que elas se apresentam indissociáveis em razão do teor de dualidade conotado, fazendo pensar que uma não existe sem a outra pelo próprio princípio de constituírem *unidade solicitante*.

Ao ser caracterizada como *interdisciplinaridade exógena à universidade* ela teria sido “originária dos momentos constantemente criados pelos problemas ‘reais’ da comunidade e a demanda que as universidades executam para sua missão social plena”; e ao ser distinguida como *interdisciplinaridade endógena à universidade*, ela estaria “alicerçada na produção de um novo conhecimento com intuito de realizar a interação do conhecimento.”

Apresenta-se, nesse caso específico de formação de um novo saber, outra modalidade gerada pelo cruzamento de fronteiras do conhecimento e vinculada, ao mesmo tempo, às “novas estruturas institucionais” e às “novas categorias do conhecimento”.⁹⁴

Deve-se levar em consideração que tais posturas argumentativas, fatores ou movimentos endógenos e exógenos que modulam a coexistência, não prescrevem o isolamento de cada face interdisciplinar, e sim, deixam antever a unidade do processo *face e contra-face* que sustenta a questão interdisciplinar (imagem do interdisciplinar estabelecendo o ponto de equilíbrio das forças), ou dizendo de outra maneira: não pode haver produção de Conhecimento dissociada da Realidade.⁹⁵

⁹⁴ Idem. Ibidem. p. 2.

⁹⁵ EISEL, Ulrich. About dealing with the impossible: an account of experience in landscape planning courses. European Journal of Education. 2, 3, 1992. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 12-14.

4.4.2 Novos campos - novos signos do híbrido, do repositório, da interdisciplinaridade estrutural traduzindo empiria / teoria.

A ocorrência em áreas do conhecimento de movimentos culminando na “*interseção de...áreas do conhecimento*”,⁹⁶ sinaliza o processo de ‘preenchimento’ daquela zona de fronteira comum existente nas disciplinas geradoras do novo campo.

Os campos criados a partir da “*fertilização cruzada*”,⁹⁷ resultantes dessas mudanças de formação complexa, revelam o perfil da interdisciplinaridade desenhando novo traçado na paisagem do conhecimento e dando lugar aos campos híbridos, a exemplo daqueles como “da gerontologia, das ciências cognitivas, da arte comparada, dos estudos da mulher, da ciência e tecnologia, da política ambiental (Ecologia).”⁹⁸

O uso do termo *híbrido* caracteriza, na terminologia interdisciplinar, a fermentação das “*interações heterogêneas*”⁹⁹ produzida pelo conhecimento fronteiriço, espelhando a fertilização cruzada formadora dos domínios do saber.

Os estudos desenvolvidos por Star e Griesmer, no tema da estruturação de novos campos do conhecimento (Ecologia),¹⁰⁰ enfocando condições que despertam e acolhem a germinação das composições interativas calcadas na reciprocidade, distinguem na categoria “*objeto(s) fronteiriço(s)*” (boundary objects) --- termo que foi aplicado na Lingüística

⁹⁶ PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. 1997. 278 f. Tese. (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação-ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro. Orientador Gilda Maria Braga.

⁹⁷ Conforme anteriormente mencionado o termo *fertilização cruzada* é usado tanto por Foskett como por Klein.

KLEIN, J. T. Op. cit. p. 9.

FOSKETT, D. J. A. 1980. Op. cit. (Artigo em 1973).

⁹⁸ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 47.

⁹⁹ Idem. Ibidem. p. 49.

¹⁰⁰ STAR, S. Leight., GRIESMER, James R. Institutional ecology, “translations” and boundary objects: amateurs and professionals in Berkeley’s Museum of Invertebrate Zoology. Social Studies of Science. 19. 1988. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 49- 51.

exprimindo a “indeterminabilidade da linguagem natural” ¹⁰¹ --- aquele espaço dotado de qualidade geradora, nomeado “*repositório*” (repository) e representado pelo museu e pela biblioteca, local de estudo e de guarda de bens culturais. O repositório “atua como sítio comum para a prática que envolve membros de diferentes campos”, as comunidades híbridas por excelência, dando vez ao fenômeno da interação de fronteiras (ou “interações heterogêneas” representando o “*conceito de fronteira*” – boundary concept, “para explicar alguma coisa que repousa no cerne do trabalho interdisciplinar”, segundo, ainda Star e Griesmer).

Na perspectiva dos estudos ligados à Filosofia, Sociologia e História das Ciências e de acordo com Ilana¹⁰² mencionando Star e Griesmer (tomando por base publicação enfocando o museu universitário de Ciência Natural -- Berkeleys Museum of Invertebrate Zoology que, também, foi referenciada por Klein), os sociólogos da Ciência utilizam o termo *objeto fronteiroço* para descrever as “entidades que apresentam estruturas frágeis no uso comum, e são fortemente estruturadas no uso local individual”.

Löwy, analisando a pesquisa biomédica desenvolvida no espaço “misto” (usado com mesmo sentido de interdisciplinar) do laboratório, explicita que os objetos / entidades fronteiroços “facilitam as interações heterogêneas entre mundos sociais distintos”. Afirmar que o objeto fronteiroço permite que seja construído a partir do denominado “núcleo rígido”, compreendido como “uma zona de acordo entre os grupos profissionais que interagem”, e a partir do que denomina “periferia difusa”, entendida como “indistinta, que é diferente para cada grupo”. Estão representadas nessa composição tanto as formulações determinadas para as características que definem a feição do objeto fronteiroço aceita

¹⁰¹ LÖWY, Ilana. Fleck e a historiografia da recente pesquisa biomédica. – tópico 4. “Objetos fronteiroços”, “conotações”, “traduções” e “zonas de negociação”: instrumentos de aferição para a historiografia da pesquisa biomédica Tradução do original inglês Gilda Gomes Carneiro. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 247-248.

¹⁰² Idem. Ibidem. p.248.

comumente pelos grupos envolvidos em processos interativos (híbridos), como aquelas estabelecidas sob diversas formas apresentadas pelo objeto fronteiro em comunidades de diferentes tratamento.

Os objetos fronteiros / entidades, , adotam adaptam “elementos do estilo de pensamento” de determinadas comunidades, aplicando “conjunto específico de técnicas”.

Ainda segundo a autora, atuam como “artifícios” (estratégias) que abrem caminhos para desenvolver “zonas de interesse”, “zonas francas”, identificadas ainda a “zonas de negociação” e reconhecidas, no universo do saber, como “zonas de interação entre mundos sociais heterogêneos”. Esses espaços que, também, foram identificados por Klein, configuram aquela mesma área de recobrimento correspondente ao desenho da fronteira comum que identifica a relação interdisciplinar, conforme já mencionado por Japiassu.

A interação das fronteiras do conhecimento atinge, nesse panorama do pensamento e da ação interdisciplinar que se está descrevendo, o que se entende sob perspectiva epistemológica como “*interdisciplinaridade estrutural*”,¹⁰⁴ isto é, quando o processo formador dá lugar a um novo espaço do saber, que se elaborou tomando como fundamento a união do conhecimento teórico e metodológico de duas ou mais áreas / disciplinas

Embora o termo interdisciplinar apresente-se, ainda, suscetível de “um sentido epistemológico único e estável” constituindo um “neologismo” que, seja em relação ao significado quanto ao papel que desempenha, nem sempre é compreendido com o mesmo sentido ou da mesma forma, é inegável que o “fundamento do espaço interdisciplinar deverá ser procurado na negação ou na superação das fronteiras disciplinares”.¹⁰⁵

¹⁰⁴ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 68.

¹⁰⁵ Idem. Ibidem. p. 75-75.

O autor discorrendo:¹⁰⁶

“Não podemos alimentar ilusões: ainda está por ser construída uma teoria do interdisciplinar. ... Neste domínio os encontros são quase sempre *fortuitos* entre os especialistas, resultando quase, invariavelmente de uma *imaginação criadora* e *combinatória* em condições de manejar conceitos e métodos diversos e de colocá-los em presença uns dos outros, dando origem a combinações imprevistas.” (grifo original)

Observa que a interdisciplinaridade, além de “conceito teórico”, formaliza “prática individual” e, do mesmo modo, “prática coletiva”.

No plano individual trata-se de “atitude de espírito” composta de “curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta,” e pela vontade “de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção, levando ao desejo de superar os caminhos já batidos.” E sendo de caráter individualizado é necessário que seja “exercida” em lugar de “aprendida”. Caracteriza-se como “fruto de um treinamento contínuo, de um afinamento sistemático de estruturas mentais.”

Ao ser identificada como de ordem coletiva, e no contexto da “pesquisa propriamente dita”, o autor adverte que “não pode haver nenhum confronto sólido entre as disciplinas sem o concurso efetivo de representantes altamente qualificados de cada uma delas.” Explica que se faz necessário que os envolvidos “estejam todos abertos ao diálogo”, devendo ser “capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros.” E, finaliza afirmando que “essa atitude de abertura” só é obtida “no decorrer do trabalho em equipe interdisciplinar...”

No elenco dos argumentos que servem às explicitações que sustentam as teorizações das relações de interdisciplinaridade, Japiassu,

¹⁰⁶ Idem. Ibidem. p. 81-82.

¹⁰⁷ apresentando estudo calcado em diversos autores acerca das modalidades desse processo, aponta dois tipos e descarta, de imediato, o primeiro, qual seja, a “interdisciplinaridade linear ou cruzada”, já que a cooperação, sob o ponto de vista metodológico, é considerada quase “nula”. Isso ocorre em razão das trocas de informação não serem operadas em nível de reciprocidade, pois a atuação das disciplinas se efetiva segundo relação de subordinação, portanto, afigurando-se como dependente (as disciplinas auxiliares).

Permanece, então, como modelo da construção interdisciplinar que se expõe possuindo caráter aglutinador a *interdisciplinaridade estrutural*, tendo em vista que sua formulação soluciona, unindo, pela convergência das perspectivas da teoria e da prática, as pontas da mesma linha, ou seja, os aspectos difundidos como propostas isoladas, inseridas na problemática do tema da questão interdisciplinar.

“Ao entrar num processo interativo duas ou mais disciplinas ingressam, ao mesmo tempo, num diálogo em pé de igualdade. ... O enriquecimento é mútuo. São colocados em comum, não somente os axiomas e os conceitos fundamentais, mas os próprios métodos. Entre elas há uma espécie de fecundação recíproca. Fecundação esta que dá origem, quase sempre, a uma nova disciplina: bioquímica, geopolítica, psicossociologia, por exemplo. Trata-se de um tipo de interdisciplinaridade que não se efetua por simples adição nem tampouco por mistura. O que há é uma *combinação* das disciplinas correspondendo ao estudo e novos campos de problemas, cuja solução exige a convergência de várias disciplinas, tendo em vista levar a efeito uma *ação informada* e eficaz.” (grifo origina)

No contexto do estudo interpretativo que envolve o processo interdisciplinar deve-se considerar, ainda, conforme menciona Klein,¹⁰⁸ o aspecto denominado *instrumentalismo*, que situa a interdisciplinaridade

¹⁰⁷ Idem. Ibidem.. p. 78-83.

¹⁰⁸ EISEL, Ulrich. Op. cit. p. 239-255. Apud KLEIN, J. T.. Op. cit. p. 12-14.

como “problema empírico”, e o outro nomeado *epistemologia*, apresentando-a “como problema teórico”. Cada um desses modos pode ser exemplificado, respectivamente: “por meio da solução de problemas sociais, tecnológicos e crítica emprestando ferramentas e métodos”; e “pela procura do conhecimento integrado e pela [análise/avaliação] crítica”

As duas formas de entendimento, acima expostas, são correlacionadas por Julie Klein ¹⁰⁹ a dois modelos ou noções explicativas representadas por “duas metáforas identificadas pela Nuffield Foundation“, a saber: A) estabelecendo / construindo ponte (bridge building); B) *reestruturação* (restructuring) e que foram traduzidas respectivamente pelos seguintes termos: A) *processo ponte*; B) *reestruturação interdisciplinar*.

Tomando-se como respaldo a autora,¹¹⁰ torna-se conveniente destacar e enumerar os contrastes existentes entre as duas categorias. Portanto, pode-se determinar para o *processo ponte*, que “é mais comum”, o teor de movimento que se desenvolve no ambiente das “disciplinas tradicionais e consolidadas” e, freqüentemente, ainda, “apresenta-se como aplicação orientada”.¹¹¹ Já, a *reestruturação interdisciplinar* “é menos comum e mais radical” e atua “modificando partes das disciplinas”. Ela se executa, de modo freqüente, incorporando “tanto a crítica do estado das disciplinas que estão sendo reestruturadas como também, implícita ou explicitamente, a estrutura predominante do conhecimento.”

São incluídos como exemplos do modelo *processo ponte*: “Muitos dos projetos operacionais”, ou seja, aqueles considerados pela faceta da função eminentemente prática (são projetos nomeados em inglês de “instrumentals”), os “métodos quantitativos que foram apropriados das ciências” e de ações e estudos entre disciplinas considerados

¹⁰⁹ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 10.

¹¹⁰ Idem. Ibidem. p. 10–12.

¹¹¹ INTERDISCIPLINARITY: A REPORT BY THE GROUP FOR RESEARCH AND INNOVATION. London: Group for Research and Innovation, Nuffield Foundation. 1975. p. 42-47. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 10.

representativos do “primeiro e maior” movimento que houve e foi reconhecido como “interdisciplinaridade nas Ciências Sociais” (embora não apresentasse ainda, naquela época, o conjunto de requisitos que na atualidade são discutidos como elementos para estudo) --- ocorrido no período que data do fim da “I Guerra Mundial até os anos 30,” no século XX.

Em se tratando do modelo *reestruturação interdisciplinar* são enfocadas as formas que executam a “transgressão de fronteiras disciplinares do saber” --- o ‘atravessamento’ que remete aos aspectos da permeabilidade e do deslimes das fronteiras --- e produzem a “geração de novas visões” no universo do conhecimento, considerando-se o mesmo que a formação de um novo saber.

Acolhem-se como exemplos da transgressão de fronteiras --- *reestruturação interdisciplinar*; as práticas feministas e inserem-se nesse contexto os estudos ditos de Gênero, exemplificando a área nomeada Estudos Culturais como um novo território do saber gerado pela formação interdisciplinar,¹¹² que se detectou ter ‘nascido’ nos anos 70, e cujo caráter de “*domínio híbrido*” foi confirmado, também, por Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant,¹¹³ correspondendo ao termo *campo híbrido* usado por Klein.

E, abrindo-se parênteses, deve-se assinalar nas universidades brasileiras a presença de projetos acadêmicos que trabalham sob a égide do interdisciplinar na graduação e na pós-graduação. Pode-se citar entre tantos outros que estão em atividade, dois exemplos. Inicialmente o PACC -- Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que consta de “projeto de ensino, pesquisa e documentação” abrigando “contribuições interdisciplinares

¹¹² PETERSON, V. Spike. Disciplining practiced/practices: gendered states and politics. In: MESSER-DAVIDOW, Ellen, SHUMWAY, David R., SYLVAN, David. (Eds) Preface and Introduction: Disciplinary ways of knowing. Charlottesville: University Press of Virginia. 1993a. p.260. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 11.

¹¹³ BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. Sur les ruses de la raison impérialiste. Actes de la recherche en Sciences Sociales. France. 121/122. p.114, 1er. trimestre, mars, 1998.

produzidas nos centros de Pós-graduação e departamentos” dessa universidade, “além de estabelecer ligações com outras entidades dedicadas à pesquisa no campo dos Estudos Culturais...” ¹¹⁴

Na área da Saúde Pública, o CESTEH -- Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro (FIOCRUZ), cuja “pesquisa interdisciplinar” articula “conhecimentos das Ciências Sociais; da Toxicologia; da Epidemiologia, da Fisiologia do Trabalho; da Clínica Médica, da Engenharia, da Psicologia do Trabalho e da Ergonomia.” ¹¹⁵.

Retomando-se a explicitação acerca de modelos ou metáforas é possível dizer, levando-se em conta os estudos efetuados pelos autores mencionados nas fontes analisadas, que o processo ponte não apresenta tendência para o compromisso da análise / avaliação, caráter próprio da outra noção, aquela de ordem epistemológica, cujo modelo que explicita o interdisciplinar surge sob a forma da crítica (reflexão) “na seleção do problema, a epistemologia das disciplinas que são usadas, ou a lógica da estrutura disciplinar”. ¹¹⁶

Por último, embora seja “menos comum”, é interessante que se mencione a terceira metáfora identificada pela pesquisa da Nuffield Foundation, ¹¹⁷ ao lado daquelas abordadas linhas acima sob as referências do processo ponte e da reestruturação interdisciplinar. Trata-se da “integração transdisciplinar”, dizendo respeito “às antigas noções de unidade e simplicidade assim como em novas buscas para coerência e conexão no mundo moderno.”

¹¹⁴ PACC -- Programa Avançado de Cultura Contemporânea. UFRJ.
Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/pacc/oque.html>>
Acesso em: fevereiro 2003.

¹¹⁵ CESTEH -- Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. FIOCRUZ
Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/deptos/ceste/ceste.htm>>
Acesso em: fevereiro 2003.

¹¹⁶ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 11.

¹¹⁷ INTERDISCIPLINARITY: A REPORT.... Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 10-11.

O termo transdisciplinar foi criado por Piaget ¹¹⁸ esboçando a gradação superior (entre os termos pluri, multi e inter+disciplinar) que açambarcaria um sistema total de níveis e objetivos plurais sobre bases comuns no qual não houvesse fronteiras estabelecidas entre as disciplinas.

4.4.3 Traçado das correspondências interdisciplinares em desenho epistemológico

Ao tratar desses modos interpretativos e suas atividades pertinentes, os modelos conceituais relativos à identificação das práticas da interdisciplinaridade, surgem proposições que marcam a seara das *disciplinas cooperantes* (A) e das disciplinas forjadas na *interdisciplinaridade estrutural* (B), apontadas por Japiassu.

Tomando-se como fio condutor o sentido corporificado pelas concepções e comportamentos atribuídos e exercitados pelas atividades interdisciplinares nas manifestações compreendidas como: *instrumentalismo* (A) e *epistemologia* (B) e, do mesmo modo, aqueles designados como *processo ponte* (A) e *reestruturação interdisciplinar* (B) encontra-se o traço do similar que configura dois segmentos.

A) -- *disciplinas cooperantes / instrumentalismo / processo ponte*

B) -- *interdisciplinaridade estrutural / epistemologia / reestruturação interdisciplinar*

Os três modelos nomeados separadamente de *interdisciplinaridade estrutural*, *epistemologia* e *reestruturação interdisciplinar* representam, sob diferentes denominações, um idêntico modo de interpretação da interdisciplinaridade como modelo do conhecimento, o qual se pode correlacionar, ainda, ao que é indicado por Carlo Ginzburg como *modelo epistemológico*. ¹¹⁹ E, recorrendo-se à leitura feita por esse autor acerca

¹¹⁸ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 72-77

¹¹⁹ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. Cap: 5. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. p. 143-144.

da obra de Thomas Kuhn (fonte de consulta que, também, se recorreu na elaboração desta tese), percebe-se que o termo é usado na medida em que Ginzburg o entende na acepção de paradigma, conforme Kuhn.¹²⁰ Assim, estaria sendo compreendido ao modo do processo das realizações científicas, cujo reconhecimento, considerado universal, assenta-se em tipologias modelares para a solução de problemas que congregam as comunidades profissionais, funcionando tais formas interpretativas como matrizes disciplinares que são compartilhadas pelos grupos envolvidos à feição de um compromisso de crença e comportamento intelectuais. O paradigma se alicerça na concordância que estabelece a tradição, gera a coesão grupal / social e faculta a reprodução desse mesmo modelo interpretativo entre os espaços que abrigam as comunidades por tempo indeterminado, até que outro modelo tome o seu lugar e passe a ser o paradigma vigente, instalando-se como hegemônico.

Torna-se importante (re)lembrar, nesse momento, que a interdisciplinaridade é considerada sob a forma de paradigma emergente no universo do saber.

O espaço no qual vicejam os paradigmas científico, artístico, religioso, universitário, entre outros domínios específicos da realidade social, permite ser identificado à metáfora mencionada por Klein ao abordar os argumentos e os diferentes termos usados acerca do conhecimento e, por sua vez, trata-se do 'construto' *campo* formulado por Bourdieu e, por extenso, o poder simbólico, conforme se explicitou. E, ainda sob a inspiração do estudo de Bourdieu, o paradigma como matriz cultural encontra sua correspondência no Habitus, forjando e regulando formas expressivas do modelo e da ação social do campo.

Finalizando essa parte, pode-se considerar que o termo modelo epistemológico e sua interpretação espelham semelhança à síntese abrangente exercida pela interdisciplinaridade estrutural que,

¹²⁰ KUHN Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva. 1992. Cap: Prefácio. p. 13.

referendando a “visão de complexidade na ciência”,¹²¹ transcende as limitações impostas por cada uma das outras duas metáforas: instrumentalismo e processo ponte quando mantidas ao nível das perspectivas isoladas para explicação da interdisciplinaridade. Nesse desempenho para transcendê-las, o movimento executado pelo interdisciplinar incorpora-as ao seu ‘modelo epistemológico’. Esse movimento se afigura compatível com a imagem do ‘salto’ interdisciplinar.

Realizando exercício de reflexão a partir desse comportamento de incorporação, ou síntese, que é praticado pela interdisciplinaridade, e retomando-se a correlação que foi efetuada (parágrafos acima) entre as disciplinas designadas como

A) -- instrumentalismo / processo ponte (que se havia selecionado sob padrão de semelhança A, segmento no qual se situava, ainda, a disciplina cooperante);

B) -- e aquelas apontadas como *epistemologia / reestruturação interdisciplinar* --- o mesmo que *interdisciplinaridade estrutural* (selecionadas sob padrão de semelhança do segmento B);

verifica-se que:

-- a tipologia apontada sob a feição denominada disciplina(s) cooperante(s), que fora localizada, também, na categoria (A) e assim estava situada no mesmo padrão das duas metáforas (instrumentalismo / processo ponte) assinaladas pela letra (A), sofre, agora, em razão desse mecanismo integrador o mesmo efeito incorporador que atingiu as outras disciplinas representadas por (A).

O processo em questão, portanto, promove e estabelece para a disciplina cooperante, nessa condição, a inserção no movimento

¹²¹ UNESCO. First World Congress on Transdisciplinarity. Setúbal, Portugal, 2-7 november 1994. Cosponsored by the Group on Transdisciplinarity Studies at UNESCO, The International University of Lisbon, and Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires. [S.l. : s. n.]. [1994?]. Apud KLEIN, J. T. 1996. Op. cit. p. 10-13.

interdisciplinar, ou seja, age agregando os segmentos / categorias das disciplinas (A) e (B).

A superação das diferenças entre as categorias, processando a incorporação pelo modo da síntese, realiza-se tendo em vista que a *interdisciplinaridade estrutural* está embasada no conceito que rege a modalidade da ação concertada, o mesmo que pesquisas de orientação integrada (orientadas, integradas ou interdisciplinares), portando, determinando a relação unívoca entre os planos da teoria e da prática.

Do mesmo modo cabe lembrar que a *interdisciplinaridade estrutural* ilustra, ainda, a unidade sedimentada nos denominados fatores de ordem interdisciplinar endógena e exógena à universidade, que se explicitou, anteriormente, nesta tese.

O processo de incorporação, ou síntese, efetuado pela interdisciplinaridade pode ser, assim, visualizado:

5. INTERDISCIPLINARIDADE E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação, no panorama do conhecimento, é área do saber inserida no ramo que abriga as Ciências Sociais e Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas ¹--- --- representando e, de acordo com estudioso desse campo, Gernot Wersig, ² o aumento dos diversificados campos do saber, situação que o fenômeno da interdisciplinaridade explica como ocorrências das necessidades próprias do conhecimento e daquelas sociais do século XX. A formulação do autor expressa semelhança ao pensamento que, nos anos 60, orientou (e não se esvaneceu) o debate enfocando a natureza interdisciplinar da Ciência.

Cabe, em razão dessa perspectiva conceitual sublinhada pela ‘fala’ do professor de Ciência da Informação, lembrar que a área das Ciências Sociais é dimensão a respeito da qual se afirma que congrega disciplinas “que são originalmente interdisciplinares”, ³ ou como exigência interna dessa área do conhecimento, conforme já se mencionou (capítulo 4), “como uma necessidade para uma melhor inteligência da realidade que elas nos fazem conhecer.”⁴

Ainda, no espírito desses acontecimentos que desencadeiam e envolvem o processo interdisciplinar no espaço das disciplinas, outro autor da área, D. J. Foskett, em 1973, ao tratar do comportamento da Ciência da Informação no universo do conhecimento --- citando-a como “disciplina emergente”; ⁵ afirma que o surgimento se deu a partir de “uma ‘*fertilização cruzada*’ de idéias” espelhando o movimento de interações disciplinares (Foskett aplica o termo exprimindo questão disciplinar, nos anos 70, portando, vinte anos antes do uso feito por Klein na sua publicação datada

¹ Ciências Sociais Aplicadas é como se denomina, conforme mencionado (capítulo 1), a categoria usada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, (Brasil).

² WERSIG, G. 1993. Op. cit. p. 232.

³ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 8.

⁴ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 29.

⁵ FOSKETT, D. J. A Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.) Ciência da Informação ou Informática ? Rio de Janeiro: Calunga. 1980. p. 56. Artigo publicado originalmente no Journal of Librarianship. v. 5. n. 3. p. 161-174. July 1973.

de 1996, conforme indicado no capítulo 3 da tese). No seu entendimento “Uma nova disciplina não surge simplesmente porque velhos praticantes se desempenham melhor em seus empregos, mas porque dinamicamente novas relações aparecem com outros campos.”⁶

Outra voz identificada ao campo corrobora o desenho do perfil interativo mencionando a Ciência da Informação como “área consiliente”. Gilda Braga, acerca do termo cunhado por Willian Whewell (1840), esclarece que se refere ao denominado “‘salto conjunto’ do conhecimento entre e através das disciplinas, por meio de fatos e teorias para criar novas bases explanatórias”.⁷ Tal processo, segundo a autora, aplica-se ao campo e à produção da Ciência da Informação mostrando o

“‘salto conjunto’ de diversas áreas do conhecimento que se re-fracionam e intertematizam através de novos sujeitos e objetos informacionais. Estas novas entidades – mais mentefatos que artefatos, virtuais ou reais, complexas ou caóticas, polidimensionais, poliprismáticas e poli-inquietantes – refletem também perenes novos rumos da Ciência da Informação, novas perspectivas, novas fronteiras, uma atitude geralmente iconoclasta face às posturas tradicionalmente confirmadas e conformadas que confinam saberes em fronteiras estanques, bem delimitadas e confortavelmente delineadas.”⁸ (grifo nosso)

Os três argumentos explanados convidam e permitem descerrar o cenário de inserção para focalizar, em especial nesse capítulo, diversos autores que apresentam a Ciência da Informação como espaço do conhecimento de caráter interdisciplinar pela contribuição convergente das disciplinas que vem recebendo desde o início da sua organização, período

⁶ FOSKETT, D. J. Informática. In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.) Ciência da Informação ou Informática ? Rio de Janeiro: Calunga. 1980. p. 15. Artigo publicado originalmente no Journal Documentation. v. 26.n. 4. p. 340-369. Dec. 1970.

⁷ BRAGA, Gilda Maria. Prefácio. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. (Org.) Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP. 1999. p. 9.

Esse pequeno trecho está mencionado em nota de rodapé, no texto da autora, com a seguinte referência bibliográfica: WILSON, Edward O. Consilience, the unity of knowledge. New York: A. A. Knoff. 1998. 332 p.

⁸ Idem. Ibidem. p. 9.

formalmente caracterizado na década de 60⁹ e, desse modo, é definido o seu território quanto a sua representação de área teórico-profissional.

Os autores que abordam a Ciência da Informação, oriundos de diversas formações acadêmicas --- e que se pode dizer: estão dentro do espírito de interdependência ou complementaridade dos conhecimentos que a informação processa --- produziram, e alguns continuam produzindo, literatura considerada representativa para as consultas do campo. Nela são encontrados enfoques que discutem os aspectos básicos da Ciência da Informação, tocando no tema que corresponde à configuração epistemológica¹⁰ e à feição que a disciplina apresenta ao nível interno e externo do seu território.

O relato temporal, ancorado em várias fontes bibliográficas consultadas produzidas ao longo de cerca de quarenta anos da Ciência da Informação, permitiu que se coletasse vários exemplos de áreas / disciplinas citadas que foram e/ou estão sendo apontadas como partícipes da interdisciplinaridade no seu campo. Embora, cautelosamente, tenha sido observado que na literatura produzida pela Ciência da Informação no exterior e somente no início dos anos 60, em alguns casos, devido à excessiva indicação de diversificadas disciplinas, tal procedimento possa ser avaliado em determinadas circunstâncias, nas palavras de Pinheiro, como “sem fundamentação que explique essa relação”.¹¹

Deve-se mencionar acerca da relação interdisciplinar que a literatura, muitas vezes, indica, contudo sem estabelecer a diferença, o papel desempenhado como aplicação disciplinar pela Ciência da Informação em

⁹ PINHEIRO, L. V. R. 1997. Op. cit. p. 283.

A autora aponta que o “registro oficial” (cerca de 1961/1962) corresponde ao “primeiro conceito formulado especificamente para Ciência da Informação”, tendo ocorrido durante a “reunião” no “Georgia Institute for Technology...”.

¹⁰ Em se tratando do assunto interdisciplinaridade na Ciência da Informação, a tese de PINHEIRO (1997) constitui documento teórico que oferece os recursos para estudos quanto ao tema, mapeando e discutindo os problemas que a questão envolve, apresentando também, bibliografia das fontes esparsas e inéditas.

Outra fonte que merece consulta é o artigo (1999) da mesma autora (anteriormente referenciado) PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT. 1999. Cap: Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. p. 155 –182.

¹¹ PINHEIRO, L. V. R. 1997. Op.cit. p.12.

diversos campos ou organismos (à semelhança das aplicações feitas, por exemplo, pelas disciplinas Estatística ou Museologia em outras áreas / disciplinas). Esse aspecto do uso nomeado *aplicação*, (que se mencionou no capítulo 4 do presente trabalho), caracteriza-se pela propriedade que essas disciplinas possuem, e que se convencionou ilustrar pelo termo ‘horizontalidade’, qual seja: a qualidade explicitada pela capacidade de perpassar vários domínios / contextos no exercício do seu trabalho sem implicar, contudo, em estabelecer, nessas circunstâncias, vínculos que são próprios do processo interdisciplinar. No entanto, torna-se importante relembrar, retomando Pinheiro (1999, capítulo 4), que as aplicações em áreas do conhecimento podem derivar para a interdisciplinaridade,

É inegável, todavia, que área da Ciência da Informação ao ser analisada no tocante à sua produção científica --- estudos desenvolvidos por autores considerados nomes relevantes no seu domínio do saber; apresenta-se, à luz da *interdisciplinaridade*, compreendida sob o ponto de vista epistemológico, como espaço / disciplina que dá lugar à ocorrência da “complementaridade dos métodos, conceitos, estruturas e axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas”.¹²

Seguir essa postura de abordagem permite que se possa considerar a Ciência da Informação no mesmo enquadramento daquelas “*disciplinas [que] se redefinem como novos e diferenciados locais / espaços estratégicos do saber*”,¹³ delineando “o conhecimento como narrativa de paradigmas descentrados e transformação estrutural.”¹⁴ Esse processo de organização interdisciplinar é identificado, também, às “*regiões de justaposição interdisciplinar*” sob a ótica de zonas de intermediação de fronteira nas quais são realçadas, justamente, as práticas que tomam “de empréstimo métodos e conceitos” terminando por formar “*campos híbridos*”¹⁵ [do conhecimento].

¹² MORAES, N. A de. Op. cit. p. 6.

¹³ PECK, J. M. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 7.

¹⁴ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 7.

¹⁵ SCIENTIFIC INTERFACES AND TECHNOLOGICAL APPLICATIONS. Physics through the 1990's. Washington, DC: National Academy Press. 1986. p. 53. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 7-8. O documento referenciado diz respeito ao Relatório de Pesquisa do National Research Council, organismo privado de consultoria, nos Estados Unidos, no qual se chama atenção para o desenvolvimento da questão indisciplinar na área / disciplina da Física.

Ao se proceder ao relato investigativo da produção teórica enfocando autores que ‘pensam’ a Ciência da Informação, não é possível deixar de nomear aqueles que se evidenciam na área: “Mikhailov, Saracevic e Wersig”.¹⁶ Nos seus artigos, eles identificam e analisam a questão interdisciplinar investigando o campo do conhecimento no que concerne a sua natureza, às disciplinas e às áreas de interação da Ciência da Informação, por conseguinte, investigando os elementos considerados fundamentais para avaliação da configuração interdisciplinar.

Dos trabalhos desses autores associados aos que foram produzidos por outros dos seus pares, adiante focalizados, e também acrescentando demais estudos sobre o campo epistemológico da Ciência da Informação, como aqueles que referenciam trabalhos coletivos, a exemplo da edição de Fritz Machlup e Una Mansfield,¹⁷ em 1983; o de A. Merta¹⁸ no documento da FID 435; ou o de Linda Smith¹⁹ no “proceeding” da Conferência de Tampere, em 1992; bem como, no Brasil, representando a linha de pesquisa Teoria, Epistemologia, Interdisciplinaridade na Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação — PPGCI do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT; as coletâneas organizadas pelas professoras Pinheiro e González de Gómez, editadas pela instituição.²⁰ E, ainda, indicando trabalhos de autores individuais, tornou-se perceptível, dentro de um elenco de disciplinas, apontar quais as que se destacam no debate da questão interdisciplinar.

¹⁶ PINHEIRO, L. V. R. 1997. Op. cit. p. 153.

¹⁷ MACHLUP, Fritz, MANSFIELD, Una. (ed.) The study of information: interdisciplinary messages. New York: John Wiley and Sons, 1983. Cap: Prologue. p. 3-56 .

¹⁸ MERTA, A. Informatics as a branch of science. In: FID/ RI International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. On theoretical problems of Informatics. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information, 1969. (FID 435). p. 32-40.

¹⁹ SMITH, Linda. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and Information Science as a interdisciplinary field. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN Blaise, (ed.). Conceptions of library and Information Science: historical, empirical, and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. University of Tampere. Finland, 26-28. August 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992.

²⁰ PINHEIRO, L. V. R. (Org.). 1999. Op. cit.

PINHEIRO, L. V. R., GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. (Org.). 2000. Op. cit.

Tomou-se em consideração, para não descuidar da advertência de Pinheiro relativa ao fundamento da argumentação, (e, ainda conforme se mencionou no capítulo 3 - metodologia), as disciplinas não só por estarem, de modo constante, inseridas nas indicações dos textos que abordam o tema da interdisciplinaridade, como pelas explicitações que permitem percebê-las atuando como representativas de movimentos que tangem o ambiente interdisciplinar. Descartou-se, assim, da relação elaborada as indicações / comportamentos que não fossem claros quanto à procedência e as explicações da afirmativa apresentada pela fonte consultada.

A Ciência da Informação atua perpassando várias áreas / disciplinas, revestida do aspecto de *aplicação do saber*, isto é, sem comprometimentos de intercâmbio, assim como age, também, no espectro do processo interdisciplinar alcançando a representação que engloba a denominada disciplina cooperante e, ainda, quando realiza o processo nomeado de *interação* ou *colaboração interdisciplinar* que opera o fenômeno do (entre)cruzamento de fronteiras, o conhecimento fronteiro. Do mesmo modo outros campos / disciplinas ou teorias, sejam eles homogêneos ou híbridos, exercem esses mesmos movimentos em relação à Ciência da Informação na medida em que ela ostenta franco caráter híbrido.

A literatura especializada da área ao tratar dessas características, os movimentos referidos à Ciência da Informação no universo do conhecimento desde o início da formação do seu campo, apresenta elenco de áreas / disciplinas e/ou teorias indicadas,²¹ a seguir: Documentação; Recuperação da Informação; Biblioteconomia; Teoria da Informação (Shannon e Weaver) ou Teoria Matemática da Comunicação; Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy); Ciência da Computação ou Tecnologia do Computador; Cibernética; Ciência Cognitiva que reúne variados conhecimentos, alguns isoladamente já haviam sido relacionados à Ciência da Informação pelas

²¹ Esse elenco, aqui representado, foi reunido com base na bibliografia indicada nesse capítulo e refere-se à Ciência da Informação. Em razão de vários autores apontarem as mesmas disciplinas e suas explicações obedecerem a idêntico padrão de argumentos que se inserem no quadro teórico e prático da interdisciplinaridade, conforme está sendo abordado ao longo desse capítulo da tese, optou-se por essa forma de organizar a redação, pois ela serve aos propósitos do trabalho.

fontes tais como: Psicologia, Filosofia, Antropologia, Lingüística, Matemática; Semiótica e Semiologia; Comunicação.

E disciplinas também já reconhecidas e, ainda, outras que só recentemente estão sendo citadas. São elas: Estatística, Educação, Economia, Administração, História, Sociologia, Arquivologia e **Museologia** (em relação à Ciência da Informação e Museologia, cujo diálogo se iniciou pelo processo de aplicação da primeira disciplina, o assunto, em razão da configuração tomada em direção ao caminho da interdisciplinaridade, será alvo de capítulos específicos).

Os chamados ramos disciplinares derivados (exemplos híbridos resultantes da construção denominada *interdisciplinaridade estrutural*, questão enfocada anteriormente), também estão presentes: Filosofia das Ciências, História da Ciência, Sociologia da Ciência, Psicolingüística, entre outras.

Em se tratando de abordar as contribuições das áreas / disciplinas (e/ou teorias), que foram citadas como interlocutoras da Ciência da Informação, tomando-se por base os trabalhos de Mikhailov; Borko; Merta; Kitagawa; Foskett; Saracevic; Ruben; Chataris; Pinheiro; González de Gómez, pode-se de modo genérico referenciar o diálogo travado sob a forma de indicadores temáticos.

Antes, porém, é preciso esclarecer que as disciplinas que estão sendo enfocadas nesse elenco, exceto duas delas citadas, foram compreendidas como interlocutoras --- ‘agregadas’ --- ao campo da Ciência da Informação, na medida em que a ação que cada uma delas realizou foi exercida em etapa posterior à composição do domínio que se está tratando.

A exceção mencionada diz respeito à atuação das disciplinas Documentação e Recuperação da Informação, expressa pelo desempenho que tiveram formalizando disciplinas consideradas como conhecimentos de base geradora da composição do campo da Ciência da Informação, fato que vem a referendar sua origem híbrida – interdisciplinar de formação. Em virtude desse entendimento conceitual, essas disciplinas estão sendo

reconhecidas como disciplinas de função básica, em conformidade com o papel que tiveram de caráter fertilizador.

“A Ciência da Informação tem dupla raiz: de um lado a Documentação e, de outro, a recuperação da informação. Na primeira o que importa é o registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização e, no segundo, as tecnologias de informação.”²²

Feito o esclarecimento, agora se pode enfocar a partir do arranjo segundo recortes por temas, e de modo sintético, as ocorrências relevantes envolvendo:

- “análise de citações” – “Bibliometria”;
- apoio para solucionar “problemas de recuperação da informação primária, minimizar o ruído em sistemas de informação, determinar parâmetros de máquinas de informação especializada, programas-padrão de compiladores compatíveis para as principais operações de processamento de informação na comunicação”;²³
- assuntos comuns vinculados ao processo da comunicação humana: “colégios invisíveis, difusão de informação, interação homem tecnologias da informação; teorias da informação e teoria da comunicação, sociedade da informação”;²⁴
- instrumentos auxiliares voltados para “análise de sistemas, algoritmização de operação de armazenagem da informação, recuperação e disseminação da informação, medida de eficiência dos sistemas de informação e compatibilidade”;²⁵
- recursos da “computação na recuperação da informação bem como os produtos, serviços e redes eletrônicas”, e dos “sistemas especializados,

²² PINHEIRO, L. V. R. 1999. Op. cit. p. 175.

²³ MERTA, A. Op. cit. p. 7-24.

²⁴ RUBEN, B. D. Communication and human behavior. New York: MacMillan, 1984. Apud SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN Blaise, (ed.). Conceptions of library and Information Science: historical, empirical, and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. University of Tampere. Finland, 26-28. August 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 17- 18.

²⁵ MERTA, A. Op. cit. p. 38-39.

bases de conhecimento, hipertextos e sistemas relacionados, interfaces inteligentes, interação homem-computador... e inteligência artificial”;²⁶

- apoio envolvendo “estudos de sistemas homem-máquina, a aplicação do conhecimento ao comportamento humano para a concepção de sistemas e seus componentes com o propósito de obter o máximo de eficiência com o mínimo de esforço”;²⁷
- orientação dirigida aos “problemas de semântica”, estudos relativos aos “mecanismos do discurso e da percepção” (âmbito da “comunicação de massa” e “discurso da cultura”), e ao “processamento analítico sintético da informação incluindo sua codificação”;²⁸ auxílio referente à apreensão dos significados por meio da “criação de linguagens de recuperação de informação em sistemas de indexação e resumo automático de textos, tradução em máquina, unificação nacional e internacional de terminologia especializada, normalização (padronização) de registro de resultados de atividades criativas”;²⁹
- emprego de “técnicas de lingüística computacional, análise de frequência de palavras e associação de palavras em textos... classificações de palavras-chave”³⁰ destinadas à recuperação da informação (âmbito dos conceitos -- descritores);
- abordagem semiótica em sistemas, “análises de linguagens e sistemas de recuperação da informação, aperfeiçoamento do sistema de publicações primárias, indexação”;³¹

²⁶ SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN Blaise, (ed.). Conceptions of library and Information Science: historical, empirical, and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. University of Tampere. Finland, 26-28. August 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 14, 17.

²⁷ CHATARIS, A. Algumas opiniões sobre Engenharia, Psicologia e sistema. Psicologia da engenharia e psicologia . Moscow: Progresso, 1964. p. 86-128. Apud MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GYLIAREVSKY, R. S. Informatics: its scope and methods. In: FID/RI. International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information. 1969. (FID 435). Tradução da referência do russo para o português pela Profª. Gilda Braga.

²⁸ MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GYLIAREVSKY, R. S. Op. cit.

²⁹ MERTA, A. Op. cit. p. 38-39.

³⁰ Idem. Ibidem.

³¹ MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GYLIAREVSKY, R. S. Op. cit.

- métodos visando à “racionalização de habilidades e otimização do nível de eficiência”;³²
- estudos de comportamento do usuário em relação à recepção da informação;³³
- suportes para “construção de modelos”³⁴ estatísticos para “Bibliometria e estudos de uso”;³⁵
- recursos para “planejamento e administração de unidades de informação em geral (bibliotecas, centros, sistemas, redes e serviços)”;³⁶
- instrumentos voltados à “avaliação das relações de custo e benefício de projetos e, ultimamente, nos aspectos da globalização.”³⁷

A atualidade do tema da interdisciplinaridade no universo do saber que permaneceu como objeto de debate nos anos 90 envereda, agora, pelo século XXI e, antes de terminar essa parte da tese, vale destacar dois artigos de nomes tradicionais na Ciência da Informação que ilustram a assertiva do comportamento interdisciplinar nesse espaço do conhecimento.

Tefko Saracevic (1992) reafirmando a configuração interdisciplinar marcada pela própria formação do campo, que ele já abordara em anos anteriores, assim se pronuncia enfocando a área tanto sob o plano das idéias bem como naquele reservado à ação informacional:

“A Ciência da Informação é o campo dedicado à investigação científica e à prática profissional tratando dos problemas da efetiva comunicação de conhecimentos e de registros do conhecimento entre os homens, no contexto dos usos e necessidades sociais, institucionais e/ou individuais de informação. Ao tratar desses problemas tem interesse particular em usufruir, o máximo

³² MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GYLIAREVSKY, R. S. Op. cit.

³³ PINHEIRO. Usuário --- Informação: o contexto da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, IBICT. 1983. p. 2.

³⁴ KITAGAWA. T. Information Science and its connection with Statistics. Fukuoka, Japan: Research Institute of Fundamental Information Science Kyushu University, 1968. Apud HARMON, Glynn. On the evolution of Information Science. Journal of the American Society for Information Science, v. 22, n. 4 p. 235-241, 1971, p. 238.

³⁵ PINHEIRO, L. V. R. 1999. Op. cit. p. 177.

³⁶ Idem. Ibidem.

³⁷ Idem. Ibidem.

possível, da moderna tecnologia da
informação”³⁸

Gernot Wersig (1993)³⁹ reitera o aspecto da interdisciplinaridade no campo que, do mesmo modo, já havia sido contemplado em seus trabalhos anteriores, identificando a “Ciência da Informação como uma nova ciência pós-moderna”. Explicita que os problemas surgidos no universo do conhecimento levam à situação de transformações nos domínios e estruturas do saber (conforme se deu com o surgimento da própria Ciência da Informação, cujo caráter de origem é a composição interdisciplinar), pois uma ciência pós-moderna “se dirige, prioritariamente, para compreender as necessidades ou para tratar dos problemas”, de modo diferente daquela considerada tradicional e que se ocupa basicamente em “procurar entender como funciona o nosso mundo”.

Afirma, assim, que “são abordagens estratégicas” que se dão por “contradições e complexidades” desencadeando o desenvolvimento científico dos campos do conhecimento, relacionando tais questões às mudanças técnico-conceituais que são exigidas pelas demandas sociais e tecnológicas.

Para Wersig um indicador dessas mudanças, no estágio do desenvolvimento do campo, é o significativo

“aumento efetuado nas discussões acerca da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade (ou qualquer que seja a sua denominação) e o sucesso das abordagens que apóiam essas discussões.”

Ao focar a Ciência da Informação sob o caráter de ciência pós-moderna, Wersig abre perspectivas para que se identifique, na investigação desta tese, similaridade na sua formulação em relação ao complexo da teorização da interdisciplinaridade. Desse modo, possibilita que se trace correspondência entre seu argumento e a construção calcada na proposição (apontada pela interdisciplinaridade estrutural) integrando as posturas instrumentalista e epistemológica — portanto estabelecendo diálogo entre

³⁸ SARACEVIC, T. 1992. Op. cit. p. 11.

³⁹ WERSIG, G. 1993. Op. cit. p. 234-235, 229, 233-234.

empíria e teoria --- assunto anteriormente explicitado quando foram abordados os modelos interdisciplinares em suas manifestações e os diversos termos correntes.

Outra aproximação perceptível que o trabalho do professor Wersig propicia, no conjunto de argumentos difundidos na atualidade para justificar o processo da interdisciplinaridade, diz respeito ao “peso dos problemas sociais e tecnológicos” como exemplo de necessidade social a que responde o processo interdisciplinar. Essa questão relaciona-se à afirmativa do autor da Ciência da Informação tratando das necessidades de mudanças para atendimento da atualização do campo e das demandas externas, desse modo, acontecendo em nível externo e interno, o que leva a refletir, ainda, acerca de vínculos tecidos com mecanismos condutores da interdisciplinaridade dita endógena e exógena.

No andamento desse processo de reflexão que uma tese de Doutorado estimula a construir, elabora-se a realização do ‘encontro intelectual’ entre Bourdieu e Wersig. Isso ocorre lançando-se o foco sobre o segundo autor mencionado, na ocasião em que, tratando dos comportamentos no espaço do conhecimento, ele aborda o desenvolvimento que ocorre no campo científico sob o signo das mudanças estratégicas nas suas estruturas, envolvendo a força complexa dos elementos de oposição, as contradições. Dessa maneira, Wersig aponta para aquilo que se ‘traduz’ no campo simbólico apresentado por meio das suas significações, as quais se manifestam exprimindo relações objetivadas (intencionais) do saber / poder de acordo com o estudo de Bourdieu. E as lutas eufemizadas, como Bourdieu as nomeou, podem ser indicadas como exemplos desses procedimentos no ambiente do confronto.

A postura, que esses artigos de Wersig dão a conhecer acerca da interdisciplinaridade e as relações no espaço do conhecimento, avizinha o autor da discussão que, no ambiente do debate pós-moderno, remete às questões apontadas por Klein ⁴⁰ e são relativas às fronteiras da natureza,

⁴⁰ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 1.

fronteiras do discurso, fronteiras da disciplina, fronteiras da prática e à teoria do conhecimento.

O estudo do interdisciplinar, sob tal perspectiva, dirige a abordagem para o tratamento associando as vias da solução dos problemas, da crítica, do pluralismo sem distinções, ou melhor, sob o foco da interação dos modelos explicativos aplicados à investigação.⁴¹

⁴¹ Idem. Ibidem. p. 14-15.

6. INTERDISCIPLINARIDADE E MUSEOLOGIA.

A perspectiva do reconhecimento da Museologia como campo do conhecimento de formação híbrida deixa antever a necessidade de ‘tentar’ enfocar, ao modo de um relato, o histórico (e lento processo) da sua composição, no qual se mesclam a área / disciplina e seu ‘produto’ mais antigo e de imediata identificação no imaginário social, o modelo ‘casa’ museu.

A postura assumida se explica, em se tratando da literatura da área e, em especial, no que concerne aos trabalhos enfocando a questão interdisciplinar no seu campo, que apresenta, no exterior, um quadro informacional, ou de produção escassa ou, no mínimo, dispersa e sem facilidades para acesso público,¹ de modo diferente da Ciência da Informação que apresenta literatura discutindo o problema há longa data (não seria errôneo dizer que desde a formação da área, nos anos 60), inclusive, abordando as relações com o universo da Museologia e oferecendo acesso à informação. Um outro elemento no cenário das dificuldades tem sido a existência, no Brasil, de somente dois cursos universitários (graduação) há mais de um quarto de século (o primeiro é dos anos 30) e, também, falta de um canal de comunicação impresso dessas entidades para o conhecimento da produção / circulação das idéias acadêmicas da área. Ainda, observa-se um isolamento dos cursos em relação aos seus congêneres no exterior, não havendo, assim, intercâmbio de informação em nível coletivo para disseminação.

Assim, a tentativa não é figura de estilo, é realidade que se apresentou para o trabalho que, entre títulos e temas de enfoque mais geral sobre Museologia do que exclusivo sobre o seu aspecto interdisciplinar, foi

¹ Somente, agora, (2001-2003) está sendo indexada a produção do ICOFOM, Comitê de Museologia do ICOM e do seu grupo regional ICOFOM LAM (América Latina e Caribe). A pesquisa encarregada dessa tarefa, que cobre cerca de quarenta anos de produção internacional, denomina-se Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação: a Experiência Latino-Americana, está sendo desenvolvida por grupo brasileiro, porém, com ligação no exterior e será apresentada no capítulo 7 dessa tese.

elaborando o estudo a par dos argumentos e exemplos que os documentos do campo (e de outras áreas, também) ofereciam, depreendendo situações e significados, tecendo correlações e analogias para compor o painel interpretativo.

No correr de alguns séculos, as relações entre Museologia e demais disciplinas são expostas, deixando que se evidencie, ademais, a estreita associação dessas disciplinas aos modelos de museus que se foram construindo e seus modos de atuação.

Torna-se possível dizer que a associação que se faz das categorias tipológicas de museus às áreas disciplinares, o mesmo que, diferentes disciplinas e os tipos correlatos de museus como os artísticos, os históricos e os científicos --- as aplicações da Museologia em diversos domínios e as transformações ocorridas dessas práticas no correr do tempo --- teria fornecido os fundamentos que contribuiriam para modelar o campo museológico ² agregando conhecimentos oriundos de várias fontes sob a mesma abordagem, espelhando seu perfil de domínio híbrido do conhecimento inserido na dimensão das Ciências Sociais e Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas ³ que, conforme se mencionou, é espaço fértil para a incidência interdisciplinar.

A imagem do espaço denominado “repositório” por Star e Griesmer, aquele que reúne as condições consideradas ‘ótimas’ para o acontecimento interdisciplinar --- “objeto fronteiro”, conforme já explicitado (capítulo 4)⁴, ajusta-se ao campo da Museologia que passou e passa pela convivência das aplicações, justaposições, uniões, interconexões, interações e/ou

² MONPETIT, Raymond. Exposer le savoir et savoir exposer: les champs disciplinaires de la muséologie. In: COLLOQUE MUSEOLOGIE E CHAMPS DISCIPLINAIRES: exposer le savoir et savoir exposer. Actes. Québec: Musée de la Civilisation. 1990. p. 11-22. Andrée Gendreau, (editeur).

³ A segunda indicação segue a nomenclatura dada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁴ Star e Griesmer, tratando da interação (interdisciplinaridade) fundada no caráter da reciprocidade que estrutura campos do conhecimento, destacam a categoria “*objeto(s) fronteiro(s)*” (boundary objects) referida ao espaço que detém qualidade geradora, o “*repositório*” (repository). Museus e bibliotecas, locais para estudo e guarda de bens culturais, são indicados como representações. O repositório é terreno comum para exercício de campos diferentes no qual se desenvolvem as comunidades híbridas. Espaço misto de interlocução, compreendido como de ordem heterogênea, os objetos fronteiros (entidades) são interpretados sob a perspectiva de estratégias que marcam as zonas (de negociação) comuns da ação interdisciplinar.

rupturas entre diferentes formas do saber, termos representativos que são das parcerias desenvolvidas no ambiente que permite propiciar e gerar a interdisciplinaridade.

6.1 O canto das Musas e a memória arcaica das disciplinas

Reza a tradição literária, tanto de base específica como genérica, que as origens dos Museus remontam ao Mouseion, palavra grega que tem servido para designar espaço e, também, ‘templo’ das Musas. O que o registro histórico deixou marcado foi a indicação de um local na Grécia,: colina de Hélicos em Atenas e de outro, no Egito, precisamente em Alexandria. Consistiam em espaços que reuniam os sábios da filosofia e das artes para construir *saber* sob a inspiração e proteção das Musas, portanto sob a sua invocação e o domínio do seu patronato mítico, constando que lhes eram feitas oferendas em santuários inseridos nesses locais. Talvez, pela referência ao caráter mitológico das entidades ligado à ‘inspiração’, atributo considerado dádiva divina, possibilitando não apagar o ‘sopro’ da memória criadora da humanidade, tenha tido origem a marca de um elemento sacro nessa ‘estória’ museológica. Porém, há que destacar que o local no qual se reuniam os membros desse grupo erudito na Grécia (sobre Alexandria se irá tratar, adiante) já assinalava o que seria considerado, séculos depois, nos estudos acerca da Museologia e sua configuração, por exemplo: os setores técnicos administrativos e de estudos dos museus (biblioteca), seus territórios de exposições (galerias com de obras de artes e alamedas naturais) e, ainda, as tipologias museológicas de classificações diversificadas (jardim botânico), entre elas os conceitos de espaços abertos (ao ar livre).

Há um grupo de autores que aponta para o possível equívoco do argumento do ‘templo’ das Musas que, estabelecendo um lugar próprio e de cunho sagrado, culmina por inserir e determinar outro elemento na história da Museologia, e por extensão do Museu, esboçando a dependência a um estabelecimento --- espaço físico de preferência construído --- como ponto

exclusivo para ter sua existência conceitual assegurada.⁵ E a associação entre museu e templo⁶ --- o ambiente sagrado,⁷ respeitoso e silencioso; pode encontrar justificativa nesse relato e, talvez, em razão de tudo isso, as Musas se fizeram presença inspiradora constante no tempo museológico.

As Musas, nove filhas de Mnemosyne (a Memória) e o poderoso Zeus, são entidades míticas referidas às revelações que ‘falam’ da criação do mundo, dos seres imortais e mortais. Relacionadas aos mistérios do sopro do divino poder que ‘toca’ os mortais pelo ato criador, suas vozes se faziam ouvir (portanto, transmitidas, comunicadas) pela arte. As Musas trazem à luz --- pelo poder da criação; a matéria --- a Memória que estaria eclipsada pela sombra --- o esquecimento. E o seu poder funde os tempos: presente, futuro e passado (assim: a história e a tradição são preservadas e permanentemente reconstruídas).

Tereza Cristina Moletta Scheiner, tecendo considerações sobre a existência do museu independente da necessidade de haver um estabelecimento que o determine como espaço material de representação, argumenta:

“Não seria então equivocado julgarmos que a idéia de Museu se tenha originado a partir da concepção de um espaço físico onde habitassem as Musas, um espaço possuído pelas Musas ou a

⁵ No Brasil, a museóloga Teresa Scheiner, Professora da UNI-RIO, membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) da UNESCO, filiada ao ICOFOM, Comitê Internacional de Museologia do ICOM, representa esse grupo que postula a Museologia como fenômeno. O assunto é discutido na sua dissertação de Mestrado.

SCHNEINER, Teresa Cristina Moletta. Apolo e Dionísio no templo das Musas: museu, gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação-ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro. Orientadores: Paulo Vaz e Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

⁶ CAMERON, F. Duncan. The museum, a temple or the forum? *Curator*, v. 14, n. 1, p.11-24, 1971.

⁷ Derek A. Flower no capítulo IX -- O Museu e a Biblioteca [real de Alexandria] p. 54-58, ancorado em relatos de historiadores e em especial do “Historiador e geógrafo grego Estrabão que visitou Alexandria no século I aC” aborda esse conjunto edificado que, no caso específico do museu, tinha um sacerdote nomeado pelo rei como administrador, (que seria um dirigente titular) além, de um diretor “(epitastes)”. A relação entre religião, saber, museu e biblioteca estava, assim, desenhada. Ainda, com relação ao museu e seus membros e a posição por eles ocupada no contexto da época, o autor afirma que desfrutavam de “vidas protegidas” e “hipervalorizadas” pois pertenciam a determinada comunidade inserida no cenário “real”, gozando de “certa autonomia e de razoável grau de liberdade em suas realizações”. Em se tratando de informação acerca da biblioteca, Flower lastima, dizendo: “Aqui nos deparamos com um vazio total.”

FLOWER, Derek Adie. A biblioteca de Alexandria: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria. 2002

elas dedicado, onde elas se manifestassem? O que poderia ser o 'templo das Musas', senão o espaço intelectual possível de presentificação das idéias, de manifestação da memória? Não seria o Mouseion (templo das Musas) uma interpretação equivocada do MOUSÁON ou Mousaion (pelas Musas) - das Musas como veículo de expressão da criação mítica e da concepção de mundo do homem grego? E se o Museu não é espaço físico das musas, mas antes o espaço de presentificação das idéias, de recriação do mundo por meio da memória, ele pode existir em todos os lugares e em todos os tempos: ele existirá onde o Homem estiver e na medida em que assim for nominado - espaço intelectual de manifestação da memória do Homem, da sua capacidade de criação. E, como o pensamento grego estabelece, de uma ou de outra forma, o Homem como medida de todas as coisas, o espaço primordial de manifestação das Musas seria então o próprio corpo do Homem - este sim, o verdadeiro templo das Musas, através do qual elas se manifestam pela palavra, pelo canto e pelos mitos de origem.⁸ (grifos do texto original)

A museóloga exprime a idéia que, a partir dos últimos trinta anos do século passado (XX), referencia a noção dos novos patrimônios e da musealização, a partir da qual novas perspectivas de entendimento foram propostas para a Museologia, agregando outros conceitos e ações, sobre os quais se terá oportunidade de explicitar no próximo tópico desse capítulo.

O tempo primevo do Museu / da Museologia ⁹ (embora ainda não existisse como disciplina), já com base documental alcança na cidade de Alexandria, (cerca do século III a.C), o Mouseion, a Academia Ptolomáica, identificada como um espaço gerador e aglutinador de conhecimento, um modelo que, aos olhos de hoje, pode-se denominar de território interdisciplinar pelo modelo integrador do conhecimento que, ali, se praticava.

Esse complexo cultural, na terminologia que ora se aplica no momento e domínio acadêmicos, apresentava esculturas expostas de modo

⁸ SCHEINER, T. C. .M. 1998. Op. cit. p. 17-18.

⁹ BENNETT, Tony. The birth of the museum. London: Routledge. 1995.

permanente em meio aos espaços das áreas naturais; exibia espécimes vivos nos seus jardins botânico e zoológico;^{10 11} desenvolvia o estudo do cosmos no observatório astronômico; tomava sob sua guarda, no arquivo, os registros dos relatos e dos atos ocorridos inclusive sob a forma de imagens (relevos); possuindo, ainda, “uma rica biblioteca para estudo”.¹²

A par dessas informações pode-se tomar a indicação de mais um autor:

“O Museu, concebido nos moldes do Liceu de Aristóteles, compreendia um passeio (*peripatos*), uma galeria (*exedera*) e um santuário às Musas (*museion*), de onde se supunha provir a inspiração artística, filosófica e mesmo científica.”¹³ (grifos do texto original)

A composição do Mouseion de Alexandria, assim como o seu congênere de Atenas, pré-configurava, de uma forma coerente e ao modo da sua própria época, a noção e a prática que engloba sob a mesma visão interpretativa e unitária do saber, manifestações nas quais se pode reconhecer, nos dias de hoje, as Artes Plásticas;¹⁴ a Arquitetura (que já integrou a categoria técnico-conceitual Arte Maior); as Artes harmonizadas ao Meio-Ambiente, aspecto retomado pela Arquitetura dos Museus nos anos 60 do século XX; a Botânica; a Zoologia; a Astronomia, a Física e a Matemática, a Arquivologia e a Biblioteconomia. Em meio às aplicações e

¹⁰ SCHEINER, Tereza. (Coord.) Interação museu-comunidade pela educação ambiental. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural. 1991. p. 176.

¹¹ Os Jardins dedicados à exibição de espécimes vivos da flora e fauna compõem a categoria tipológica “museu vivo”.

¹² RIVIÈRE, George Henri. The dynamics of the role of interdisciplinarity in the Museum institution. Museological Working Papers: a museological journal on fundamental museological problems -- Interdisciplinarity in Museology. France, Sweden: ICOM-International Council of Museum, Statten Historiska Museum-The Museum of National Antiquities. n. 2. 1981. p. 54.

¹³ FLOWER, D. A. Op. cit. p. 55.

¹⁴ Na Idade Média havia uma primitiva divisão para as Artes. A Arte Liberal incluía sete tipos: Gramática, Retórica e Filosofia formando o círculo de estudos do Trívium; no grupo do Quatrívium estavam a Aritmética, Geometria, Astronomia e Música (inserida nesse grupo temático pela questão do fenômeno de propagação das ondas sonoras no espaço) e faziam referência à classe dos homens que exerciam atividade mental, que era tida em elevada conta. As Artes Plásticas não existiam como tal já que, as artes ditas mecânicas, manuais, eram próprias dos servos e, assim, consideradas inferiores. Até a Revolução Francesa elas faziam parte da classe Arte Cativa em oposição à classe Arte Livre que se equipara, guardadas as diferenças, às Artes Maiores.

Essa nota teve por base o livro:

DREYFUS, Jenny. Artes Menores. São Paulo: Anhambi. 1959. cap: 1. Artes Mecânicas, Liberais, Arte Menor e Arte Decorativa. p. 8-11.

aglutinações a Museologia se foi ajustando, passo a passo e laboriosamente, às composições do processo interdisciplinar.¹⁵

Nesse centro cultural, museu arcaico,¹⁶ é possível identificar-se a *exposição*, o ‘instrumento ancestral’ das mensagens museológicas --- Comunicação --- seja no conjunto dos artefatos humanos, as esculturas, como também nos espécimes vivos, (os museus vivos da atualidade) nos jardins. A investigação e análise --- a idéia da Pesquisa; já se fazia presente na observação do cosmos e se estende às narrativas da História gravada nos registros armazenados --- Documentação --- à disposição para estudos. Em tudo havia a marca da herança e da sua transmissão: o patrimônio tangível para fins de conhecimento e usufruto.

Esse complexo cultural, que se afigura como *locus da Memória e Preservação* --- museu, biblioteca e arquivo “*lugar de memória*” conforme Pierre Nora,¹⁷ museu, biblioteca, monumento e exposição “*instituição de memória cultural*” segundo Gérard Namer¹⁸--- promovia sob forma arcaica, há mais de dois mil anos, o conceito de Patrimônio Integral, a herança do Homem e Natureza em processo unitário tão caro à Museologia, proposto próximo ao último quartel do século XX.¹⁹

Reportando-se ao Mouseion, na Grécia, representando o processo de Comunicação das mensagens divinas (o ‘poder’ da criação), a Memória é proclamada mesclada à História dos feitos heróicos e cantada pela Poética, canal da Arte e universo da Estética, pontificando ao lado da Preservação da herança ancestral --- o patrimônio imaterial.

Nesses conjuntos integrados nos quais se verifica que as separações disciplinares inexistem e o convívio é o padrão unificador, “o pensamento grego helênico deixa patente a ausência de fronteiras entre saberes de

¹⁵ ICOM-International Council of Museums. Interdisciplinarity in museology. Museological Working Papers: a museological journal on fundamental museological problems. France, Sweden: ICOM, Staten Historiska Museum -The Museum of National Antiquities. n. 2, 1981.

¹⁶ BENNETT, Tony. Op. cit.

¹⁷ NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard. 1984. v. 1. p. XX.

¹⁸ NAMER, Gérard. Mémoire et société. Paris: Méridiens Kincksieck, 1987. (Collection Société). p. 178.

¹⁹ O conceito de Patrimônio Integral tornou-se conceito oficializado pelo documento Declaração de Santiago por ocasião do evento internacional Mesa Redonda de Santiago (Chile), em 1972.

diferentes naturezas.”²⁰ No entanto, nos dois exemplos citados, é possível distinguir à luz da identificação que se faz das formas isoladas que expressam saberes, aquelas que poderiam ser consideradas, no tempo presente, as áreas / disciplinas do grupo básico para a formação do campo da Museologia: Memória Social (o museu como espaço do Teatro da Memória); ²¹ Artes --- Estética; História; Preservação (a herança cultural, o Patrimônio); Comunicação e Ciências Naturais.

A idéia da Museologia como campo do saber articulando-se a outros domínios, bem como o Museu como ‘casa’ de pesquisa geradora de conhecimento, dotado de acervo e abrigando no seu corpo de estabelecimento cultural, isto é, na sua organização técnico-administrativa, a biblioteca especializada e o arquivo histórico, permitem apontar como exemplo o complexo cultural de Alexandria como forma embrionária do museu das coleções e centro de pesquisa.

Essa imagem da formação de um espaço mental agregador de idéias, associado à conformação de um espaço físico, preside a noção que se percebe cristalizada a partir da Era Moderna, formalizando o modelo do museu.

No que concerne à sua forma física e organizacional tornou-se mais assemelhado ao que se conhece hoje, isso já no fim do século XVIII, firmando-se ao longo do século XIX e, resultando no modelo clássico do Museu, dito museu tradicional, isto é, aquele espaço edificado e centrado nos objetos, que permanece na atualidade.

No universo do saber museológico, sob a perspectiva mental aglutinadora, continua-se mantendo a relação, entre as (atuais) diferentes disciplinas dos campos das Ciências Naturais e Físicas, Exatas, Sociais e Humanas, e das Artes --- que, ali, interagem para desenvolver seus estudos e práticas conjuntas segundo uma finalidade comum (que pode levar à conexão interdisciplinar).

²⁰ PINHEIRO, L. V. R. 1997. Op. cit. p. 234.

²¹ HOOPER-GREENHILL, Eilean. The “Art of Memory” and learning in the museum. The international journal of museum management and curator ship, n. 7, 1988. p. 129-137.

6.2 Museologia / museus e alquimia (inter)disciplinar

As relações da Museologia com outras disciplinas do conhecimento, inicialmente,²² tomam como elementos referenciais os artefatos culturais ligados aos cultos e aos rituais, formadores que foram das primeiras coleções²³ de arte que se tem registro. Esses conjuntos, sobretudo reunidos sob o cunho do valor estético, são considerados a proto-história das futuras coleções componentes dos modernos acervos museológicos. Em virtude de alguns exemplares terem sido oriundos de escassa e incipiente atividade embrionária na seara arqueológica, foi estabelecida a parceria entre Museologia e o que se pode apontar como primórdios da Arqueologia, alargando as perspectivas da Museologia para as técnicas de coleta e análises pertinentes. Também, ao longo dos séculos, foram sendo incorporadas práticas vinculadas à conservação e ao restauro, redundando nas atuais disciplinas Preservação e Conservação ou Conservação e Restauração que, do mesmo modo, estão relacionadas à Biblioteconomia e Arquivologia.

Esses ‘proto’-acervos museológicos, lentamente organizados, tornaram-se determinantes para modelar, séculos depois, a categoria técnico-conceitual Museus Artísticos --- o primeiro a ostentar configuração assemelhada, embora arcaica, foi o Museu Capitolino, datado de 1471, em Roma, apresentando coleção / acervo de estatuária.²⁴

No Renascimento, as coleções artísticas inicialmente eram marcadas pela propriedade da nobreza, da igreja (reis, príncipes, papas, ordens religiosas, por exemplo) sendo caracterizadas pelas técnicas que as diferenciavam, desde a Idade Média, como Artes Maiores: “Pintura, Escultura, Arquitetura e Música ... e todas as outras Artes Menores ... Mobiliário, Ourivesaria, Joalheria, Prataria, ... Arte Têxtil [tecelagem sob

²² A especificidade do caráter conceitual e a abrangência do termo coleção, conforme se indicou no capítulo 1 ao se tratar da regulação dada pelo Conselho Internacional de Museus – ICOM; compreende tanto os objetos inanimados como a apropriação que a Museologia faz no contexto do seres vivos, ou seja, os espécimes naturais (vegetais e animais) que são os exemplares dos denominados museus vivos.

²³ POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: LE GOFF, Jacques. (Coord) Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. p. 51-83. (Enciclopédia Einaudi, 1).

²⁴ RIVIÈRE, G. H. 1981. Opus cit. p. 54.

todas as técnicas e formas] incluindo a Tapeçaria, Cerâmica e Vidro ...”²⁵

Mais tarde, as coleções pertenceram às outras instituições e classes privilegiadas, a exemplo das coleções formadas pelos burgueses mercantilistas na Idade Moderna e pela burguesia industrial na Idade Contemporânea, principalmente no fim do século XIX e no início do século XX.

O século XX pode ser caracterizado pelo vínculo estabelecido entre a formação de expressivas coleções artísticas de várias categorias, apresentando-se em espaços expositivos próprios e, entre eles, projetos de autoria de expoentes da arquitetura contemporânea, tendo no universo dos seus donos a marca dos colecionadores individuais com ênfase para o empresariado da área industrial e comercial, em especial quando se enfocam acervos de Artes Plásticas ou, ainda, as que podem ser reconhecidas como Artes Visuais em razão do uso das tecnologias de imagem. A segunda metade do século, firmando-se dos anos 60 em diante, continuou a imprimir essa marca, porém deixando divisar nas duas últimas décadas, e ainda nesse início do novo século, um número respeitável de coleções formadas ou compradas por grandes organizações com destaque para aquelas do setor econômico- financeiro.²⁶

O relevante dessa relação de gêneros artísticos presentes nas coleções para o desenho do campo da Museologia reside no fato que, em sua maioria (especialmente as nomeadas Artes Menores, Aplicadas ou Decorativas) os gêneros / tipos foram incorporados (mais tarde tornaram-se

²⁵ DREYFUS, Jenny. 1959. Opus cit. p. 8-11.

Jenny Dreyfus, museóloga, foi professora do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, instituição onde trabalhou ao longo da sua vida profissional (iniciada nos anos 40/50). Deixou inúmeras contribuições para o estudo de acervos sob a forma de pesquisas e ensaios publicados. Em se tratando da identificação de peças e coleções, o levantando de questões, o rigor (e sua ‘histórica’ persistência) nas pesquisas como, também, o constante intercâmbio com seus pares, no exterior, fizeram-na elucidar inúmeros casos que se tornaram ‘inspiração’ para a prática museológica.

²⁶ THE MUSEUM OF MODERN ART, NEW YORK – MoMA. The history and the collection N. York: Harry N. Abrams; and The Museum of Modern Art. 1985. cap: Preface. p. 4-7; cap: Introduction. p. 8-41.

MUSEO ALEJANDRO OTERO. Sin fronteras: arte latinoamericano actual. Caracas: Fundación Museo Alejandro Otero. 1996. Catálogo de exposição temporária.

MUSEO SOUMAYA. Rodin em México: colección de escultura europea de los siglos XIX y XX. México D. F: Museo Soumaya; Asociación Carso. 1997. Catálogo de coleção de escultura..

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. Programa Rumos, Itaú Cultural, artes visuais. São Paulo: Instituto Cultural Itaú. 2000. Série de catálogos do Programa lançado em 1998.

disciplinas) ao seu cotidiano, necessitando-se dominar seus conteúdos de representação da ordem do formal e do contextual (técnicos, estéticos, históricos entre outros elementos identificadores e descritivos) para desenvolver as práticas das interpretações museológicas para cada diferente tipologia de objeto.

O espaço que se organizaria como campo da Museologia se fazia representar por museus que, aos olhos de hoje, traduzem-se como heterogêneos quanto à ordem de origem dos objetos e dos enfoques. Entre os exemplos, podem-se citar os nomeados “gabinetes de curiosidades”,²⁷ locais que baseados em coleções constituídas por diferentes tipologias quanto à natureza ou aos processos de formação dos exemplares estiveram em voga no período Renascentista, permanecendo como modelo de composição por longo período. A figura humana que se associa ao gabinete é aquela do ‘velho’ (conotado à figura do ‘sábio’), detentor do tesouro do conhecimento materializado nos exemplares de procedência da natureza e da cultura.

Esses redutos do colecionismo são considerados quando possuidores somente de coleções de espécimes, os exemplares da natureza, como forma embrionária dos museus de história natural. Outros representantes dessa modalidade sedimentada na variedade e no excesso com relação ao número de exemplares e a situação (organização) expositiva foram os “museus enciclopédicos do tipo British Museum”,²⁸ 1753, marcando o período da Idade Moderna.

Em ambos, o saber se manifestava conjugando a Ciência e a Arte (e, assim, a técnica), instruindo a Museologia para exercer sua prática sob o signo de um processo de alquimia entre científico e artístico (a alquimia, que era a química conhecida na Idade Média e na Renascença, ficou assinalada,

²⁷ IMPEY, Oliver, MACGREGOR. (Eds.) The origins of museums: the cabinet of curiosities on 16th and 17 th century Europe. Oxford: Clarendon Press. 1993.

²⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história. Anais do Museu Paulista: história e cultura material. São Paulo: Museu Paulista/USP. v. 2, jan/dez. 1994. (Nova Série). p.15.

sobretudo, pelo intento de desenvolver o processo para a transmutação dos metais).

Com o advento das disciplinas --- período do século XVIII para o século XIX --- em razão da fragmentação do universo do saber dando lugar ao aparecimento das áreas do conhecimento (domínios específicos da realidade social), portanto, formando fronteiras disciplinares e, sobretudo, pelo princípio estabelecido ²⁹ da ordem e da hierarquia cuja ênfase repousa nas taxonomias, no panorama da Museologia destacam-se os museus específicos ou instituições especializadas que, nesse ambiente de categorias (qualificações), encaminharam para posteriormente nomear as três áreas para tratamento de abordagem da linguagem museológica de pronúncia tradicional centrada no objeto --- os modelos dos museus científicos, históricos e artísticos. Porém, convém esclarecer que museus de raízes históricas são apontados já existentes como tal, guardadas as devidas diferenças de tempo e espaço cultural, a partir da Revolução Francesa. ³⁰

Obedeceram assim, quanto à organização e tratamento das coleções / acervos, ao espírito que rege a racionalidade científica vinculada ao saberes da História, Zoologia, Botânica, Paleontologia, Mineralogia, Arqueologia, Antropologia entre outros, inclusive o das Artes com seus ramos disciplinares determinados tipo a tipo.

Os museus das especializações reforçaram laços anteriores, desenvolvendo novas formas de interlocução entre Museologia e as diferentes disciplinas relativas às peculiaridades da natureza dos acervos e, também, ao enfoque museológico que lhes era atribuído.

Embora se reconheça que a criação desses museus possa ter sido orientada pelo processo da aplicação museológica, é preciso considerar a existência, ou não, de plano de cooperação entre as disciplinas assim como os mecanismos geradores de trocas e, conforme foi esclarecido, as

²⁹ GJESTRUM, John Age. Museology and research - the present situation in a norwegian perspective. Nordisk Museology. 1997.

³⁰ RIVIÈRE. Georges Henri. La muséologie -- Cours de Museologie: textes et temoignages. Paris: Dunod, Bordas. 1989.

contribuições interdisciplinares ocorrem em áreas de aplicação de disciplinas, motivo pelo qual essa tipologia é acolhida nos estudos do cruzamento de fronteiras do conhecimento.

Portanto, com respeito às Ciências Naturais e apontando-se duas disciplinas, a Museologia inseriu no seu âmbito técnico-conceitual, adaptando ao plano dos seus recursos especializados, o pensamento normativo e as técnicas de identificação extraídas das classificações da Botânica e Zoologia e, por sua vez, essas disciplinas incorporaram ao manejo dos parques naturais,³¹ onde os animais vivem no seu habitat em espaços abertos à visita³² --- (1873), Yellowstone, Estados Unidos, primeiro parque nacional ---³³ as metodologias dos conjuntos analógicos, dos circuitos expositivos e de comunicação aos visitantes. Em se tratando do processo comunicacional, os Centros de Interpretação desses parques são considerados exemplos. Instalados, geralmente, à entrada dos parques, atuam como postos orientadores para compreensão do circuito de visita³⁴, oferecendo explicação sintética do que se encontra e o que constitui a área em questão. Usam para apresentar sua mensagem de recursos expositivos dos mais simples aos mais sofisticados – painéis de textos e de imagens, sons, ambientações etc.

Esses museus de orientação “naturalista’ e/ou ecológica”³⁴ redefinem de modo extensivo a antiga trilha aberta na Academia Ptolomáica para a Museologia compor parcerias junto à área natural, derivando, no século XX, para o terreno da Ecologia --- meio-ambiente; e as questões comuns da interação do Patrimônio: o Cultural – Natural (Patrimônio Integral).

E com referência ao desenvolvimento dos processos de convergência e interação nos moldes que se toma como interdisciplinares, as práticas museológicas inerentes aos Museus de Arte³⁵ logo após o advento da

³¹ Os parques naturais exemplificam, ao lado dos demais tipos de áreas com espécimes vegetais e animais, a categoria dos denominados museus vivos.

³² RIVIÈRE, Georges Henri. 1989. Op. cit. p. 49-50.

³³ SCHEINER, T. C. M. 1998. Op. cit. p. 74.

³⁴ Idem. Ibidem. p. 74.

³⁵ RECHT, Roland. Le regard sur l’histoire de l’art: l’invention du musée. Paris: Christian Bourgeois. 1989.

especialização formalizaram, como bases do seu apoio disciplinar, a Estética e a História da Arte --- manifestações representativas dos sistemas simbólicos da Ciência e da Arte que, também, desde a Antiguidade Clássica estavam sedimentando seus lugares cativos no estudo dessas coleções. E, ainda, convém lembrar que a disciplina História da Arte ostenta, no próprio nome, seu caráter híbrido derivado das vertentes do conhecimento sobre a quais se fundamentou a primitiva Museologia: a Arte e a História. Outra disciplina afeita aos museus artísticos é a Iconografia que trata da interpretação/descrição da imagem.³⁶

Nesses museus a interação Arte e Museologia, com relação a determinados acervos, organiza composições³⁷ em modelos sub-disciplinares a exemplo da Arte Sacra, disciplina que se constituiu enfocando a reunião dos objetos móveis e fixos relacionados aos ritos e as funções cotidianas da Igreja Católica e, na atualidade, organizando-se para conjugar as expressões / produções de outras confissões religiosas.

Esse período representado pela ‘atomização’ do saber assistiu ao advento da visão naturalista da evolução das espécies (teoria de Charles Darwin);³⁸ da perspectiva Positivista: o progresso como valor da superioridade cultural, o fato usado como verdade incontestada e a crença da neutralidade científica que trouxeram para os museus, ou reforçaram, as marcas da ótica evolucionista, funcionalista e cronológico-histórica³⁹ repercutindo na orientação e arranjo das exposições, por conseguinte, nas mensagens emitidas pelo discurso museológico.

Os exemplos representativos de tal feição⁴⁰ podem ser recortados dos modelos que pautaram a criação dos Museus de História Natural, de

³⁶ MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Anais: Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MHN – IPHAN-MinC. v. 27. 1995.

³⁷ LIMA, Diana Farjalla Correia, TOSTES, Vera Brottel. Centro integrado de consultoria e informação museológica: CECIM/ABM. Boletim Associação Brasileira de Museologia-ABM, Rio de Janeiro: ABM. n. 10/11, set/dez. 1985. jan/mar. 1986. p. 8-10.

³⁸ MENESES, U T. B. de. 1994. Op. cit. p. 9.

³⁹ PEARCE, Susan. Museums objects and collections: a cultural study. Leichester: Leichester University Press. 1992. p. 130

⁴⁰ SHIELE, B. (Ed.) Faire voir, faire savoir: la muséologie scientifique au présent. Québec: Musée de la Civilization. 1992.

Etnografia, de Arqueologia, seguidos mais tarde pelos padrões que inspiraram os Museus de Antropologia e Museus do Folclore.

Esse último, posteriormente, (entre anos 60/70, século XX) trocou o título ‘do folclore’ e foi nomeado de Museu(s) de Tradições Populares, acompanhando os estudos dos referenciais materiais e imateriais ⁴¹ da memória coletiva --- o novo espaço do debate da disciplina Memória Social, ⁴² na perspectiva aberta pela investigação dos “fenômenos e processos da *longa duração*” trilhada pelo grupo dos pesquisadores da denominada escola dos Annales.⁴³ A Museologia para seus estudos da cultura absorve da Antropologia as noções da Teoria da Cultura estabelecendo junto à Etnologia / Etnografia ⁴⁴ --- no foco da Ergologia; trocas e recursos de base comum para a leitura técnico-descritiva da cultura material. ⁴⁵

Esse panorama do século XIX marca, do mesmo modo, o debate dos estudos das nacionalidades e, em virtude disso, o tema da História Nacional e suas representações ensejam o advento formal dos nomeados Museus Históricos e Museus Nacionais.⁴⁶ A disciplina História, base e parceira na trajetória da Museologia, sob esse enfoque museológico, abre e coloca à disposição seu leque de disciplinas auxiliares, aquelas fornecedoras de informações que atuam “numa relação de dependência ou de subordinação.”

⁴⁷ A Museologia, que já se movia nessa seara, torna suas fiéis aliadas as

⁴¹ Os assuntos Museologia, Patrimônio e Memória são discutidos no livro de Jeudy.

JEUDY, Henri Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

⁴² Para Memória Social, embora existam outras publicações consistentes, o texto de Halbwachs tem sido considerado obra relevante e pioneira entre aquelas básicas e que abordam elementos vinculados às questões da memória coletiva, do patrimônio cultural e, portanto, relacionados à Museologia.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice, Sociologia e Política).

⁴³ FALCON, F. J. C. Op. cit. p. 12.

⁴⁴ CARVALHO, Gerardo. A. de. Um sistema de documentação didática para o Curso de Museus. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MHN; MEC. v. 19. 1968.

⁴⁵ HERKOVITZ, J. Melville. Antropologia Cultural. Man and his works. São Paulo: Mestre Jou. 1969. v.1. Cap. 6: O laboratório do etnógrafo. p. 103 –105.

COMMITTEE OF THE ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTION OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. Notes and queries on anthropology. London: Routledge and Kegan Paul Ltd. 1970. cap: Parte III. Cultura material. p. 279-416.

⁴⁶ MENESES, U. T. B. de. 1994. Op. cit. p. 15.

⁴⁷ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 81-86.

disciplinas Numismática, Sigilografia e Filatelia, Heráldica, História Militar e Naval, Diplomática, etc.⁴⁸

E a prática museológica estabelece, ainda, para as três primeiras disciplinas citadas, associando ao método histórico, metodologias de abordagem consideradas apropriadas para o estudo de seus acervos, em razão de apresentarem, como elemento extra, facetas artísticas que se destacam sob a forma de gêneros / disciplinas. Enfoca-se, assim, sob a forma da Gravura o desenho deslocado para o âmbito da moeda e da medalha⁴⁹ (Fídias, considerado expressão máxima da escultura grega, é autor de desenhos cunhados, ou seja, gravados, em moedas). Do mesmo modo desloca-se o desenho gravado para a inscrição em materiais duros, por meio da técnica denominada Glíptica⁵⁰ usada nos sinetes / anéis sigilares. O Desenho também aparece na matriz para gravar as cédulas do meio circulante ou para reprodução nas estampas dos selos. Esses recursos da recuperação, ou revalorização, pelo viés da percepção e leitura estética desses acervos da Numismática, Sigilografia e Filatelia são, portanto, considerados pelos especialistas dessas áreas. A ligação básica entre Museologia e Arte, mais uma vez, fez-se visível nessa solução de tratamento pela analogia.

A Química, nesse período, foi aplicada definitivamente à preservação do Patrimônio coletivo, estando ligada à disciplina Preservação e/ou Conservação (de bens culturais) ou à disciplina Restauração, alcançando também as áreas da Biblioteconomia e Arquivologia.

No concerto efetuado tradicionalmente no campo da Museologia com outras disciplinas⁵¹ as aplicações, cooperações e/ou interações têm contribuído para encaminhamento do traçado de perfil interdisciplinar e, o século XX, no livro do relato e descrição da Museologia formalizando sua

⁴⁸ BARROSO, Gustavo. Introdução à técnica de museus. 2 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1951. 2 v. v.1, parte geral e parte básica. 1951; v. 2, parte especializada. 1952.

⁴⁹ CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO. Medalha, arte e tecnologia. Museu Nacional de Belas Artes/MNBA, Rio de Janeiro, 12 de abril – 08 de maio, 1977. Rio de Janeiro: MNBA, Ministério da Educação e Cultura/MEC; Casa da Moeda do Brasil; Clube da Medalha do Brasil. 1977.

⁵⁰ DREYFUS, J. 1959. Op. cit. p. 101-115.

⁵¹ LIMA, D. F. C., TOSTES, V. B. 1985 / 1986. Op. cit. p. 8-10.

vocação para o desenho híbrido (as comunidades híbridas dos museus) trouxe reativações e novas convivências.

A Pedagogia com contribuições que, enraizadas há mais tempo (sem estarem definidas sob essa terminologia), tiveram alcance mais efetivo nesse período, por meio de modalidades de atendimento permanentemente desenvolvidas pelos museus nos serviços prestado às escolas, às comunidades diversificadas e outras atividades educacionais específicas da prática da disciplina Educação em Museus. Essa atividade está associada ao caráter para-didático, a função educativa que o museu detém, estando afeta à seção denominada, geralmente, de Setor Educativo. Outro exemplo do processo educativo é a proposição museológica representada pelo modelo do Museu Exploratório (museu de Ciências) identificado como museu 'laboratório pedagógico'.⁵²

A Arquitetura que já foi compreendida como Arte Maior, na Antiguidade estava presente na edificação que abrigava o Museu, tornou-se, pelo caminho da História da Arte, disciplina sobre qual se volta o foco da Museologia. Essa relação se explica já que os estudos dos diversificados tipos de museus e das atividades ligadas aos seus acervos implicam no conhecimento de elementos e da linguagem da Arquitetura.⁵³ Como exemplo do contexto considerado museológico pode-se indicar: -- o patrimônio histórico e artístico edificado (a arquitetura em suas diversas categorias e funções) intacto ou seus remanescentes (ruínas e fragmentos); -- elementos arquitetônicos integrando composições da talha salientando-se os retábulos na arquitetura religiosa; -- as representações nas pinturas ilusionistas (a perspectiva arquitetural tão ao gosto da técnica trompe l'oeil); -- as imagens arquitetônicas em painéis de azulejos -- em pinturas, fotografias e cartazes -- em trabalhos escultóricos -- em louças domésticas -- em moedas e medalhas; -- elementos arquitetônicos apropriados e inscritos no mobiliário sacro e doméstico. Em pleno século XX, a disciplina / área (re)estabelece interação assentada na peculiaridade requerida para os

⁵² SCHEINER, T. C. M. 1998. Op. cit. p. 139.

⁵³ A Pintura e a Escultura, durante séculos, foram artes desenvolvidas como subsidiárias da Arquitetura..

partidos (modelos/projetos) construtivos de função museológica, determinando a união que permuta soluções técnicas tornadas visíveis e dizendo respeito à disciplina Arquitetura de Museus. A Arquitetura é, ainda, disciplina que participa dos projetos de planejamento e montagem das exposições museológicas.⁵⁴

A ação assentada no ‘empréstimo’ trazido pela disciplina Sociologia se manifesta na análise do papel social dos museus, nas pesquisas integradas realizadas nos museus cujos estudos tomam por base os tipos de acervos produzidos, colecionados e expostos em instituições museológicas e as relações entre os grupos sociais a eles ligados: comunidades de produtores, proprietários, apreciadores, visitantes e profissionais envolvidos, por exemplo.

No acerto participativo com disciplinas que, na atualidade, se integraram aos estudos e práticas das diferentes facetas do fazer museológico, em razão das mudanças que se sucederam nos vários campos do conhecimento, até mesmo pela inclusão no grande mapa do saber de novos domínios organizados, pode-se mencionar as seguintes contribuições.

A Comunicação,⁵⁵ como disciplina é muito recente mas com processo é tão antigo quanto a Humanidade, atuando sob várias modalidades é parte intrínseca do sistema informacional e comunicacional do museu, da mensagem museológica veiculada pelas exposições e demais recursos utilizados pela Museologia para exercer essa função considerada como de ordem técnica no seu contexto e, desde os anos 70, a sua presença tem sido estudada na Museologia. Desse mesmo período pode-se indicar a contribuição da Psicologia Social nas análises dos comportamentos de receptividade do público --- em seus diferentes segmentos --- nos museus.⁵⁶

⁵⁴ NIEMEYER, Oscar. Um apoio central e a Arquitetura solta no espaço... como uma flor. Niterói: Prefeitura Municipal de Niterói; MAC - Niterói. [1994?]. p. 19-31. Catálogo da Exposição Inaugural do Museu de Arte Contemporânea - Niterói.

⁵⁵ SPALDING, Julian. Interpretation ? No, communication. Museum. fall. p. 10-13. 1993.

⁵⁶ WEILL, Sthephen E. A cabinet of curiosities: inquiries into museums and their prospects. Washington; London: Smithsonian Institution Press. 1995.

No plano prático da visualidade, isto é, no veículo museológico exposição permanente ou exposição temporária, a elaboração da comunicação visual das exposições, a informação e sinalização dos circuitos ou dos roteiros de visitação e da circulação interna nos prédios, no material gráfico dos catálogos e outros exemplos, a Comunicação Visual / o Design, encontrou espaço e franca receptividade. Esse trabalho é realizado, hoje, em parceria que reorienta conceitos e atividades nos setores técnicos organizados para tal fim, no corpo dos museus. Torna-se interessante citar, considerando futuras reflexões para a área, a implicação do Design e da Museologia, quando esse quadro ganha nova moldura em suportes eletrônicos, o Webdesign.

Merece referência, também, em relação aos procedimentos conceituais da Museologia para seus estudos interpretativos dos acervos (leituras do patrimônio) e dos processos de comunicação aos visitantes (discurso museológico na exposição e por outros meios), bem como em relação à imagem social projetada pelo Museu, a cooperação da Semiótica e da Semiologia.⁵⁷ O museu como signo cultural deflagra questões para, também, (auto)análise, desse modo a “Semiologia com sua teoria do objeto e suas fórmulas de análise de discurso vem ganhando espaço”⁵⁸ e está trazendo aportes conceituais para a discussão da linguagem museológica.

A denominada Documentação Museológica (repousando no Sistema de Indexação e Recuperação de Informação) referente às práticas da catalogação dos acervos e a disseminação dessa informação nas Bibliotecas ou Centros de Documentação e /ou de Informação dos museus estabeleceram, nesse contexto, o diálogo entre Museologia e **Ciência da Informação**. No desenrolar dessa interlocução houve necessidade intensificada, também, pela automação dos acervos museológicos a partir dos anos 80 do século XX⁵⁹ --- exercício de aplicação da Informática,⁶⁰ e

⁵⁷ NEIVA, Eduardo. Imagem, história e semiótica. Anais do Museu Paulista: história e cultura material, São Paulo: Museu Paulista/USP, v. 2, jan/dez. 1994. (Nova Série). p. 11-30.

⁵⁸ SCHEINER, T. C. M. 1998. Op. cit. p. 150.

⁵⁹ CROFTS, Nick. Réflexions sur l’impact de la technologie de l’information sur la qualité de la documentation muséologique. Colophon CIDOC Bulletin - Comité International pour la

principalmente a ampliação do raio de alcance do processo comunicacional das pesquisas da área museológica abrangendo leigo e especialista, tornando disponível em escala planetária a representação dos conteúdos informacionais das coleções (permitindo combinar texto, imagem e som), a partir do advento da Internet e seu modelo tecnológico de comunicação em rede de domínio público internacionalizado.

No caso específico da Ciência da Informação e dos museus artísticos, representantes formais da Museologia, o comportamento entre as duas disciplinas tendeu para a “pequena zona de recobrimento que corresponde a uma fronteira comum”, (outro nome da confluência interativa) significando uma modalidade de colaboração própria para o advento da interdisciplinaridade, conforme Japiassu.⁶¹ Esse assunto, pelo rumo que tomou, exige enfoque específico e, para tanto, será tratado nos capítulos seguintes que estão reservados para tal fim.

As práticas cotidianas específicas e tão diferenciadas que ocorrem nos museus, associadas às necessidades administrativas demandadas que são de vários tipos, níveis e funções, têm sido atendidas pela disciplina Administração de Museus que vem estudando e modelando o(s) tratamento(s) adequado(s) para tão ‘diversificadas especificidades’ (o que, aparentemente, poderia parecer um contra-senso ao se tratar da unidade do saber) que a disciplina Museologia abrange.

O tema ‘mudanças’ na área da Museologia trouxe, nos últimos trinta anos,⁶² alterações que permitiram designar e estudar a ocorrência do processo de *musealização*,⁶³ procedimento cujo alcance da abordagem conceitual determinou novos rumos para a área, agregando as seguintes perspectivas interpretativas que orientam para o alargamento e

Documentation, Anvers (Antwerp): Koninklijk Museum voor Schone Kunsten. v. 8, août 1997. p. 33-38.

⁶⁰ A questão da automação dos acervos abrange as bibliotecas, também.

⁶¹ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 89.

⁶² ICOFOM LAM. Boletim do Grupo Regional para América Latina e o Caribe. Rio de Janeiro: ICOFOM-LAM. Ano II, n. 4/5, ago 1992.

⁶³ ICOFOM-International Committee for Museology, ICOM (UNESCO) Terminologia museológica: Proyecto permanente de investigación. Coordinación general André Désvallées. Buenos Aires, Rio de Janeiro: ICOFOM LAM. mayo 2000. CD-ROM

aprofundamento no objeto de estudo do campo, tecendo ligações com outras disciplinas.

a) entendimento e absorção na categoria do processo cultural dos bens nomeados ‘bens naturais’ que, antes, estavam restritos a tal qualificação relacionada à questão da natureza da criação. Compondo, a partir dessa nova visão, um conjunto no âmbito do conceito do patrimônio cultural (tanto o objeto natural como artificial, conforme explicitado no capítulo 1), ou seja, percebido como um todo,⁶⁴ na medida em que a identificação do seu caráter tendo por base somente a sua categoria de origem, já não responde mais à dinâmica cultural que os reconhece como dotados do atributo ‘valor cultural’, qual seja, distinguindo-os como referências da herança coletiva e, portando, devendo ser mantidas. Essa nova postura interpretativa, apontando para o ambiente natural e a exigência da sua manutenção, fez-se compreendida como percepção cultural que elaborou a construção de um registro da memória coletiva fundada na relação ou interdependência entre mundo social e ambiente natural. Morros, rios, parques naturais, etc., ilustram a perspectiva que permite tratá-los como evidências materiais mantidas, ‘cuidadas,’ porque culturalmente interpretadas --- valorizadas. Essa visão de percepção unificadora encaminhou para o entendimento do *museu integral* que será abordado nas linhas seguintes (item **c. 1**).

b) integração da produção oriunda da cultura imaterial (contexto dos novos patrimônios) permitindo agregar, doravante como objeto de tratamento, os bens culturais intangíveis, isto é, aqueles que embora carentes de suporte físico para existirem na categoria de registros documentais, são reconhecidos como representações documentais da memória coletiva

⁶⁴ UNESCO. Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage --The General Conference of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization meeting in Paris from 17 October to 21 November 1972. [ICOMOS] - International Council of Monuments and Sites. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/e_charte.htm>. Acesso em: janeiro - 2001.

UNESCO -- WORLD HERITAGE CONVENTION. Disponível em: <http://www.unesco.org/whc/world_he.htm>. Acesso em: janeiro - 2001.

considerados como “*patrimônio vivo*”⁶⁵ e, portanto, passíveis de inserção como elementos componentes da categoria de ‘acervos museológicos’, qualificação a ser compreendida, agora, sob ótica mais ampla com maior grau de complexidade. Isso configurou um grande salto perceptivo, tendo em vista que a Museologia vinha, há muito, dedicando-se largamente ao tridimensional (os bens tangíveis). Passando, assim, a ser musealizados, (tratados pelos processos específicos de interpretação do campo) por exemplo, uma procissão religiosa, os relatos da memória oral, os cantos, as danças ou seja, de forma genérica os usos e costumes culturais.⁶⁶

- c) expansão do conceito que identificava e limitava à idéia do que se deve entender por museu, no sentido clássico do termo, a existir como conceito somente quando detinha o apoio representacional de um determinado estabelecimento (a versão tradicional) para exercer a prática museológica, isto é, sua existência se fazia restrita ao espaço edificado ou espaço ao ar livre nomeado ou identificado como ‘museu’. Nessa perspectiva de amplitude, o aspecto relevante ocorrido para a Museologia foi o deslocamento do enfoque primordialmente voltado para o formato coleção -- acervo presente em determinado espaço segundo o modelo do museu tradicional para trilha paralela de ‘olhar e ler’, ou o musealizar, os grupos comunitários. Nesse segmento, em especial, emerge o modelo do museu de território nomeado de *ecomuseu*. (também, representando uma das facetas dos novos patrimônios).

Modelo que, segundo Hugue de Varine Bohan,⁶⁷ é exercido pela abordagem das referências e experiências comunitárias expressas pelos saberes e práticas locais, por meio da ação (observação/intervenção) cultural da Museologia que associa “o meio ambiente à expressão

⁶⁵ Definição de Museu --- Estatutos do Conselho Internacional de Museus ICOM em seu artigo 2, (item b, sub-item viii), conforme se explicitou no capítulo 1 desta tese.

ICOM. 2002b. Código de Deontologia... los Museos. Op. cit. p. 16.

⁶⁶ CIDOC - International Committee for Documentation. CIDOC Study Series. France: ICOM - International Committee for Documentation. v.3, dec.1996a. p. 7.

⁶⁷ VARINE BOHAN, Hugues de. O tempo social. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora. 1987. p 38. Historiador com estudos também na área da Arqueologia, Varine militou no campo da Museologia por mais de três décadas, na França e no exterior, em diversos projetos. Foi diretor executivo do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Desenvolveu e estudou a experiência do trabalho comunitário, o “viver cultura” representado pelo ecomuseu.

museográfica”⁶⁸ O intangível passou a ser ‘absorvido’ --- como no processo da permeabilidade --- pelo museu. As representações simbólicas não materializadas passaram a ser ‘inscritas’ na sua abordagem.

c.1) o conceito de ecomuseu (1971) e a afirmação (1972) do conceito do *museu integral* (ecologia humana e comunidade social como elementos básicos dessa configuração) foram formalizados em congresso internacional de Museologia⁶⁹ sendo considerados pelo campo como contribuição de várias disciplinas e alternativas radicais para o pensamento e a prática museológicos.⁷⁰

As disciplinas que podem ser creditadas no processo de mudanças citados nos itens **a**; **b**; **c**; e **c.1** foram: a Ecologia, a História Social e, posteriormente, a História da Cultura; das antigas companheiras de trajetória: a História, Antropologia, Sociologia e Memória Social.

Deve-se mencionar, ainda, em razão das questões existentes entre museus e meio-ambiente (relembrando que os jardins botânicos e zoológicos, os aquários, viveiros e os parques naturais são considerados tipologias de museus apresentando espécimes vivos vegetais e animais, de acordo com o Conselho Internacional de Museus – ICOM, conforme se explicitou no capítulo 1)⁷¹ o recurso do qual se está valendo a Museologia para aplicar com referência ao tema dos espaços considerados na feição de museus vivos -- a prática pedagógica com base na Ecologia nomeada de Educação Ambiental, novo instrumento metodológico enfocando relações das comunidades com o meio-ambiente.⁷²

Tais mudanças, nos anos 70, foram concomitantes à movimentação exercida no campo do conhecimento quando dos passos emergentes para os processos interdisciplinares que, conforme se abordou tomando por base

⁶⁸ O exemplo pioneiro Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau les Mines, ocorreu na região industrial de Creusot (siderurgia) e de Montceau les Mines (carvão), cerca de 500 km de Paris. Varine esteve envolvido diretamente nesse trabalho por um período de 12 anos.

⁶⁹ Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM). 1972.

⁷⁰ RIVIÉRE, Georges-Henri. L'écomusée, um modele evolutif (1971-1980). *Vagues I – Anthologie de la nouvelle muséologie*. Lyon: Éditions M. N. E. S. 1992. p. 440-445.

⁷¹ Definição de Museus segundo o ICOM em seu artigo 2, (item b, sub-itens ii e v). ICOM. 2002b. Código de Deontologia... los Museos. Op. cit. p. 16.

⁷² SCHEINER, Tereza. (Coord.). 1991. Op. cit. p. 176.

o estudo de Klein, foram apontados como ocorrências transformadoras no âmbito das Ciências Sociais.

Deixou-se para mencionar, próximo ao final do capítulo, a característica da área museológica ligada à prática em tratar objetos / coleções da mesma natureza segundo perspectivas de múltiplas disciplinas e, do mesmo modo, o deslocamento de enfoques que pode sofrer a abordagem de uma disciplina, em determinado período, em relação a sua inserção e vinculação à categoria técnica dos museus.

O exemplo selecionado fala de perto à categoria Museus Artísticos e a sua área de abrangência que recebe atividades / disciplinas consideradas como ‘fazeres artísticos’ (identificadas não só por analogia ao processo de aplicação da arte mas, sobretudo, pela herança da concepção unitária técnica-arte, a *techné* grega) e, ao mesmo tempo, focaliza as interações interdisciplinares que determinada disciplina pode envolver.

O contexto é o da disciplina Indumentária. Suas coleções tradicionalmente integrantes de acervos dos museus históricos e, em casos específicos, dos museus antropológicos ⁷³ foram, a partir da segunda metade do século XX (ênfase no último quartel), sendo cada vez mais aceitos pelo prisma da arte, embora muitos dos acessórios da Indumentária estivessem tecnicamente classificados no âmbito das Artes Aplicadas ⁷⁴ enlaçados a outras considerações de áreas do conhecimento.

Estudos integrados de Museologia, Arte, História, Sociologia, Antropologia (e de modo particular as suas derivações em ramos híbridos) redundaram no aprofundamento da análise do fenômeno social ‘Moda’, que deixou sua marca no século XX com todas as injunções sócio-culturais que ela representa nos mais diversos setores.

⁷³ Trajes e acessórios ditos ‘históricos’ ou ‘antigos’ no que concerne tão somente à leitura -- olhar voltado para o proprietário e para o poder delegado que a peça emana, ou voltado para a cronologia; uniformes militares; trajes e paramentos eclesiásticos antes do advento dos museus de arte sacra. Também coleções antropológicas: trajes de grupos extintos; vestimentas oriundas das camadas populares ou, ainda, as de uso profano ou religioso, etc.

⁷⁴ As Artes Menores (Aplicadas / Decorativas) incluem nos exemplos de técnicas / objetos para classificação o bordado, rendas, fivelas, botões, cintos etc.

Os resultados se expressaram por meio de exposições museológicas de Indumentária pioneiras em Museus de Arte (catálogos e em demais modos de disseminação) --- inclusive veiculadas nos Museus de Artes Plásticas.⁷⁵ A perspectiva da apropriação de elementos do vestuário (as Artes Aplicadas ou Artes Menores são sustentadas por essa analogia) pela via da interpretação de semelhança ao padrão regido pela estética das ditas Artes Maiores derivou para o fortalecimento de coleções de Indumentária social, ou para formação de novos acervos de Museus da Moda e, desse modo, com referência aos conteúdos da informação especializada dessa manifestação cultural ela requer, ainda, o conhecimento de natureza artística.⁷⁶

Os acervos de ‘moda’ formados na esteira desse tempo, que é o atual, podem ser ilustrados pelos seguintes componentes: -- vestimentas; -- croquis; -- etiquetas; -- moldes; telas (o protótipo do corte e da modelagem para a roupa); -- acessórios diversos; -- mostruário têxtil e de outras naturezas usados para comercialização pelas fábricas; -- tecidos variados (inclusive, como exemplo, padronagem têxtil desenhada por artistas plásticos, como os motivos da Optical Art nos anos 60 feitos para indústria em linhas especiais de produção indicadas juntamente com o nome do autor na orela); -- ou tecidos posteriormente pintados à mão e assinados na fímbria; -- cartazes publicitários; -- fotografias produzidas por nomes

⁷⁵ Entre o pioneirismo das primeiras exposições de grande porte com acervo constituído de trajes dos renomados costureiros internacionais está a realizada no MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova York e que foi considerada de caráter inusitado pelo tema e tipo de objeto exposto em Museu de Artes Plásticas.

⁷⁶ A manifestação cultural Moda envolve, sob o ponto de vista do objeto enfatizando despertar o interesse pelo prisma da visualidade, o segmento da ‘alta costura’ francesa (haute couture) e da sua derivação para a indústria do ‘pronto para vestir’ (prêt à porter). As tarefas relacionadas aos acervos -- sob variadas formas de atuação das práticas que sustentam o cotidiano do museu, estão relacionadas direta ou indiretamente ao processo de Documentação e Informação Museológica que é permanente -- pontuam essa transformação social e as conexões para as ‘leituras’ que são oferecidas.

As significações culturais da ‘maison’ --- o ‘atelier’ de costura congregando a oficina, espaço abrigando tanto o profissional criador como aqueles outros profissionais. O centro de criação, oficina de trabalho e o salão de exibição --- representando o reduto da produção semi-artesanal destinado ao uso exclusivo, de caráter seletivo e diferenciador no que concerne à ‘clientela’ que veste peça única, feita sob medida, (marca da distinção), e o caminho tomado para a explosão em escala ampla no mercado da comercialização da produção industrial das ‘griffes’ dos costureiros franceses, italianos e americanos, concomitante ao lançamento de leque variado de acessórios de vestuário desses mesmos nomes, agora, marcas industriais / comerciais (trade marks) e as relações criadas entre, por exemplo, os extratos sociais (grupos de profissionais e de usuários), setores da economia (indústrias química, têxtil, metalúrgica) e área técnico-educacional.

internacionais especialmente para as edições de moda; -- as nomeadas edições de figurinos de requintada elaboração (brochuras especializadas como L'Art et la Mode, L'Officiel apresentadas em grande formato e papel de alta gramatura, reproduzindo produtos de vestir, de toucador, cosméticos, perfumes, jóias); -- maquinário; -- utensílios variados e demais objetos presentes em coleções de acervos documentam o universo da moda em museus artísticos. Nesse conjunto de peças, os gêneros artísticos e técnicas aplicadas aparecem segundo as seguintes modalidades: -- desenhos / aquarelas; -- fotografias; -- design industrial e comunicação visual; -- artes gráficas; -- prataria; -- joalheria; -- vidros / cristais / porcelanas (fábricas renomadas produzindo frascos de perfumes, conforme os cancelados por Lalique ou pela fábrica Baccarat).

Na atualidade, a prática museológica --- tarefa que se expande estimulada por meio do entrelaçamento de saberes --- ao lado da formação de novos acervos e no modo de encará-los sob a perspectiva de estudos sob variados recortes, permite explorar essa rede de matizada trama.⁷⁷

Ao encerrar este capítulo, verifica-se que entre as instâncias de legitimidade cultural do campo da Museologia estão incluídos os Comitês Internacionais, no âmbito do Conselho internacional de Museus – ICOM (International Council of Museums),⁷⁸ organismo da UNESCO. Considerados “exclusivamente como corpos profissionais”, cada um desses 28 (vinte e oito) Comitês “dedica-se ao estudo de um tipo particular de museu ou a[s] determinada[s] disciplina[s] relacionada[s] ao museu”.⁷⁹ E tais organismos serão abordados de modo detalhado, no capítulo 8, ao se

⁷⁷ O uso pelas mulheres --- categoria Moda Feminina --- no período da Segunda Guerra Mundial, de traje de corte e estampa segundo o padrão masculino como o ‘tailleur’; em tecido denominado padronagem ‘risca de giz’, (na cor marrom e/ou cinza) com paletó de lapelas largas e ostentando ombreiras avantajadas evidenciam, na apropriação desse signo masculino do vestir, os novos papéis sociais assumidos pelas mulheres quando os homens estavam ausentes (muitas vezes, não regressando pela perda da vida na frente de batalha) e as possíveis mudanças na prerrogativa do patriarcado. O cinema americano (a cinemateca é museu e o filme é documento...) centrado na indústria do entretenimento de massa, padrão Hollywood, ajudou a construir e registrar o imaginário desse período.

⁷⁸ ICOM - International Council of Museums. Directorio. France: ICOM - UNESCO. Noticias del ICOM - Boletín del Consejo Internacional de Museos, v. 55. n. 1. 2002a.

⁷⁹ ICOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. List of Committees. Disponível em: <<http://icom.museum/inizio#inizio>>. --- <<http://icom.museum/>>. Acesso em: junho - 2002.

tratar especialmente do comitê dedicado à documentação / informação museológica, o CIDOC -- Conselho Internacional de Documentação do ICOM.

*Interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia***7. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA EM TEMPO DE CONHECIMENTO FRONTEIRIÇO: APLICAÇÃO OU INTERDISCIPLINARIDADE ?**

A dimensão interdisciplinar que imprimiu seu caráter nos campos da Ciência da Informação e da Museologia, desde o processo de formação das disciplinas, há algum tempo emite sinais que merecem ser considerados sob o prisma da relação entre as duas áreas. O relacionamento em pauta descortina três perspectivas que permitem expressar o modo pelo qual a relação se está dando a conhecer, ou melhor, como está sendo realizada.

A primeira é o contexto da Ciência da Informação, espaço no qual a relação é apontada por diversos autores dessa área do conhecimento sob o ponto de vista da explicitação conceitual, em artigos publicados desde o último quartel do século passado. A segunda é feição que trata do contexto da Museologia, no qual o relacionamento aparece na prática compartilhada do saber dos profissionais que configuram, ocupam e operam em zona comum integrando museu e informação sob a mesma inspiração. E a terceira destaca, no ambiente acadêmico da pesquisa e das aulas, o exercício teórico e prático que está conjugando Ciência da Informação e Museologia.

7.1 ENCANTAMENTO DA ETERNA MUSA: LITERATURA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A questão dessa relação entre Ciência da Informação e Museologia tornou-se objeto de estudos no exterior como no Brasil, inclusive, em espaços que não são aqueles específicos das comunidades de profissionais de museus. Assim o demonstra a revisão de literatura da área da Ciência da Informação quando enfoca a interdisciplinaridade.

O tema aparece tratado pela primeira vez em 1975 --- década marcada no histórico da interdisciplinaridade pelo efetivo movimento dessas

práticas nas ciências --- por Gernot Wersig e Ulrich Nevelling ¹ que, dispostos ao estudo dos fenômenos de interesse à Ciência da Informação, desenvolveram análises para compreender e explicar o aparecimento da disciplina e as necessidades sociais específicas às quais ela deve atender. Afirmam que a noção que a sustenta é aquela “de necessidade de informação de certas pessoas envolvidas no trabalho social, e de relação com o estudo de métodos de organização de processos de comunicação, tendo por finalidade atender essas necessidades de comunicação”. Os autores identificam, no âmbito dessa Ciência, quando atua atendendo às necessidades da informação que, assim o faz, tendo como perspectiva aquelas necessidades que são “justificadas social e individualmente para um amplo público” e, desse modo, relacionando atendimentos particulares aos domínios vinculados à[s] “clientela[s] específica[s].

Ao termino do artigo, os autores apontam as disciplinas relacionadas ao fenômeno Informação, apresentando quadro que comporta a Teoria Geral da Informação e inserindo a Museologia no conjunto denominado Ciências da Informação que reúne, também, as disciplinas consideradas afins: Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia, Comunicação, Educação.

Zhang Yuexiao nos anos 80 (1988) desenvolveu estudo no qual as definições e o domínio da informação são enfocados. Trabalhando a noção de um espaço informacional estruturado com incidência de “relações multidimensionais” (termo usado pelo autor no mesmo sentido de *relações interdisciplinares*) entre saberes de diferentes enfoques, o autor organiza-o segundo um esquema conceitual de Ciências da Informação. Apresentando-o sob a forma de dois quadros, estabelece a inserção da Museologia na companhia das outras disciplinas que determina como correlatas, a saber:

¹ WERSIG, Gernot, NEVELLING, Ulrich 1975. The phenomena of interest to Information Science. *The Information Scientist*, v. 9, n. 4, dez 1975. p. 127-140.

Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia, Jornalismo, Comunicação e Educação.²

Na Conferência Internacional -- Concepções da Biblioteconomia e Ciência da Informação: perspectivas históricas, empíricas e teóricas; que teve lugar na Universidade de Tampere, Finlândia, 1991, (publicação datada de 1992), a interdisciplinaridade constitui para Linda Smith³ sua questão de análise, já perceptível pelo título do seu artigo “Interdisciplinaridade: abordagens para compreensão da Biblioteconomia e a Ciência da Informação como um campo interdisciplinar.” O enfoque, que procura dar conta dos entendimentos epistemológicos construídos para conceituar interdisciplinaridade, procedeu à “revisão e síntese de autores que estudaram a natureza interdisciplinar” da Ciência da Informação,⁴ tendo sido, também, agregado temas fronteiros à disciplina e referenciados pela lista dos assuntos identificados na base de dados Lybrary and Information Science Abstracts - Lisa.

O museu aparece e, de modo idêntico, a Museologia está presente ao lado das disciplinas Comunicação, Telecomunicação, Organização e Administração, Educação e Ciência da Computação. Smith menciona as dificuldades encontradas para análise do material selecionado em razão das múltiplas categorias das indicações e das escassas informações quanto aos critérios (conceitos) de apoio que lhes deram origem.

Gernot Wersig, 1993, no artigo mencionado anteriormente,⁵ aborda a Ciência da Informação como “protótipo de ciência pós-moderna” ... “à semelhança da ecologia” e trata das “necessidades para desenvolver estratégias”, mencionando o uso de determinados conceitos que, embora, igualmente aplicados em diferentes campos, são, por isso mesmo, vistos

² YUEXIAO, Zhang. Definitions and sciences of information. Information Processing and Management, v. 24, n.4, 1988. p. 479-82, p. 488-489.

³ SMITH, L. Op. cit.

⁴ PINHEIRO, L. V. R. 1997. Op. cit. p. 243.

A pesquisa citada mereceu abordagem, também, em 1995.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. Ciência da Informação, Brasília: IBICT, v. 24, n.1, jan/jul. 1995a.

⁵ WERSIG, G. 1993. Op. cit. p. 229, 237, 238.

sob perspectiva restrita de cada área. Denominados pelo autor de “*interconceitos*” – ou de “transdisciplinares... pela qualidade com que se distinguem” -- merecem ser percebidos tanto nas particularidades que lhes deram origem disciplinar, quanto nas incorporações dos entrecruzamentos e, assim, compreendidos e trabalhados a fim de permitir sua reformulação científica, isto é, “a formulação de estratégias” para seu uso na Ciência da Informação.

Para Wersig, esse “*trabalho interconceitual*” e a sua aplicação se fazem apoiados numa postura de intertecer, ou entretecer, modelos e interconceitos. Destaca como exemplo desse exercício teórico e prático do conhecimento, o “design das exposições”, (o autor se refere ao plano discursivo / conceitual – Museologia -- que orienta e perpassa toda a montagem material / física, o plano prático da exibição – Museografia; formando o binômio teórico e prático sobre o qual se sustenta a exposição museológica), e afirma que “esta é uma das razões porque nós pensamos que os museus não são somente uma parte integral da Ciência da Informação, mas uma parte integral das estratégias pós-modernas de apresentação do conhecimento.”

Michael Buckland e Zimimg Liu, 1995, relatam, analisam e denominam de “história da Ciência da Informação”, procedendo à revisão de literatura, que tomou por base o que consideram “os principais campos de interesse dos membros da ASIS” – (a partir do ano 2000, denominada American Society for Information Science and Technology, ASIST); levando em conta a “representação, armazenamento, transmissão, seleção, (recuperação, filtragem) e uso de documentos e mensagens, onde os documentos e mensagens são criados para uso dos seres humanos”. Os autores situam os museus na categoria “áreas de aplicação especializada”, afirmando que os “aspectos educacionais, políticos, sociais, e técnicos dos

museus tornaram-se particularmente ricos e áreas de interesse para a Ciência da Informação.”⁶

Lena Vania Ribeiro Pinheiro enfoca a interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia em 1995, 1997 e 1999. O estudo desenvolvido pela autora, na tese de doutorado (1997)⁷ e nos dois artigos, abrange a “evolução conceitual da área”, o seu objeto de estudo e a sua natureza, as “dimensões social e tecnológica”. As relações no espaço da Ciência da Informação são representadas por meio de um diagrama que tomou como referência a trajetória do Mestrado em Ciência da Informação, convênio IBICT e ECO/UFRJ – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro,⁸ e “reflete o pensamento de um grupo de estudos brasileiro”.

A Museologia, nas áreas disciplinares, está associada a seis disciplinas: Representação da Informação, Sistema de Recuperação da Informação, Redes e Sistemas de Informação, Informação Cultura e Sociedade, Administração de Sistema de Informação, e Automação.⁹

A autora, em artigo publicado em 1999,¹⁰ reafirma e/ou esclarece posturas quanto aos autores e fontes discutidos em extensa e densa análise desenvolvida na sua tese e, ainda, em relação a outro artigo seu (1995)¹¹. Todos os seus trabalhos, como os dos demais autores da Ciência da Informação, enfocados na presente tese de Doutorado, tratam do assunto interdisciplinaridade nesse campo. Pinheiro explica, tendo em vista os resultados das suas investigações, que ocorrem alguns “equívocos” relacionados à compreensão e identificação dos comportamentos designados como “interdisciplinaridade e aplicações” na história da disciplina, pois os movimentos das aplicações “se mesclam com a

⁶ BUCKLAND, Michael, LIU, Ziming. History of information science. *Annual Review of Information Science and Technology – ARIST*, v. 30, 1995. p. 385.

⁷ PINHEIRO, L. V. R. 1997. Op. cit. p. 231-232.

⁸ A afirmativa da autora encontra pertinência na sua própria experiência, pois, há longa data, é Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, IBICT convênio ECO-UFRJ. (Rio de Janeiro).

⁹ PINHEIRO, L. V. R. 1999. Op. cit p. 173 –174.

¹⁰ Idem. Ibidem. Op. cit. p. 178.

¹¹ PINHEIRO, L. V. R., LOUREIRO, J. M. M.. 1995a. Op. cit.

interdisciplinaridade propriamente dita”. Assim, afirma que a Museologia constitui área de aplicação da Ciência da Informação.

O que se verifica pelos trabalhos de Pinheiro analisando o caminho percorrido pela Ciência da Informação, e no caso específico que se está apontando, agora, o das aplicações da disciplina, é que seu percurso passa por “contextos”, por “organismos”, por “campos do conhecimento”, entre outras inserções da informação e, nesse trajeto, poderá ter lugar o fenômeno interdisciplinar. Isso acontece em razão da complexidade e capacidade dinâmica do conhecimento em resposta a sua essência e à interação ao contexto social, portanto, cabe retomar a autora (1999): “É fundamental esclarecer que uma área de aplicação pode apresentar contribuições interdisciplinares”. (conforme citado, capítulo 4).

No âmbito da temática que se está abordando, qual seja a existência da interdisciplinaridade entre as disciplinas Ciência da Informação e Museologia, deve-se pontuar que a configuração alcançada, na tese, a partir da sistematização feita identificando o caráter das vertentes do conhecimento sob modelos de cooperação e interação representados, respectivamente, pelas categorias aplicação disciplinar e interação interdisciplinar nas suas formas de ocorrência no universo do saber e o processo de síntese que pode operar --- as modalidades e denominações: **A)** disciplinas cooperantes/instrumentalismo/processo ponte; **B)** interdisciplinaridade estrutural/epistemologia/reestruturação interdisciplinar, sendo identificado à tipologia **B** o termo modelo epistemológico na acepção da interdisciplinaridade como paradigma emergente e, ainda, o processo de incorporação efetuado entre A e B --- levou a considerar as interpretações dos trabalhos dos autores citados cuja produção cobre (cerca de) um quarto de século: Wersig e Nevelling, 1975; Yuexiao, 1988; Smith, 1992; Wersig, 1993; Buckland e Liu, 1995; e Pinheiro, 1995, 1997 e 1999.

Todos convergem para o reconhecimento do relacionamento entre as duas disciplinas e, embora não se coloque sob o foco da discussão a metodologia da análise empregada para os resultados por eles obtidos, no entanto, não se pode deixar de mencionar, ou melhor dizendo, deve-se

observar o problema da inserção da Museologia (Wersig e Nevelling; Yuexiao) em grupo denominado Ciências da Informação --- postura que não encontra concordância no domínio da Museologia na medida que aceitar essa proposição promoveria a perda da sua identidade e do seu espaço conquistado no universo do conhecimento.

Compreende-se, ademais, que a área da Museologia tenha sido indicada pelo termo Museu(s) que, dentre as formas do seu processo informacional-comunicacional, constitui aquela institucionalizada, vocalizando o seu canal de expressão cultural que mais tem ‘marcado’ o seu perfil no imaginário social. Quanto ao emprego do termo *museu*, em se tratando do contexto que enfoca o processo interdisciplinar, ele será discutido, a seguir.

Alguns pontos dos textos, além daqueles que já foram destacados e, também, quando se enfocou Pinheiro, merecem, ainda, ser objeto de atenção no tocante a alguns outros ‘sinais emitidos’, os quais devem ser levados em conta como ‘indícios’ do exercício interdisciplinar dentro dos padrões que esse processo promove ou faz uso, portanto, permitindo deslocar-se do eixo da cooperação ocasional entre disciplinas rumo ao trajeto das disciplinas que se articulam (cruzam / entrecruzam fronteiras) na interdisciplinaridade.

1. Iniciando-se pelo termo *museu*, organismo, em lugar de Museologia, disciplina ou campo, (Smith; Buckland e Liu; Wersig -- 1993). Conforme se explicitou, ao tratar dos espaços mistos nos estudos que se debruçam sobre a estruturação de novos campos, o museu e a biblioteca -- *- Repositórios de bens culturais ---* são considerados como *Objetos Fronteiriços* (Star e Griesmer), isto é, espaços / zonas comuns para as atividades profissionais desenvolvidas por comunidades híbridas, cujas condições são capazes de promover e acolher as interações heterogêneas entre diferentes campos, aquelas próprias do conhecimento fronteiro, o

interdisciplinar. Em razão dessas características apontadas, esses espaços são compreendidos como *zonas de acordo, de negociação*.¹²

2. A proposição (Wersig) dos interconceitos e modelos transdisciplinares, do trabalho interconceitual dos movimentos de reformulação científica como proposta estratégica de mudança para seu uso na Ciência da Informação soa familiar ao vocabulário da interdisciplinaridade, identificada ao seu processo de incorporação de conteúdos conceituais e ações de reorganização do conhecimento, no qual as interlinguagens afloram como distintivo.

A compreensão da *exposição museológica* como trabalho interconceitual que identifica na materialização da prática museográfica a interdisciplinaridade assentada na elaboração do discurso museológico, construído à semelhança do modelo da intertextualidade, é formulação que foi percebida e apontada pelo autor da Ciência da Informação.¹³

Ao expor a questão dos objetos fronteiriços e o trabalho interconceitual, ocorre reflexionar --- tendo como referência Löwy e a pesquisa interdisciplinar no ambiente misto do laboratório biomédico --- acerca do deslocamento e entendimento que se processa no espaço profissional do acordo e interação, o núcleo rígido; com conceitos, ali, introduzidos e praticados, que são provenientes dos pensamentos particularizados e diferenciados mantidos nos seus grupos de origem, a periferia difusa.

3. Os museus sob a forma de estratégia pós-moderna de apresentação do conhecimento (ainda, Wersig) representando área de aplicação e de interesse particular da Ciência da Informação (Buckland e Liu) permitem associar ao trabalho da construção e transferência de informação que é realizado pela Documentação e Informação Museológica,

¹² LÖWY, I. F. Op. cit. p. 233-249.

Ilana Löwy, assim como Julie Klein, referenda o trabalho de Leight Star e James Griesmer (a obra é citada e consta da bibliografia das autoras).

¹³ KRISTEVA, Julia. *Le langage, cet inconnu*. Paris: Seuil. 1981. Apud FALCON, Francisco José Calazans. A história cultural. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1992. (Coleção Rascunhos de História). p. 9.

processo que se teve oportunidade de traçar correspondências associando-o ao estudo de Barreto, no campo da Ciência da Informação. Ainda, no próximo tópico, a Documentação e Informação Museológica é assunto a ser detalhado.

Não estaria presente, nas indicações sob os números 1, 2 e 3, a percepção de um ‘tempo’ movimentando mudanças no quadro das relações do conhecimento, que se daria, nesse caso, no ambiente da aplicação --- da Ciência da Informação na área Museologia; dando passagem para o estado interdisciplinar, caracterizando a contribuição que foi mencionada por Pinheiro ?

7.2 DESLIMITES DA ETERNA MUSA: COMPARTILHANDO PRÁTICAS

Em se tratando da área da Museologia, os exemplos de estudos e práticas comuns encetados e desenvolvidos pelos profissionais de museus (museólogos e outros agentes ¹⁴ que, porém, não possuem essa específica formação)

“2. Os profissionais de museu são o conjunto de membros do pessoal dos museus ou das instituições que correspondem à definição do artigo 2(1), que hajam recebido formação especializada ou possuam experiência prática equivalente em qualquer campo relativo à gestão e as atividades de um museu e as pessoas independentes que respeitem *Código de deontologia do ICOM para os museus* e trabalhem para museus, de acordo com a definição anterior [item 1, do artigo 2 – Definições, Estatutos do ICOM.¹⁵] como assessores ou profissionais, sem promover produtos e aparelhos necessários para os museus e seus serviços, nem comercializá-los.” ¹⁶

juntamente com cientistas da informação, além dos demais profissionais da informação que atuam nessas instituições --- bibliotecários, arquivistas e

¹⁴ Exemplos dos profissionais atuantes em museus à exceção dos museólogos: historiadores da arte, historiadores, arqueólogos, antropólogos, cientistas sociais, botânicos, entomologistas, etc.

¹⁵ Definição de museu que foi mencionada no capítulo 1.

¹⁶ ICOM. 2002b. p. cit. p. 16.

outras especializações estão representadas nos serviços de comunicação ou de informação e, ainda, nos setores de registro e documentação --- encontram-se formalizados institucionalmente e em nível internacional, em razão de terem sido particularizados em âmbito de fórum técnico, permanente e reunindo associados que atuam no campo da Museologia, o CIDOC do ICOM - UNESCO: Comitê Internacional para Documentação do Conselho Internacional de Museus --- Comité International pour la Documentation / International Committee for Documentation do International Council of Museums integrando o complexo da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

O CIDOC ¹⁷ é o órgão responsável pelo debate das questões da *informação museológica (museum information — information museale)* ¹⁸ no contexto das manifestações culturais nas duas formas em que são expressas pelos bens culturais: aspectos materiais e aspectos não materiais.

19

No primeiro caso, o caráter da materialidade dos bens simbólicos, o concreto constitui o próprio suporte da informação, fornece a base para iniciar o processo da sua construção que considera na categoria *dado informacional*: os artefatos produzidos pela humanidade e demais objetos elaborados pelos seres vivos (esse último pode ser ilustrado pelo ninho, ‘a casa’, do pássaro conhecido popularmente como João de Barro); os exemplares e os espécimes de diferentes ordens originários da natureza, inclusive os seres vivos, a exemplo dos parques naturais, jardins zoológicos e botânicos. Todo esse conjunto de bens tangíveis integra e está, também,

¹⁷ Ao longo dos anos o CIDOC tem sido responsável pela produção de textos conceituais e por projetos operacionais, em nível regional e internacional, tratando da informação referente ao Patrimônio Cultural --- *cultural and natural heritage* como é denominado, também e internacionalmente, esse patrimônio --- exemplificado pelas tipologias de acervos e os enfoques apresentados pelos museus. Nesses trabalhos, devem ser destacados os dirigidos à documentação / informação museológica armazenada e disseminada pelos Centros de Documentação e/ou de Informação dos Museus.

¹⁸ ROBERTS, Andrew. The museum information profession and CIDOC. *CIDOC Study Series*, France: ICOM - International Committee for Documentation. v. 3, dec. 1996. p. 5-7.

¹⁹ HOGENBOOM, Jeanne. Editorial - Introduction to museum documentation issue. *CIDOC Study Series*, France: ICOM - International Committee for Documentation. v. 3, dec. 1996. p. 2.

correlacionado à definição de Museus do ICOM já apresentada no capítulo 1.²⁰

No segundo caso, caráter imaterial dos bens simbólicos, estão situadas as manifestações culturais que não se apresentam ‘inscritas’ em objetos, já que não estão materialmente representadas em razão da sua natureza intangível, tratando-se daqueles bens sem apoio de qualquer suporte físico (procissões, cantos, danças, jogos etc.), portanto, necessitando que sejam representados por registros de imagens e/ou textuais e/ou sonoros a fim de poder estabelecer formas tangíveis para o dado informacional a ser construído e, sobretudo, para permitir que seja avaliada na informação museológica a relevância da representação do conhecimento daquele tipo de costume tradicional, atendendo à descrição detalhada dos valores de forma e conteúdo desses aspectos culturais nas suas variâncias locais, ao modo da catalogação dos objetos concretos (tridimensionais).

Em se tratando especialmente do campo da arte torna-se importante fazer referência ao segmento relativo às manifestações que se apresentam, também, sob formas artísticas cuja natureza nem sempre oferece condições para permitir sua existência como objetos integrantes dos acervos museológicos, no sentido tradicional do termo

Trata-se das propostas artísticas que foram formuladas a partir dos anos sessenta do século XX e integram-se às questões do campo rotuladas no âmbito das Artes Plásticas como arte conceitual (arte corporal / arte narrativa / arte performática), indicada como body art, performance, happening e determinados tipos de ‘instalações’ entre outras denominações das variadas formas de fazer arte segundo tal concepção.

Nessa perspectiva mesmo existindo elementos materiais ou suportes nas ações artísticas eles são de outras ordens (vídeos, mapas, textos, cópias xerográficas etc.) e, também, da parte do expectador tais propostas artísticas trouxeram a contribuição de exigir sua participação e atenção para

²⁰ ICOM. 2002b. Op.cit. p. 16.

a efetivação do processo da arte. Deslocou-se o eixo da posição *espectador* do resultado para o papel de *participante* do processo. E isso só pode acontecer de fato quando a proposta é realizada do modo em que foi *pensada* pelo artista, isto é, sem alterar sua proposição inicial no local onde estiver sendo apresentada.

Outra característica se funda na relevância do sentido do termo *efêmero*, agora agregado à efetivação da proposta (arte efêmera), em contraponto ao sentido do termo permanente que se construiu associado à imagem de uma determinada obra de arte (o valor eternidade implícito na obra de arte). Desse modo, o conceito / a idéia é exposta por meio de uma *ação artística* intervindo no ambiente, seja pelo exercício do gestual-comportamental, seja pela elaboração de composições com elementos físicos (materiais) e, em geral, é possível dizer que constituem apresentações caracterizadas como de breve duração, segundo o tempo em que podem ser vistas pelo público --- minutos, dias, meses.

Em se tratando do aspecto *original* das obras --- outro conceito que parecia, também, ser inerente à condição de obra de arte e foi objeto de contestação --- elas podem (e devem...) sofrer alterações enquanto existirem, já que a ocorrência de desgaste do material, portanto o aspecto da deterioração, é incorporado ao processo dessa experiência artística. Ainda, as produções artísticas podem ser do tipo que, depois de desmontadas, não permitem a remontagem pela impossibilidade física de reconstrução dos elementos que se destroem na operação da desmontagem, condição que foi prevista e orientou a elaboração artística da proposta. Como exemplo dessas ações pode ser apontado o trabalho do artista plástico Christo 'embrulhando' monumentos e obras de engenharia, ações que foram divulgadas em jornais e revistas, televisão etc., ainda nos anos 80/90 (século XX).

Tais proposições estão baseadas em conteúdos que alcançam a primazia do conceito, em detrimento das outras questões tratadas pelos gêneros artísticos tradicionais, calcados no objeto de arte e sua fatura. A inexistência dessas *obras* depois das apresentações é a tônica do processo.

Em fases posteriores às apresentações dessas propostas artísticas, a partir dessa noção de fazer arte, elas só estarão aptas para discussões e estudos dos pesquisadores caso sejam documentadas e gerem registros (texto, imagem, som).

A transferência para os museus dos direitos de instalação de certos tipos dessas propostas é prática que já ocorre (embora, ainda incipiente).²¹ Ela pode ser explicitada apontando-se as 'idéias artísticas' e fazendo-se representar pelos projetos e demais elementos que orientam as formas de montagem e exibição. O conjunto de documentos de tipologias diferentes que formaliza a proposta artística passa, então, a integrar os acervos das instituições que se torna detentora desse direito legal de realização para fins de exibição.

Essa prática, integrar o âmbito institucional museológico (seja sob qualquer denominação ou tipologia sob a qual se identifica o conceito museu e a musealização), vem de encontro à imagem de "instância de consagração" determinada para o museu por Pierre Bourdieu. Considerado na categoria de maior relevância do campo das Artes, representa o *agente* detentor do mais efetivo exercício do poder simbólico, ou dizendo de outra modo, aquele que por *missão* (pela competência), entre outros quesitos, é dotado de 'natureza cultural' (em oposição à natureza comercial das galerias de arte), possui acervo permanente em constante exibição pública chancelando o padrão distintivo do campo, estabelece compromisso com pesquisas e a disseminação da informação cultural.

O tema acerca da informação da cultura não material --- é, ainda, objeto de estudos no que concerne a alguns dos modelos alternativos de museus (anteriormente discutidos), tendo em vista que não possuem coleções / acervos do tipo tradicional, sejam localizados em prédios quer musealizados a céu aberto --- e os problemas que lhes são pertinentes, relacionados aos modos de estabelecer documentação para efeitos de disseminação da informação museológica têm sido uma questão que está

²¹ Informação prestada por artistas plásticos à autora da tese.

sendo tratada pelo CIDOC, mobilizando a comunidade de associados, tanto que sua Conferência Anual (1996) realizada em Nairóbi, no Kênia, foi dedicada a esse assunto.²² Em 2002, setembro, Porto Alegre, Brasil, a Conferência do CIDOC destacou, mais uma vez, esse tema sob o título: Preservando Culturas: Documentando o Patrimônio Imaterial --- Preserving Cultures: Documenting Non Material Heritage.²³

A existência da prática conjunta (não estaria, aqui, mais um sinal para encaminhar ao cruzamento de fronteiras, às interações interdisciplinares ?) entre os campos da Museologia e da Ciência da informação gerou um grupo de profissionais denominado no exterior de “*museum documentalists*”, (*documentalistas de museu*, embora não se tenha, ainda, deparado com o uso do termo no Brasil), especialistas que participam, em especial, dos estudos da disciplina denominada Documentação [Informação] Museológica, atividade responsável pelo processamento do acervo museológico que envolve o conjunto de conhecimentos específicos dos domínios da Museologia, da natureza / área da coleção do acervo em questão e da Informação. Nesse grupo verifica-se a identidade *grupo híbrido / comunidade híbrida*, detentor de *interlinguagens* e, por conseguinte, delineando a figura do agente social das práticas interdisciplinares que se processam no universo do conhecimento e são percebidas nos contextos museológicos.

A Documentação Museológica que “envolve muitas atividades: processo de entrada e registro, documentação legal, catalogação, controle de movimento [gerenciamento de acervo] e mais...”²⁴ vem a significar a elaboração da informação voltada ao conhecimento do acervo museológico (o objeto / o exemplar / o espécime / o território e, nos dias atuais, também o registro da manifestação cultural intangível), ao seu manejo e à disseminação dos conhecimentos que lhes são pertinentes em ambiente interno e externo ao museu, e assim também em qualquer circunstância pela

²² CIDOC. dec. 1996. Op. cit. p. 7.

²³ CIDOC CONFERENCE. 2002, International Committee for Documentation.. Preserving Cultures: Documenting Non Material Heritage. 17-20 setembro. Porto Alegre. CIDOC - ICOM. 2002. Notificação oficial enviada aos membros do CIDOC: carta-convite e formulário de inscrição.

²⁴ GETTY. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/fda>>. Acesso em: maio - 2002.

qual passam as peças de coleções, agregando (ganhando) informação à sua existência museológica.

Pode-se, à guisa de ilustração desse processo (que deságua nos dados registrados na matriz de catalogação) assinalar alguns exemplos caracterizados como:

- exposições permanentes = localização da peça: situada no próprio museu, em determinado ambiente do circuito expositivo;
- exposições itinerantes do museu depositário = localização da peça: em local diferente daquele que é o seu de guarda costumeira, em razão de evento específico e por determinado período de tempo;
- empréstimo de acervo = localização da peça e situação administrativo-legal: situada em outros locais em programação de exibição permanente (fixa) ou itinerante, portanto, fora do ambiente do museu que é seu proprietário/depositário e, nesse caso, estando a peça sob cessão temporária;
- reserva técnica = localização da peça: em espaço específico do museu para armazenamento do acervo e, assim, fora de exibição. Local, também, usado para atividades de catalogação ou outro estudo pertinente;
- laboratório de restauração = localização da peça: em ambiente específico do museu, porém, momentaneamente fora do seu local usual de armazenamento e/ou de exposição para fins de tratamento técnico de especial modalidade;
- referências bibliográficas acerca do acervo = reprodução da peça em determinado veículo de comunicação: fotografada ou filmada para determinado livro, revista, filme e, também, novelas de televisão.

A movimentação e situação que foram mencionadas e relacionadas ao exemplar museológico --- a peça; constitui dado informacional registrado na sua ficha catalográfica, anotando facetas administrativas, técnicas, legais, etc., e dando 'colorido' às situações relacionadas à 'vida da peça', do bem

cultural sob guarda da instituição. Esse processo de agregar informação (o mesmo que informação com valor agregado) ²⁵é, no ambiente cotidiano do trabalho, denominado 'ganhar informação', quando de modo contrário não se controla a informação, deixando de registrá-la, qualquer objeto 'perde informação'.

Desse modo, a atividade informação perpassa, atendendo, aquelas demais atividades que estão ligadas às funções primordiais do museu nas suas três linhas técnico-conceituais e nos desdobramentos que envolvem o conhecimento museológico, o manejo dos acervos e as relações daí advindas. Retoma-se o texto de Mensch, ²⁶ podendo-se acrescentar outros recursos, ao item 3, isto é, atualizações, tais como bases de dados, sistemas de informação em redes de comunicação.

"1. Preservação:... coleta, conservação, restauração, armazenamento e documentação";
2. "Investigação: ... interpretação científica do valor informativo do patrimônio cultural ..." [pesquisas]; 3. "Comunicação: métodos ... para transferir a informação a uma audiência: publicações, exposições e atividades educativas adicionais."

A informação resultante do estudo da *fonte principal de informação*, ²⁷ que se compreende representada pelo próprio acervo / objeto museológico em sentido genérico, significando aquilo que se tornou coleção ou foi musealizado ²⁸ e sua identificação pelo museólogo, assim como informações relativas aos *referentes para seus estudos* e provenientes das demais fontes (as contextuais que são de ordem bibliográfica – em sentido amplo o emprego desse termo), constituem parte do complexo primordial para as pesquisas que são de duas naturezas: a) de ordem interna: responsabilidade

²⁵ KIELGAST, Soeren, HUBBARD, Bruce A. Valor agregado à informação: da teoria à prática. Ciência da Informação. Brasília. v. 26, n. 3, p. 271-276, set-dez. 1997.

²⁶ MENSCH, P. 1992. Esse trecho já foi citado e referenciado em capítulo anterior.

²⁷ FERREZ, Helena D. PEIXOTO, Maria Elizabete S. (Compiladoras) Manual de catalogação: pintura, escultura, desenho, gravura. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes. 1995. p. 10.

²⁸ Em se tratando das manifestações nomeadas bens culturais intangíveis, é possível estender o termo fonte primária (que no tangível é o próprio objeto) aos relatos ou as imagens que os interpretam e lhes dão a feição *representação material*, tornando-os passíveis de estudos e disseminação da informação pelas instituições da área técnica. Os agentes profissionais, responsáveis por tais interpretações que permitem os registros culturais / documentais, atuam como mediadores culturais entre os planos do abstrato e do concreto, tornando viável o processo de ativação da Memória Social.

do corpo técnico da instituição (ou quando não é museu tradicional, responsabilidade dos profissionais engajados no projeto de cunho museológico); e b) de ordem externa: referida aos demais pesquisadores especializados e ao grande público que utiliza os serviços do museu.

Entre os “profissionais dos museus envolvidos com o tema e a problemática da documentação”, ²⁹ nos quais se destacam os *documentalistas de museus*, incluem-se, também, aqueles que trabalham a informação em outras seções técnicas, que ‘sempre existiram’ compondo o conjunto museológico, ou seja, as bibliotecas e os arquivos históricos, (como outrora o Mouseion de Alexandria.) e, ainda na atualidade, os centros de documentação / de informação, todos responsáveis pelos acervos dos referentes interpretativos para estudos dos objetos nomeados de museológicos. Lembrando-se que esses referentes sob a ótica da arte são reconhecidos no âmbito das percepções artísticas como indicativo da *recepção / apreciação da obra de arte* e, ainda, identificados aos *documentos sobre arte e aos discursos sobre arte*.

As pesquisas nas unidades museológicas são atividades desenvolvidas pelos museólogos e os demais membros especializados do corpo técnico, compondo prática pertinente ao cotidiano pois abordam assuntos que definem e se relacionam às categorias técnicas dos museus (originárias do modelo tradicional) --- histórico, artístico, científico (inclui o museu de ciência e tecnologia); conjugando as tipologias como os enfoques atribuídos aos acervos. Constituem trabalhos que fornecem os elementos para elaborar o denominado *discurso do museu* --- a mensagem que se tornou mais conhecida no plano da exibição / visitação pública --- transmitido por meio do veículo determinante que, tradicionalmente, se associa de imediato à imagem do museu: a *exposição* (de cunho permanente e/ou temporária).

A relação que se estabelece com o ambiente externo ao museu (os segmentos do público, recebendo a mensagem emitida pelo discurso

²⁹ HOGENBOOM, J. Op. cit. p. 3.

museológico)³⁰, origina-se e desenrola-se em razão da função técnica denominada pelo campo da Museologia de *Comunicação (em Museus)* e, conforme se mencionou há pouco, vinculada aos métodos e recursos utilizados para transferência da informação e às formas de disseminar a informação nos produtos e serviços museológicos, que costumam ser apresentados segundo as modalidades diversas junto às atividades pedagógicas que são costumeiramente desenvolvidas. O exercício comunicacional da informação museológica efetiva-se nesse contexto, na medida em que, lembrando Barreto e conforme já se explicitou, a Comunicação é caracterizada e denominada de indústria da produção e do conhecimento e, na qualidade de produtora, promove em relação à informação tanto o acesso quanto a sua assimilação.

Convém ressaltar que a função técnica designada em âmbito museológico como *Comunicação*, encontra seu paralelo no processo que a Ciência da Informação nomeia como *Transferência da Informação*. Assim, nesse ponto, pode-se retomar Wersig e Buckland & Liu no tocante à relevância da exposição museológica e dos museus (ressalvando-se que o termo ‘museus’ usado pelos autores deve ser entendido como área / disciplina) para o complexo do conhecimento sobre o qual se alicerça a Ciência da Informação.

O CIDOC que focaliza as atividades do cotidiano museológico vinculadas ao patrimônio no que concerne aos temas do processamento técnico da informação, das linguagens documentárias, das terminologias, dos padrões, normas, modelos e formas de ação em variados meios comunicacionais etc., congrega diversos Grupos de Trabalho (Working Groups ou Groups)³¹ que reúnem membros de diferentes museus e instituições afins, comunicando-se e operando por correspondência e

³⁰ VÉRON, E, LEVASSEUR, M. Op. cit. p. 21.

³¹ Anteriormente denominados Working Groups são identificados pelo Comitê, há cerca de dois anos, por Groups. Alguns documentos, embora recentes, continuam a usar a nomenclatura Working Group.

contatos tradicionais e/ou por meio dos recursos eletrônicos dos dias atuais.

Os Grupos são: ³²

- Archaeological Sites, Sítios Arqueológicos (a);
- CIDOC Services, Serviços do CIDOC; (atendimento ao usuário, disseminação de produtos de informação);
- Contemporary Art, Arte Contemporânea (a);
- Documentation Standards, Terminology, formado por dois grupos: o de Normas Documentárias em associação ao grupo de Terminologia;
- Ethno, Etno[grafia];
- Iconography, Iconografia (a);
- Multimedia, Internet, formado pelo grupo Multimídia unido ao grupo Internet (disseminação da informação pelas novas mídias);
- Museum Information Centres, Centros de Informação de Museus ;
- Conceptual Reference Model Special Interest Group, Grupo de Interesse Especial Modelo Conceitual de Referência que absorveu o antigo grupo Modelos/Modelagem de Dados. É o mais recente, foi criado em 2000 com status “especial”.

Torna-se relevante apontar com relação aos Grupos CIDOC, agente institucional que destaca a questão da Informação pela própria natureza que constitui e orienta o Comitê, que todos mantêm assuntos relacionados aos museus de arte --- até pelo enfoque que pode ser dado a determinadas coleções de outras categorias de museus, como, por exemplo, elementos do acervo etnográfico denominado e compreendido, também, como arte plumária --- embora, tenham sido somente assinalados (a) (=arte) aqueles que designam (melhor dizendo, são designados em razão de) áreas temáticas específicas e detentoras de raiz comum para melhor entendimento da vinculação existente.

³² CIDOC. 1996. Op. cit. p. encarte.

CIDOC GROUPS - WORKING GROUPS .Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/board1.htm>>. --- <http://cidoc.ics.forth.gr/crmgroup_status.html>. Acesso em: agosto – 2002.

Paralelamente, estão as demais atividades realizadas pelo Comitê³³ como por exemplo, as produções sob o formato de publicações técnicas³⁴ dos Grupos, do próprio Comitê, de outros Comitês do ICOM que atuam em parceria, e dos estudos / projetos integrados desenvolvidos com outras Instituições afiliadas ou não. O CIDOC inclusive, está aberto às consultas da mesma maneira que os demais Comitês temáticos do ICOM.

Entre inúmeros trabalhos resultantes das ações dos Grupos CIDOC que apóiam as comunidades museológicas em contexto informacional (portanto, conjugando Bibliotecas, Arquivos, Centros de Documentação / Informação) merecem que sejam citados seis deles, pois envolvem o tema Catalogação de acervos sob diferentes perspectivas.

O primeiro indicado (a, b), refere-se a dois modelos básicos para uso geral (existem outros específicos para determinados acervos e situações técnicas que, também, serão tratados em seguida) em atividades da Documentação Museológica em três idiomas (Inglês, Francês, Espanhol):

a) CIDOC Labelling and Marking Objects -- Etiketando e Marcando Objetos;

b) CIDOC Registration Step by Step -- Registro Passo a Passo;³⁵

sendo destinados, respectivamente:

a) identificação do objeto por meio de marcação técnico-física na própria peça do acervo, realizada seguindo as recomendações específicas da Museologia descritas no documento para o registro numérico, ou número de tombo / de inventário de cada peça e, ainda de que modo anexar, ou

³³ O CIDOC realiza encontros técnicos a exemplo das reuniões com pequenos grupos temáticos. O evento maior é a reunião anual de caráter internacional do Comitê.

De dois em dois em dois anos todos os Comitês do ICOM se reúnem em grande evento realizado na mesma cidade. Em 2001, ocorreu no final de junho, em Barcelona.

³⁴ Além das versões tradicionais, impressas, o CIDOC vem apresentando algumas versões eletrônicas para o NEWSLETTER, artigos de Congressos e outros textos técnicos. Esse procedimento do Comitê tem facilitado para os membros acesso à informação referente aos problemas, debates e propostas ou melhorias em busca de soluções.

³⁵ CIDOC -- LABELLING AND MARKING OBJECTS. (CIDOC Fact Sheet; 2).). Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/home.htm>>. Acesso em: maio -- 2002.

CIDOC -- REGISTRATION STEP BY STEP: when an object enters the museum. (CIDOC fact sheet; 1). Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/home.htm>>. Acesso em: maio -- 2002.

‘marcar’ no objeto esse número de identificação sem interferir permanentemente no material e no aspecto visual da peça;

b) identificação técnico-descritiva para o registro museológico do denominado inventário, ocorrendo logo na entrada da peça no museu. Consta de grupo mínimo de elementos indispensáveis para identificação/catalogação do objeto.

Tais modelos simplificados (os indicadores ocupam a frente e o verso de uma folha de papel e, assim eles são nomeados “folhas”) são úteis para orientar instituições e colecionadores, sendo amplamente utilizados, inclusive, prestando-se como elemento fundamental quando não há pessoal profissionalmente capacitado para tais tarefas, pois o modelo Inventário, (com cerca de 16 – dezesseis, itens), pode ser usado como matriz de catalogação.

O outro modelo técnico-descritivo já endereçado à catalogação completa é o modelo denominado International Guidelines for Museum Object Information: the CIDOC Information Categories ³⁶ -- Diretrizes Internacionais para Informação do Objeto Museológico: as Categorias de Informação do CIDOC.

Trata-se de pesquisa tomando por base modelos e atividades de instituições. O resultado alcançado foi a matriz proposta para ficha catalográfica do objeto museológico com base comum para diversos tipos / gêneros de acervos. Traz alentada explicação --- descrição, definição e exemplos --- para o que foi denominado de *grupos de informação* e de *categorias de informação* (variáveis e seus indicadores, o mesmo que itens de informação) que geram termos para indexação, sendo usados, também, como títulos nos campos do documento de registro. São 22 (vinte e dois)

³⁶ CIDOC - International Committee for Documentation, International Council of Museums (ICOM). International guidelines for museum object information: the CIDOC information categories. CIDOC, 1995a. Edited by a joint project team of the CIDOC Data and Terminology and the CIDOC Data Model Working Groups. Editors: Alice Grant, Joséphine Nieuwenhuis, Toni Petersen. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/guide/guide.htm>>. Acesso em: junho – 2002.

grupos de informação, comportando 74 (setenta e quatro) categorias técnicas para identificação de:

- a) dados de natureza física (dados intrínsecos do objeto que são diversificados quanto à natureza dos materiais de elaboração dos objetos) e;
- b) do conjunto agregado de dados contextuais ou simbólicos (dados extrínsecos ao objeto de várias ordens) relativos ao objeto de coleção.

Esse modelo é aplicado pelo museólogo, ou profissional de museu especializado em determinada área do conhecimento, às categorias tipológicas dos acervos, ressaltando-se que o Guidelines exerce função de orientação para os sistemas de informação dos museus de grande porte (em geral eles se confundem com aqueles considerados relevantes pelo campo), podendo (e devendo...) ser adaptado às necessidades técnicas e operacionais de cada instituição em relação às especificidades das suas coleções. Modelos tomando por base o Guidelines se fazem presentes nas bases de dados que disseminam informação museológica (na medida em que o fundamento é consensual) e, assim, aparecem na Internet, nos sites dos museus franceses ou americanos.

Nessa linha de modelos desenvolvidos pelo CIDOC para modelos de uso em inventários básicos e/ou para catalogação completa de acervos e, também, vinculado às pesquisas sobre culturas em seus diversos aspectos, situa-se o Handbook of Standards: Documenting African Collections (1996),³⁷ manual de normas (padrões) de documentação especificamente elaborado para coleções africanas com enfoque dirigido para uso nos

³⁷ Entre os anos de 1991-92 foi criado pelo ICOM, Conselho Internacional de Museus o AFRICOM Program para o desenvolvimento de museus nas comunidades africanas de diversos países da região. Um dos projetos foi para estabelecer o inventário das coleções africanas. Em 1999 foi criado em Lusaka, Zâmbia o AFRICOM - Conselho Internacional de Museus Africanos, UNESCO; Organização Não Governamental pan-africana sediada em Nairóbi, no Kênia.

O grupo de trabalho dirigido pelo CIDOC integrou a Tunísia, Kênia, Namíbia, Zaire, Mali e Madagascar, países que participaram do projeto-piloto e testaram a aplicabilidade do modelo em seis museus antes da sua disseminação no continente.

HANDBOOK OF STANDARDS: DOCUMENTING AFRICAN COLLECTIONS. (AFRICOM). Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/afstand0.htm>>. Acesso em: julho -- 2001 -2002

campos das Humanidades e das Ciências Naturais.³⁸ Do mesmo modo que o Guidelines CIDOC, o documento técnico consta de matriz de catalogação (com exemplos), listagem de categorias técnicas para as classificações dos objetos e/ou espécimes, como vocabulários controlados. Apresentando versões originais em Inglês e Francês e tradução para o árabe (ICOM Regional Organisation for the Arab Countries) ele é resultante do projeto-piloto Standardization of Collection: Inventories in África --- Padronização de Coleções: Inventários Africanos, AFRICOM Inventory Project (1993-1997/8).

Outro modelo dirigido, agora, ao tema e tipologia dos denominados *museus a céu aberto* (denominados museus de território) de etnologia, de etnografia, e de antropologia, e do mesmo modo aos museus tradicionais detentores de coleções dessas categorias / áreas é aquele denominado International Core Data Standards for Ethnology / Ethnography – Modelo Mínimo Internacional para Padronização de Dados de Etnologia e Etnografia,³⁹ com versões em Inglês e Francês.

Ainda nesse contexto de modelos para museus a céu aberto e seus entornos (perímetro de ambientação da área) foi elaborado o Draft International Core Data Standard for Archaeological Sites and Monuments;⁴⁰ Esboço - Modelo Mínimo Internacional para Padronização de Dados dos Sítios Arqueológicos e Monumentos, também editado em Inglês e Francês.

³⁸ Os tipos de coleções para uso do modelo, exemplos: -- Humanidades --- história, arqueologia, etnografia, arte etc.; -- História Natural --- paleontologia, zoologia, geologia, etc.
ICOM -- CIDOC. International Council of Museums - International Committee for Documentation. Manuel de normes: documentation des collections africaines / Handbook of standards: documenting african collections. AFRICOM. Paris: ICOM -- CIDOC. 1996.

³⁹ CIDOC. International Committee for Documentation. International core data standards for ethnology/ethnography / Corpus international de traitement normalisé des données en ethnologie/ethnographie. [Patras]: CIDOC Etho Working Group, Patras University and ICOM Hellenic National Committee. 1996b.

CIDOC -- INTRODUCTION TO THE INTERNATIONAL CORE DATA STANDARD FOR ETHNOLOGY / ETHNOGRAPHY. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/ethst0.htm>>. Acesso em: maio -- 2002.

O trabalho, iniciado em 1993, foi publicado em 1996.

⁴⁰ CIDOC. International Committee for Documentation. Draft international core data standard for archaeological sites and monuments. [s.l.]: CIDOC Archaeological Sites Working Group. 1995b.
CIDOC -- INTRODUCTION TO THE DRAFT INTERNATIONAL CORE DATA STANDARD FOR ARCHAEOLOGICAL SITES AND MONUMENTS. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/arch0.htm>>. Acesso em: maio - 2002.

Esses dois últimos modelos que focalizam a tipologia técnica *museus de territórios* tratam, assim, de acervos que se fazem representar por edificações, ruínas, grupos escultóricos ou elementos isolados ao ar livre, por áreas abertas de diversas finalidades, como locais de culto, cemitérios, sambaquis. Alguns exemplos são internacionalmente conhecidos: Conjunto escultórico (figurativo) na Ilha da Páscoa; Teotihuacan, antiga cidade do grupo cultural Olmeca, no México; o Vale dos Reis no Egito (as pirâmides etc), Stonehenge (monumentos monolíticos, cultura Celta) Inglaterra (Reino Unido).

Em relação às atividades realizadas pelo Comitê, particularmente aquelas desenvolvidas pelos Grupos CIDOC, com diversos ramos temáticos que se inter cruzam, cabe a seguinte reflexão: não estaria ocorrendo entre os campos (que participam e assistem...) o exemplo conceitual e prático do efetivo exercício da ação consertada, construção e situação que a visão dos estudos epistemológicos creditam à natureza da formação interdisciplinar?

7.3 COMPOSIÇÃO DA ETERNA MUSA: CONEXÃO NA ACADEMIA

Convém que se faça menção ainda, e sob um fio condutor cronológico, aos acontecimentos que se estão processando na área universitária, no Brasil, que encontram na Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), organismo federal, o exercício pioneiro, em âmbito acadêmico no País, do processo interdisciplinar entre as áreas Museologia e Ciência da Informação (ainda, Biblioteconomia e Arquivologia) que se faz marcado, há mais de dez anos (final dos anos oitenta - 1988), pela criação do antigo Mestrado em Administração de Centros Culturais, atualmente Mestrado em Memória Social e Documento - MMSD (a partir de 1995), no âmbito do Centro de Ciências Humanas. Desde sua fundação caracterizou-se pela interdisciplinaridade apresentando, no contexto da “dinâmica” do seu “esquema conceitual”, a abordagem “Informação e Comunicação” ligada à “função teleológica do objeto” (relações entre sociedade e cultura).⁴¹

⁴¹ COORDENAÇÃO DO MAAC. Curso de Mestrado em Administração de Centros Culturais: esquema conceitual. Apontamentos, MEMÓRIA E CULTURA. Revista do Curso de Mestrado em Administração de Centros Culturais. Rio de Janeiro. UNI-RIO. n. 1, ano II, abril 1991. p. 1-8.

Participou do grupo de fundadores do Curso de Mestrado da UNI-RIO a Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio IBICT – ECO/UFRJ (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro) Lena Vania Ribeiro Pinheiro e, da mesma forma, integrou o corpo docente. A professora foi responsável por inserção de disciplina da Ciência da Informação, aplicada ao contexto das instituições culturais de memória, (museus, bibliotecas, arquivos) e denominada Informação e Comunicação Cultural. Ainda, estabeleceu ponte para área das Artes, espaço do conhecimento que domina, em razão da sua trajetória profissional incluir etapa acadêmica como docente de História da Arte na Universidade Federal do Pará.

Faz-se importante assinalar que a UNI-RIO apresenta uma peculiaridade, reunindo no seu conjunto acadêmico-administrativo três áreas interlocutoras da Ciência da Informação, quer seja pela aplicação disciplinar ou pela interdisciplinaridade, são elas: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

E essa feição tem proporcionado campo fértil para atividades integradas.

Já em pleno anos noventa, 1995, teve lugar na Universidade um Grupo de Trabalho que reuniu a Ciência da Informação e as três áreas citadas estreitando, uma vez mais, os caminhos para a prática interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. O trabalho coordenado pela Professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro denominado *Em busca de um caminho interdisciplinar: proposta de um núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia*,⁴² teve entre seus participantes a Professora Tereza Scheiner, Diretora da Escola de Museologia à época, que, por sua vez, ocupou a

A autora desta tese de Doutorado é egressa do referido Mestrado. Nele cursou a disciplina Informação e Comunicação Cultural ministrada pela Professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

⁴² PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. (Coord). Em busca de um caminho interdisciplinar: proposta de um núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. Rio de Janeiro: CCH; UNIRIO.1995c..

coordenação do projeto de alteração curricular do Curso de Museologia, introduzindo na grade, ou melhor, implantando disciplinas da área da Ciência da Informação, conforme fora sugerido e planejado por ocasião desse Grupo de Trabalho interdisciplinar.

Ainda, nesse período, em decorrência dos resultados apontados pelo Grupo de Trabalho, foram realizados dois concursos públicos para docentes efetivos da UNI-RIO contemplando disciplinas de igual natureza.

Em se tratando de enfocar isoladamente a graduação em Museologia, cabe mencionar o novo currículo de Museologia (Escola de Museologia) ⁴³ implantado em 1997, na Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO, no qual as disciplinas da área da Ciência da Informação --- Introdução à Ciência da Informação; Representação e Análise da Informação --- são oferecidas na categoria obrigatória (primeiro e segundo períodos) e outras, já incluídas na grade curricular, encontram-se em processo de implementação. As disciplinas estão a cargo de professores pós-graduados em Ciência da Informação e efetivos do corpo docente.

Há, ainda, uma terceira disciplina, Prática em Museus I, categoria optativa, que aborda a Documentação / Informação Museológica, enfocando, também, os conteúdos temáticos da Museologia e da Recuperação da Informação em bases de dados de Museus brasileiros e do exterior, e ainda as redes nacionais de países estrangeiros (patrimônio / museus). As bases de dados são analisadas usando-se o recurso da Internet e por meio de visitas técnicas às instituições. ⁴⁴

Deve-se, ainda, acrescentar, no temário das parcerias apontando para a interface entre Museologia e Ciência da Informação --- a “*interface*” é o local “freqüentemente cruzado em ambas direções”, sua “exata localização é obscura” e “essa passagem é assinalada mais pelas mudanças na

⁴³ PROJETO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR. (Coord) SCHEINER, Tereza., PANTIGOSO, Maria Gabriella P. de A. Rio de Janeiro: Escola de Museologia. CCH. UNI-RIO, nov 1995/ago 1996.

⁴⁴ A disciplina é ministrada desde 1997 por museóloga, doutoranda em Ciência da Informação (autora desta tese de Doutorado).

linguagem e abordagem do que pela aguda demarcação de conteúdo”⁴⁵ --- que a disciplina Museografia I (obrigatória) abrange conteúdo relacionado à Documentação / Informação Museológica. Essa disciplina e sua denominação merecem melhor explicação recorrendo-se às palavras de Ferrez, detentora de larga experiência na área de Museus e Patrimônio Cultural, inclusive, sendo co-autora do tesouro para coleções de museus da categoria *histórico*, elaborado durante sua atividade junto ao Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.⁴⁶

“Os sistemas de documentação museológica equivalem aos que, em Biblioteconomia e na Ciência da Informação, recebem o nome de sistemas de recuperação de informação.”⁴⁷

Quanto ao tema da investigação acadêmica pode-se destacar três trabalhos: o primeiro desenvolvido em nível de Pós-Graduação configurou a pesquisa integrada Organização do Conhecimento e Políticas de Informação – 1995/97 (apoiada pelo CNPq), coordenada pela Professora Maria Nélida González de Gómez do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, IBICT -- ECO/UFRJ, convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pesquisadora do IBICT, contemplando nos seus estudos a área da Museologia junto a outras áreas que são, tradicionalmente, abordadas nas questões da informação (por exemplo: Comunicação).⁴⁸

Deve-se mencionar que as Instituições IBICT e UNI-RIO mantêm convênio de cooperação técnica. Na UNI-RIO o organismo que se faz representar é o CCH – Centro de Ciências Humanas no qual estão sediados os cursos de Museologia, Biblioteconomia e Arquivologia e o Mestrado em Memória Social e Documento.

⁴⁵ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 6.

⁴⁶ FERREZ, Helena D., BIANCHINI, Maria Helena S. THESAURUS para acervos museológicos. Rio de Janeiro: Minc/SPHAN/Pró-Memória,.1987. 2 v.

⁴⁷ FERREZ, H. D. 1994. Op. cit.

⁴⁸ ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO. A informação expressa no texto se deve ao fato da autora da presente tese ter sido membro da equipe da pesquisa integrada, que foi coordenada pela Prof. Maria Nélida González de Gómez.

A segunda pesquisa --- Museologia, Arte e Informação como Prática Interdisciplinar: o Modelo Estrutural para Pesquisas em Artes Plásticas Exercitado na Graduação; desenvolvida na Universidade do Rio de Janeiro, UNI-RIO – 2000/2001, teve como peculiaridade ter sido realizada integrando a disciplina Produção Artística no Brasil III (categoria obrigatória, sexto período - Curso de Museologia), contando com oito alunos participantes (segundo semestre - 2000), tratando do tema da Informação em Arte, especificamente direcionado para a produção e a trajetória artísticas de nomes brasileiros marcados nos anos 80/90, no circuito nacional e internacional.^{49 50}

A pesquisa, inserida no contexto da Informação em Arte, aplicou em sala de aula um modelo para informação especializada concebido para ser desenvolvido em Centros de Informação de Museus de Artes Plásticas e destinado ao atendimento das necessidades dos usuários das pesquisas artísticas, o Modelo Estrutural para Pesquisas em Arte, (elaborado por ocasião da dissertação da professora, em 1995). O objetivo da pesquisa foi testar a verificabilidade do modelo tendo, para isso, os alunos atuado ocupando o papel reservado aos usuários/pesquisadores. A análise e interpretação dos resultados indicaram que o modelo, no caso dos alunos representando os pesquisadores em arte e, portanto, em se tratando daquele que demanda informação especializada, orienta e torna ágeis as etapas do processo de investigação.

A terceira pesquisa, Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação: a Experiência Latino-Americana também relacionada à UNI-RIO, coordenada pela Professora Tereza Scheiner, apresentando a característica de ser no Brasil, desdobramento de projeto de pesquisa permanente e oficial do ICOFOM - Comitê Internacional para Museologia do ICOM da UNESCO e, desse modo, está ligado

⁴⁹ LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, Arte e Informação como Prática Interdisciplinar: o Modelo Estrutural para Pesquisas em Artes Plásticas Exercitado na Graduação. -- Relatório Final de Pesquisa. Rio de Janeiro: DEPM/CCH/UNI-RIO. 2001. 100 p.

⁵⁰ A docente responsável pela pesquisa é, também, responsável pelas disciplinas Produção Artística no Brasil III e Museografia I (aborda Documentação/Informação Museológica). Museóloga, historiadora da arte e doutoranda em Ciência da Informação é a autora desta tese.

“à linha de pesquisa da Cátedra UNESCO Museologia e Patrimônio Mundial... 1994 ...programa UNITWIN/UNESCO e sediada na Universidade de Masaryk, Brno, República Tcheca – sob a Direção do Dr. Vinos Sofka.”⁵¹

Essa pesquisa está analisando as práticas ditas museológicas e, embora esteja em processo de realização, já é possível observar pelos artigos em fase de análise que museus e informação, isto é, Museologia e Ciência da Informação são campos que se entrecruzam com espaços híbridos e comunidades mistas. Na própria pesquisa os quatro pesquisadores, museólogos por formação, são também ligados às áreas da comunicação e da informação.⁵²

A pesquisa, no elenco de objetivos, determinou e está realizando o levantamento e a indexação de toda a produção do Comitê de Museologia (ICOFOM) do ICOM (desde 1983) e do Sub-Comitê para a América Latina e Caribe - ICOFOM-LAM (desde 1992). Ao final do trabalho essa base de dados bibliográfica do ‘pensamento - prática museológica’ estará disponível no site do ICOFOM - ICOM.⁵³

As relações que foram mencionadas nos três recortes (cada um dos tópicos deste capítulo) deixam expostos aportes que levam ao ponto comum a ser atingido --- a metáfora do ponto de conexão, a interação da fronteira de face interdisciplinar --- cabendo perguntar: não se estará processando, nesse espaço permeável, a contribuição sedimentada na adequação de novas práticas interpretativas entre os dois domínios especializados,

⁵¹ SCHEINER, Tereza. Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação: a Experiência Latino-Americana. (Conferência). Encontro Regional do ICOFOM-LAM (10). Museos, Museología y Patrimonio Intangible en América latina y el Caribe. Montevideo, Uruguay, 11-16 dez. 2001. Org. Nelly Decarolis e Álvaro Martínez del Monte. Auspícios: Ministerio de Educación y Cultura / Museo Nacional de Antropología / ICOM Uruguay. Conferência, apresentação em PPS (36 slides). Material gentilmente cedido para a tese pela coordenadora da pesquisa Prof. Tereza Scheiner.

⁵² A autora da tese participa da pesquisa como colaboradora, juntamente com outros dois profissionais (colaboradores) que atuam, respectivamente, em arquivo e museu, (Rita de Cássia de Mattos e Márcio Rangel) sendo três deles doutorandos. A coordenadora (Scheiner) é doutoranda em Comunicação, UFRJ.

⁵³ A indexação dessa produção (ou pensamento) inclui os artigos publicados em: ICOFOM STUDY SERIES - ISS; ICOFOM LAM; Museological Working Papers – MUWOP; Museological News, entre outras fontes.

realçada por outro modelo de desenvolvimento do conhecimento, conforme prescreve a interdisciplinaridade ? ⁵⁴

Isto é, estará encaminhando-se para o exercício da reflexão e da ação consertada consoante o processo que, ao promover o cruzamento de fronteiras, alimenta as fertilizações nos campos do conhecimento ?

⁵⁴ KLEIN, J. T. Op. cit. p. 6.

Julie Klein se referindo à pesquisa realizada pela Scientific Interfaces and Technological Applications (1986) da NRC - The National Research Council, nos Estados Unidos. A pesquisa foi abordada em capítulo anterior, nesta tese.

*Construção da Informação Especializada para Pesquisas em Arte
Gerando Novo Campo do Saber*

8 “FERTILIZAÇÃO CRUZADA” E UM HÍBRIDO EM GESTAÇÃO: INFORMAÇÃO EM ARTE UM NOVO ESPAÇO DO SABER

O processo comunicacional no ambiente dos museus, nos últimos trinta anos do século XX, registra movimentos tanto de avanço como de expansão em se tratando da elaboração e disseminação da informação dos acervos museológicos de arte.

Transmutando um espírito de virada do século, mesclaram-se --- ao modo dos matizes pictóricos que se justapõem gerando tons --- as novas exigências da informação oriundas das demandas dos pesquisadores da temática artística e o sucessivo aperfeiçoamento dos recursos das novas tecnologias de informação.

A última década do século passado foi marcada, em especial, pelo rápido desenvolvimento das tecnologias em sistemas de informação sob várias formas e modalidades de apresentação, facultando comunicação veiculada por rede eletrônica e com poder de ser exercida em escala planetária. Nos bancos de dados museológicos a repercussão foi percebida, sobretudo, pela necessidade cada vez mais intensa de agregar à oferta informacional as questões plurais que os debates artísticos sob novas formas de apresentação suscitavam, incluindo o dado referente à reprodução da imagem (reproduction form image) das peças das coleções. É conveniente esclarecer que a ‘imagem’ de peças do acervo, é item que sempre integrou a catalogação sobre cada objeto do acervo (desde a catalogação manual), seja sob a forma de fotografia preto e branco, ou colorida --- e, até, reproduzindo-se o objeto por meio de simples desenho .

Nos museus, as atividades ligadas ao complexo da documentação e informação de acervos museológicos, o mesmo que Documentação Museológica -- Museum Documentation, ou Documentação / Informação Museológica; como cromatismos “integrando esforços para o desenvolvimento de sistemas de informação, dando suporte ao largo painel de funções desenvolvidas pelos museus desde o registro até as atividades

curatoriais, passando pela conservação ou serviços fotográficos”, ativaram espaço na dimensão do saber e propiciaram lugar ao cruzamento de fronteiras, abrindo frente para interação de comunidades híbridas caracterizando, na perspectiva acadêmica dos estudos interdisciplinares, o movimento que ilustra essa formação.

Tratando-se dos traços que configuram o desenho da organização de um espaço do conhecimento em consonância com o modelo do processo interativo de trocas recíprocas entre dois ou mais campos / disciplinas, desenvolvido nas questões e labutas exercidas pelas equipes mistas (o mesmo que comunidades híbridas) irmanadas sob a mesma inspiração e objetivo, permite-se identificar, com respeito à Informação em Arte, condições e fatos que a emolduram para representar o exemplo conceitual do fenômeno do *conhecimento fronteiriço* quando, então, ocorre “uma espécie de fecundação”, ¹ a *fertilização cruzada* originando nova disciplina científica, de acordo com o comportamento que apresentam as disciplinas representativas da construção denominada *interdisciplinaridade estrutural*.

8.1 PROPICIANDO CONDIÇÕES: COMITÊS DO ICOM E TRAJETÓRIA DO CIDOC.

--- Comitês do ICOM ---

Os Comitês Internacionais do Conselho Internacional de Museus são instâncias de legitimidade cultural cujos associados, agentes de variadas naturezas ligadas às diferentes áreas do conhecimento relacionadas aos diversificados temas e enfoques tratados pela Museologia, perfilam-se em categorias individuais ou institucionais correspondendo às categorias Profissionais de Museu; e Instituições de Caráter Museológico.

Em consonância com o conceito da criação e da diretriz para desempenho, formalizaram-se dedicados tanto ao estudo de uma tipologia (especialidade) de museu quanto a específicas disciplinas relacionadas ao museu (conforme mencionado no capítulo 6) e, observando-se os vinte e oito Comitês nas denominações que determinaram para se identificar,

¹ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 81.

ilustrando a temática e o espaço das suas abordagens, como também associando as atividades realizadas pelos seus grupos componentes,² permitiu-se construir a partir desse comportamento do campo e seguindo essas indicações, um conjunto analítico correlacionando os Comitês a disciplinas que compartilham conhecimentos de suas especificidades e que foram participantes do elenco detalhado, no capítulo 6, ao tratar do aspecto interdisciplinar no campo da Museologia. Procedeu-se, do mesmo modo, ao estabelecer analogia com os tipos de museus que são representativos das qualificações que cada Comitê representa.

Os Comitês são apresentados no Quadro Comitês Internacionais do Conselho Internacional de Museus: Caracterização por meio das siglas pelas quais são conhecidos (os nomes completos estão listados precedendo o quadro). As disciplinas arroladas (que a eles se relacionam) estão representadas pelo indicador / termo que se convencionou nomear -- Área / Disciplina -- e sob destaque, ou seja, sublinhadas (aquelas mencionadas no capítulo 6), inclusive quando apresentadas em seus ramos disciplinares. O indicador / termo denominado --- qualificações está reservado para as categorias tipológicas dos museus (ênfoques a que se dedicam) bem como para esclarecimentos e/ou exemplos. Os museus estrangeiros, quando possível, são apresentados com os nomes no idioma original.

Convencionou-se, ainda, destacar os Comitês que se vinculam aos temas do campo das Artes, sombreando as siglas que os designam e numerando-as. Dessa forma, evidenciam-se, quantificando, aqueles que estão relacionados, também, à questão da relevância da Informação em Arte em acervos dessa natureza presentes nos diversos tipos de museus, ou seja, tornar claro que necessidade e pertinência da disciplina não é problema exclusivamente afeto aos museus nomeados artísticos, embora

² NOTICIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 55, n. 2, 2001.

NOTICIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 56, n. 1, 2003.

nesses espaços (marcadamente nos centros de informação ligados a tais museus) haja eclodido a questão da Informação em Arte.

Relação das siglas e nomes dos Comitês:

AVICOM	International Committee for the Audiovisual and Image and Sound New Technologies
CECA	International Committee for Education and Cultural Action
CIDOC	International Committee for Documentation;
CIMAM	International Committee for Museums and Collections of Modern Art
CIMCIM	International Committee for Museums and Collections of Musical Instruments
CIMUSET	International Committee for Museums and Collections of Science and Technology
CIPEG	International Committee for Egyptology
COSTUME	International Committee for Museums and Collections of Costume
DEMIST	International Committee for Historic House Museums
GLASS	International Committee for Museums and Collections of Glass
ICAMT	International Committee for Architecture and Museums Techniques
ICDAD	International Committee for Museums and Collections of Decorative Arts and Design
ICEE	International Committee for Exhibition Exchange
ICFA	International Committee for Museums and Collections of Fine Arts
ICLM	International Committee for Literary Museums
ICMAH	International Committee for Museums and Collections of Archaeology and History
ICME	International Committee for Museums and Collections of Ethnography
ICMEMO	International Committee of Memorial Museums in Remembrance of Victims of Public Crimes
ICMS	International Committee for Museum Security
ICOFOM	International Committee for Museology
ICOM-CC	International Committee for Conservation
ICOMON	International Committee for Money and Banking Museums
ICR	International Committee for Regional Museums
ICTOP	International Committee for the Training of Personnel
INTERCOM	International Committee on Management
MPR	International Committee for Marketing and Public Relations
NATHIST	International Committee for Museums and Collections of Natural History
UMAC	International Committee for University Museums and Collections

Quadro

COMITÊS INTERNACIONAIS		
DO		
CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS: Caracterização		
Siglas	Área / Disciplina	Qualificações
01 AVICOM	<u>Artes Visuais e</u> <u>Artes sob vários enfoques;</u> <u>Biblioteconomia,</u> <u>Arquivologia,</u> <u>Ciência da Informação;</u> <u>Informática</u>	--- setor de atuação e/ou produtos elaborados: fotografia, cinema, vídeo, multimídia, internet; "diretórios temáticos de arte" ¹ -- museus e bibliotecas virtuais; --- atende principalmente aos Museus da Imagem e do Som, Cinematecas, Museus do Rádio, do Cinema, da Publicidade e Propaganda; Museus de Artes Plásticas e de Artes Aplicadas, acervos de fotografias etc.
CECA	<u>Educação em Museus;</u> <u>(Educação / Pedagogia)</u>	--- todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
02 CIDOC	<u>Documentação e Informação</u> <u>Museológica</u> --- <u>Ciência da</u> <u>Informação;</u> <u>Biblioteconomia;</u> <u>Arquivologia;</u> <u>Informática</u>	--- todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
03 CIMAM	<u>Estética;</u> <u>História da Arte;</u> <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u> ¹	--- acervos representativos das linguagens artísticas do século XX; --- geralmente conhecidos como Museus de Arte Moderna e de Arte Contemporânea entre outras denominações tradicionais como Galerias e Pinacotecas
04 CIMCIM	<u>Música;</u> <u>História;</u> <u>História da Música;</u> <u>História da Arte;</u> <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u>	--- acervos integrando, também, objetos de Artes Plásticas, Visuais e Gráficas; --- Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris/França.
05 CIMUSET	<u>Disciplinas variadas do campo</u> <u>da Ciência e Tecnologia;</u> <u>e Sociologia – Filosofia --</u> <u>História das Ciências;</u> <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u>	--- coleções de várias ordens: de grande e pequeno porte; --- museus tradicionais (muitos deles denominados: Museus do Avião, do Automóvel, Museu de Astronomia) e os 'novos' Centros de Ciência.
0 CIPEG	<u>Egiptologia;</u> <u>História;</u> <u>Arqueologia;</u> <u>Arquitetura,</u> <u>História da Arte;</u> <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u>	--- coleções tradicionais expostas em recintos e monumentos situados em áreas ao ar livre; --- Museu de Arte do Cairo/Egito; Vale dos Mortos (monumentos funerários – pirâmides), Egito; coleção do British Museum, Londres/Inglaterra (Reino Unido).

07 COSTUME	<u>Indumentária;</u> <u>Artes Aplicadas / Decorativas;</u> <u>História da Arte</u>	--- acervos em museus de categorias variadas e especialmente os Museus da Moda. --- coleção do Musée du Louvre, Paris/França; Kent State University Fashion Museum, Estados Unidos da América; Costume Institute, Metropolitan Museum of Art – MET (departamento da Instituição). N. York/Estados Unidos da América.
08 DEMIST	<u>Administração e Conservação;</u> <u>História;</u> <u>Arquitetura;</u> <u>História da Arte;</u> <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u>	--- museus instalados em edificações consideradas Casas Históricas; --- Museu da República, Rio de Janeiro/Brasil; Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro/Brasil; Musée National de Versailles instalado no castelo do mesmo nome, França.
09 GLASS	<u>Artes Aplicadas / Decorativas;</u> <u>História da Arte</u>	--- acervos abrangendo períodos da Antiguidade Clássica aos recentes. --- Glasmuseum, Ebeltot/Dinamarca (instalado na casa histórica da antiga Alfândega);
ICAMT	1- <u>Arquitetura de Museus;</u> 2- <u>Museografia</u>	--- primeira disciplina: atende ao tema dos projetos arquitetônicos atendendo especificidades do campo museológico; --- segunda disciplina: foco dirigido ao tema planejamento e organização de exposições.
10 ICDAD	<u>Artes Decorativas / Artes Aplicadas;</u> <u>Desenho Industrial (Design)</u>	--- acervos da Antiguidade Clássica como de períodos recentes; --- Victoria and Albert Museum, Londres/Inglaterra (Reino Unido); Museu Carlos Costa Pinto, Salvador/Brasil.
ICEE -	<u>Museografia;</u> <u>Comunicação Visual</u>	--- atende ao planejamento e organização de exposições, em especial aquelas da categoria itinerante.
11 ICFA	Disciplinas do contexto das <u>Artes;</u> <u>Estética;</u> <u>História da Arte</u>	--- ênfase nas produções representativas dos movimentos artísticos até o século XIX; --- os museus tradicionalmente identificados como Museus de Belas Artes ou, ainda, Pinacotecas e Galerias, etc : Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro/Brasil; Galleria Borghese, Florença/Itália; Pinacoteca do Estado. São Paulo/Brasil.

12 ICLM	Literatura, <u>Artes Gráficas</u>	--- originais das obras; obras ilustradas nas partes internas das publicações e/ou nas capas. Desenhos originais, anotações dos autores, etc.; --- Museus de Literatura e coleções (em departamentos de Instituições ou sediados em Bibliotecas Nacionais e de outras denominações): Maison Balzac. Paris/França; Arquivo de Literatura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro/Brasil.
13 ICMAH	<u>Arqueologia; História; História da Arte; disciplinas das Ciências Naturais</u>	--- sítio arqueológico da cidade de Pompéia/Itália; sítio arqueológico Teotihuacan/México; sítio arqueológico (monolítico) de Stonehenge, Reino Unido; Museu Nacional de Atenas, Grécia; Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém/Brasil.
14 ICME	<u>Etnografia; Antropologia;</u> e disciplinas do contexto das <u>Artes Aplicadas</u>	--- Museus de Antropologia; Museus de Tradições Culturais; Museus de Artes e Tradições Populares, etc
ICMEMO	<u>Memória Social</u>	--- alguns museus designados por Memorial (lembrando que monumentos, conceitualmente, também são considerados museus) costumam ser instalados nas áreas originais das ocorrências. --- Memorial ao holocausto judaico instalado no antigo campo de concentração de Auschwitz, Polônia.
ICMS -	Segurança em Museus	--- todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
ICOFOM -	<u>Museologia</u> e <u>Museografia</u>	--- grupo dedicado aos estudos voltados para discussão da natureza e ações do campo, desse modo, atende a todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
ICOM-CC	<u>Conservação</u> (de Bens Culturais);	--- todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
15 ICOMON	<u>Numismática;</u> <u>Artes Aplicadas</u>	--- enfoca o meio circulante. --- Coleção de Numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro/Brasil; Museu de Valores do Banco Central, Brasília/Brasil; Museu de Numismática do Itaú Cultural, São Paulo/Brasil.

16 ICR	Várias disciplinas dependendo do acervo e do enfoque dos museus; inclusive <u>Artes</u>	--- segundo o Comitê, os mais numerosos no cenário museológico. Situados em regiões de portes diversificados com pequena ou grande densidade demográfica. Enfocam problemas do impacto das mudanças sociais e políticas que afetam às comunidades minoritárias locais na questão da “identidade” (“cultura, história, meio ambiente, desenvolvimento social e linguagem”) ³ .
ICTOP	<u>Educação</u>	--- enfoca os cursos de Museologia na forma e no conteúdo. Treinamento profissional permanente.
INTERCOM	<u>Administração de Museus</u>	--- todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
MPR -	<u>Comunicação em Museus</u>	--- todas as categorias técnicas de museus; todas as diversificadas tipologias de acervos museológicos.
17 NATHIST	Várias disciplinas da área das Ciências Naturais; <u>Mineralogia</u> ; <u>Entomologia</u> ; <u>Ornitologia</u> ; <u>Paleontologia</u> ; <u>Antropologia</u> (Física e Cultural); <u>Artes Plásticas</u> e <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u>	-- os acervos costumam incluir mobiliário, desenhos de espécimes, quadros (paisagens de época), indumentária, etc. --- Museu Nacional, Rio de Janeiro/Brasil; American Museum of Natural History, Nova York/Estados Unidos da América.
UMAC -	Diversas disciplinas dependendo do caráter e enfoque desses museus; inclusive <u>Artes Plásticas</u> ; <u>Artes Aplicadas / Decorativas</u>	--- Museu D. João VI, UFRJ, Rio de Janeiro/Brasil; Art Museum Princeton University, /Estados Unidos da América - (ambos museus de Artes Plásticas); Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro/Brasil.

Verificou-se, de posse dessa articulação construída, que do total de 28 (vinte e oito) Comitês do ICOM, 17 (dezessete), o mesmo que cerca de 60%, (mais da metade deles), estão envolvidos com o tema coleções / acervos museológicos que incluem exemplares considerados produções geradas pelas práticas do contexto artístico, estabelecendo que se os possa identificar na categoria de objeto de investigação da disciplina Informação em Arte. Nesse total estão incluídos os dois Comitês que foram correlacionados à Ciência da Informação, AVICOM e CIDOC.

³ ICOM – List of Committees. Op. cit.

--- Trajetória do CIDOC ---

Relatando a trajetória do CIDOC, e vocalizando o grupo dos documentalistas de museus, Andrew Roberts,⁴ diretor de Recursos de Informação do Museu de Londres (Head of Information Resources, Museum of London), participante nos anos 80 e 90 de cargos de direção em duas relevantes instituições ligadas à Documentação e Informação em Museus, respectivamente, o Comitê Internacional para Documentação do Conselho Internacional de Museus, CIDOC-ICOM (segundo Roberts,⁵ “tornou-se ativo em 1963”); e a Associação para Documentação em Museus, MDA – Museum Documentation Association (“fundada em 1977”), Reino Unido; observa que o quadro conceitual e operacional no qual se insere o caráter de transformação integradora de museus e informação, na dimensão do conhecimento, reflete um conjunto de movimentos que foram sendo consolidados em um período de cerca de trinta anos.

O Comitê foi criado por “grande influência da equipe do Centro de Documentação UNESCO-ICOM que, inclusive por muitos anos formou a Secretaria do Comitê”.⁶ Desde sua fase embrionária de organização (1963-1967) --- conforme relata Andrews ---⁷ já propunha o desenvolvimento de normas nacionais e internacionais para documentação museológica e

⁴ Andrew Roberts foi Presidente do Comitê Internacional para Documentação do Conselho Internacional de Museus CIDOC--ICOM, (1989-95), e também, Secretário da Associação para Documentação em Museus, Inglaterra/Reino Unido (Museum Documentation Association - MDA/U.K)

⁵ ROBERTS, Andrew. The CIDOC experience and the challenges of Documentation. 2002. CIDOC 2002. Conferência Internacional, Preservando culturas: documentando o patrimônio imaterial -- International Conference, Preserving cultures: documenting non material heritage. Porto Alegre, Brasil. Porto Alegre: International Committee for Documentation- CIDOC, International Council of Museums – ICOM. 2002. 6 p.

“Paper” encaminhado ao congresso pelo autor, gentilmente cedido para a tese (e-mail) pelo arquiteto do IPHAN, Luiz Antônio Bolcato Custódio, presidente do ICOM Brasil, membro do CIDOC e responsável pelo grupo organizador do evento.

⁶ ROBERTS, Andrew. Museum Information: the museum information profession and the International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC). CIDOC International Conference, July 1995. Stavanger. Norway. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/prof1.htm>>. --- <<http://www.cidoc.icom.org>>. Acesso em: maio - 2000; junho - 2002.

Em outro documento eletrônico pesquisado foi encontrada informação sobre esse evento e indicando a existência de publicação sob forma tradicional.

CIDOC CONFERENCE, 1995. International Committee for Documentation – ICOM. Stavanger, Norway. Oslo: Norsk Museumsutvikling for CIDOC, 1995c. 76 p

⁷ ROBERTS, A.. 2002. Op. cit.

inventários nacionais. E o ano de 1967, reunião de Barcelona, está marcado pelo incentivo à realização de inventários nacionais e pelo respectivo relatório que estimularam o CIDOC a atuar como fórum para debates de padronização e projetos integrados de museus e informação, em nível internacional.

Os trabalhos iniciais enfatizando desenvolver e promover normas de documentação foram ações que, de modo concomitante, contribuíram para consolidar o caminho conceitual das transformações que, no raiar da primeira metade dos anos 70, correspondem aos resultados que o autor ⁸ denomina de “mudança ocorrida no conceito de informação em museus (museum information) e o papel desempenhado pelo Comitê Internacional para Documentação (CIDOC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM)”.

Andrew Roberts se refere ao reconhecimento das peças / coleções museológicas como fonte de informação e a necessidade de tratá-las como tal, tendo como efeito o processo de aproximação entre Museologia e Ciência da Informação. Abriu-se, desse modo, sob a égide que se pode nomear de oficial, a trilha para o espaço da interação --- o espaço da fertilização cruzada, processo abordado por Foskett, autor da Ciência da Informação ao tratar do caráter interdisciplinar da área e, também, por Klein estudiosa da interdisciplinaridade --- entre as comunidades representativas dessas áreas do conhecimento, concretizando-se por meio da criação do CIDOC.

O Comitê, na arena social dessas ocorrências, caracterizou-se como agente ativo e elemento de ligação profissional na medida em que congrega os profissionais de museus envolvidos com a questão Informação e (que denominam “information specialists”, o mesmo que, profissionais de informação), e entre os associados representando diversos ramos do conhecimento dedicados, por exemplo, à “documentação”, “registro” (registration), “gestão [da informação] de coleções” e “computação”, ⁹ estão

⁸ ROBERTS, A. 1995. Op. cit.

⁹ CIDOC. Home page. Disponível em: <<http://www.icom.org>>. Acesso em: junho – 2002.

os membros que são identificados como documentalistas de museus (museum documentalists) lado a lado com os museólogos / curadores de museus.

O momento em questão reflete as mudanças havidas: -- primeiro, no papel da documentação, que se apresentava “com ênfase limitada” em se tratando de “programas de treinamento” para os profissionais dos museus e, ainda, com “muito poucas oportunidades para as equipes partilharem experiências”; -- e por último, nas práticas que, comumente estavam afetas aos “curadores generalistas” (generalist curators como os denomina Roberts), cujos desempenhos tomavam por base a experiência pessoal de cada um. Os procedimentos que se inserem na questão nomeada, atualmente, de “gestão [da informação] de coleções” de acervos museológicos “eram menos desenvolvidos e tendiam a ser implementados por um membro da equipe, em lugar de um especialista.”¹⁰ No quadro da reversão, assoma no cenário do relato o investimento, inicialmente, feito por meio do treinamento de equipes das próprias instituições para atuar no campo da informação e, sem dúvida, progressivamente, agregando profissionais da área aos corpos funcionais.

Torna-se interessante com relação ao termo *curador* observar que se trata de especialista em determinado assunto tradicionalmente ligado à área dos museus, tanto que o profissional de museu responsável pelas coleções é identificado como *museum curator*, termo Inglês e de uso em países de língua inglesa, cuja simplificação para *curator* tornou-se popular. Em Português, esse termo permite correspondência ao antigo *conservador de museus*, ou popularmente *conservador*, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (criação, anos 30) identificava os museólogos; à semelhança do tratamento *conservateur du musée*, atualmente *conservateur du patrimoine* ou *conservateur*, usado na França e nos países de língua francesa. Tendo o modelo francês da Escola do Louvre

¹⁰ ROBERTS, A. 2002. Op. cit.

(criada em 1882)¹¹ servido como referencial para o Curso de Museus, criado em 1932 (no antigo Distrito Federal, na cidade do Rio de Janeiro) e ocupando dependências do Museu Histórico Nacional - MHN.

O “curator”, termo tradicional e de uso corrente no exterior, poderá apresentar-se por formação (graduação) oriundo de outra área diferente daquela do curso de Museologia --- o profissional graduado nesse curso especializado é o denominado museologist, modernamente indicando a diferença da categoria; porém essa indicação nem sempre é usada marcando a diferença, vigorando ainda, no caso do museólogo, a indicação, primitiva e de alcance mais geral, nomeada *curador*.

Todos aqueles que se dedicam às diversas atividades especializadas, necessárias para o andamento da vida dos museus, são nomeados “profissionais de museu” pelo ICOM, incluídos nessa categoria os museólogos, isto é, aqueles detentores dessa formação, conforme explicitado anteriormente. No entanto, por tradição, o “curator” (curador) é imagem associada ao profissional que, em atividade no museu, torna-se responsável pelo estudo (leia-se pesquisa), guarda e conservação de determinada tipologia de coleção (associada ou não a determinado período histórico, como por exemplo: Arte Gótica). Esta especialidade do curador, costumeiramente, mantém relação de correspondência com disciplinas do conhecimento e, quase sempre, são indicativas de setores administrativos das instituições (por exemplo: o historiador de arte especialista em Idade Média, curador no departamento de Arte Medieval, tratando da coleção de iluminuras, tapeçarias etc; o museólogo especializado em Numismática, curador-chefe da seção de Numismática e a coleção que retrata o meio circulante; ou museólogo curador da coleção de Indumentária, portanto especializado em trajes e adereços etc; o biólogo, curador responsável pela coleção de malacologia – conchas, no departamento de Biologia Marinha).

¹¹ A Escola do Louvre - École du Louvre criada em 1882, inicialmente voltada para acervos de arqueologia, estabeleceu em 1920 a cadeira de história da arte e, em 1927, a cadeira de museografia com aulas práticas de montagem de exposições.

ÉCOLE DU LOUVRE. Disponível em: <<http://www.ecoledulouvre.fr>>. Acesso em: agosto - 2002.

Assim ele poderá ser antropólogo, botânico, entomologista, paleontólogo, etc., porém tendo envolvimento direto com tais coleções e afinidades com questões específicas que dizem respeito ao conhecimento da Museologia tais como: catalogação, conservação e comunicação. Quando não exerce tais atribuições em suas várias formas de atividades, juntamente com o conhecimento da coleção, ele não é considerado “museum curator”, ou *curador*, na acepção do termo originado, referendado e ‘cristalizado’ pelo uso no campo da Museologia. Profissionais dessas outras áreas, que se envolvem com os museus e seus problemas, com frequência, recorrem aos cursos de Museologia em nível de pós-graduação (mestrado e doutorado) ou graduação.¹²

Acerca dos curadores e o uso desse termo deve-se esclarecer que, há algum tempo, verifica-se sua aplicação para vários profissionais que, mesmo, não trabalhando em museus, tornam-se responsáveis por exposições e outras atividades lidando com acervos museológicos em museus, centros culturais etc.¹³ É possível que, em virtude da ação dos (auto) nomeados “curadores independentes”, (no Brasil, tem-se podido verificar esse uso divulgado pela imprensa) o termo venha a ser extensivo, também, aqueles que não militam em instituições culturais e não mantêm contatos profissionais permanentes junto à área.

E, continuando: a transformação que o especialista em informação descreve --- observador e participante privilegiado das mudanças de cena pois ingressou no CIDOC em 1974¹⁴ --- é o cenário do conjunto de modificações que foram organizando as disciplinas em espaços mistos de cooperação e sob visão comum, em razão das necessidades impostas tanto

¹² Os cursos de graduação são aqueles que determinam a capacitação para o registro profissional, (profissões regulamentadas) definindo legalmente a responsabilidade para ação na área. No Brasil, recentemente, foi estabelecido na USP, em São Paulo, curso de pós em Museologia, em nível de especialização, porém não permite registro no órgão profissional. No exterior existem cursos de Mestrado e Doutorado.

¹³ Tem sido observada a presença de profissionais da área do comércio atuando como curadores de exposições (galeristas, antiquários) Com referência aos profissionais que desenvolvem alguma atividade para museus, embora não integrem o seu corpo funcional, o ICOM recomenda não atuar na comercialização de bens culturais. (item 8.4 – Comercio; Código de Deontología del ICOM para los museos)

ICOM. 2002b. Op. cit. p. 13.

¹⁴ ROBERTS, A. 2002. Op. cit.

pelo próprio conhecimento como por aqueles que dele fazem uso. E, esse período, conforme já foi citado por Klein e outros autores, é apontado como época fortemente marcada pelo fenômeno e exercício da interdisciplinaridade nas Ciências Sociais e Humanas.

Roberts, tratando das mudanças na área, indica como exemplo aquela que, de ordem conceitual, é explicitada sob modelo técnico-funcional e formalizada na organização das estruturas administrativas, seguindo a tendência do abandono da “estrutura altamente fragmentada – com numerosos pequenos departamentos de coleções” em direção ao estabelecimento de “modelo de departamentos agregados em um ou dois departamentos”. Tal configuração possibilitou que se reunisse em novos ambientes técnico-administrativos, um departamento formado sob perspectiva de trabalho integrando departamentos de “uma ou duas coleções” a “departamentos especializados como Documentação, Registro, Computação e Conservação.” (Documentation, Registration, Computing and Conservation).

Outra tendência enfocada possui relação com “aperfeiçoamento do corpo profissional” (staff) e das práticas especializadas nos museus, estando vinculada à modificação anterior.

“O objetivo em desenvolver áreas específicas de habilidade profissional e desenhar novas modalidades de trabalhos caracteriza-se como função da especialização. Esses especialistas freqüentemente detêm a coordenação ou função de ligação junto à organização. Documentação, registro e especialistas em computadores nos museus são os principais exemplos do papel da especialização. Há mais de 10 anos,¹⁵ as atividades relacionadas a qualquer um desses conhecimentos eram quase extraordinárias, mas agora se tornaram comuns em museus de pequeno e grande porte ...”

E, ainda, do mesmo modo ligada a esses dois outros elementos contribuintes para o quadro de modificações no processo de

¹⁵ O artigo, 1995, comenta pesquisa realizada pelo autor – 1994, portanto, o período apontado é aquele que antecede o ano de 1994.

ROBERTS, Andrew. 1995. Op. cit.

“desenvolvimento do profissionalismo” das equipes integradas, o autor aponta a terceira contribuição que denomina de “Museum information standards” --- padrões (modelos) para informação museológica – (também identificados como trabalhos de normalização) explicitada como “tendência para introduzir medidas... marcadas pelo aperfeiçoamento e o uso de procedimentos profissionais padronizados no tratamento de coleções e documentação” que assinalaram, inclusive, o ‘nascimento’ do CIDOC. É lembrado, também, o estabelecimento de “corpos nacionais de documentação” como a Museum Documentation Association – MDA que foram elementos auxiliares nesse panorama de mudanças ao instaurar “oportunidades para partilhar experiências e contribuir para o desenvolvimento de padrões.”¹⁶

Ilustrando essa situação e indicando os resultados de pesquisas que levaram em consideração aportes debatidos pela Museologia e as áreas afins, quanto a posturas conceituais e práticas reconhecidas como ‘novas’ ou ‘redefinidas’ focalizando questões do Patrimônio Cultural, pode-se apontar, nos anos 90,¹⁷ (período caracterizado na documentação dos museus como de ênfase voltada e desenvolvendo-se da “expansão do conceito de gestão da informação” para o “acesso público à informação”¹⁸), inicialmente, o documento Minimum Categories for Museums Objects editado pelo CIDOC em 1994, produzido no ambiente dos seus grupos especiais de trabalho (os Working Groups, já nomeados).

E do mesmo modo indicar o estudo realizado pela J. Paul Getty Trust, mantenedora do Getty Museum, tendo como parceiro o CIDOC, especificamente por meio do Getty Art History Information Program - AHIP (posteriormente Getty Information Institute e atualmente Getty Research Institute), publicado em 1993 pela Getty (edição atualizada, 1995) *Developments in International Museum and Cultural Heritage Information Standards*.¹⁹

¹⁶ ROBERTS, A. 2002. Op. cit.

¹⁷ A indicação de trabalhos situados no decênio de 90 é justificável, pois a pesquisa da tese elegeu o período 1996-2000 para análise das instâncias CIDOC e ASIST.

¹⁸ ROBERTS, A. 2002. Op. cit.

¹⁹ “... projeto do Getty Information Institute [Instituto Getty de Informação] (inicialmente Getty Art History Information Program [AHIP] e o Comitê Internacional de Documentação do Conselho

O quadro de novas formas de organização e de procedimentos conjuntos de equipes profissionais teve o efeito de descerrar rumos para modalidades e projetos que foram definindo, em ambiente museológico, o “escopo dos procedimentos para documentação e necessidades da informação nos museus”.²⁰

De modo paralelo às mudanças apontadas no próprio modelo e ação profissional, o autor indica o papel desempenhado pelo CIDOC como parceiro e agente mobilizador de propostas e atividades voltadas para o tema documentação / informação e que foram desenvolvidas com representantes dos Museus em suas variadas linguagens profissionais, isto é, aqueles da informação e de outras áreas do conhecimento.

Tomando como fonte de referência a trajetória do CIDOC, afirma Roberts, com relação às transformações, que houve significativa mudança na feição e ação do Comitê (atuante desde 1963) a partir dos anos 70, com os presidentes ²¹ que atuaram no processo dos novos rumos seguidos ---

Internacional de Museus – CIDOC [ICOM] ... essa página apresenta o desenvolvimento de normas de informação para museus e patrimônio cultural ... baseada em parte da introdução da publicação elaborada pelo Getty Information Institute ... 1993 e 1995. Editada por Jim Bower e Andrew Roberts.”

CIDOC WEB PAGES ON STANDARD, 1996-2001. Developments in Museum and Cultural Heritage Information Standards. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/stand1.htm>>. Acesso em: junho/agosto – 2002.

²⁰ Roberts cita três projetos para bases de dados -- sistemas em rede desenvolvidos com consultoria do CIDOC considerados representativos da Informação Museológica disponíveis na Internet, a partir das datas indicadas.

--- UK Museum Documentation Standard – SPECTRUM. 1994. Inglaterra/Reino Unido;

--- Canadian Heritage Information Network – CHIN. 1993. Canadá;

--- Art Information Task Force. AITF. Estados Unidos. 1993. (projeto iniciado em 1991, juntamente com a Fundação J. Paul Getty).

ROBERTS, Andrew. 1995. Op. cit.

Com relação à CHIN Network – Canadá:

-- 1) Seu desenho inclui a BCIN, Bibliographic Database of the Conservation Information, cujo tema é relevante para área das Artes e que já operava “on line” desde 1987;

-- 2) A Fundação J. Paul Getty desempenha papel de parceira colaboradora de informação (contributor information partner) com suas bases de dados sobre Preservação/Conservação do patrimônio cultural: Getty Conservation Institute e AATA. (a última base será enfocada, ainda nesse capítulo).

CIDOC. BIBLIOGRAPHIES AND CATALOGUES OF RESOURCES FOR MUSEUM PROFESSIONALS. --- THE CANADIAN HERITAGE INFORMATION NETWORK - CHIN. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/bibliogs.htm>>. Acesso em: maio 2002.

²¹ --- “Geoffrey Lewis (1971-77) à época Diretor dos Museus do Condado de Merseyside que, subsequentemente tornou-se Diretor do Departamento de Estudos Museológicos da Universidade de Leicester, Inglaterra/Reino Unido e foi eleito Presidente do ICOM;” (respectivamente: Merseyside County Museums; Museum Studies Department, University of Leicester, UK);

de 1970 a 1995 foram quatro dirigentes e seus companheiros --- com profissionais de museus engajados nesses ambientes tradicionais e específicos e/ou, ainda, em processos e atividades referentes, a exemplo de universidade com curso de Museologia e de rede nacional de informação fundada nos assuntos de teor museológico. Após a passagem de Roberts pela presidência do CIDOC mais três dirigentes o sucederam.²²

Na caminhada de consolidação representativa dessa comunidade especializada, o CIDOC se caracterizou também, pela organização e desenvolvimento dos grupos especializados de trabalho – “Working Groups”,²³ ou Groups; “com seus planos estruturados” e seu “ativo programa de publicações” disseminando as proposições conceituais e as práticas vivenciadas, concomitantemente, utilizando-se de outro veículo comunicacional, isto é, a edição permanente da “essencial e altamente respeitada newsletter” e, ainda, exercendo “o papel de ativo conselheiro junto ao ICOM”²⁴ (Conselho Internacional de Museus da UNESCO).

Outro elemento significativo mencionado, diz respeito ao quadro de profissionais filiados ao Comitê naquilo que se pode nomear como processo da sua afirmação (legitimidade, competência), ou da sua representação sócio-profissional, no âmbito da comunidade museológica do ICOM.

--- “Goran Bergengren (1977-83) Nordiska Museet, (Estocolmo) que se aposentou, recentemente.” Era especialista em atividades de documentação e dedicou grande interesse ao uso de computadores nos museus;

--- “Peter Homulos (1983-89) que foi diretor da Rede Canadense do Patrimônio Cultural (CHIN);” Canadian Heritage Information Network, detendor de larga experiência em inventários nacionais e redes/sistemas computadorizados para práticas museológicas;

--- “Andrew Roberts (1989-95), que foi Secretário da Associação para Documentação em Museus, (MDA) Inglaterra/ Reino Unido antes do cargo nos Museus de Londres.” (respectivamente: Museum Documentation Association; Museum of London). Especialista em padrões nacionais/internacional e intercâmbio;

ROBERTS, Andrew. 1995. Op. cit.

²² --- Jeanne Hogenboom (1995-1998). “Trabalhou para diversos museus desenvolvendo padrões e sistemas para museus holandeses.” Foi dirigente de empresa que fornece sistemas de informação para museus;

--- Pat Young (1998-2001) funcionária da agência de informação Canadian Heritage Information Network – CHIN e

--- Adrian Finney (2001-) ambos com larga experiência nas atividades de Documentação de museus.

ROBERTS, Andrew. 2002. Op. cit.

²³ Os grupos do CIDOC, determinadas atividades e trabalhos foram nomeados no capítulo 7.

²⁴ ROBERTS, Andrew. 1995. Op. cit

Em 1975 reunia “aproximadamente 30 membros e desses, 20 assistiam às reuniões anuais.” Em 1995, ano em que ocorreu a reunião anual quando Roberts (na qualidade de Presidente do Conselho (Board) do CIDOC fazia sua despedida do cargo de direção) o número atingira “750 membros de 75 países com cerca de 250 participantes nas conferências anuais.”²⁵ Em agosto de 2000 (ano limite do período enfocado pela presente tese de doutorado para as instâncias profissionais associativas), segundo o relatório da reunião anual daquele ano ²⁶, o número de membros alcançou a marca de 985, sendo 464 votantes e 521 não-votantes, em 85 países. Para o antigo Presidente do CIDOC e profissional do London Museum, o Comitê estava desenvolvendo um trabalho eficaz, no qual o processo de reflexão aliado às atividades conjugadas articulava, por meio de debates, os agentes institucionais e agentes individuais (categorias de membros dos Comitês do ICOM) ligados ao tema da informação referente ao universo dos museus.

O CIDOC assumiu e prossegue, no raiar desse século, afirmando a posição de “fórum para intercâmbio de informação e a exploração de idéias e voz por meio da qual ”a comunidade museológica “expressa de modo coletivo suas próprias preocupações e das suas instituições”.²⁷

E no elenco dos desafios que lhe foram propostos na sua caminhada acerca da questão informacional um deles está fazendo-se cada vez mais claro e, recentemente, a tarefa tem sido “ênfatizar o valor dos museus como parte de um amplo conjunto de setor do patrimônio que inclui arquivos, bibliotecas e comunidades fundamentadas nessas iniciativas.”²⁸

²⁵ Esses números 750 membros e 70 países, embora o autor não especifique neste seu artigo datado de 1995, deve dizer respeito aos membros inscritos sob as categorias: votante e não votante. No período 1997/99, na categoria votante havia 400 membros representando 60 países, conforme a home page do CIDOC, já referenciada.

²⁶ CIDOC - International Committee for Documentation, International Council of Museums (ICOM). Report of the Annual Business Meeting -- Ottawa, Canada, August, 26, 2000. Ottawa: CIDOC, ICOM. 2000. 4 p.

²⁷ ASSOCIATION OF ART MUSEUM DIRECTORS -- AAMD (Estados Unidos, Canadá e México). Disponível em: <<http://www.aamd.org/>>. Acesso em: julho-2002

²⁸ ROBERTS, Andrew. 2002. Op. cit.

8.2 PROPICIANDO CONDIÇÕES: VILLA DEI PAPERI INSPIRA TRIÁDE GETTYANA

E agora, em especial, a história dos sistemas de informação em arte, que se destaca no contexto Informação e Museus pelo processo de interação entre Museologia e Ciência da Informação.

A Informação em Arte, como hoje se reconhece, pode ter seu surgimento identificado, formalmente, por ocasião de um trabalho conjunto patrocinado pela Fundação J. Paul Getty ²⁹ (início das atividades - 1982) voltado para pesquisa e informação de acervos museológicos, centrado num “sistema integrado de informação por computador” para “apoiar pesquisa de história da arte em âmbito internacional”.³⁰ Cabe abrir parênteses para fazer referência, na documentação dos museus, que os anos 80 assinalam o “primeiro impacto da computação”³¹ na gestão da informação dos acervos museológicos.³² O segundo ocorreu com a Internet.

A pesquisa desenvolvida pela instituição museológica fez-se sedimentada e diretamente dirigida ao acervo pictórico de Arte Ocidental do Getty Museum - o Museu Getty (o projeto específico vinculado à questão da documentação de coleções foi denominado Museum Prototype Project e será abordado em tópico específico).

²⁹ J. Paul Getty Trust. A instituição americana criada em razão do Getty Museum, além das atividades voltadas para seu próprio ambiente de ação cultural, definiu seu perfil como patrocinadora de grande porte, também, para as atividades em ambiente externo. Investe em programas educacionais como vertente da função social dos museus, sendo parceira, ainda, de universidades e centros de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. Atua no mercado de comercialização de arte com vigorosa presença compradora.

³⁰ ALLEN, Nancy S. The Museum Prototype Project of the J. Paul Getty Art History and Information Program: a view from the library. *Library Trends*. Champaign/Illinois: 37, (2): Fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. *Library Science Annual*. p. 174..

³¹ ROBERTS, A. 2002. Op. cit.

³² Vale lembrar que na primeira metade 80 foi colocado em escala industrial o micro computador. O antigo sistema dos pesados computadores, a rigidez nos formatos dos programas, a pouca flexibilidade nos modelos propostos para os acervos museológicos, não logrou êxito no cenário dos museus em razão das incompatibilidades encontradas entre o recurso tecnológico e as dificuldades referentes ao “modus operandi” museológico. O micro-computador conjugando aplicativos de interface amigável ‘revolucionou’ a história da comunicação em museus, auxiliando ao processo que permitiu desenvolver redes e sistemas de informação mais aperfeiçoados, integrados com modelos para catalogação satisfatórios tanto para os produtores como para os usuários da informação museológica. Mais tarde esse processo comunicacional, por intermédio da rede internacional de computadores, Internet, ampliou as possibilidades de uso permitindo que os museus disseminem a informação dos seus acervos à clientela tão diversificada que “navega” na rede.

A sede do Museu da Fundação é conhecida como Villa dei Paperi, ou Getty Villa, em razão de ter sido a primeira unidade museológica da Instituição, em sua feição atual, a ser construída (inaugurada em 1974), embora a Getty como Museu de Arte, franqueado ao público, já existisse desde 1953, no terreno da casa do proprietário da coleção, J. Paul Getty, em Malibu, na Califórnia. O prédio é uma réplica arquitetônica (que se pode adjetivar como primorosa) do contexto arqueológico da Villa dei Paperi, luxuosa residência campestre de família romana situada nas cercanias da cidade de Herculaneum que, vizinha à Pompéia, esteve encoberta, também, pela lava do Vesúvio (Itália), até o século XVIII quando ocorreram as primeiras investigações arqueológicas.

O trabalho de pesquisa foi planejado associado, também, à qualificação da Biblioteca da Instituição para “nível internacional” objetivando “atender às necessidades dos especialistas no campo da arte” ³³ e, assim, conjugar o trabalho de documentação / informação do acervo e sua disseminação. Nessa proposição de trabalho irradiado a partir da existência de produção artística, preservada sob a forma de acervo museológico, está determinado que se deve contemplar tanto a obra de arte como os referentes para seu estudo, plano que compreende e atende, por essa perspectiva unificadora dos documentos da arte e sobre arte, conforme se abordou, às necessidades que emanam dos agentes do campo da arte.

Da mesma forma os resultados previam, ainda, serem adequados (em suas devidas proporções) aos propósitos educativos da Fundação,³⁴ nos moldes das instituições museológicas americanas que desempenham papel de parceiras da tarefa educativa junto às escolas, desde o nível fundamental (elementary school).

Faz-se importante ressaltar que esse estudo e as práticas realizadas --- envolvendo o “histórico” da Informação em Arte --- foram desenvolvidos,

³³ ALLEN, N. S. Op. cit. p. 176, p. 175.

³⁴ Vários projetos e atividades educativas são desenvolvidos, atualmente, inclusive via Internet. A responsabilidade e o apoio para tais tarefas são dados pelas seguintes seções: Getty Museum, Research Institute e Conservation Institute.

de modo enfático nos Estados Unidos,³⁵ tendo como agente de destaque a Fundação J. Paul Getty e, em ambiência de ordem museológica, qual seja, o museu em suas diversificadas seções técnicas incluindo entre seus diversos setores especializados aqueles responsáveis pela pesquisa, documentação, biblioteca e arquivo. Outro dado significativo nesse panorama museológico foi o nível de abrangência e repercussão da proposta efetivamente implementada pela Getty, estabelecendo o ambiente para pesquisa que reuniu oito museus de grande porte e expressiva presença na cena cultural internacional. Os trabalhos realizados (serão enfocados mais adiante) e os assuntos ligados a essa pesquisa deflagrada no eixo do conhecimento do acervo, dirigida ao intercâmbio sob novas formas padronizadas para disseminação dessa informação em rede de instituições museológicas, pela própria natureza dos temas nos quais estavam imersos vincularam-se, assim, às facetas das questões que as coleções artísticas oferecem quando identificadas como bem cultural de categoria museológica e fonte de informação, como também, ao estabelecimento de relações cooperativas junto à área das Ciências da Computação.

No Brasil, as atividades relacionadas ao campo da Informação em Arte ocorreram dentro e fora das unidades museológicas, caracterizando projetos envolvendo a automação de acervos de museus e a construção de bases de dados, tendo como foco as coleções institucionais de museus de arte e a produção de artistas plásticos.

O primeiro caso que merece menção contemplou a obra de Cândido Portinari, pintor ligado ao movimento Modernista, identificando sua produção entre instituições culturais e coleções particulares no Brasil e no exterior. O

³⁵ O interesse cultural da sociedade americana dirigido às iniciativas na área dos museus pode ser compreendido sabendo-se que, nos Estados Unidos, segundo a American Association of Museums (AAM, entidade que está ativa desde 1906), é de 16 mil o número de museus existentes, recebendo cerca de 850 milhões de visitantes ao ano. E, sobretudo, que esta expressiva quantidade supera o movimento anual e conjunto dos eventos esportivos americanos (categoria profissional) mais populares nos país como o beisebol, o futebol e o basquetebol.

AMERICAN ASSOCIATION OF MUSEUMS: ABOUT MUSEUMS – DID YOU KNOW ? Disponível em: <<http://www.aam-us.org/public.cfm>>. Acesso em: setembro - 2002.

Projeto Portinari teve início em 1979, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, coordenado pelo Professor João Portinari, filho do artista.³⁶

O outro pode ser ilustrado pelo Projeto Lygia Clark, desenvolvido no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com o concurso do CNPq, focalizando a vida e a produção a artista plástica do Neo-Concretismo. Registrou tanto sua participação no Brasil como no cenário artístico internacional seja no âmbito de inserção das coleções públicas e privadas, na literatura sobre arte, como demais referentes documentais (exemplo: exposições) ligados ao processo teórico e prático da artista e sua repercussão no campo. O projeto de cunho interdisciplinar inicialmente esteve sob a coordenação do crítico de arte Paulo Herkenhoff (1989/90) e, noutra fase (1991/1994), foi coordenada pela professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação --- IBICT/UFRJ. Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

Ainda nesse grupo de precursores o SIMBA - Sistema de Informação do Acervo do Museu Nacional de Belas Artes, (1992) para automação de acervo museológico (cerca de 15 mil peça), isto é, coleções de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, (arte nacional e estrangeira), desenvolvido por equipe interdisciplinar e tendo como coordenadora a documentalista do IPHAN, Helena Dodd Ferrez.

Os pesquisadores que utilizam os acervos museológicos de Artes (em sentido amplo, abrangendo formas designadas como Plásticas, Visuais, Decorativas, Arquitetura, Música etc.) como fontes para investigações, desenvolvem atividades caracterizadas na categoria *Pesquisas em Artes*, necessitando utilizarem-se de acesso facultado às coleções. Isso se verifica, principalmente no caso de acervos de Artes Plásticas, em razão de esses conjuntos deterem obras originais que são consideradas matéria relevante para as análises das faturas (pictóricas, gestuais e de outras ordens técnicas e gêneros artísticos).

³⁶ Os parágrafos sobre projetos no Brasil são adaptações da seguinte fonte:
LIMA, D. F.C. 1995. Op. cit. p. 141 -146 (dissertação de mestrado).

Nessa narrativa é preciso fazer uma pausa para lembrar também que, durante esses anos (inicialmente na década de 80 e depois 90) de consolidação das modernas tecnologias de informação, em paralelo ao intenso movimento de automação dos acervos museológicos (hoje, somente vinte anos depois soa de modo corriqueiro a disseminação da informação em rede mundial de comunicação usando-se computadores pessoais, ou de mesa -- desktop), a questão da reprodução de imagens das coleções em bases de dados automatizadas sinalizava despontando para estudos, embora, naqueles anos iniciais, as preocupações estivessem voltadas para as bases de dados bibliográficos (operando a partir dos anos 70, desde o modo main-frame) e as possibilidades de intercâmbio de informação entre instituições similares. Resultados posteriores apresentando modelos tecnológicos aprimorados para alta resolução, associados aos recursos desenvolvidos para veiculação da informação em processos de mais largo alcance e destinados à demanda especializada, somente aconteceram a partir da modelagem de dados por parâmetros mais eficazes para textos e, particularmente, o uso do processo digital de foto-reprodução, em escala industrial, apresentando padrões estáveis de qualidade (efetivamente, anos 90). Ainda, a dimensão do acesso público mundial estabelecido pela rede Internet (antes restrita à comunicação entre pesquisadores acadêmicos) deu lugar à “explosão” de bases de dados já, então, com recursos de disseminação de fontes textuais juntamente com imagens (fontes imagéticas) de obras de acervos museológicos em contexto planetário, conforme, atualmente, a presença de diversos espaços virtuais de museus, os “sites”, permite atestar. Diversos sites serão mencionados ao longo desse capítulo, tendo indicado seus endereços virtuais.

E, prosseguindo, no tocante aos pesquisadores que estudam as coleções artísticas nas suas investigações, bem como as peculiaridades que apresentam esses conjuntos de produção do campo das Artes, deve-se ressaltar outra especificidade dos acervos de artes centrados em obras de visualidade plástica, qual seja, a capacidade de reunirem em um só lugar quantidade expressiva da produção artística de cada autor, ilustrando, dessa maneira, as interpretações peculiares elaboradas no decorrer de cada

trajetória pessoal imersa em proposições coletivas, ou seja, dizendo respeito ao repertório artístico individual articulado aos paradigmas do campo da Arte --- o debate travado pelo artista perante questões que são próprias das discussões artísticas da área e os desafios enfrentados.

Portanto, naqueles anos 80, as necessidades dos pesquisadores que a Getty se prestou a atender --- esclarecendo-se que a necessidade inicialmente identificada dessa demanda é aquela originada das próprias tarefas das investigações que envolvem o conhecimento do acervo do Museu (que começam a partir da entrada das peças na instituição por meio do processo do registro atribuindo determinado número de inclusão no acervo), portanto, vinculada aos pesquisadores dos corpos institucionais --- faziam-se e fazem-se sedimentadas na relação que preside os trabalhos da área, estando concentrada na *conjugação do objeto de arte e a informação que lhe é pertinente*, o mesmo processo da relação *texto-contexto* fundada na modulação da percepção artística em sua face e contra-face: a produção / criação da obra de arte e a recepção / apreciação dessa obra.

Esse segundo elemento, *a informação pertinente*, é construção embasada nos denominados referentes de leitura coexistentes ao período de produção da obra e a ela posteriores (referentes técnicos-interpretativos da esfera da recepção) que são de múltiplos períodos, naturezas, origens e vertentes e, na atualidade, enriquecidos pela pluralidade das questões que o conhecimento tem feito emergir no seu cenário.

"O leitor pode ter a impressão que alguns historiadores da arte articulam obras de arte e informação de modo caprichoso e assistemático -- embora criativo. Objetos, por si próprios, não se relacionam a nada, mesmo que a sua fatura possa prender a atenção do observador, estimular o deleite do 'connoisseur', e despertar a cobiça do colecionador. Obras de arte -- uma vez assim definidas -- só estabelecem relações a partir da visão do crítico ou do historiador da arte, podendo tal visão ser histórica, iconográfica, estilística, fenomenológica, estética, ou a combinação delas. Obras de arte podem existir sem referências para

qualquer observador comum, mas o fato histórico e o caráter desta existência precisam ser demonstrados por alguém capaz de expor uma associação convincente entre este objeto e aquele tempo e lugar. Pesquisa histórica, corretamente elaborada, recusa o isolamento do objeto e pressupõe vínculos para objetivas associações históricas, aceitáveis para aqueles com acesso ao mesmo nível de informação, e que lhes são apresentadas, apropriadamente, pelo pesquisador." ³⁷ (grifo nosso)

As formas conceituais e práticas estruturadas pelo campo das Artes sob a feição de diálogo para o debate artístico, cujas fontes de consultas estão consignadas nas categorias de acervos distinguidos pelos termos museológicos e bibliográficos (abrangendo o uso desse último termo o sentido amplo que abriga os documentos multigrafados componentes, ainda, dos arquivos dos museus), identificam-se às duas vertentes da percepção da arte.

Os estudos das artes enfocam e entendem a obra e o seu referente técnico-interpretativo como manifestações representando os “*discursos da arte*” e “*discursos sobre arte*”. Esses, por sua vez, são oriundos das

“duas dimensões interpretativas vinculadas aos bens culturais artísticos: uma definida junto à percepção / produção artística, e outra junto à percepção / apreciação artística, no âmbito do que se pode determinar como dimensões referentes à criação artística e à interpretação acerca da criação artística,” ³⁸

Essa informação específica, denominada também informação artística / informação estética, que se reconhece na atualidade como Informação em

³⁷ BRILLIANT, Richard. How an art historian connects art objects and information. Library Trends. Champaign/Illinois: 37, (2): 194-205, fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual. p. 129.

³⁸ LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, GÓMEZ, Maria Néida González de (Org). Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu e Imagem. Rio de Janeiro: Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000.

O texto do artigo procurou sintetizar pontos relevantes da dissertação de mestrado, também já referenciada nesta tese: LIMA, D. F. C. 1995.

Arte, refere-se aos “*documentos da arte*” e “*documentos sobre arte*”,³⁹ originados dos referidos discursos artísticos, correspondendo às facetas caracterizadas como Documentação Museológica e Documentação Bibliográfica.

E, assim, para atender ao estudo da arte nas suas vertentes discursivas e à necessidade de fortalecer a articulação entre seus documentos / acervos (questão evidenciada ao longo dos trabalhos) foram desenvolvidas três iniciativas relevantes que, bem ao ‘estilo museológico,’ esta tese passa a denominar de Tríade Gettyana.

O primeiro elemento da trindade remonta à criação, no âmbito da Fundação, do Centro para História da Arte e Humanidades - Getty Center for the History of Art and the Humanities. E, nesse espírito, foi elaborado o segundo componente, Programa de Informação em História da Arte – Art History Information Program, AHIP (1982), voltado para apoiar o desenvolvimento de projetos que atenderiam de modo mais amplo, em ambiente de rede eletrônica de comunicação, às necessidades que se irradiaram a partir das coleções do Museu J. Paul Getty. Desse modo, nesse contexto para promoção de condições favoráveis à realização dos estudos que envolvem as Pesquisas em Artes, meses depois (1983), concretizou-se a implantação do Museum Prototype Project - MPP (1983), terceiro elemento e epicentro do “movimento” Informação em Arte (conforme é compreendido agora, dada a posição para exercer o olhar retrospectivo e avaliador) que, reunindo museus de arte de forte presença no cenário cultural, alcançou amplitude formalizando-se como modelo conceitual e operacional no contexto da comunicação / informação museológica.

8.2.1 GETTY CENTER FOR THE HISTORY OF ART AND THE HUMANITIES

O Getty Center for the History of Art and the Humanities, posteriormente denominado Getty Research Institute for the History of Art and the Humanities, atualmente identificado pelo título resumido de Getty

³⁹ LIMA, D. F. C. In: PINHEIRO, L V R, GÓMEZ, M N G. 2000. Op. cit. p. 33-35.

Research Institute --- Instituto de Pesquisa Getty; apresenta-se “dedicado aos estudos interdisciplinares em artes e humanidades fornecendo apoio a programa internacional de pesquisas...”⁴⁰ voltado para “promover o conhecimento novo nessa área”... “proporcionando um único ambiente para pesquisa, questões críticas e debate”... “visando conectar fronteiras acadêmicas tradicionais”. Para tanto, entre suas atividades, “produz variadas ferramentas para pesquisa on-line. referentes às artes visuais, artes, arquitetura e campos de estudo relacionados.”⁴¹ (grifo nosso). Nessas afirmativas e propostas, que foram sublinhadas, fazem-se presentes elementos inscritos na concepção que sustenta a Fundação J. Paul Getty, constituindo exemplo “vivo” da interação que fomenta e exercita o modelo interdisciplinar em vários contextos de sua participação.

O Instituto de Pesquisa Getty (Getty Research Institute), na condição de um dos organismos da Fundação, desenhado como de grande porte e de complexas tarefas, integra a missão de executar política de *programas e projetos temáticos* congregando os diversos setores da instituição e, nas duas últimas décadas, vem desenvolvendo atividades que reúnem, sob a modalidade de trabalhos intercomissionados, as equipes dos Grupos do CIDOC --- Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus --- dos demais grupos e comitês do ICOM, bem como de outras entidades internacionais e nacionais públicas e privadas.

8.2.2 GETTY ART HISTORY INFORMATION PROGRAM

O Getty Art History Information Program – AHIP posteriormente identificado ao Getty Information Center e Getty Information Institute --- Centro de Informação Getty ou Instituto de Informação Getty; foi constituído nos moldes de um centro de estudos em arte-informação e capacitado a operar em parceria com o CIDOC e outras instituições, tendo desenvolvido em suas linhas de ação trabalhos para nortear normas e padrões que permitissem o uso e o intercâmbio de informação nessa área do

⁴⁰ GETTY ABOUT US. Disponível em: <<http://www.getty.edu/about/>>. Acesso em: junho - 2002.

⁴¹ GETTY RESEARCH. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/>>. Acesso em: junho - 2002.

conhecimento,⁴² já que o acervo do Museu J. Paul Getty é digno de referência nas diversas categorias e gêneros artísticos.⁴³

Em 1995, a Getty, assim, se pronunciou em relação ao AHIP que já contava cerca de 13 anos de atividades:

"O AHIP, programa ... da J. Paul Getty Trust, ... procura tornar a informação sobre patrimônio cultural mais acessível por meio de redes de computadores. Em colaboração com instituições e organizações nacionais e internacionais o AHIP auxilia a dar forma para a direção da automação na área das humanidades e artes focalizando a política, os modelos/normas e a prática. O AHIP foi responsável por várias iniciativas voltadas para a questão do acesso e distribuição da informação cultural em ambiente de rede. Por meio dos seus Projetos de Normas [Standards Projects] o AHIP tem contribuído para a consistência necessária ao processo efetivo de criação, manutenção e recuperação da informação. A Bases de Dados de Pesquisa AHIP (AHIP's Research Databases) oferece massa crítica em conteúdo de alta qualidade disponível para pesquisadores da área cultural".⁴⁴

As atividades referidas ao AHIP, o mesmo que Centro ou Instituto de Informação Getty,⁴⁵ foram absorvidas e distribuídas entre os departamentos do Instituto de Pesquisa Getty --- Getty Research Institute, considerado um

⁴² O Getty Standards Program desenvolve o Getty Vocabulary Program que "constrói, mantém e dissemina ferramentas [terminológicas] para as Artes Visuais, a Arquitetura e disciplinas afins."

GETTY STANDARDS PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards>>.

GETTY VOCABULARY PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/vocabulary>>.

Acesso em; maio/julho - 2002.

⁴³ O Museu apresenta duas unidades expositivas instaladas em dois diferentes locais: a primeira, "o J. Paul Getty Museum situado no conjunto arquitetônico formado pelas edificações do Getty Center, [nome dado à Fundação instalada nessa região] em Santa Monica Hills, que guarda as coleções de pinturas européias, desenhos, esculturas, manuscritos ilustrados [coleção de iluminuras] e artes decorativas, fotografias européias e americanas. A segunda unidade, o J. Paul Getty Museum localizado na Getty Villa, a Villa dei Paperi, situada em Malibu, com coleções da Antiguidade Clássica." Essa construção é o espaço museológico de exposição, mais antigo da Fundação..

THE J. PAUL GETTY MUSEUM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/museum>>. Acesso em: maio/julho- 2002.

⁴⁴ CIDOC WEB PAGES ON STANDARD, 1996-2001. Developments in Museum ... Op. cit.

⁴⁵ No processo de reformulação técnica e organizacional que a Getty estabeleceu, corporificado nas novas instalações construídas no complexo arquitetônico do Getty Center, o Information Institute, como setor, foi fechado em 1999 (junho).

Programa da J. Paul Getty Trust; junto às demais unidades de pesquisa e de informação compondo um corpo especializado no tema da Informação em Arte, nos dias atuais. Nessa configuração, está reservado à Biblioteca de Pesquisa Getty --- Getty Research Library o papel do serviço de informação, prestando atendimento ao usuário “in loco” (estudante e pesquisador) e também por acesso remoto ⁴⁶ apoiado pelos departamentos de Serviços de Pesquisas e de Bases de Dados de Pesquisa --- Research Services e Research Databases. E, cabendo à unidade Gerência de Informação --- Information Management; o desempenho em três segmentos que apóiam os estudos e tarefas do complexo cultural do Museu J. P. Getty, sendo responsável pelas atividades permanentes e apresentadas sob a forma dos seguintes programas e projetos: --- Program Information Systems; --- Visual Media Services; --- Vocabulary, Standards, Digital Resources. (respectivamente:--- Programa Sistemas de Informação; --- Serviços de Mídia Visual; --- Vocabulário, Normas, e Recursos Digitais).

Ainda sob denominação de AHIP (e posteriormente cancelados pelos outros nomes das mudanças administrativas que se apontou) desenvolveu e subvencionou diversos projetos de Informação para estudos relativos ao campo artístico como os inicialmente, dedicados à Arquitetura, Arte, Arqueologia.

No rol dos projetos que foram formando (anos 80) esse processo de pesquisa interdisciplinar e a produção dessas fontes de consulta para a área (lançamento “on-line” com maior ênfase e de modo geral no período dos anos 90) estão incluídos: Art and Architecture Thesaurus – AAT (*)⁴⁷; Avery Index to Archeological Periodicals; Art and Architectural Technical Abstracts - AATA; Census of Ancient Art Known to the Renaissance; Getty Provenance Index; e International Repertory of the Literature of Art – RILA. E, ainda, Union List of Artist Names – ULAN (*); e o Getty Thesaurus of Geographic

⁴⁶ O Getty Research Institute está situado no complexo Getty Center, conjunto de seis edificações, projeto do arquiteto Richard Meir, ocupando 110 mil acres distribuídos em área de mais de 700 mil acres de terreno. Foi inaugurado em 1997 (dezembro), consumindo mais de 10 anos no processo para sua implantação (entre planejamento e inauguração).

⁴⁷ O Tesouro ATT, a exemplo de outros trabalhos, já fora lançado pelo Information Institute, em 1990, em versão CDROM, além da edição em papel.

Names – TGN (*). Os três vocabulários controlados indicados com sinal (*)⁴⁸ representam instrumentos construídos para servirem como “recursos para suporte na documentação e recuperação da informação [de acervos museológicos / bibliográficos] automatizada sobre arte, arquitetura e cultura material”.

Esses recursos terminológicos indicados no Getty Vocabulary Program apresentam-se da seguinte maneira:

- AAT -- Art and Architecture Thesaurus: “vocabulário com cerca de 125 mil termos, notas, e outras informações para descrição de belas artes, arquitetura, artes decorativas, documentos de arquivo e de cultura material”; (a primeira edição data de 1990)
- ULAN -- Union List of Artist Names: “vocabulário contendo cerca de 220 mil nomes e informação biográfica sobre artistas, arquitetos, incluindo riqueza de nomes variados, pseudônimos, e as diversidades lingüísticas [que tais nomes apresentam]”;
- TGN -- Getty Thesaurus of Geographic Names: “vocabulário com cerca de 1 milhão de nomes geográficos, incluindo nomes de caráter vernacular e histórico, coordenadas, tipos de lugares, enfocando os sítios importantes para o estudo da arte e da arquitetura.”

A Fundação J. Paul Getty (J. Paul Getty Trust) congrega, sob forma de sistema em rede de informação, um diversificado conjunto de bases de dados⁴⁹ franqueadas ao público nos organismos da Instituição (localizados em três diferentes lugares no estado da Califórnia: praia de Malibu, Santa Mônica Hills e Los Angeles), em outras instituições integrantes do sistema e, ainda, no espaço virtual Getty Web sites.⁵⁰ Recentemente, tornou disponível

⁴⁸ GETTY VOCABULARY PROGRAM. Op. Cit.

⁴⁹ Tais como: as bases de dados das coleções do Getty Museum, o Catálogo on-line da Biblioteca Getty Research Institute, o Getty Provenance Index entre outras tantas. Recentemente foi anexado o AATA ONLINE. Disponível em: <<http://www.getty.edu/news/press/online/webby.html>>. Acesso em: maio/julho-2002

AATA ONLINE -- ART AND ARCHAEOLOGY TECHNICAL ABSTRACTS

Disponível em: <<http://aata.getty.edu/NPS/>>. Acesso em: maio/julho-2002.

⁵⁰ O espaço virtual do complexo cultural Getty (“The Getty”), foi por ela criado e é por ela mantido, administrado pelo Getty Research Institute Department Leadership. A informação disseminada inclui dados referentes à Fundação J. Paul Getty Trust, ao J. Paul Getty Museum, ao Getty Research

outras bases de dados para consultas na Internet, entre as quais o AATA Online -- Art and Archaeology Technical Abstracts, ⁵¹ fonte de consulta que trata do tema sob qual se funda o tempo histórico da Museologia: preservação / conservação dos bens da cultura material (Patrimônio Cultural – Cultural Heritage).⁵² Do mesmo modo, podem ser consultadas aquelas referentes aos vocabulários de artes que foram descritos, ⁵³ bastando, para tanto, utilizar os “browsers” (programas de busca) AAT; ULAN; TGN. ⁵⁴

Nos vários projetos custeados e desenvolvidos pela Getty a disseminação da informação sobre acervos artísticos é de ordem capital e a Instituição afirma ⁵⁵ que para usar “informação em arte... ela deve estar acessível.”

O estudo para identificação dos objetos de arte em suas múltiplas faces --- o conhecimento, por exemplo, dos diversos aspectos formais, das significações de que se revestem, das trajetórias percorridas, danos e acréscimos sofridos ao longo do tempo, compõem os dados para catalogação museológica --- e o domínio da terminologia específica pelas comunidades envolvidas com atividades que estão vinculadas ao contexto informacional, também, apresentam caráter relevante para a Getty.

Esse entendimento quanto aos estudos permanentes para normalização da informação dos museus, em especial daquela que

Institute, ao Getty Conservation Institute, ao Getty Leadership Institute for Museum Management, ao Getty Grant Program e à Getty Publications.

⁵¹ GETTY NEWS ELECTRONIC PRESS RELEASES. Disponível em: <<http://www.getty.edu/news/press/online/webby.html>>. Acesso em: julho - 2002.

AATA ONLINE ...Op. cit.

⁵² -- AATA Online -- Art and Archaeology Technical Abstracts: arrola mais de 100 mil resumos vinculados à literatura internacional que trata do tema da cultura material, apresentando os 34 volumes iniciais publicados no período 1955-1997. (“serviço Getty Conservation Institute em associação com o International Institute for Conservation of Historic and Artistic”).

GETTY NEWS ELECTRONIC... Op. cit.

AATA ONLINE... Op. cit.

⁵³ Do mesmo modo que outros produtos da Instituição, eles são apresentados, também, editados em formato CDROM

⁵⁴ Em maio de 2001 (período de levantamento de dados preliminares para o Projeto de Qualificação do Doutorado) o sistema de busca eletrônica para os termos dos vocabulários de arte, ainda, não se encontrava disponível. No primeiro semestre de 2002, durante novas consultas efetuadas para a Tese, o novo formato do recurso mostrou-se acessível.

GETTY VOCABULARY PROGRAM. Op. cit.

⁵⁵ GETTY RESEARCH INSTITUTE. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards>>. Acesso em: maio -julho – 2002.

contempla a produção artística, é defendido pela Getty e publicamente assumido quando, tecendo considerações, afirma, já observando a disseminação favorecida pelas novas tecnologias em redes eletrônicas de comunicação: o “ponto crítico do acesso à informação”, quando é transferida “principalmente on-line”, é a necessidade de tornar disponíveis instrumentos técnicos, como por exemplo, “vocabulários controlados” e “modelos padronizados” de categorias “de informação referendadas pelos especialistas da área de arte, juntamente aos demais recursos utilizados pelo campo. (grifo nosso)

Tal procedimento, conforme explicita a Getty, deve estar em concordância e ocorrendo em razão do perfil dos usuários dessas fontes de consulta refletir “larga variedade de profissionais incluindo: bibliotecários de arte e arquitetura, bibliotecários [de coleções] de slides [diapositivos], catalogadores de museus, arquivistas, professores, pesquisadores / acadêmicos [scholars], estudantes e qualquer pessoa que precisa descrever e/ou encontrar informação sobre arte, arquitetura e disciplinas relacionadas.” (grifo nosso)

Esses instrumentos de apoio técnico-conceitual estão voltados aos profissionais “da catalogação”, aos “indexadores que descrevem obras de arte, de arquitetura, [objetos] de cultura material, documentos de arquivo, reproduções visuais, material bibliográfico” e, sobretudo, foram elaborados para “servir como base de conhecimento fornecendo informação de interesse dos pesquisadores”. (grifo nosso) ⁵⁶

Nesse elenco de agentes apontados pela Getty --- referenciado em contexto museológico-informacional --- envolvidos com questões das obras de arte e dos seus referentes de estudo, ambos configurando elementos de

⁵⁶ A dissertação de LIMA, D. F. C.-- Acervos artísticos: proposta de um modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas (1995. Obra já citada.) -- elabora um modelo para informação especializada, a ser desenvolvido em Centros de Informação de Museus de Artes Plásticas, destinado ao atendimento das necessidades dos usuários das pesquisas artísticas, como também construído pensando-se no intercâmbio entre instituições. O modelo em questão teve sua verificabilidade testada em pesquisa realizada pela autora, juntamente com seus alunos de disciplina do campo da História da Arte (Produção Artística no Brasil III, conforme Relatório Final da pesquisa, obra também, já citada), no curso de graduação de Museologia, na UNI-RIO, em 2000. A análise dos resultados indicou, no caso dos alunos representando os pesquisadores, que o modelo em se tratando daquele que demanda informação, orienta e torna ágeis as etapas do processo de investigação.

coleções / acervos; verifica-se a presença de personagens que, oriundos de diferentes ordens disciplinares, de modo coletivo interagem em zonas comuns, segundo os modelos híbridos que estruturam a composição interdisciplinar no universo do conhecimento.

Um desses instrumentos, ou recurso considerado de ordem básica para Informação em Arte ⁵⁷ no processo da Documentação Museológica, está relacionado ao *histórico* das coleções dos acervos, envolvendo algumas variáveis e/ou indicadores (o mesmo que *categorias de informação* ou os itens de informação) de ordem administrativo-legal, como por exemplo, entre outros, os que focalizam a origem / procedência e as fontes comprobatórias --- *modo de aquisição*, cadeia de *proprietários*, *documentos* vários e *bibliografia* de referência. Tais indicadores são categorias informacionais que compõem os inúmeros campos das fichas de catalogação dos objetos museológicos.⁵⁸ Esses dados, à semelhança de outros relativos às peças dos museus (elas são compreendidas como documentos na medida que representam “testemunhos” culturais, o mesmo que signos / referentes da Memória Social), sofrem atualizações (dados agregados que fazem o documento do acervo ‘ganhar informação’) e mobilizam as equipes dos setores institucionais. Os produtos informacionais por eles gerados (guias, catálogos, por exemplo) destacando o ‘recorte’ de investigação da categoria (ou item de informação) procedência das obras do acervo constituem obras de referência,⁵⁹ nesse caso, contemplando a própria instituição proprietária quando em edição de modelo individualizado.

⁵⁷ GETTY PROVENANCE. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/provenance>>. Acesso em: junho - 2002.

⁵⁸ CIDOC. *International guidelines...* 1995a. Op. cit.

⁵⁹ “Reconstituir a história completa da propriedade de uma obra [principalmente obras mais antigas] é difícil e, muitas vezes impossível. Os registros de propriedade podem ter sido destruídos como resultado de desastres naturais ou desastres ocasionados pelo Homem (por exemplo, guerras) e pela sua negligência. A informação, também, pode ser negada por comerciantes e leiloeiros atendendo ao pedido de anonimato [do vendedor ou do comprador]. Arquivos, ainda, podem ser desconhecidos ou estar inacessíveis. A informação referente à documentação recebida ou encontrada precisa ser cautelosamente tratada, de modo que proprietários, comerciantes, curadores e pesquisadores tem sido orientados para associar a documentação da evidência ao objeto do equívoco.”

GETTY -- RESEARCH ON COLLECTIONS PROVENANCE: 1933-1945. J. PAUL GETTY MUSEUM. Introduction. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/provenance>>. Acesso em: junho - 2002.

Esse tipo de instrumento de pesquisa serve a diversas finalidades: uma delas, considerada elemento capital por estar ligada ao processo de determinação da autoria da obra de arte. Por exemplo, anteriormente certa peça / documento incluído no acervo poderia ter sido identificada(o) no processo de catalogação, somente na categoria de informação denominada *objeto atribuída(o) a...* em lugar do item que certifica *nome de autor* ou *autor da obra*. Portanto, a obra teria passado por período no qual o conjunto de procedimentos para comprovação do autor, ainda, não fora devidamente esclarecido, mas posteriormente novos documentos analisados poderiam ter esclarecido e certificado quanto à autoria (confirmando ou não a atribuição), modificando a situação da identificação inicial. Essa ocorrência, usada como exemplo, quando efetivamente se dá nas coleções é fato que envolve uma série de providências técnicas, administrativas, financeiras (alteração de valores de seguros de obras é uma delas) entre outras tantas e, ainda, aquela ligada à comunicação dessa informação em ambiente do próprio campo, junto ao público em geral e até nos meios de comunicação (principalmente se forem obras identificadas como de caráter excepcional). Outra finalidade diz respeito à “união de estudos de curadores, de pesquisadores e de educadores para compreensão da história do colecionismo e ou do gosto”.⁶⁰ (esse tem sido um dos assuntos estudados pela História da Cultura entre outras áreas disciplinares que, também, se voltam para as facetas apresentadas pelo tema Artes).⁶¹

A disseminação dessa informação, cruzando indicadores das variáveis da Documentação Museológica ligadas ao histórico da procedência / propriedade de bens culturais dos acervos museológicos, revela, ainda, um aspecto característico do campo artístico e, assim, atua como recurso adicional para o conhecimento da produção existente no acervo do museu proprietário (esse termo engloba situação institucional de depositária da obra por empréstimo e outros termos legais de igual teor relativos ao denominado processo de *aquisição*), bem como em outros acervos com obras e questões similares, tendo em vista que as obras de arte se inserem em padrões

⁶⁰ GETTY RESEARCH ON COLLECTIONS ... Introduction. Op. cit

⁶¹ HUNT, L. Op. cit.

tipificados pelos agentes produtores vocalizando momentos e expressividades temporais, formais e simbólicos que orientam os estudos sistematizados sobre arte.

Tal fato estimula e favorece a elaboração de catálogos que, também, podem abranger não só as peças de um determinado museu mas indicar outras coleções de várias outras instituições --- de maior abrangência que o modelo individualizado, citado linhas acima --- dependendo do recorte temático definido para a investigação. O Getty Provenance Index ⁶² (série de seis bases de dados) enquadra-se nessa formulação. Reúne informação especializada sobre coleções de pintura ocidental -- séculos XVII ao XIX, dispersas em instituições americanas e inglesas (Reino Unido).

Esses recursos informacionais dedicados à *história da formação de acervos museológicos*, indicando a procedência das coleções, são instrumentos que atuam, ainda, na tarefa de elucidar a condição de determinadas peças relacionadas às zonas de conflitos bélicos, regiões de catástrofe, a litígios de várias ordens, a grupos sociais que sofrem constrangimentos e outras ocorrências críticas que poderiam configurar atividades caracterizadas sob diversos nomes como confisco, pilhagem, roubo e contrabando de bens culturais.

Sobre esse assunto específico, *tráfico ilícito de bens culturais*, (illicit trade in cultural objects) são produzidos catálogos descritivos (imagem e texto) focalizando obras roubadas ou desaparecidas (uma das fontes para a área é Art Loss Register, sediado em Londres). Trata-se de um recurso disseminado, também, via Internet que, além da área dos museus e comércio de arte e antiguidades, serve aos propósitos das agências alfandegárias, da instituição policial que opera em nível local e aquela de

⁶² O Getty Provenance Index, inicialmente editado sob formato livro, posteriormente CDRom, desde 1999 encontra-se disponível na Internet. Inclui, no conjunto informacional que compõe a pesquisa *perfil museológico -- procedência*, inventário integrando produção artística e documentos de arquivo oriundos e/ou referentes aos seguintes países: Itália, Bélgica e Holanda (antigos Flandres ou, ainda, Países Baixos), França, Espanha, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos.

GETTY PROVENANCE INDEX ON THE WEB. Disponível em:
<<http://www.getty.edu/research/tools/provenance/database.html>>. ---
<<http://www.getty.edu/publications/ctl/index.html>>. Acesso em: junho – 2002.

investigação internacional (INTERPOL) colaborando com o Conselho Internacional de Museus (ICOM).⁶³

As normas de documentação referentes aos dados que compõem a informação para identificação de bens culturais relacionadas à proteção do patrimônio cultural relativa à prevenção do movimento ilícito, estão enraizadas em um conjunto básico (ou mínimo) de categorias de informação (Core of Information -- Documentation Standards for Identification of Cultural Objects) determinadas por consenso internacional para “promover o registro consistente da informação ... fundamental para a eficiência do intercâmbio informacional.”⁶⁴ Esse padrão, o novo formato, foi definido posteriormente à publicação (1995) do relatório da pesquisa: *Protecting Cultural Objects Through International Documentation Standards: a Preliminary Survey*,⁶⁵ desenvolvida pelo AHIP (Programa de Informação em História da Arte).⁶⁶ Essa investigação teve entre os colaboradores o CIDOC do ICOM na pessoa de Andrew Roberts e, também, os membros dos Grupos: Data Terminology Working Group e Data Model Group que se uniram no trabalho Minimum Data Standard for Museums. A pesquisa pode ser considerada como o passo inicial para a elaboração de projeto internacional configurando “fórum de discussão” e meio para “encorajar mecanismos de implementação” das normas. O projeto reuniu: “Getty Art History Information Program (AHIP)”, “Council of Europe”; “International Council of Museums (ICOM)”; “US Information Agency (USIA).”

⁶³ ICOM - International Council of Museums, Saqueo en América Latina / Looting in Latin America / Pillage en Amérique Latine: Paris: ICOM. 1997. (Cent objets disparus -- One hundred missing objects).

⁶⁴ FINK, Eleanor. Foreword. In: THORNES, Robin. Protecting cultural objects through international documentation standards: a preliminary survey. Santa Monica: The Getty Art History Information Program -- J. Paul Getty Trust. 1995a. p.1. Eleanor Fink, Diretora do Getty Art History Information Program -- AHIP.

⁶⁵ THORNES, Robin. Protecting cultural objects through international documentation standards: a preliminary survey. Santa Monica: The Getty Art History Information Program -- J. Paul Getty Trust. 1995.

⁶⁶ A pesquisa (Protecting cultural objects...) investigou museus e galerias, redes de informação em arte nacionais e internacionais, associações de documentação, associações de arte, de informação, organizações governamentais, entidades de seguros de arte, agências internacionais de investigação policial. A abrangência geográfica cobriu América do Norte, América Central, América do Sul, África, Ásia, Europa, Oceania.

Torna-se necessário mencionar, em razão da integração necessária entre profissionais da área de informação e de museus formando as comunidades híbridas que são próprias da interdisciplinaridade que, nesse elenco de categorias informacionais do acervo, embora a tecnologia computadorizada de reprodução de imagem tenha alcançado qualidade inegável para visualização, a categoria referente à Descrição Formal (que implica no modo textual) permanece sendo considerada dado relevante da informação especializada para efetivar o processo comunicacional ligado ao reconhecimento do objeto. Essa descrição continua exigindo daquele que identifica o objeto museológico o domínio do instrumental teórico e prático relativo à tipologia do objeto associado, nesse caso especial, ao modo como deve ser descrito em suas características físicas para as finalidades desse trabalho específico de reconhecimento por segmento, também, não especializado.

Encerrando esse foco sobre o segmento temático dedicado às pesquisas relacionadas à *procedência* das obras artísticas em coleções museológicas, bem como desdobramentos e produtos informacionais que elas geram, cabe mencionar a pesquisa de amplitude internacional Provenance Research Project.⁶⁷ O projeto configura trabalho de “revisão da procedência de objetos de acervos” em situações especiais,⁶⁸ a exemplo da questão envolvendo a espoliação de objetos de arte no tema da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto Judaico durante o período 1933-1945,

⁶⁷ GETTY RESEARCH ON COLLECTIONS... Introduction. Op. cit.

Documentos vinculados a tal questão que, no âmbito da Informação em Arte, iniciaram e/ou orientam os trabalhos das comunidades dos museus, bibliotecas, arquivos, comerciantes e leiloeiros, restauradores, editores e demais agentes nos Estados Unidos e na Europa.

-- REPORT OF THE AAMD TASK FORCE ON THE SPOILIATION OF ART DURING THE NAZI/WORLD WAR II ERA (1933-1945).

Association of Art Museum Directors -- AAMD (Estados Unidos; sediada nesse país, ela reúne também, museus do Canadá e do México). junho 1998

-- SPOILIATION OF WORKS OF ART DURING THE HOLOCAUST AND WORLD WAR II PERIOD PROGRESS REPORT ON UK MUSEUMS' PROVENANCE RESEARCH FOR THE PERIOD 1933-1945.

National Museum Directors' Conference – NMDC (Reino Unido), setembro 1998.

-- RECOMMENDATIONS CONCERNING THE RETURN OF WORKS OF ART BELONGING TO JEWISH OWNERS.

International Council of Museums – ICOM. janeiro 1999.

-- GUIDELINES CONCERNING THE UNLAWFUL APPROPRIATION OF OBJECTS DURING THE NAZI ERA – AAM

American Association of Museums – AAM (Estados Unidos), novembro 1999.

⁶⁸ GETTY RESEARCH ON COLLECTIONS... Introduction. Op. cit

“ascensão ao poder do partido Nazi[sta] e sua derrocada.”⁶⁹ Lembrando que a categoria coleções museológicas abarca, também, as Bibliotecas e os Arquivos -- mesmo quando não situados ou pertencentes a complexos com títulos museológicos -- quando são instituições detentoras de coleções artísticas e galerias assim identificadas e reconhecidas na categoria museus pela definição do ICOM.

O Museu Getty apresenta a lista específica de suas obras e dados -- Research on Collections Provenance: 1933-1945 J. Paul Getty Museum; e como particularidade o web site Selected Resources on Holocaust-Era Art Issues, fornece resumo da situação do projeto (comportamento das atividades em nível internacional), além de ter sido estruturado, permitindo por meio de indicadores temáticos (relacionados às variáveis da pesquisa) estabelecer “links” para instituições e bases de dados pertinentes.⁷⁰

Assim, além do Museu Getty, é possível consultar sete museus artísticos e, não se pode deixar de apontar que, entre esses outros museus estão incluídas quatro outras Instituições que participaram do Museum

⁶⁹ GETTY RESEARCH ON COLLECTIONS... Introduction. Op. cit.

⁷⁰ 1) Provenance research em outros museus -- Internet:

Art Institute of Chicago; Cleveland Museum of Art; Metropolitan Museum of Art - MET (Nova York); Museum of Fine Arts - MFA/Boston (Boston); Museum of Modern Art - MoMA (Nova York); National Gallery of Art (Washington, capital); National Museums in the United Kingdom (Reino Unido).

2) Bases de dados de bens confiscados e não reclamados (proprietários desconhecidos):

France-Musées Nationaux Récupération Catalogue; Germany-Lost Art Internet Database.

3), 4), e 5). Demais temas para ligação -- alguns exemplos de títulos:

--- Organizações prestadoras de assistência para identificar e solicitar devolução de bens confiscados e outros espólios.

--- Recursos de pesquisa;

--- Outros web sites.

GETTY RESEARCH ON COLLECTIONS PROVENANCE: 1933-1945. J. PAUL GETTY MUSEUM. Selected Resources On Holocaust-Era Art Issues. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/provenance>>. Acesso em: junho – 2002.

⁷⁰ GETTY RESEARCH ON COLLECTIONS... Introduction. Op. cit.

⁷⁰ Idem, Ibidem.

⁷⁰ 1) Provenance research em outros museus -- Internet:

Art Institute of Chicago; Cleveland Museum of Art; Metropolitan Museum of Art - MET (Nova York); Museum of Fine Arts - MFA/Boston (Boston); Museum of Modern Art - MoMA (Nova York); National Gallery of Art (Washington, capital); National Museums in the United Kingdom (Reino Unido).

2) Bases de dados de bens confiscados e não reclamados (proprietários desconhecidos):

France-Musées Nationaux Récupération Catalogue; Germany-Lost Art Internet Database.

3), 4), e 5). Demais temas para ligação -- alguns exemplos de títulos:

--- Organizações prestadoras de assistência para identificar e solicitar devolução de bens confiscados e outros espólios.

--- Recursos de pesquisa;

Prototype Project – MPP (espaço e atividade ‘deflagrador’ da Informação em Arte). A saber: MET; MoMA; MFA/Boston e National Gallery. Esse índice de participação torna-se indicador relevante da ação do MPP, projeto que será enfocado no próximo tópico desse capítulo.

No tocante à disseminação da informação artística, a essa altura do relato, é conveniente abrir parênteses para comentar que a Getty, no formato Web site, pela consistência da informação que produz e a qualidade dos recursos empregados em “milhares de páginas e nas inúmeras e diferentes bases de dados, de ferramentas especializadas de pesquisa em multimídia” ⁷¹ recebeu em 2002 (20 anos depois de ter iniciado formalmente o trabalho dedicado à Informação em Arte, que se está abordando) o prêmio anual da International Webby Award, (outorgado pela International Academy of Digital Arts and Sciences), ⁷² com o site interativo Devices of Wonder Web, ⁷³ criado especialmente para acompanhar a exposição Devices of Wonder: From the World in a Box to Images on a Screen, (Aparelhos maravilhosos: do mundo da caixa para as imagens da tela), exibida no J. Paul Getty Museum (novembro 2001-fevereiro-2002). ⁷⁴

O Museu Getty considerando que nos museus, especialmente os de arte, a interatividade entre objetos e visitantes é limitada em decorrência da proteção dada aos trabalhos artísticos exibidos, planejou a referida exposição Devices of Wonder... ⁷⁵

Selecionou centenas de objetos para explorar as relações entre o homem e a máquina, (correlacionando ao usuário do computador) e estabeleceu como instrumento para desenvolver essa relação a associação com o Web site, tendo por objetivo retomar a experiência do uso das mãos, em manipulações geradoras de efeitos visuais. Usando de animação (recursos da tecnologia digital: Flash, JAVA e Real Player); o formato digital

⁷¹ GETTY NEWS ELECTRONIC... Op. cit.

⁷² Idem. Ibidem.

⁷³ Idem. Ibidem.

⁷⁴ A exposição no Museu reuniu peças datadas com cerca de 300 anos.

⁷⁵ Os três parágrafos, imediatamente seguintes ao desta nota, descrevendo modalidades tecnológicas da exposição digital foram redigidos a partir de adaptação e tradução do site abaixo indicado.

GETTY NEWS ELECTRONIC... Op. cit.

Aparelhos Maravilhosos na Web / Devices of Wonder Web permite ao usuário selecionar e manipular objetos que estavam sendo exibidos em exposição museológica no espaço físico da Getty.

Incluindo, ainda, o uso do recurso BLObot, desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório Nacional de Los Alamos, foi possível apresentar, por exemplo, marionetes que se movimentam no “teatro de sombras”, Indonésia -- início do século XIX, e os efeitos que se multiplicam a partir do “espelho do mágico” (ou espelho dos feiticeiros), objeto do século XVIII.

A elaboração da exposição -- *Devices of Wonder Web*, partiu da “premissa que artistas e mágicos constantemente empregaram novas tecnologias para fins de ilusionismo e divertimento.” “Isto inspirou a equipe a manter-se nessa longa tradição.” E, ainda, segundo Vicki Porter, Web manager da Getty e produtor executivo do Web site em questão, “Nós queríamos usar o mais recente recurso da tecnologia digital para deleitar nossos visitantes on-line, do mesmo modo como faziam os maravilhosos aparelhos originais no seu tempo.”

Deve-se, ainda, fazer notar que um site dotado do caráter conceitual de *Devices of Wonder Web*, isto é, apresentado na rede atuando como elemento integrante (papel coadjuvante) da exposição instalada em espaço museológico, configura a categoria técnica denominada *recursos auxiliares da exposição* e consiste em instrumento(s) de apoio apresentado(s) sob várias formas e suportes. A Museologia deles se utiliza no processo de disseminar informação aos visitantes (dimensão referida ao processo da Comunicação em Museus), tendo por finalidade esclarecer quanto ao conteúdo das mensagens transmitidas pela composição museográfica dos objetos de acervos, no contexto da exibição, podendo usar diferentes tipos de recursos, ao mesmo tempo, dentro e fora do circuito expositivo, de acordo com o padrão conceitual e técnico do projeto elaborado.⁷⁶

⁷⁶ Fazendo-se um exercício de memória, pode-se dizer com relação à disseminação da informação museológica referente à exposição permanente ou temporária das coleções de acervos da instituição e de caráter gratuito que, além das etiquetas explicativas (excetuando-se a informação disseminada pelos catálogos editados e comprados pelos visitantes, que não se incluem na presente explicitação), a

Fechando parênteses, e continuando o relato das pesquisas e atividades correlatas.

Ao longo dos anos 90, no rastro da necessidade para reproduzir, aperfeiçoando, a imagem das peças de coleções de acervos nos bancos de dados, bem como continuar desenvolvendo estudos e produtos relativos à consistência da informação textual acerca dos objetos museológicos e, ainda, no quadro do aperfeiçoamento dos recursos de disseminação por meio das novas tecnologias de comunicação consoante a pluralidade de exigências das demandas de pesquisadores da temática artística, o antigo AHIP da Getty --- manteve-se desenvolvendo e apoiando financeiramente projetos próprios, com seu corpo de funcionários, ou projetos associados a parceiros externos ou, ainda, atuando como colaborador técnico.

Portanto, prossegue-se na abordagem de outros trabalhos chancelados pela Getty (aqueles por ela patrocinados e, do mesmo modo, por ela desenvolvidos), originários dos problemas que, envolvendo a existência conceitual e prática de um “museu de arte” perante questões levantadas pelo conhecimento, ensejaram que a Instituição possa ser analisada como intérprete e segundo a feição do Repositório -- Objeto fronteiro (o “boundary object” conforme Star e Griesmer e referendado por Klein e outros) distinguido sob a forma de espaço híbrido para pensamento e ação interdisciplinar.

Ainda sob o nome de AHIP ou posteriormente como se apresenta no momento atual, isto é, Getty Research Institute --- juntamente com o Comitê Internacional para Documentação do Conselho Internacional de Museus,

disseminação se fazia, grosso modo, inicialmente restrita à folha de papel --- desde o texto mimeografado ao folder que era oferecido ao visitante na caminhada do circuito expositivo. Ou também que, passando pela projeção de slides, ela combinou texto e imagem e os mesclou aqueles outros recursos agregando efeitos sonorizados. Do mesmo modo, foi transferida sob a forma de filmes e vídeos apresentados em pequenos espaços reservados no circuito ou em salas apropriadas da instituição e, ainda, em telões nos jardins. Atualmente, o salto tecnológico permite ao elemento coadjuvante da exposição museológica ---recursos auxiliares da exposição; disseminar informação em nova forma e alcance para o visitante / usuário. Assim, a informação dos museus está disponível nos terminais eletrônicos manipulados pelos próprios visitantes e situados em pontos estratégicos da instituição --- identificados como “quiosques de informação” ou simplesmente “quiosques”; também, marcando presença no espaço identificado como “site” da Internet atingindo o público visitante extramuros, agora porém em outras latitudes, como num passe de mágica e... de acordo com o espírito da exposição virtual do Museu Getty.

CIDOD do ICOM, foram patrocinados e implantados vários programas na América do Norte (Estados Unidos, Canadá e México). Assim como outros trabalhos em colaboração com entidades européias, usando redes eletrônicas de comunicação tendo a Internet, como meio democrático de acesso à informação especializada em arte. O antigo (no sentido de unidade administrativa) Centro de Educação em Artes da Getty -- The Getty Center for Education in the Arts,⁷⁷ participou divulgando várias dessas atividades e projetos.

A Getty Art Information Task Force – AITF, Força Tarefa Getty de Informação em Arte (mencionada por Andrew Roberts,⁷⁸ no início desse capítulo, como exemplo de trabalho gerado pela integração de equipes interdisciplinares em museus no que tange às redes e sistemas de informação) cujos trabalhos começaram em 1991 e que se tornou tornado publicamente disponível -- primeira edição, em 1993;⁷⁹ foi ação desenvolvida no contexto do AHIP em iniciativa associada à instituição americana College Art Association – CAA⁸⁰ sendo considerada um desses exemplos de projetos.

Fundada pela Getty no programa AHIP e financiada também pela National Endowment for the Humanities -- NEH,⁸¹ a Força Tarefa “coordena

⁷⁷ THE GETTY CENTER FOR EDUCATION IN THE ARTS. (The Getty Art History Information Program). Disponível em: <<http://www.ahip.getty.edu/ahip/home.html>>. Acesso em: maio - 2001. Após a reorganização realizada pela Fundação, as atividades do Centro de Educação em Artes, ou por ele divulgadas foram absorvidas e/ou redesenhadas, sendo desenvolvidas como linhas de ação e de modo integrado pelos setores da Instituição.

⁷⁸ CIDOC WEB PAGES ... Museum and Cultural ... Op. cit.

⁷⁸ Relembrando que Roberts citou a AITF juntamente com dois outros projetos realizados com consultoria do CIDOC: o SPECTRUM (Reino Unido) e CHIN (Canadá).

⁷⁹ CIDOC WEB PAGES... Museum and Cultural ... Op. cit.

⁸⁰ College Art Association – CAA. Inclui entre seus membros os profissionais ligados ao pensamento ou prática artística, ao ensino e à pesquisa das artes visuais e humanidades. Mais de 13 mil artistas, historiadores da arte, acadêmicos, curadores, colecionadores, educadores, editores de arte e outros profissionais das artes visuais, são membros individuais. Outras 2 mil universidades de arte e departamentos de história da arte, museus, bibliotecas e organizações profissionais e comerciais são membros institucionais. A administração da CAA está sediada na cidade de Nova York.

Texto traduzido e adaptado do site;

CAA - COLLEGE ART ASSOCIATION .Disponível em: <<http://www.collegeart.org/caa/aboutcaa/caaadm>>. Acesso em: agosto - 2002.

⁸¹ National Endowment for the Humanities – NEH. Agência de financiamento, independente, do governo dos Estados Unidos dedicada ao apoio à pesquisa, educação, preservação e programas públicos em humanidades. Está localizada em Washington, D.C.

Texto traduzido e adaptado do site:

o desenvolvimento de padrões para a descrição de objetos de artes e o intercâmbio computadorizado de informação em arte.” A AITF se foi “expandindo para atender a distintas iniciativas que estão a cargo de três organizações profissionais” e, desse modo, “pesquisando padrões” de feições “comuns para descrição de obras de arte e das suas imagens.” Assim como desenvolvendo estudos para determinar e adequar “o formato para intercâmbio eletrônico dessa informação especializada”. Na força tarefa, essas organizações que se fazem representar são: “Museum Computer Network (MCN), Visual Resources Association (VRA) e a Art Libraries Society of North America (ARLIS/NA).” Os profissionais especializados integrantes da equipe Art Information Task Force “eram representativos das comunidades que fornecem e usam informação em arte”,⁸² apresentando-se nas seguintes categorias: “historiadores da arte, curadores de museu, registradores [registrars], e curadores de recursos visuais”⁸³, ainda “bibliotecários de arte, gerentes de informação e especialistas técnicos”.⁸⁴

O resultado do trabalho AITF denominado Categories for the Description of Works of Art - Categorias para a Descrição de Obras de Arte, edição tradicional e on-line, consistindo em diretrizes (guidelines) “para descrição visual e textual de obras de arte, arquitetura e grupos de objetos”

NEH -- NATIONAL ENDOWMENT FOR THE HUMANITIES. Disponível em: <<http://www.neh.gov/>>. Acesso em: agosto - 2002.

⁸² CATEGORIES FOR THE DESCRIPTION OF WORKS OF ART. New York: G.K. 1994. James M. Bower, project manager; Murtha Baca, senior editor. Hall on behalf of the J. Paul Getty Trust. CATEGORIES FOR THE DESCRIPTION OF WORKS OF ART is a product of the Art Information Task Force (AITF). Edited by Murtha Baca and Patricia Harpring. Copyright 2000 The J. Paul Getty Trust & College Art Association, Inc.. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/cdwa/3_cataloging_examples/index.html>. Acesso em: junho - agosto 2002.

Embora os sites transcrevam duas referências sobre as publicações “Categories” deve-se esclarecer que se encontrou o seguinte esclarecimento acerca da participação de Jennifer Trant -- historiadora da arte considerada, no que se refere à automação de acervos de museus, especialista na “gerência de arte-informação”. “Ela também preparou o relatório da Art Information Task Force (AITF), intitulado Categories for the Description of Works of Art para o College Art Association e o AHIP [Getty].” ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS. Disponível em: <<http://www.archimuse.com/consulting>>. Acesso em: julho – 2002.

⁸³ CIDOC WEB PAGES... Museum and Cultural ... Op. cit.

⁸⁴ GETTY -- CATEGORIES ... WORKS OF ART. Op. cit.

representando o estabelecimento de “diálogo entre historiadores da arte, profissionais da informação em arte e provedores de informação.”⁸⁵

No segmento que diz respeito à distribuição de imagens digitais por meio de redes de comunicação e o uso dessa tecnologia para a construção de bases de dados de acervos de obras de arte dos museus, foi implantada a linha Getty AHIP Imaging Initiative ⁸⁶ para promover estímulos de padronização para compartilhamento e disseminação da informação junto às “comunidades interessadas no potencial da tecnologia da imagem a aperfeiçoar o acesso às coleções do patrimônio cultural.” A atividade apontou em direção

“a busca para, em comum acordo, resolver problemas ligados ao caráter apropriado dos padrões existentes, colaborar no desenvolvimento de padrões necessários, divisar abordagens comuns no gerenciamento da propriedade intelectual e, aperfeiçoando o entendimento das tecnologias da imagem, assegurar que o potencial pleno da imagem é útil para as artes e humanidades.”⁸⁷

A experiência foi registrada em 1995 na publicação: *Introduction to imaging: issues in construction an image database* (Introdução ao processamento digital de imagens: questões relativas à construção de uma base de dados de imagens) que, destinada ao auxílio de “curadores, bibliotecários, administradores de coleções, gerentes, acadêmicos e estudantes”,⁸⁸ apresentou a tecnologia e o vocabulário relativos ao processamento digital de imagens e, ainda, orientações quanto à seleção em diversas fases, os procedimentos técnicos e as “estratégias

⁸⁵ Idem, Ibidem..

⁸⁶ Todo o conjunto de trabalhos resultante da linha Imaging Initiative, atualmente é identificado ao Getty Research Institute.

⁸⁷ BESSER, Howard, TRANT, Jennifer. Introduction to imaging: issues in construction an image database. Santa Monica: Getty Art History Information Program –AHIP, J. Paul Getty Trust. 1995. p. 39.

Besser e Trant foram consultores responsáveis pelos trabalhos. Trant, inclusive “gerenciou o Imaging Initiative [Getty AHIP].” (informações sobre Besser e Trant, ver ANEXO --- ESPECIALISTAS) ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS. Disponível em: <<http://www.archimuse.com/consulting>>. Acesso em: julho - 2002.

⁸⁸ BESSER, H., TRANT, J. 1995. Op. cit. p. 7.

institucionais” para desenvolvimento de “sistemas abertos e padronizados.”

89

Nesse contexto de estudo e atividade informacional, em 1994, foi lançado pelo Getty Information Institute (AHIP), e por ele gerenciado juntamente com o MUSE Multimedia Study Group Educational Media, o projeto Museum Educational Site Licensing Project – MESL.⁹⁰ Integrado por instituições universitárias e entidades com coleções museológicas de arte⁹¹ (sete universidades e dez instituições sendo duas delas integrantes do pioneiro Museum Prototype Project – MPP que embasa a história da Informação em Arte, assunto a ser explicitado no próximo tópico) destinou-se à disseminação da informação de museus, desenhando trabalho de intercâmbio de dados entre museus e universidades, estudando a estrutura para implantação de “redes nos campos universitários” e, ainda, para construção de “extenso e múltiplo site”. O projeto serviu como laboratório para identificar e resolver problemas referentes aos direitos de licença e liberação do uso de imagens e textos e, também, à capacidade dos provedores dos conteúdos informacionais até a capacidade dos grupos de usuários da informação.

Desenvolveu e testou mecanismos legais, administrativos e técnicos necessários para o uso educacional e pleno das coleções museológicas por meio de rotineira transferência de informação em rede de alta qualidade de

⁸⁹ FINK, Eleanor. Foreword. In: BESSER, H, TRANT, J. 1995b. Opus Cit. [p.3]. Eleanor Fink, Diretora do Getty Art Information Program.-- AHIP.

⁹⁰ ASIS MIDYEAR MEETING, 1996 -- CONFERENCE PROGRAM. Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text- MESL. ASIS Midyear Meeting, 18-22 May, 1996. San Diego. Conference Session, Wednesday, 22 May -- Sponsoring Organization: SIG VIS Special Group (Visualization, Images and Sound). Disponível em: <http://www.asis.org/midyear-96/asismy_final.html>.. Acesso em: junho - 2002.

⁹¹ Participantes Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text – MESL.

a) Universidades de Illinois, Maryland, Virginia, Michigan, Columbia, Cornell e Harvard.

b) Museus provedores de conteúdos informacionais além da Fundação Getty. Library of Congress (Biblioteca do Congresso Americano), National Gallery of Art (Galeria Nacional de Arte, Washington), National Museum of American Art, Harvard University Art Museums, Houston Museum of Fine Arts, George Eastman House e o Fowler Museum of Cultural History.

ASIS MIDYEAR ... 1996. Museum... MESL. Op. cit.

A Universidade Harvard participou com seus três museus de arte, a saber: Fogg Art Museum, Busch-Reisinger Museum e Arthur M. Sackler Museum.

HARVARD

MUSEUMS.

Disponível

em:

<<http://www.artmuseums.harvard.edu/information/index.html>>. Acesso em junho 2002.

imagens e textos. A questão do dimensionamento da “infra-estrutura necessária para disseminar informação multimídia”, bem como o foco sobre a “necessidade de padrões para múltipla distribuição entre instituições de dados”, revestiu-se de aspecto relevante para o planejamento de redes de comunicação interligando ambiente museológico ao ambiente acadêmico tendo sido, inclusive, tema de trabalho enfocado, em 1996,⁹² na Conferência The Digital Revolution (A Revolução Digital) da ASIST Midyear Meeting (Reunião da Associação Americana de Ciência da Informação e Tecnologia -- American Society for Information Science and Technology - ASIST), patrocinada e organizada pelo seu Special Interest Group on Visualization, Images and Sound, grupo SIG VIS, 1996.⁹³

Em 1996, o Getty Art History Information Program – AHIP, então já denominado de Getty Information Institute, que estava apoiando, na linha programática nomeada Imaging Initiative, o Multimedia Working Group - MMWG do CIDOC (composto, também, por membros funcionários ou consultores da Fundação) “de forma a ilustrar o potencial de um novo meio de comunicação”, editou a primeira versão pública do Introduction to

⁹² No tema The Digital Revolution – A Revolução Digital foi reservado um dia específico (sessão do dia 22 de maio) para apresentação e debates dedicados ao Museum Education Site License Project – MESL. O moderador da sessão foi Howard Besser, indicado nesse evento como Professor Visitante da School of Information and Library Studies, da University of Michigan. Besser foi consultor da Fundação Getty, esteve por longo período ligado ao AHIP e ao processo que se está explicitando do Museu Getty. A representante da Getty nessa reunião foi Jennifer Trant representando o Getty Art History Information Program. Ambos continuam membros do CIDOC (ICOM) e da ASIST. O terceiro participante da mesa foi David Millman, Professor Visitante Associado, representando a Columbia University, instituição por sua vez participante do projeto MESL, conforme explicitado em nota anterior.

ASIS MIDYEAR ... 1996 - Museum... - MESL. Op. cit.

Em se tratando de nomes citados que atuaram no AHIP, portanto incluído o MESL, (Howard Besser, Jennifer Trant, Xavier Perrot).e outras informações, ver ANEXO -- ESPECIALISTAS.

A sessão específica abordando o Projeto Museum Educational Site Licensing – MESL é a seguinte:

ASIS MIDYEAR MEETING, 1998. Collaboration across boundaries: theories, strategies and technologies. ASIS Midyear Meeting, May 16-20. 1998. Orlando, Florida. Continuing Education Courses - Introduction to image databases. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/contEd.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

⁹³ A reunião ASIS 1996 MIDYEAR MEETING ocorreu em maio/18-22, San Diego, Califórnia, Estados Unidos.

GOODRUM, Abbey. Letter from the editor. SIG VIS Newsletter. v 1, n. 3. summer 1996. Jornal eletrônico publicado pelo Special Interest Group on Visualization, Images and Sound - SIG VIS, ASIST- American Society for Information Science and Technology. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/news.html>>. Acesso em: julho – 2002.

Multimedia in Museums,⁹⁴ também disponibilizada na Internet, tratando da aplicação nos museus desse recurso tecnológico de animação que associa imagem e som aos textos. Embora datado de 1996 (os rascunhos custeados pela Getty são do período 1993-95) e, não obstante, as modificações havidas --- “Multimídia mudou dramaticamente desde então” --- ainda apresenta pertinência já que “Outros [capítulos] que discutem questões genéricas, continuam a fornecer suporte para a comunidade museológica orientando quanto ao seu uso no museu.”

No contexto das funções técnicas dos museus, conforme o documento em foco, a multimídia assume papéis de “ferramenta de comunicação” e “ferramenta de documentação”. No primeiro caso: faz-se relacionada à função Comunicação (anteriormente explicitada ao se tratar da questão informacional nos museus) sendo utilizada para interpretar os objetos e as coleções no interior da instituição, isto é, disseminando estudos

⁹⁴ CIDOC - International Committee for Documentation, International Council of Museums (ICOM). Introduction to Multimedia in Museums. Hague: CIDOC Multimedia Working Group – MMWG. 1996c. Edited by Ben Davis and Jennifer Trant, final editing by Jan van der Starre. Editorial Committee composed of David Bearman (USA), Jan van der Starre (The Netherlands), and Tine Waning (Denmark). The editing and production of the report was completed in collaboration with the Imaging Initiative of the Getty Information Institute (formerly the Getty Art History Information Program).

CIDOC -- INTRODUCTION TO MULTIMEDIA IN MUSEUMS. Disponível em: <<http://www.rkd.nl/pklctns/mmwg/home.htm>>. Acesso em: julho – 2002.

A revisão do rascunho desse relatório foi realizada durante a reunião do Multimedia Working Group - MMWG, quando da Reunião do CIDOC, realizada em Stavanger, Noruega, julho de 1995.

Nesse mesmo evento CIDOC, Andrew Roberts apresentou o “paper” que foi enfocado no início desse capítulo. (Museum Information: the museum information profession and the International Committee for Documentation of the International Council of Museums).

O documento eletrônico indica pelo CIDOC o nome de David Bearman, (à época, presidente da Archives & Museums Informatics, ou melhor, desde 1997). Sobre Bearman ver ANEXO -- ESPECIALISTAS.

Em fevereiro de 2002, em Madri, Espanha, “Bearman foi conferencista na Feira Internacional de Arte Contemporânea, ARCO 2002, abordando o Estado da Web nas Artes e Cultura: Teoria e Prática e Novas Estratégias”.

ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS.[ARCHIMUSE] Disponível em: <<http://www.archimuse.com/consulting/bearman.html>>. Acesso em: julho – 2002.

A Feira ARCO, embora evento ainda recente no quadro internacional, está movimentando o mundo das artes. O Brasil tem participado principalmente por meio de galerias de arte que apresentam seus artistas plásticos (acervos temporários), repousando a ênfase da produção artística nas múltiplas linguagens da contemporaneidade. Também, já se faz presente, no evento, a produção editorial especializada da área. Incluem-se na mostra instituições comerciais e não comerciais e os visitantes especializados reúnem os profissionais de museus de arte, críticos de arte, curadores das exposições internacionais (ex: Bienal de Veneza), colecionadores, artistas, galeristas etc.

Faz-se interessante que se destaque a associação entre a Archives and Museum Informatics (pelo tema apresentado) à feira de artes ARCO como ponto que assinala a relação entre Museu, Arte e Informação.

e demais trabalhos da Casa no circuito expositivo ou “(nos quiosques de orientação) e por meio dos mecanismos de divulgação externa (edições CD-ROMs ou bases de dados multimídia acessíveis por meio da Internet ou World Wide Web)”. No segundo caso: multimídia relacionada à Documentação, diz respeito à construção de “bases de dados integradas que registram informação sobre as coleções”. Sob tal aspecto o uso, também, se faz “para gerenciamento das coleções” e, ainda, “elas podem estar acessíveis aos pesquisadores externos.” Nos dois exemplos citados pelo Working Group que destaca essas formas de atuação, a multimídia e sua aplicação nos museus está radicada e desenvolve-se ambientada na atividade Documentação / Informação Museológica e nas vinculações que ela estabelece institucionalmente em nível interno e externo.

Atualmente, na Fundação Getty e no contexto das questões ligadas às bases de dados de museus, seja acervo tridimensional ou bibliográfico, em se tratando dos “padrões de dados, diretrizes e a produção, promoção e/ou coordenação de recursos on-line” estão a cargo do Getty Standards and Digital Resource Management Program. Unido ao Getty Vocabulary Program (do qual se mencionou, nesse capítulo, alguns trabalhos) sua concepção e ação estão voltadas para

“permitir o acesso à informação das Artes Visuais e disciplinas relacionadas, promovendo modelos e práticas críticas para o desenvolvimento, gerenciamento, preservação e disseminação da informação de formato eletrônico.”⁹⁵

O Programa Digital Resource apresentava, em 2000, sob a forma de produtos editados em forma tradicional ou on-line (seções dentro dos web sites da Getty), trabalhos envolvendo as diversas unidades e atividades ligadas às coleções do campo artístico tratadas nesse exemplo de complexo museológico norte-americano. Tais coleções inseridas no tema das Artes, o mesmo que documentos da arte e documentos sobre arte, na relação do conhecimento que se estabelece entre as obras de arte e os seus referentes

⁹⁵ GETTY STANDARDS AND DIGITAL RESOURCE MANAGEMENT PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards>>. Acesso em: agosto - 2002.

para estudo (os últimos, identificados aos documentos bibliográficos/de arquivos) fazem-se identificadas aos dois extratos da percepção artística que o campo cultural reconhece, isto é, o nível da produção / criação da obra e aquele da recepção / apreciação da obra, segundo Pierre Bourdieu.

Essas edições, “coleções de imagens digitais”, disseminam informação ou sob a forma de guias e textos explicativos para tratamento dos documentos dos diferentes acervos que uma instituição museológica apresenta, ou estão dedicadas especificamente a focalizar seleções recortadas dos próprios acervos e, ainda, associando outras peças da mesma ordem, porém de outras coleções. Tomando por base coleções de fotografias ou slides da Research Library podem reproduzir peças do museu e, fotos antigas ou atuais que, em geral, se vinculam à natureza do acervo museológico (fotografias artísticas, dos artistas, de eventos artísticos, etc).

As coleções de imagens digitais tornadas disponíveis pelo Getty Research Institute representando as atividades do complexo museológico Getty, foram “criadas sob a direção intelectual... dos curadores das coleções ou acadêmicos”, atuando como ferramentas para a pesquisa artística e tomam como assunto “um artista em particular, um tema, uma coleção ou um grupo de coleções”, apresentando associada à imagem reproduzida a interpretação denominada de “informação contextual e histórica”.

Na Documentação / Informação Museológica a questão do contexto e do histórico se faz representada pelos dados extrínsecos à obra / ao objeto-documento e, portanto, não são aqueles próprios da natureza física do objeto, mas os demais dados, ditos “simbólicos”, que agregados à ‘existência’ do objeto atribuem valores conformando a compreensão para a leitura que é feita do seu ‘caráter’ / ‘trajetória’ cultural.

“Um largo componente das atividades dos museus e arquivos tradicionalmente aborda o contexto. Elucidação e preservação do contexto é o que auxilia a identificar e preservar o valor probatório dos registros e artefatos em qualquer tempo. É o que permite a autenticidade desses objetos, é o

que atende aos pesquisadores nas suas análises e interpretações.”⁹⁶

No rol das edições Getty Standards and Digital Resource Management Program apresentam-se os seguintes trabalhos:

a) guias e textos explicativos:⁹⁷

- Categories for the Description of Works of Art, já enfocado nesse capítulo;
- A Guide to the Description of Architectural Drawings;
- Introduction to Archival Organization and Description: Access to Cultural Heritage;
- Introduction to imaging: Issues in Construction an Image Database, também já enfocado nesse capítulo;

⁹⁶ GILLILAND-SWETLAND, Anne J. Setting the Stage. Metadata Standards Crosswalk: Pathways to Digital Information - Crosswalk of Metadata Element: Sets for Arts, Architecture and Cultural Heritage Information and on line resources. [2000 ?] GETTY STANDARDS AND DIGITAL RESOURCE... Op. cit. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/2_articles/index.html>. Acesso em: agosto - 2002.

⁹⁷ GETTY STANDARDS AND DIGITAL RESOURCE MAGEMENT PROGRAM.

a) guias e textos explicativos:

-- Categories for the Description of Works of Art.

Disponível em <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/cdwa/>>.

-- A Guide to the Description of Architectural Drawings.

“diretrizes, convenções e padrões para descrição de desenhos arquitetônicos e documentos, contendo exemplos e recomendações para arquivos autorizados e vocabulários controlados.”

Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/fda/>>.

-- Introduction to Archival Organization and Description: Access to Cultural Heritage.

“introdução aos princípios da organização e descrição usado em arquivos e coleções arquivísticas.” de temas relativos ao Patrimônio Cultural.

Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/introarchives/>>.

-- Introduction to Imaging: Issues in Construction an Image Database.

Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/introimages/>> .

BESSER, H., TRANT, J. Introduction to imaging... 1995. Op. cit.

-- Metadata Standards Crosswalk: Pathways to Digital Information - Crosswalk of Metadata Element: Sets for Arts, Architecture and Cultural Heritage Information and on line resources.

“mapeamento dos elementos de diferentes esquemas de metadados (exemplos em ambiente eletrônico: Dublin Core, EAD, CDWA, VRA, etc.) para facilitar interoperabilidade semântica e a pesquisa entre repositórios.

Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/3_crosswalks/index.html>.

-- Introduction to Metadata: Pathways to Digital Information.

“publicação on-line dedicada ao metadado — o que é, seus tipos e usos e como obter proveito para ter acesso aos recursos digitais.”

Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/>>.

Acesso em: agosto – 2002.

- Metadata Standards Crosswalk: Pathways to Digital Information cuja clientela apontada é aquela que formada pelos profissionais da informação que tratam do patrimônio cultural nos museus como os “registradores, catalogadores e processadores de arquivos”;
- Introduction to Metadata: Pathways to Digital Information.

Na elaboração desse último trabalho mencionado a integração de profissionais é fato. Eles são oriundos das áreas: História da Arte e Literatura, Ciência da Informação, Comunicação e Informática, Biblioteconomia com enfoque em Ciências Sociais, Arqueologia Clássica, sendo um deles, também, professor universitário. Na parte referente à Apresentação, Murtha Baca, (historiadora da arte) Diretora do Standards Program do Instituto de Pesquisa Getty - Getty Research Institute, assim, se expressa :

“Profissionais que estão profundamente envolvidos com o desenvolvimento e implantação de padrões, contribuíram para a segunda versão de Introduction to Metadata: um veio da academia, outro do campo do patrimônio cultural, e o terceiro é experiente bibliotecário.”⁹⁸

b) seleções recortadas dos acervos / ferramentas para pesquisa:

- Digital Resources⁹⁹.

Até o presente momento apresenta sete coleções digitais retratando peças dos acervos museológicos e bibliográficos. Coleções abordando desenhos de artistas plásticos, arquitetos, tapeçarias, esculturas, arquitetura, etc.

⁹⁸ GETTY -- INTRODUCTION TO METADATA: PATHWAYS TO DIGITAL INFORMATION. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/6_contributors/>. Acesso em: agosto - 2002.

A citação suscita curiosidade, assim, pequenos esclarecimentos acerca dos participantes -- Anne Gilliland-Swetland. -- Murtha Baca. -- Tony Gill -- Mary S. Woodley (as informações são datadas da época da publicação -- [2000 ?]).são apresentadas no ANEXO -- ESPECIALISTAS..

⁹⁹ GETTY STANDARDS AND DIGITAL RESOURCE MANAGEMENT PROGRAM

b) seleções recortadas dos acervos / ferramentas para pesquisa:

-- Digital Resources..

Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/digital/>>. Acesso em: agosto - 2002.

Ainda, e por fim, em se tratando das “ferramentas de pesquisas em recursos digitais” estabelecidas a partir das coleções de acervo que caracterizam um complexo museológico de arte do porte da Fundação Getty foi criada, no âmbito da Research Library, para disseminação na Web, a linha Special Collections Finding Aids,¹⁰⁰ enfocando arquivos de recursos visuais que, por meio de “links”, permitem acesso a noventa e cinco coleções que incluem documentos multigrafados (desenhos, caricaturas, fotografias, correspondência, cadernos de anotações de alunos e artistas, textos variados, inclusive manuscritos, filmes, etc.) vinculados a nomes individuais e coletivos bem como ocorrências do campo intelectual e artístico.¹⁰¹

8.2.3 MUSEUM PROTOTYPE PROJECT

A instituição museológica Fundação J. Paul Getty, conforme já mencionado, visando dotar o Museu de um centro para pesquisa em história da arte e a disseminação dessa informação em nível internacional, criou mecanismos para implantação deflagrando o Programa Getty Art History Information Program – AHIP e suas ramificações, os projetos integrados, (o mesmo que projetos interdisciplinares) enfocando acervos de arte existentes em contexto museológico.

No início desse processo, em 1983, o laboratório para tal experiência, creditada à ambiência do desenvolvimento das Pesquisas em Artes, espaço da Informação em Arte, está representado pelo lançamento do Museum Prototype Project – MPP (Projeto Museu Protótipo), delineado e direcionado para atuar segundo padrões de fórum de debates e tratar da implantação de

¹⁰⁰ GETTY -- SPECIAL COLLECTIONS FINDING AIDS. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/tools/special_collections.html>. Acesso em: agosto - 2002

¹⁰¹ Arquivos artísticos - exemplos: movimentos e grupos, artistas, propostas, críticas, acontecimentos / situações:

-- Assorted papers relating to Bauhaus Designers, 1919-1984 e -- Bauhaus Student work, 1919-1933;
-- Yves Poupard-Lieussou correspondence and collected papers on Dada and Surrealism, 1905-1984 (bulk 1956-1979); -- Minimal and Conceptual Art documents, 1969-1989; -- Ernst O. E. Fischer collection of Max Ernst prints, 1912-1974; -- Wassily Kandinsky Papers, 1911-1940 (bulk 1921-1937); -- Man Ray letters and album, 1922-1976; -- Wim Swaan photographs of Architecture, 1951-1995; -- Experiments in Art and Technology records, 1966-1993 (bulk 1966-1973); -- Josef Steindl Furniture Design, 1888-1928; -- Clement Greenberg papers, 1928-1994; -- Leo Steinberg research papers, 1945-1996 (bulk 1950-1993); -- Galerie Paul Maenz Köln records, 1956-1991 (bulk 1970-1990); -- David Piper papers relating to British Museums and Art Institutions, 1916-1990.

GETTY-- SPECIAL COLLECTIONS... Op. cit.

projetos ligados ao processamento de dados sobre História da Arte e de sistemas de informação para bases de dados integradas, pertinentes às coleções permanentes dos museus de arte. Portanto, no contexto do que se nomeia Documentação Museológica (museum documentation) que corresponde na Ciência da Informação e na Biblioteconomia aos denominados Sistemas de Recuperação da Informação.

No caso específico do MPP, o Projeto enfocou as coleções dos acervos artísticos, “art museum collections” do complexo Getty ¹⁰² e outros sete museus americanos de grande porte e considerados detentores de expressivos acervos no cenário internacional.

As instituições museológicas incluídas nessa investigação interdisciplinar, em número de oito, apresentavam-se geograficamente situadas em vários locais, possuíam perfil administrativo de órgãos privados e públicos, sendo duas delas pertencentes a entidades educativas (tipologia museus universitários).

Participaram da pesquisa: J. Paul Getty Museum ou Getty Museum (Museu J. Paul Getty, Malibu ¹⁰³ - Califórnia); Solomon R. Guggenheim Museum ou Guggenheim Museum (Museu Solomon R. Guggenheim, New York - New York); Museum of Modern Art ou MoMA (Museu de Arte Moderna, New York - New York); Metropolitan Museum of Art ou MET, (Museu Municipal de Arte, New York - New York); Museum of Fine Arts ou MFA/Boston (Museu de Belas Artes, Boston - Massachusetts), National Gallery of Art (Galeria Nacional de Arte, Washington – DC); e os museus universitários Art Museum Princeton University (Museu de Arte, Universidade de Princeton, New Jersey); Hood Museum of Art Dartmouth College (Museu de Arte da Madeira, Faculdade Dartmouth, Hanover, - New Hampshire).

A escolha da proposta e do procedimento indicados sob o nome *protótipo (prototype)* ¹⁰⁴ levou em conta que tal modelo oferece várias vantagens para a análise com vistas à implantação do processo que era

¹⁰² ALLEN, N. S. Op. cit. p. 176, 175.

¹⁰³ Nesse período enfocado o Museu Getty ocupava, somente, o prédio da Villa dei Paperi, em Malibu. Conforme se indicou, a nova unidade localizada em Santa Mônica Hills é recente.

¹⁰⁴ CIDOC. - International guidelines ... 1995a .Op. cit.

desejado. Permite produzir, em escala reduzida, as especificações que estão sendo pesquisadas, documentadas e que devem circular entre os envolvidos no processo, atuando como prova de demonstração do conceito formulado, possibilitando determinar o modo adequado para cada necessidade e seu atendimento, como contemplando o requisito custos financeiros

Na questão dos recursos humanos exige o mesmo nível de competência desejável para os participantes dos futuros projetos a implantar, pois a produção de um protótipo configura ferramenta de seleção para equipes em esquemas de aplicação desse processo. Outra característica da feição do protótipo é dar condições para modos e etapas de avaliação, incluindo tanto a equipe de técnicos como os especialistas dos conteúdos temáticos e os usuários.

Após cerca de quatro anos de duração do Projeto, envolvendo coordenadores e equipes de cada museu em suas relações com os usuários de Pesquisas em Artes, reuniões freqüentes entre coordenações e avaliações permanentes das atividades, nas suas relações internas e externas, conjugando o Museu, a Arte e a Informação, foi apresentado como resultado desse trabalho interativo entre as oito instituições, um novo modelo para ficha catalográfica museológica --- e o respectivo manual conceituando os termos e os procedimentos. Considerado aperfeiçoado no seu formato de matriz comum para utilização em coleções de artes plásticas, com cerca de 65 (sessenta e cinco) campos de informação (as categorias com seus indicadores), procurou atender tanto às necessidades das instituições detentoras dos acervos, quanto aos quesitos demandados pelos pesquisadores ao se socorrer, nas suas investigações acerca da produção artística mundial, da informação sobre os acervos museológicos disseminada nos serviços prestados pelas bibliotecas / arquivos (ou centros de documentação) dos museus de arte. Houve, ainda, no desenho dessa matriz, a previsão de cinco campos em branco para serem definidos por cada instituição de acordo com suas particularidades.

Esse modelo, sob forma de inclusão de novas categorias de informação nesses numerosos campos que tradicionalmente abordam texto e imagem, procurou contemplar as perspectivas que se foram transmudando e ampliando no campo do conhecimento referentes às questões da arte. Nesse processo, foi sendo aperfeiçoado o conjunto de quesitos mais adequados à compreensão da informação contextual e histórica, que tanto mobiliza os pesquisadores das percepções artísticas, em suas interligadas formas documentais apresentadas qualificadas como obra de arte e como seu referente analítico e temporal.

A contribuição desse Projeto no universo dos modelos técnico-conceituais contemplando o tratamento descritivo e terminológico da informação sobre acervos museológicos, obedecendo a padrão comum determinado em razão das especificidades da área, fez-se presente no ponto que se pode considerar capital. Qual seja, aquele que compreende todos os acervos que integram o museu, embora sejam identificados pelas designações museológico, bibliográfico ou arquivístico, a partir de um mesmo denominador, isto é, compreendido como conjunto para investigação, evidenciando a relação de texto-contexto que é indissociável.

8.3 DESENHANDO A INTERFACE: INTERPRETAÇÃO

No tema da interdisciplinaridade, cruzamento das fronteiras do `conhecimento (cross-boundary), Klein ¹⁰⁵ ao fazer referência ao termo interface empresta-lhe significado que diz respeito ao lugar cruzado com freqüência em ambas direções e, embora, a sua localização exata não seja clara, o local de ligação apresenta marcas que se imprimem, de modo mais intenso, pelas transformações na linguagem e na abordagem do que pela sutil delimitação de conteúdo.

Na passagem por onde circulam os conhecimentos e no espaço aberto que, distinguindo as diferenças, conjuga semelhanças em processo de interação entre os campos da Museologia e da Ciência da Informação, ao se voltar o foco para analisar os movimentos que estão se realizando,

¹⁰⁵ KLEIN, J.T. Op. Cit. p. 6. (citação que se transcreveu, anteriormente, agora, interpretada).

distinguem-se as instâncias de competência e legitimidade do poder simbólico. E, consoante o status e o papel que detêm, são referenciadas, agora, por meio de dois extratos de disseminação da informação dos campos do conhecimento ligados às práticas e a produção técnico-científica, que estão sendo identificados a grupos de representação profissional dos campos e a grupos acadêmicos de pós-graduação.

Em se tratando de instâncias culturais de poder simbólico, o processo comunicacional exercido por ambos segmentos exprime que, ao tratar da transferência de conhecimento sob a forma de *produção erudita de determinado corpo profissional*, expressa aquilo que Bourdieu denomina ideologia, identificada à postura política do campo e determinadora das suas formas de distinção / divisão social --- já que o termo foi, assim, cunhado no seu estudo sociológico dos campos simbólicos.

No cenário da investigação, o debate das questões relevantes realizou-se expondo o perfil das áreas / disciplinas sob formas institucionalizadas de representação agrupadas, por um lado, em Museologia entre pares / CIDOC; e *Ciência da Informação entre pares / ASIST* e, por outro, em PPGCI / *academia e formação intelectual*; e MMSD / *academia e formação intelectual*. Nesses contextos as variáveis traçadas --- 1. Grupos de trabalho; 2. Eventos: temários e abordagens; 3. Periódicos e documentos (impressos e eletrônicos) para CIDOC e ASIST; 4. Teses e Dissertações (PPGCI); 5. Dissertações (MMSD) --- constituem *canais de comunicação* executando permanente transmissão de modelos e ações científico-culturais para incorporação pelas distintas instâncias, exercendo, sob tal modalidade, a faceta do poder simbólico.

Sendo as cinco variáveis referências estabelecidas para pesquisa, ao longo do desdobramento das suas especificidades conectadas ao desenvolvimento empreendido, passo a passo, da análise do material selecionado pela tese, mostraram-se espelhando pontos de pronúncia dominante que, sob diferentes formas, distinguem a inter-relação desenvolvida pelas disciplinas / campos do conhecimento Ciência da

Informação e Museologia no processo de transgressão de fronteiras, ou seja, no caminho da interdisciplinaridade.

O elenco sob o título Inter-relações / Temas – Abordagens... trata da interpretação dos enfoques observados no material selecionado (variáveis 1, 2 e 3) e que facultam o processo interativo entre os dois campos destacando, em indicações resumidas (itens), alguns exemplos das linhas temáticas que orientam os problemas comuns discutidos pelas duas áreas do conhecimento. A terminologia, que se elaborou para descrição do elenco explicativo (itens), foi construída, sempre que possível, a partir de recortes realizados nos documentos (termos técnicos e outras palavras de aplicação costumeira nas áreas). Também para compor os itens em todos os segmentos anuais (1996 a 2000), buscou-se estabelecer entre esses termos recortados e/ou interpretados um padrão de semelhança, isto é, usando-se ou os mesmos termos ou análogos como recurso para evidenciar quais assuntos estariam fazendo-se mais assíduos. (dados/fontes --- complementos: ANEXOS: Anexo I - Perfil CIDOC; Anexo II - Perfil ASIST)

E, embora as marcas do processo interdisciplinar sejam percebidas inscritas nos textos (o motivo da seleção), quando a análise se deparou com menções diretas e feitas com termos semelhantes, porém sem nomear o termo interdisciplinar, os itens do elenco explicativo trazem a indicação entre colchetes [*interdisciplinaridade*] acompanhando o termo original usado.

Com referência aos cursos --- variáveis 4 e 5 --- os trabalhos arrolados (teses e dissertações) em quadros específicos estão identificados um a um por itens representando os seus títulos originais. (dados/fontes --- complementos: Anexo III - Perfil PPGCI; Anexo IV – Perfil MMSD).

E, ainda, estão indicadas, ao lado de cada título da tese ou da dissertação, por meio de terminologia familiar aos contextos da Museologia e/ou da Ciência da Informação as interpretações das ligações percebidas entre as duas áreas / disciplinas, no âmbito da Ciência da Informação (PPGCI), assim como as mesmas ligações referendadas pela via da Memória Social, na produção do MMSD.

Cabe lembrar que os ANEXOS de I a IV referem-se aos dados analisados nas fontes e fornecem informações que esclarecem quanto às peculiaridades dos temas/títulos e das sessões, dos artigos; das dissertações e das teses, ou indicando por exemplo, os nomes dos grupos de trabalho presentes e outros indicativos dignos de menção.

O panorama interpretativo, assim se apresenta:

8.3.1 MUSEOLOGIA ENTRE PARES -- Perfil CIDOC

(1996-2000)

O levantamento para pesquisa na base de dados CIDOC, cujo sistema recupera os Eventos somente pelo termo conferência - ano e a Publicação exclusivamente pelo nome do periódico, anualmente, (nos dois casos, portanto indexados no todo), tornou necessário verificar individualmente todos os documentos inseridos nessas categorias de análise, no período 1996–2000. Foram utilizados, ainda, os formatos de impressão tradicional,¹⁰⁶ já que a base eletrônica não apresentava ou todos os anos requeridos ou todos os textos.

Foram levantados 180 documentos, expurgados 13, tendo sido incorporados à pesquisa (analisados) **167** documentos --- Tabela 1 - CIDOC Atuação Interdisciplinar / Levantamento Preliminar. Esse número corresponde ao total dos valores expressos em **eventos**, **conferências** e **artigos** apresentados na Tabela 2 - CIDOC Atuação Interdisciplinar / Documentos Analisados - amostra: categorias analíticas.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

(página seguinte)

¹⁰⁶ Os programas, relatórios, periódicos e “papers” CIDOC (1996-2000) utilizados na pesquisa são documentos pertencentes à autora da tese.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

C I D O C Tabela 1 Atuação Interdisciplinar / Levantamento Preliminar 1996-2000		
documentos levantados	documentos excluídos	documentos analisados: amostra
180	13	167

C I D O C Tabela 2 Atuação Interdisciplinar / Documentos Analisados -- -- amostra: categorias analíticas 1996-2000			
ANO	EVENTOS	CONFE RÊNCIAS	ARTIGOS
1996	01	15	17
1997	01	15	13
1998	01	24	12
1999	01	16	17
2000	01	24	09
TOTAL	05	94	68

1. Grupos de trabalho

--- Quadro GRUPOS CIDOC 1996-2000 ---

Os Grupos --- Groups (ou Working Groups); alcançam o número de nove, no momento atual. O considerado mais novo, CRM (embora seja resultante da fusão de antigos grupos), já traz a denominação de Special

Interest Group. Pelo teor dos relatórios analisados é possível supor que, em breve, os Grupos, agreguem, também, essa denominação.

Suas reuniões nos eventos anuais CIDOC (internacionais) ocorrem em sessões separadas, ocupando um dia do evento ou meio dia. Ao longo do ano são realizadas reuniões específicas dos Grupos, que não são objeto da tese, por serem restritas aos membros do Grupo e de pequeno porte, embora possam envolver assuntos que serão apresentados na conferência anual do Comitê, conforme as fontes consultadas.

QUADRO GRUPOS CIDOC 1996 - 2000	
• Archaeological Sites --- (a) • CIDOC Services • Conceptual Reference Model Special Interest Group (CRM SIG) • Contemporary Art --- (a) • Documentation Standards, Terminology • Ethnography (Ethno) • Iconography --- (a) • Multimedia, Internet (Multimedia Group) • Museum Information Centres	

Mesmo quando não é indicado um tema específico para tutelar suas sessões nos eventos, as conferências e artigos expressam que atuam de modo interativo com o campo da Ciência da Informação e, por esse motivo, estão todos grifados (**negrito**).

Inclusive, já haviam sido identificados (capítulo 7) como elementos cujos temas e atividades fazia-os vinculados ao domínio informacional, bem como tiveram explicitado como estão relacionados, ao mesmo tempo, às Artes.

No entanto, em razão da relevância deste aspecto, torna-se conveniente relembrar que estão assinalados com letra (a) aqueles diretamente vinculados pela sua própria natureza às artes, embora, todos os

outros também possam operar com assuntos ligados ao mundo artístico, (segundo se explicitou no mesmo capítulo mencionado) dependendo dos propósitos dos trabalhos que estejam desenvolvendo, como por exemplo: os grupos dedicados à etnografia e multimídia .

2. Eventos: temários e abordagens

--- Quadro EVENTOS CIDOC 1996 - 2000 ---

Está sendo enfocada a tipologia Evento Internacional que, por tal característica, mobiliza os filiados de diversos países para o encontro anual que é realizado, no segundo semestre, sempre procurando contemplar um país ou cidades diferente. Esses encontros são identificados nas fontes como CIDOC Conference e, também, CIDOC Annual Meeting.

QUADRO EVENTOS CIDOC 1996 - 2000		
ANO --- período	DENOMINAÇÃO	LOCAL
1996 23 - 28 setembro	Museum Documentation in (and out) of Africa	Nairóbi Kênia
1997 7 - 11 setembro	Quality and Documentation	Nuremberg, Alemanha
1998 10 - 16 outubro	Documenting and Communicating of Cultural and Natural Diversity (1)	Melbourne, Austrália
1999 6 - 10 setembro	Delivering Diversity: Promoting Participation (2)	Londres, Reino Unido
2000 22 - 26 agosto	Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium (3)	Ottawa, Canadá

dados/fontes de referência: ANEXOS I PERFIL CIDOC: 1996, 1997, 1998, 1999 e 2000

NOTA (1)

O encontro do CIDOC, a exemplo de eventos de outros Comitês, foi realizado paralelo à Conferência Mundial do ICOM (evento trienal) cujo tema geral foi Museums and Cultural Diversity' s: Ancient Cultures, New World.

NOTA (2)

Evento conjunto: CIDOC e Museum Documentation Association – mda (antiga sigla MDA) organização sediada em Cambridge, Reino Unido.

NOTA (3)

Ressalta-se o título do evento – ... *convergência*; enfocando questões / práticas interdisciplinares.

Evento conjunto: CIDOC e Canadian Heritage Information Network – CHIN. Agência do governo federal canadense criada em 1972 juntamente com o Instituto Canadense de Conservação. É órgão responsável pelos inventários nacionais das coleções museológicas e pelo serviço de informação de referência para profissionais do patrimônio.

3. Periódicos e documentos (impressos e eletrônicos)

--- Quadro PERIÓDICOS E DOCUMENTOS CIDOC 1996-2000 ---

Formalizam as fontes consultadas. Apresentam textos / assuntos (conferências, artigos) vinculados aos eventos em questão como também demais assuntos / textos --- os artigos publicados, também nos mesmos periódicos; que embora não referenciando os eventos estão ligados à questão abordada pela presente pesquisa.

Quadro Periódicos e Documentos CIDOC ...

(página seguinte)

QUADRO PERIÓDICOS E DOCUMENTOS CIDOC 1996 - 2000	
1996	NEWSLETTER / BULLETIN 1996 ¹⁰⁷ Report of Annual Meeting 1996 ¹⁰⁸
1997	NEWSLETTER / BULLETIN 1997 ¹⁰⁹ Report of Annual Meeting 1997 ¹¹⁰ Program.Conference 1997 ¹¹¹
1998	NEWSLETTER / BULLETIN 1998 ¹¹² Program -- CIDOC CONFERENCE 98 ¹¹³ Report of Annual Meeting 1998; ¹¹⁴ Chair's Report 1998 ¹¹⁵

¹⁰⁷ CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1996. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 7. August 1996. 83 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

¹⁰⁸ CIDOC. Compte rendu de la réunion annuelle qui a eu lieu à Nairobi, Kenya du 23 au 28 septembre 1996. [S.l], CIDOC. [1996?]. 6 p. Jeanne Hogenboom CIDOC Chair, Pays-Ba.

Essa é a versão em Francês do Relatório .

Existe documento eletrônico apresentando trechos diferentes da versão acima citada, mas não alteram os temas e seus conteúdos pesquisados nos outros documentos..

MUSEUM DOCUMENTATION IN (AND OUT) OF AFRICA -- CONFERENCE 1996. Report on the 1996 Conference of the International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC). [S.l], CIDOC. 1996. Yolande Morel Deckers (CIDOC Editor) and Jeanne Hogenboom (CIDOC Chair). Disponível em:

<<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/cidoc/conf96.htm>>. Acesso em: setembro -- 2002.

¹⁰⁹ CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1997. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 8. August 1997. 63 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

¹¹⁰ CIDOC REPORT OF THE ANNUAL MEETING 1997. [Quality and Documentation]. Nuremberg, Germany, September 8 and 11, 1997. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1997. [8 p.]. Chair Jeanne Hogenboom, The Netherlands.

¹¹¹ CIDOC PROGRAM CONFERENCE -- THE 1997 CONFERENCE OF ICOM CIDOC. Disponível em: <<http://www.icom.org/conf97htm>>. Acesso em: setembro – outubro 2002.

¹¹² CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1998. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 9. August 1998. 51 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

¹¹³ CIDOC CONFERENCE 98. Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/cidoc/conf98.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

¹¹⁴ CIDOC REPORT OF THE ANNUAL MEETING 1998. [Documenting and Communicating of Cultural and Natural Diversity]. Melbourne, Australia, October 10 -16, 1998. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1998. [8 p.]. Chair Jeanne Hogenboom, The Netherlands.

¹¹⁵ HOGENBOOM, Jeanne. Chair's Report 1998. CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1998. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 9. August 1998. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

QUADRO PERIÓDICOS E DOCUMENTOS CIDOC 1996 - 2000	
1999	mda Information 1999 -- CIDOC and mda, Conference, Proceedings. (1) ¹¹⁶ Conference Program 1999 ¹¹⁷ Report of Annual Business Meeting 1999 ¹¹⁸
2000	NEWSLETTER / BULLETIN 2000 ¹¹⁹ Program Preview 2000 ¹²⁰ Program CIDOC - CHIN 2000 ¹²¹ Report of Annual Business Meeting 2000 ¹²²

dados/fontes de referência: ANEXOS I PERFIL CIDOC: 1996, 1997, 1998, 1999 e 2000

NOTA (1)

A publicação NEWSLETTER - CIDOC não circulou, nesse ano. ¹²³ Em seu lugar, a publicação *mda information*, número dedicado ao evento, Proceedings da Conferência CIDOC-md

¹¹⁶ CIDOC, MDA, CONFERENCE 1999. Delivering diversity: promoting participation, 6-10 September 1999, Imperial College. London. London: *mda Information*. v. 5, n. 3, 1999. CIDOC in partnership with the mda - Conference Proceedings. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/info53.htm#Contents>>. Acesso em: outubro 2002.

¹¹⁷ CIDOC, MDA CONFERENCE PROGRAM 1999. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/conference1999/index.htm>>. Acesso em: outubro -- 2002.

¹¹⁸ CIDOC REPORT OF THE ANNUAL BUSINESS MEETING 1999. [*Delivering Diversity: Promoting Participation*]. London, United Kingdom, September 6-10, 1999. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1999. [8 p.]. Chair Patricia Young, Canada.

¹¹⁹ CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 2000. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 10. July 2000. 46 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp.

¹²⁰ CIDOC PROGRAM PREVIEW -- CONFERENCE 2000. *Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium*. August 22-26, 2000. Ottawa, Canada. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 2000. [8 p.].

¹²¹ CIDOC CONFERENCE 2000 AND CHIN - CANADIAN HERITAGE INFORMATION NETWORK, PROGRAM. Disponível em: <<http://www.chin.gc.ca/Resources/Cidoc/English/aug22>>. Acesso em: maio - junho 2002.

¹²² CIDOC REPORT OF THE ANNUAL BUSINESS MEETING 2000. [*Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium*]. Ottawa, Canada. August, 26, 2000. International Committee for Documentation, International Council of Museums -- CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 2000. 4 p. Chair Patricia Young, Canada.

¹²³ Nos relatórios do CIDOC (1996 - 2001) encaminhados aos membros tem sido divulgado problema dos custos das edições e as dificuldades encontradas. Nesse ano, inclusive dada a volumosa produção, decidiu-se pela edição a cargo da *mda*, versão impressa e eletrônica.

➤ --- Elenco: INTER-RELAÇÕES / TEMAS -- ABORDAGENS CIDOC:

eventos e periódicos / documentos -- 1996-2000 ---

As interações entre os dois campos apresentam-se ao longo dos itens e foram evidenciadas pelas palavras grifadas (sublinhadas). indicam, desse modo, qual o ponto de ligação ou via pela qual se reconhece o desenvolvimento do processo de conexão.

ELENCO

INTER-RELAÇÕES / TEMAS --- ABORDAGENS CIDOC:
eventos e periódicos / documentos -- 1996 -2000

1996

- acesso às coleções: novas tecnologias da comunicação -- Internet [acesso e uso da informação]
- acervos fotográficos e documentação museológica -- fontes visuais, restauração arquitetônica. (Palácio Real de Madagascar)
- automação em museus [processamento da informação] -- gestão e projetos
- cultura não material -- documentação museológica
- inventários museológicos [processamento da informação] e normas documentárias -- (padronização)
- multimídia -- uso na documentação museológica -- filmes, vídeos --divulgação cultural
- museus e a Internet
- o papel do CIDOC no inventário de bens culturais -- Projeto AFRICOM (processamento da informação / documentação museológica.)
- temas sobre informação e relativos à especificidade de cada Grupo de trabalho --- destaques p/ -- bancos de dados e normas CIDOC -- arqueologia
- estudo internacional de modelos de aplicativos multimídia (parceria com IFLA -- Federação Internacional das Associações de Bibliotecas)
- estudo para conjugação ao modelo CIDOC Object Oriented (O-O) dos modelos CIDOC: Sítios Arqueológicos, Etnologia e Guidelines
- estudos de sistema empregados para descrição iconográfica (modelos ICONCLASS e Garnier)
- sistemas europeus de gestão da informação em museus etnográficos, etnológicos e antropológicos
- unidades de informação dos museus (bibliotecas, arquivos)
- tráfico ilícito de bens culturais / combate -- documentação museológica e informação: [política de informação] como recurso para proteção [parceria INTERPOL -- base de dados]
- vocabulários controlados / museus africanos
- em acervos de artes, de ciências sociais e humanas, de ciências naturais
- tesauro para museus etnográficos / projeto (08 museus holandeses)¹²⁴

dados/fontes de referência: ANEXO I PERFIL CIDOC 1996

¹²⁴ Projeto Thesaurus Etnográfico Holandês. Museu Nacional de Etnologia. Holanda.

Oito museus participantes: Afrika Museum (Berg en Dal); Museum Gerardus van der Leeuw (Groningen); Museum (Haia); Museum voor Volkenkunde (Roterdã); National Museum of Ethnology (Leiden); Tropenmuseum (Amsterdã); Volkenkonden Museum Nusantara (Delft). As coleções etnográficas desses museus alcançam 500 (quinhentos) mil objetos.

1997

linhas temáticas do evento

- Qualidade/ uso de normas estruturadas para os dados, de formatos para intercâmbio e tesouros
- Qualidade/ profissionalização das atividades de documentação
- disseminação da informação do patrimônio em redes eletrônicas
- CHIN, Canadian Heritage Information Network (Canadá) documentação museológica – identificação, criação, manutenção e difusão de normas
- informação museológica e acesso público on-line [on line public access catalogs = OPACs]
- informação museológica e tecnologias de informação
- informação museológica, metadados/Internet [recuperação da informação] para
- intercâmbio de informação eletrônica e interoperabilidade semântica
- modelagem de dados/CIDOC Conceptual Reference Model – CRC [modelo gerado na comunidade museológica p/ dados eletrônicos heterogêneos: museus, bibliotecas e arquivos]
- normas de documentação internacional p/proteção de objetos culturais – projeto Object ID - Object Identification. (F. J. P. Getty) [projeto = modelo catalogação (representação da informação) / combate ao tráfico ilícito de bens culturais]
- [novas] tecnologias da informação – impacto na documentação museológica
- sociedade global de informação e instituições do patrimônio cultural (projeto G7, Multimídia e Acesso ao Patrimônio Cultural Mundial)
- temas sobre informação e relativos à especificidade de cada Grupo de trabalho --- destaques p/
- centros de informação museológica (projeto)
- documentação da arte contemporânea
- elementos para análise de obras de arte
- internet – acesso às coleções
- inventários arqueológicos nacionais
- missão das bibliotecas de museus (projeto)
- multimídia em /e museus
- normas documentárias para sítios e monumentos arqueológicos
- sistemas de classificação – etnologia--
- vocabulários controlados e indexação

dados/fontes de referência: ANEXO I PERFIL CIDOC 1997

1998

linhas temáticas do evento

- Papel do profissional de informação nos museus e audiências globais
- Museus e construção de programas virtuais e produtos de comunicação na era Internet
- comunicação eletrônica / modelagem de dados
- documentação de coleções de ciências naturais
- disseminação da informação do patrimônio em redes eletrônicas
- AMOL, Australian Museums On Line (Austrália)
- CHIN, Canadian Heritage Information Network (Canadá)
- Ethnomuseum-Net / difusão de know-how em documentação museológica de objetos etnográficos (Grécia)
- informação contextual / acervos -- documentação museológica “contemporânea para além de um catálogo de itens”.

- indexação de imagens e indexação de conteúdo [informação contextual]
- museus virtuais
- padrões de metadados e multimídia em museus
- o modelo CIDOC Object Oriented (O-O) e --- outros modelos
- recuperação da informação eletrônica / bases de dados
- aperfeiçoamento das ferramentas de comunicação / necessidades atuais da informação e novos modelos de aplicativos
- sistemas de informação e complexidade de dados / identificação de normas documentárias relevantes – conexão entre padrões tradicionais e uniformização
- sistemas de recuperação da informação / diversidade cultural [transferência da informação]
- acesso à informação diferenciada
- audiência multicultural e adequação dos dados.
- temas sobre informação e relativos à especificidade de cada Grupo de trabalho --- destaques p/
- bibliotecas e centros de informação de museus
- CIDOC e categorias de informação — análises
- identificação técnico-conceitual para informação - categorias museus de antropologia, de etnologia, de etnografia, de arte popular.
- inventários arqueológicos / arquivos digitais - criação, desenvolvimento e gestão (projeto)
- normas documentárias para museus de arte, antropologia e outros
- multimídia e patrimônio / CD ROMs e web sites – análise para desenvolvimento de novos instrumentos para documentação e interpretação
- sistemas de classificação para museus de antropologia (etnologia), e outros museus a céu aberto
- sistemas de informação múltiplos – CIDOC CRM (Conceptual Reference Model) e as facetas plurais do patrimônio ¹²⁵

dados/fontes de referência: ANEXO I PERFIL CIDOC 1998

1999

- convergência (convergence) [interdisciplinaridade] -- coleções de arquivos, bibliotecas, museus -- terreno comum: tradição curatorial e de informação / recursos eletrônicos
- disseminação da informação do patrimônio em redes eletrônicas
- AMICO - Art Museum Image Consortium (Estados Unidos)
- CIMI - Consortium for the Computer Interchange of Museum Information
- diversidade das coleções em museus / acesso às novas tecnologias de informação
- bases de dados / redes eletrônicas de museus
- bibliotecas digitais dos museus de arte: criação
- coleções de museus de arte e reprodução digital
- inventários museológicos -- fotografias e objetos artísticos
- informação museológica, metadados / Internet
- interoperabilidade semântica / modelos (Resource Description Framework - RDF)
- linguagens eletrônicas (Dublin Core - DC)
- papel do profissional da informação nos museus -- as mudanças

¹²⁵ Dentre os membros do CIDOC em nível de coordenação do projeto CRM, que posteriormente transformou-se em Grupo de Interesse Especial, estão os Nick [Nicholas] Crofts (atual dirigente do grupo especial do CIDOC) e Martin Doeer. Esse último é um dos dirigentes do Institute of Computer Science - ICS FORTH, Heraklion, Creta, Grécia. Doeer, como outros pares do CIDOC também é membro da ASIST.

- temas sobre informação e relativos à especificidade de cada Grupo de trabalho --- destaques p/
- centros de documentação sobre Museologia (projeto)
- diretrizes na produção de multimídia (organização e tecnologias) e web sites
- modelo CRM-Conceptual Reference Model, contexto teórico, seu papel e seu uso como domínio/ontologia
- terminologia internacional de patrimônio on-line - projeto, parceria com CHIN, Canadian Heritage Network, e a Museum Documentation Association - MDA
- tráfico ilícito de bens culturais / combate – documentação museológica e informação: [política de informação] como recurso para proteção [parceria INTERPOL – base de dados]

dados/fontes de referência: ANEXO I PERFIL CIDOC 1999

2000

linhas temáticas do evento

- Convergência [interdisciplinaridade] das disciplinas
- Parcerias diversificadas em vários níveis de modalidades
- convergência entre disciplinas – teoria e prática [interdisciplinaridade] convergência setorial cruzada (cross-sectoral convergence) [interdisciplinaridade] arquivos, bibliotecas e museus -- usuários da web e oportunidades para integração informacional disseminação da informação do patrimônio em redes eletrônicas
- CIMI - Consortium for the Compute of Museum Information
- NEMO, Network of European Museum Organizations
- Réseau INFO-MUSE, coleções dos museus de Québec (Canadá)
- informação museológica / metadados / Internet-- Dublin Core – aplicação de padrões para museus -- intercâmbio, gestão da informação, colaboração interdisciplinar (cross-disciplinary collaboration) - e interoperabilidade.
- o modelo do CIDOC- CRM para interoperabilidade semântica
- gestão da informação e acesso on-line / parceria entre museus para centro de informação europeu -- implementação de normas comuns entre países europeus. (European Museums' Information Institute - EMII) ¹²⁶
- modelos tecnológicos / elaboração e implantação;
- museus virtuais / galerias de arte virtuais
- multimídia em espaços virtuais (museus de arte) [representação da informação e arquitetura da informação]
- recursos digitais / bases de dados de museus – construção e gestão sistemas de informação museológica e problema de manipulação da informação cronológica -- Musinfo, sistema dos museus de Genebra tecnologia da informação / aplicativos e edições – complexos culturais de Arquitetura e Arte / Missões Jesuíticas (Brasil)
- temas sobre informação e relativos à especificidade de cada Grupo de trabalho --- destaques p/
- sítios arqueológicos e arquivos digitais – estudo para recurso de mapeamento no tempo e no espaço.
- vocabulários controlados --- tesauro para acervos de Arte Sacra (projeto / museus europeus)

dados/fontes de referência: ANEXO I PERFIL CIDOC 2000

¹²⁶ Envolvendo, em 1999, os seguintes países: Dinamarca, França, Alemanha, Islândia, Itália, Holanda, Noruega, Portugal, Suécia, Reino Unido.

sobre o contexto temático da prática do CIDOC

No elenco dos temas analisados e convertidos sob a forma de itens --
- CIDOC, período 1996 -2000 --- tendo por objetivo qualificá-los expondo sua inserção no contexto da Ciência da Informação, tomou-se como referência o trabalho de Pinheiro¹²⁷ que, estudando a feição do “domínio epistemológico” do campo (limites internos e externos), estabeleceu categorias para as suas “disciplinas constituintes”. Considerando as “características, enfoques ou modalidades de conhecimentos” atribuídas aos cinco grupos de disciplinas, verifica-se que há compatibilidade com o perfil desenhado pelos temas selecionados no elenco.

- “disciplinas estruturais”:

“reunindo pesquisas históricas, teóricas e epistemológicas sobre conceitos, metodologias, princípios, leis e interdisciplinaridade da Ciência da Informação, Bibliometria ou Infometria ou, ainda, Cientometria, comunicação científica e tecnológica;” (grifo nosso)

- “disciplinas de representação ou instrumentais”:

“abrangendo pesquisas sobre os processos de descrição e análise (catalogação, classificação e indexação) para o sistema de recuperação da informação, instrumentos como linguagens documentárias, vocabulários controlados e tesouros, normas e padrões nacionais e internacionais, incluindo as específicas para Web, como o Dublin core etc”; (grifo nosso)

- “disciplinas gerenciais”:

“com pesquisas voltadas ao planejamento e administração de bibliotecas especializadas, centros de informação, serviços, redes e sistemas de informação, base de dados, organização e processamento da informação, gestão da informação, economia da informação, inteligência competitiva e gestão do conhecimento da empresa, sistemas gerenciais

¹²⁷ PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação: Questões sobre a formação, ensino e pesquisa. *DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação*. v.3, n. 5, out. 2002. Seção Colunas. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/out02/R_objet.htm >. Acesso em: janeiro - 2003.

de informação, em abordagem mais de aspectos administrativos e de recursos (humanos, bibliográficos, materiais, financeiros);” (grifo nosso)

- “disciplinas tecnológicas”:

“abordando a implantação, operação e avaliação de redes e sistemas, redes e serviços de informação especializados, inclusive DSI e busca retrospectiva, com ênfase na abordagem dos aspectos tecnológicos, de produção e acesso a bases de dados, arquitetura da informação, serviços e obra de informação na Web, bibliotecas digitais e virtuais, OPACs, arquivos abertos, mecanismos de buscas;” (grifo nosso)

- “disciplinas sócio-culturais ou de transferência da informação”:

“entre a quais política de informação, necessidades, acesso e uso da informação ou antigos estudos de usuários, informação em Arte e Cultura, divulgação científica etc” (grifo nosso)

Esclarece-se que ao se apontar para as identificações, agora, grifando-se nas citações os elementos pontuais pertinentes à comparação com os itens grifados no elenco CIDOC, não há o intuito de quantificar os temas em tabelas numéricas de frequência, pois muitos dos assuntos recortados e sintetizados sob forma de um só tema implicam em mais de um tipo de inserção e, mesmo porque, a compreensão das relações entre a Museologia e a Ciência da Informação está se fazendo pela expressividade do sutil movimento do enlace ao longo do tempo.

Esse *contexto temático da prática do CIDOC (quadros e elenco 1996 - 2000)* mereceu atenção para análise e interpretação do processo iterativo dos campos, verificando-se que:

--- acervos de artes, acervos fotográficos, indexação de imagens, coleções de arte, museus de arte, fotografias, objetos artísticos, galerias de arte, arquitetura, arte, arte sacra, descrição iconográfica, arte contemporânea, obras de arte, arte popular.

são termos que identificam o foco das questões artísticas permeando a informação nos museus. pesquisado. E, conforme tem sido mencionado ao longo da tese, é conveniente recordar que museus, mesmo quando não qualificados como artísticos, detêm coleções dessa natureza em seus acervos de múltiplas ordens. É temática recorrente em todo o período;

--- arquivos, bibliotecas e museus:

são termos aliados na indicação das **ocorrências interdisciplinares** e, ainda o contexto Web. Os arquivos e as bibliotecas evidenciam os serviços de informação no corpo do complexo museológico;

--- colaboração interdisciplinar e, também, os seguintes termos:

convergência, terreno comum, integração informacional são usados para indicar o **processo da interdisciplinaridade**. Enquanto em **1999**, a questão interdisciplinar já se apresentara em conferências e artigos; no ano de **2000** passa a compor o título convocando para o evento e, assim, inserida no foco das conferências;

--- documentação museológica:

cabe lembrar, é denominação correspondente no campo museológico para o sistema de recuperação da informação, embora o termo específico da CI seja, também, utilizado. É usual aparecer, também, indicada somente pelo termo documentação. É base da comunicação / informação museológica. Tema recorrente em todo o período pesquisado;

--- informação contextual:

diz respeito aos dados extrínsecos dos objetos / coleções e obtidos a partir dos referentes para estudo, os documentos sobre..., (também identificada a termos como: descrição textual, descrição de conteúdo, dados históricos, sociais, etc), que complementam e explicitam a informação visual – imagem do acervo. Inserida no âmbito da documentação / informação de museus, na atualidade, tornou-se tema constante aliado à emergência da disseminação da imagem pelos novos recursos tecnológicos disponíveis;

--- informação museológica ou informação de museus / em museus:

está relacionada ao processo comunicacional efetivado pela disseminação. Exercida por meio dos centros de documentação / informação ou outras seções técnico-administrativas pertinentes no corpo institucional, redes e sistemas de informação, bases de dados, acervos digitais (imagens e textos), produtos e serviços Web, museus virtuais, galerias de arte virtuais, etc, (além, é claro, dos tradicionais espaços expositivos);

--- Internet, Web, multimídia, intercâmbio eletrônico, metadados, interoperabilidade semântica e outros termos afins:

distinguem recursos e modalidades de usos das novas tecnologias da informação contemplando o espaço museológico, em suas diversas faces (tipológicas) que, pela atualidade desses instrumentos no panorama descortinado pela sociedade da informação, marcam forte presença nos debates, perpassando problemas da representação da informação adequando-se às estruturas dos formatos computacionais;

--- inventários:

dizem respeito ao processamento da informação dos acervos museológicos, assim, nesse complexo de atividades, também, está inserido o aspecto gerencial e tecnológico. O processamento envolve as técnicas de classificação, indexação e catalogação. Linguagens controladas (vocabulários e tesouros) e outros instrumentos normativos compõem esses trabalhos da documentação museológica que, nos temas arrolados, aparecem como itens em várias formas / termos, ao longo dos anos;

--- imagem dos acervos de museus é questão abordada nos seguintes temas / termos:

multimídia - uso na documentação museológica – e em espaços virtuais, museus e Internet, acesso às coleções - Internet, modelagem de dados / modelos, informação museológica e tecnologia da informação, informação visual, indexação de imagens, bibliotecas digitais, coleções e reprodução digital, bases de dados - redes eletrônicas de museus - recursos digitais, galerias e museus virtuais;

--- modelos / projetos em parcerias, redes e sistemas:

termos que assinalam as políticas internacionais e nacionais de acesso e uso da informação dos museus voltada, em tempos de Internet, para audiências globais;

--- *papel do profissional da informação nos museus:*

é assunto que marca presença em seqüência por quatro anos: tema geral dos eventos em **1997** e **1998** (respectivamente, profissionalização das atividades e qualidade de documentação; e seu papel frente às audiências globais). Em **1996** e **1999** como artigos (primeiramente, o papel do CIDOC no inventário cultural; por último, o papel e as mudanças havidas e as desejadas). Há relação entre a **questão interdisciplinar** e o papel do profissional da informação no contexto museológico.

8.3.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ENTRE PARES -- Perfil ASIST

(1996-2000)

A base de dados da ASIST forneceu 106 registros / documentos sobre museus (termo descritor) entre o ano de 1995 até o primeiro semestre de 2002. Desse total foram expurgados 32 documentos ou por motivo de cronologia --- anteriores a 1996 e posteriores a 2000 ou por inadequação ao assunto da pesquisa --- Tabela 3 - ASIST Atuação Interdisciplinar / Levantamento Preliminar.

O universo de documentos pesquisados – **74**, corresponde à soma total dos valores indicados nas categorias / colunas: **eventos**, **conferências** e **artigos** representados na Tabela 4 - ASIST Atuação Interdisciplinar / Documentos Analisados -- amostra: categorias analíticas.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

(página seguinte)

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

A S I S T Tabela 3 Atuação Interdisciplinar / Levantamento Preliminar 1996-2000		
documentos levantados	documentos excluídos	documentos analisados: amostra
106	32	74

A S I S T Tabela 4 Atuação Interdisciplinar / Documentos Analisados -- -- amostra: categorias analíticas 1996-2000			
ANO	EVENTOS	CONFE RÊNCIAS	ARTIGOS
1996	02	07	01
1997	03	11	08
1998	02	03	05
1999	02	03	13
2000	02	02	10
TOTAL	11	26	37

1. Grupos de trabalho

--- Quadro GRUPOS DE INTERESSE ESPECIAL ASIST 1996-2000 ---

--- Tabela Grupos de Interesse Especial / SIGs: / Indicação dos Promotores das Sessões Temáticas ---

Denominados Special Interest Groups, SIGs, são participantes das duas reuniões anuais realizadas pela ASIST com sessões próprias e, também (como o faz o CIDOC), realizam ao longo do ano seus encontros

específicos. São em número de vinte e três, incluindo-se dois grupos virtuais.

QUADRO GRUPOS DE INTERESSE ESPECIAL ASIST 1996-2000 Special Interest Groups -- SIGs	
	• Arts & Humanities (AH) • Automated Language Processing (ALP) • Bioinformatics (BIO) <i>Virtual SIG</i> • Classification Research (CR) • Computerized Retrieval Services (CRS) • Digital Libraries (DL) • Education for Information Science (ED) • History & Foundations of Information Science (HFIS) • Human-Computer Interaction (HCI) • Information Architecture (IA) • Information Analysis & Evaluation (IAE) • Information Generation & Publishing (PUB) • Information Needs, Seeking and Use (USE) • Information Policy (IFP) • International Information Issues (III) • Knowledge Management (KM) • Library Automation & Networks (LAN) • Management (MGT) • Medical Informatics (MED) • Metrics (MET) <i>Virtual SIG</i> • Scientific & Technical Information Systems (STI) • Technology, Information, & Society (TIS) • Visualization, Images & Sound (VIS)

Os nove SIGs grifados (**negrito**) são indicados pelas fontes como responsáveis, ou melhor, promovem as sessões temáticas cujas questões e atividades (projetos, etc,) mostraram-se e, conforme confirmado pela análise

dos resultados da pesquisa, fazem-se imersas nas ligações com o universo museológico.

Com tal indicação, não se quer afirmar que outros grupos ASIST não tivessem participado de atividades similares, apenas que, nas demais sessões integrantes dos eventos que se enquadraram nos indicadores da tese, não constam, nas fontes, informações relativas à responsabilidade de organização/promoção para determinados segmentos temáticos.

As especialidades indicadas pelos nomes dos SIGs da ASIST assinalados no quadro acima, como não poderia deixar de ser, mantêm correspondência com as questões discutidas nos eventos e nas publicações que expõem as relações da Ciência da Informação com a Museologia.

Um deles, Arts & Humanities, volta-se para temas das áreas das Artes e das Ciências Sociais e Humanas, terreno do conhecimento que acolhe os campos artístico, museológico e da informação. Os grupos Classification Research e Computerized Retrieval Services envolvem as questões da representação da informação (indexação e recuperação da informação correspondendo à Documentação Museológica), tema que, conforme se terá oportunidade de verificar ao longo análise dos dados, é assunto de presença marcante.

Observa-se que entre os nove grupos há seis deles cancelando, em conjunto, a expressividade atual do debate tecnológico no corpo temático das sessões sobre informação trabalhadas pela tese: Computerized Retrieval Services (CRS); Human-Computer Interaction (HCI); Library Automation & Networks (LAN); Scientific & Technical Information Systems (STI); Technology, Information, & Society (TIS); Visualization, Images & Sound (VIS).

Com referência aos eventos e as reuniões dos grupos, geradores que são do material usado na pesquisa, cabe esclarecer, inicialmente, que uma sessão temática do evento pode apresentar mais de um SIG como responsável pela sua realização.

E, conforme se está narrando, em relação ao comportamento dos grupos ASIST --- que é apresentado/quantificado, visualizado por meio da Tabela 5 - Grupos de Interesse Especial / Special Interest Groups - SIGs: sessões temáticas c/ indicação de responsabilidade --- observou-se que seis entre nove grupos estão relacionados a temas que enfocam a tecnologia da informação (estão sublinhados na tabela).

Tal procedimento indica a injunção dos recursos tecnológicos combinados à prática da documentação/informação museológica e, em especial, quando é abordada a representação visual dos acervos. Nesse caso, a veiculação da imagem dos bens culturais de arte é condição primordial para qualquer investigação desenvolvida pela demanda de temas artísticos.

Desse grupo, e no elenco de todos os grupos ASIST analisados, aquele que atinge maior pontuação de presença nas sessões é Visualization, Images & Sound-VIS (28%).

Em seguida, segunda colocação, o SIG que se dedica aos dois assuntos que estão sendo evidenciados: a representação da informação e a tecnologia, qual seja o Computerized Retrieval Services-CRS (20%).

A partir de tais ocorrências, é possível estabelecer relação entre essas duas questões nos contextos de ordem museológica (acervos e espaços) a partir da interpretação que se realizou e que está inscrita nos quadros de eventos e publicações, a serem apresentados adiante, isto é, no *contexto temático de ação da ASIST* (construído a partir dos quadros e do elenco interpretativo -- período 1996-2000).

E, ainda em posição de relevo na representação da tabela 5, o grupo que alcançou o terceiro lugar, aquele que tradicionalmente é o reduto dos debates das artes e das ciências e engloba a Museologia no ambiente da Ciência da Informação: Arts & Humanities (16%).

Os demais SIGs (cinco) apresentam-se com participação que atinge 8% e 4%, sendo quatro deles vinculados à problemática tecnológica.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos
SIGs

A S I S T Tabela 5 Grupos de Interesse Especial / Special Interest Groups - SIGs Indicação dos Promotores das Sessões Temáticas 1996-2000										
Sessões (eventos) período		SIGs -- Participação: presença dos Grupos nas sessões								
1996 - 2000	Total	CR	<u>VIS</u>	<u>CRS</u>	AH	<u>LAN</u>	<u>TIS</u>	<u>HCI</u>	PUB	<u>STI</u>
1996	06	01	03	01	01	01	—	—	—	—
1997	10	02	03	03	03	—	01	01	01	—
1998	13	01	—	01	—	01	01	—	—	—
1999	05	02	—	01	—	—	—	—	—	01
2000	01	01	01	—	—	—	—	—	—	—
Total	25 100 %	07 28%	07 28%	05 20%	04 16%	02 8%	02 8%	01 4%	01 4%	01 4%

dados/fontes de referência: ANEXOS II PERFIL ASIST: 1996, 1997, 1998, 1999 e 2000

legendas:

- (CR) Classification Research;
- (VIS) Visualization, Images & Sound;
- (CRS) Computerized Retrieval Services;
- (AH) Arts & Humanities;
- (LAN) Library Automation & Networks;
- (TIS) Technology, Information, & Society;
- (HCI) Human-Computer Interaction;
- (PUB) Information Generation & Publishing;
- (STI) Scientific & Technical Information Systems.

2. Eventos: temários e abordagens

--- Quadro EVENTOS ASIST 1996-2000 ---

Foram arroladas as duas reuniões anuais realizadas pela ASIST (embora da tipologia nacional recebem participantes de outros países): a Mid Year Meeting que ocorre no primeiro semestre e, também, pode atuar como evento preparatório para a Annual Meeting, que geralmente é realizada em outubro. Também foram incluídas duas reuniões seccionais da ASIST (nível local): Los Angeles e Ohio ao ser verificada a pertinência para a tese do conteúdo das suas realizações.¹²⁸

QUADRO EVENTOS ASIST 1996 - 2000		
ANO --- período	DENOMINAÇÃO	LOCAL
1996 18 – 22 maio	2.1 Midyear Meeting -- The Digital Revolution: Assessing the Impact on Business, Education, and Social Structures.	San Diego, Califórnia
19 - 24 outubro	2.2 Annual Meeting -- Global Complexity: Information, Chaos and Control	Baltimore, Maryland
1997 março	2.3 LACASIS Chapter Meeting / Los Angeles Chapter of ASIS -- Organizational Tools for a Chaotic World: The Getty Vocabularies (1)	Los Angeles, Califórnia
30 maio – -- 4 junho	2.4 Midyear Meeting -- Information Privacy, Security and Data Integrity	Scottsdale, Arizona
1 - 6 novembro	2.5 Annual Meeting -- Digital Collections: Implications for Users, Funders, Developers and Maintainers. ¹²⁹	Washington, DC
1998 16 – 20 maio	2.6 Mid Year Meeting -- Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology (2)	Orlando, Flórida.
26 – 29 outubro	2.7 Annual Conference -- Information Access in the Global Information Economy	Pittsburgh, Pensilvânia

¹²⁸ No processo de busca na base de dados ASIST, que arrola diversos eventos da Associação; obteve-se a indicação desses dois eventos que, efetivamente, mostraram-se adequados à pesquisa. No caso do CIDOC a indicação obtida é exclusiva para os encontros anuais (conferências).

¹²⁹ O Comitê Técnico organizador do evento - ASIS 1997, Annual Meeting Technical Committee teve como presidente (Technical Program Chair) o Administrador de Programas do Getty Information Institute, Joseph A. Busch, membro do CIDOC. Informações sobre Busch, ver ANEXO -- ESPECIALISTAS.

QUADRO EVENTOS ASIST 1996 - 2000		
ANO --- período	DENOMINAÇÃO	LOCAL
1999 24 – 26 maio	2.8 Mid Year Meeting -- Evaluating and Using Networked Information Resources and Services	Pasadena, Califórnia
31 outubro – - 4 novembro	2.9 Annual Meeting -- -Knowledge, Creation, Organization and Use	Washington, DC.
2000 11-16 novembro	2.10 Annual Meeting -- Knowledge Innovations: Celebrating our Heritage, Designing our Future.	Chicago. Illinois
novembro	2.11 SOASIST Chapter Meeting / SOUTHERN OHIO Chapter of ASIS --- LEXIS-NEXIS Technical Library (3)	Daytona, Ohio

dados/fontes de referência: ANEXOS II PERFIL ASIST: 1996, 1997, 1998, 1999 e 2000

NOTA: (1) Evento 1997 (2.3)

Ressalta-se o título “...Getty Vocabularies”, lembrando que tais instrumentos estão centrados no contexto das artes e foram explicitados nesse capítulo, em tópico anterior.

NOTA (2) Evento 1998 (2.6)

Ressalta-se o título “...cruzamento de fronteiras”; enfocando questões / práticas *interdisciplinares*. Lembrando que essa reunião, Mid Year, atua como ‘espaço preparatório’ para a conferência anual (2.7).

NOTA (3)

Em 2000 não há, na base de dados da ASIST e no site, na seção sobre os eventos, notícia sobre a realização da ASIS Mid Year Meeting.

3. periódicos e documentos (impressos e eletrônicos)

--- Quadro PERIÓDICOS E DOCUMENTOS ASIST 1996 - 2000 ---

São as fontes consultadas e, do mesmo modo que foi explicitado no Perfil CIDOC, são textos / assuntos vinculados aos eventos --- conferências, artigos --- e demais assuntos / textos -- os artigos isolados, isto é, artigos também publicados nos periódicos e que estão ligados ao tema da pesquisa, mas não referenciam os eventos. Embora a Associação a partir de 2000

tenha passado a denominar-se ASIST, o nome apresentado nos quadros é aquele detido pela fonte de consulta selecionada pela análise.

QUADRO PERIÓDICOS E DOCUMENTOS ASIST 1996 - 2000	
1996	BULLETIN ASIS ¹³⁰ Proceedings Annual Meeting 1996 ¹³¹ Program Annual Meeting 1996 ¹³² e -- Mid Year Meeting 1996 ¹³³ SIG VIS NEWS ¹³⁴
1997	BULLETIN ASIS ¹³⁵ ¹³⁶ ¹³⁷ LACASIS Meeting 1997 ¹³⁸ Program -- Annual Meeting 1997 ¹³⁹ e -- Mid Year Meeting 1997 ¹⁴⁰

¹³⁰ ASIS ANNUAL MEETING, 1996. Annual Meeting Preview. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 2, n. 5, p. 6-9, June-July 1996. Reprinted with permission from *Science*, v. 270, p. 247-249, October 13, 1995. Copyright 1995, American Association for the Advancement of Science. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³¹ ASIS ANNUAL MEETING, 1996 -- PROCEEDINGS. Global Complexity: Information, Chaos and Control. ASIS Annual Meeting 1996, October 19-24. Baltimore, Maryland. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96/ElectronicProceedings/>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³² ASIS ANNUAL MEETING, 1996 -- PROGRAM. Global Complexity: Information, Chaos and Control. ASIS Annual Meeting 1996, October 19-24. Baltimore, Maryland. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96/program.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³³ ASIS MIDYEAR MEETING, 1996 -- CONFERENCE PROGRAM. Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text- MESL. ASIS Midyear Conference Session. Sponsoring Organization: SIG VIS Special Group (Visualization, Images and Sound). Disponível em: <http://www.asis.org/midyear-96/asismy_final.html>. Acesso em: junho - 2002.

¹³⁴ GOODRUM, Abbey. Letter from the editor. SIG VIS NEWS v. 1, n. 3, summer 1996. Jornal eletrônico publicado pelo Special Interest Group on Visualization, Images and Sound - SIG VIS, ASIST- American Society for Information Science and Technology. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/index.html>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³⁵ ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 -- A Look at the ASIS Mid-Year Meeting: Information Privacy, Security and Data Integrity. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 23, n. 4, April-May 1997. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Apr-97/2infoprivacy.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³⁶ ASIS ANNUAL MEETING, 1997. Organizing Internet Resources: Metadata and the Web. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 1, October-November 1997. Número enfocando artigos específicos sobre Web, um dos segmentos dentro do tema geral da reunião anual. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-97/>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³⁷ ASIS ANNUAL MEETING, 1997. Annual Meeting Coverage. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 2, December 1997-January 1998. Extra Web Exclusive, Additional Annual Meeting Coverage. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Dec-97/index.htmlBULLETIN>>. Acesso em: junho - 2002.

¹³⁸ LACASIS EVENTS 1997. Disponível em: <http://www.usc.edu/isd/partners/orgs/lacasis/meetings/97_LACASIS_events.html>. Acesso em: junho 2002.

QUADRO
PERIÓDICOS E DOCUMENTOS ASIS 1996 - 2000

1998	BULLETIN ASIS ¹⁴¹ ¹⁴² Proceedings Mid Year Meeting 1998 ¹⁴³ Program -- Annual Meeting 1998 ¹⁴⁴ e -- Mid Year Meeting 1998 ¹⁴⁵ SIGVIS NEWS ¹⁴⁶
1999	BULLETIN ASIS ¹⁴⁷ ¹⁴⁸ ¹⁴⁹ ¹⁵⁰ JASIS ¹⁵¹ ¹⁵² Program -- Annual Meeting 1999 ¹⁵³ e -- Mid Year Meeting 1999 ¹⁵⁴

¹³⁹ ASIS ANNUAL MEETING 1997. PROGRAM. Digital Collections: implications for users, funders, developers and maintainers. November 01-06, Washington, DC. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-97/conted.htm>>. Acesso em: junho - 200.; SESSION ABSTRACTS. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-97/sessions.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴⁰ ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 --TECHNICAL PROGRAM. Information Privacy, Security and Data Integrity. May 30 - June 04, Scottsdale, Arizona. Disponível em: <<http://www.asis.org/midyear-97/program.html>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴¹ ASIS BULLETIN 1998. The New Information Professional. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 3, February-March 1998. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Feb-98/bearman.html>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴² ASIS ANNUAL MEETING, 1998. Emerging Informations Standards. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n.1, October-November 1998. Inside ASIS. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-98>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴³ ASIS MIDYEAR MEETING, 1998 -- PROCEEDINGS. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/proceedings.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴⁴ ASIS ANNUAL CONFERENCE, 1998. Information Access in the Global Information Economy. October 26 – 29, Pittsburgh, Pennsylvania. Disponível em: <http://www.asis.org/Conferences/AM98/html/am98ce_sun.html#sigcr>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴⁵ ASIS MIDYEAR MEETING, 1998 -- CONFERENCES [sessions contents]. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/Panel-Case.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1998 -- TECHNICAL PROGRAM, CONFERENCE WEB PAGES. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/contEd.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴⁶ ASIS SIG/CR (9) Classification Research Workshop. Images and Visualization SIGVIS NEWS. v. 2, n. 1, spring 1998. Held (Sunday, October 25, 1998).in conjunction with ASIS '98, Annual Meeting. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/9thasis.htm>>. Acesso em: junho-2002.

¹⁴⁷ ASIS BULLETIN 1999. ASIS Midyear Meeting, 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 4, April -May 1999. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-99/1999_mid-year_meeting_session_.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. ASIS Mid-Year Meeting, 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 4, April -May 1999. Inside ASIS. Continuing Educations Courses. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-99/inside_asis.html>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁴⁸ ASIS BULLETIN 1999. Globalization and Information Technologies: New Emerging Partnerships. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 5, June-July 1999. MUSEUMS AND THE WEB' 99. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Jun->

QUADRO
PERIÓDICOS E DOCUMENTOS ASIST 1996 - 2000

2000	BULLETIN ASIS ¹⁵⁵ ¹⁵⁶ JASIS ¹⁵⁷ ¹⁵⁸ (1) Program -- Annual Meeting 2000 ¹⁵⁹ e -- SOASIST Chapter Meeting 2000 ¹⁶⁰

- 99/museums_and_the_web>. METADATA INICIATIVE. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/metadata_initiative.html>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁴⁹ ASIS BULLETIN 1999. Theory and Practice in the Organization of Images and Other Visuo-Spatial Data for Retrieval. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 6, August - September 1999. Special Section. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Aug-99/>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁰ ASIS BULLETIN 1999. The Digital Libraries Initiative. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 1, October-November 1999. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-99/griffin.html>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵¹ ANNIVERSARY OF THE JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE, (50TH). JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n. 12, October 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1299.html>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵² INTEGRATING MULTIPLE OVERLAPPING METADATA STANDARDS. JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n.13, November 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1399.html>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵³ ASIS ANNUAL MEETING, 1999 -- PROGRAM. Annual Meeting Knowledge, Creation, Organization and Use. October 31 - November 4, Washington, DC. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM99/Program/>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁴ ASIS MID-YEAR MEETING, 1999 -- CONFERENCE. Evaluating and Using Networked Information Resources and Services. May 24 - 26, Pasadena, California. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY99/contributedpapers.htm>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁵ ASIS BULLETIN 2000. Annual Meeting Coverage: 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 2, December-January 2000. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/>>. ---- <http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/track_2.html>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁶ ASIS BULLETIN 2000. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 3, February-March 2000. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Mar-00/marty.html>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁷ Nessa edição o “tópico questão especial” (Special Topic Issue) *When Museum Informatics Meets the World Wide Web* teve como editores convidados. (Guest Editors): David Bearman e Jennifer Trant, membros do CIDOC.(ICOM)
- JASIS 2000. When Museum Informatics Meets the World Wide Web. JASIS - Journal of the American Society for Information Science. v. 51, n. 1, January 2000. Special Topic Issue. Guest Editors: David Bearman and Jennifer Trant. [Archives & Museum Informatics -- ARCHIMUSE] Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/vol51n0100.html>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁸ JASIS 2000. Digital Libraries: part two. JASIS - Journal of the American Society for Information Science. v. 51, n. 4, March 2000. Special Topic Issue. Guest Editor: Hsinchun Chen. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/vol51n0400.html>>. Acesso em: junho - 2002.
- ¹⁵⁹ ASIS ANNUAL MEETING, 2000 -- PROGRAM, TECHNICAL SESSIONS. Knowledge Innovations: Celebrating our Heritage, Designing our Future. November 11-16. Chicago. Illinois. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM00/overview.html>>. --- <<http://www.asis.org/Conferences/AM00/thursdaydetail.html#r10302>>. Acesso em: junho - 2002.

dados/fontes de referência: ANEXOS II PERFIL ASIST: 1996, 1997, 1998, 1999 e 2000

NOTA (1)

Edição JASIS, janeiro 2000: a seção especial tem como editores convidados os membros do CIDOC que dirigem a organização de consultoria e planejamento Archives and Museum Informatics.¹⁶¹ Seis artigos apresentam as perspectivas da “museum informatics” (no contexto da informática social - “social informatics”), que se entende como interação entre o social e o técnico, exercitada no ambiente do museu, tendo como instrumento de mediação o computador,¹⁶² estudando as estruturas informacionais dos museus e o impacto sofrido pelas comunidades em razão das novas tecnologias da informação. Os seis textos publicados no JASIS foram selecionados do evento 1999 - Museums and WEB Conference, realização anual que, iniciada em 1997, prossegue reunindo os profissionais de museus e de informação entre outros. O sétimo artigo (autoria de Jennifer Trant, que foi consultora da Fundação Getty) apresenta a seção especial da publicação.

- --- Elenco INTER- RELAÇÕES / TEMAS -- ABORDAGENS ASIST:
eventos e periódicos / documentos -- 1996-2000 ---

As inter-relações entre os campos da Ciência da Informação e da Museologia são apresentadas e, usando-se do mesmo procedimento aplicado ao CIDOC, as palavras grifadas (sublinhadas) evidenciam tais relações e indicam o ponto de ligação, ou caminho, pelo qual se identifica o desenrolar do processo interativo.

¹⁶⁰ ASIS SOUTHERN OHIO CHAPTER, 2000 -- SOASIST LEXIS-NEXIS Technical Library. November. Daytona, Ohio. Disponível em: <<http://www.asis.org/Chapters/soasis/events/20001130.html>>. Acesso em: junho - 2002.

¹⁶¹ Jennifer Trant e David Bearman, membros do CIDOC (Trant, até 2000, esteve à frente da coordenação do Grupo de Multimídia - MMWK do CIDOC) participam da direção da firma Archives & Museum Informatics especializada em patrimônio cultural (consultoria, publicações/edições, treinamento profissional etc.). A firma é responsável pelo evento anual Museums and WEB. Trant esteve por longo tempo a serviço da Fundação Getty (trabalhando com H. Besser). Outras informações sobre Trant e Bearman, ver ANEXO -- ESPECIALISTAS.

¹⁶² MARTY, Paul F. Museum Informatics: Sociotechnical Information Infrastructures in Museums. BULLETIN of The American Society for Information Science. v. 26, n. 3, February-March 2000. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/track_2.html>. Acesso em: agosto - 2002.

Paul F. Marty, à época Diretor de Tecnologia da Informação do Spurlock Museum. Universidade de Illinois, Urbana Champaign. E, também, apresentava-se como aluno do curso de doutorado na School of Library and Information Science, Universidade de Illinois, Urbana-Champaign

ELENCO

**INTER- RELAÇÕES / TEMAS --- ABORDAGENS ASIST:
eventos e periódicos / documentos -- 1996-2000 ---****1996**

- bases de dados de imagens / coleções – desenho, criação. e gestão (entre os tópicos: destaque para vocabulários controlados) (1)
- espaços produtores de informação / peculiaridades informacionais dos museus e bibliotecas.
- imagens digitais / coleções de fotografias e fotos de arte / disseminação da informação via Internet -- recuperação da informação e imagens digitais / Museum Education Site License Project - MESL, e -- CIMI, Consortium for the Computer Interchange of Museum Information (14 museus incluídos)
- indexação e recuperação da informação / imagens pictóricas – problemas da descrição e de atributos / proposta de modelo
- indexação e sistema hipermídia / coleção fotográfica -- protótipo para museus de história social / Pontypridd Historical and Cultural Centre (Universidade de Glamorgan Pontypridd. País de Gales, Reino Unido)
- intercâmbio de dados textuais e imagens / sites compartilhados -- Museum Education Site License Project – MESL [Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text]

dados/fontes de referência: ANEXO II PERFIL ASIST 1996

NOTA (1) Evento 1996

Trata-se de workshop da linha Continuing Education oferecido todos os anos pela ASIST nas suas reuniões anuais.

O instrutor indicado é Howard Besser (membro, também, do CIDOC) professor e pesquisador (Universidade da Califórnia e, nesse evento, representando a Universidade de Michigan, Ann Arbor, na condição de professor visitante) em multimídia, bases de dados de imagens, bibliotecas digitais, que foi consultor da Getty. Documentos da ASIST relacionados aos eventos indicam Besser como especialista em automação de museus, bibliotecas, arquivos, principalmente ligados ao patrimônio cultural e, ainda, estudioso do impacto social e cultural das novas tecnologias da informação. Nessa data o Professor estava envolvido com o Projeto MESL. Outros dados sobre Besser, ver ANEXO -- ESPECIALISTAS

1997

- acesso às coleções digitais: papel do design da estrutura de recuperação -- tesouros e critérios de seleção terminológica: projeto de desenvolvimento de plataforma do Getty Information Institute.
- coleções digitais especiais [imagens] / novos estoques de informação -- representação da informação como referência central para oportunidades e desafios da interface [interdisciplinaridade] na CI
- imagens digitais / bases de dados de coleções – desenho, criação e gestão

- metadados / hipermídia -- coleções digitais e qualidade do hiperlink / parâmetros de indexação (relevância)
- nova tecnologia: gestão de imagens e informação da imagem / classificação e indexação -- necessidade de novas metodologias para coleções
- profissional da informação e mudanças no perfil / nova geração de especialistas -- convergência (convergence) [interdisciplinaridade] entre instituições de informação: bibliotecas, arquivos, museus / relações entre coleções, comunidades e conteúdos.
- recuperação [indexação] de imagens [coleções de arte] / relações entre texto, imagem e objeto
-- projeto QBIC (Query By Image Content, Project - aplicativos IBM) modelos para representação em arte / arquivo da Galeria Nelson e Coleções de Belas Artes da Universidade da Califórnia, Davis.
-- métodos da história da arte e semiologia
- tesauros / coleções digitais heterogêneas, objetos não verbais (museus) -- redes eletrônicas: estruturação de sistema multidisciplinar [interdisciplinaridade] e cooperação internacional para normas¹⁶³

dados/fontes de referência: ANEXO II PERFIL ASIST 1997

1998

- acesso à informação / critérios para descrição e indexação -- pesquisa de registros eletrônicos de coleções (Archives and Museum Informatics)
- base de dados de imagens: arquitetura, arte e objetos de museus -- SILS Art Image Browser (School of Information and Library Studies of Michigan)
- descrição de objetos [de museus] e Internet / metadados / coleções digitalizadas de Indumentária - estudos de padrões, formatos correntes; proposta p/ "core" específico
- imagens digitais / bases de dados -- desenho, criação e gestão
- representação e classificação / bases de dados de documentos não textuais -- pesquisas: dificuldades e avanços
- recuperação de imagens digitais de belas-artes: sistema de busca -- SI [Science Information] Art Image Browser / University of Michigan Art Image Browser Design
- tesauros e classificação para coleções de imagens / princípios gerais para aplicativos -- coleções de cartazes e vídeos de dança

dados/fontes de referência: ANEXO II PERFIL ASIST 1998

1999

- biblioteca interdisciplinar de Humanidades - Perseus Digital Library for the Humanities (Projeto Digital Libraries Initiative)
- reunião de coleções museológicas em diversas instituições além das nomeadas museus, como universidades, bibliotecas, arquivos...
- classificação e representação
- recuperação de imagens - WEB / museus de arte: representação e indexação de termos -- estudo de usuários / coleção Bryant Caribbean Art Collection

¹⁶³ A sessão / conferência teve como responsável Martin Doerr do Institute of Computer Science - FORTH, Heraklion, Creta, Grécia, que além de membro do CIDOC, também é membro da ASIST, assim como outros especialistas indicados ao longo da tese.

- profissionais da informação e gestão do conhecimento em “mundos da informação” - museus, arquivos e bibliotecas – a necessidade de integração comunitária de idéias e tarefas [interdisciplinaridade]
- elementos da classificação museológica
 - descrição e digitalização de coleção de Indumentária - Kent State University Fashion Museum – análise de sistema de metadados (Dublin Core, USMARC, e VRA - Visual Resources Association)
 - estrutura de classificação para coleções artísticas e de Indumentária / Projeto Drexel Digital Fashion – Museum Drexel Historic Costume Collection e College of Design Arts; Drexel University.
 - imagens digitais / bases de dados – desenho, criação e gestão
 - informação museológica / arquitetura de metadados para digitalização de coleções históricas de Indumentária -- análise comparativa entre sistemas (MARC, Dublin Core, VRA- Visual Resources Association)
 - informação visual (classificação e representação) -- projeto de estudo de tipologias para coleções de pintura
 - metadados / interoperabilidade Dublin Core e MARC (projetos em andamento, fase II)
- CIMI, Consortium for the Computer Interchange of Museum Information (14 museus incluídos)
- CORC, Cooperative Online Resource Catalog, projeto da OCLC [Online Computer Library Center]
- Museums and the Web '99 (evento internacional)
- recuperação da informação – protocolo de informação ANSINISO em comunidades do patrimônio cultural e museus de história natural -- adaptações
- redes tecnológicas e acesso à informação visual / consórcio de distribuição de imagens de museus (metadados) -- Museum Educational Site Licensing Project – MESL

dados/fontes de referência: ANEXO II PERFIL ASIST 1999

2000

- classificação e representação -- terreno comum [interdisciplinaridade] / museus, bibliotecas e arquivos -- acervos digitais e determinação de atributos para interpretação visual / base de dados não textuais
- convergência (convergence) [interdisciplinaridade] entre museus, bibliotecas e arquivos / sistemas de informação -design – multimídia e digitalização de coleções / representação da informação
- Dublin Core e demanda interdisciplinar (recursos eletrônicos para descrição): comunidades de museus, bibliotecas e outros
- Informação museológica na Web desafios para a CI / impacto nos museus e na museologia das novas tecnologias de informação --- acesso eletrônico e pesquisas: ampliação do alcance e qualidade da informação
- sete artigos publicados sobre tema acima / teoria e prática: metodologias e recursos, técnicas e serviços sobre as coleções, entre elas as artísticas.
- planejamento de biblioteca digital de museus: conteúdos da informação e atendimento especializado – adequação entre dados atuais e as demandas específicas

dados/fontes de referência: ANEXO II PERFIL ASIST 2000

sobre o contexto temático de ação da ASIST

No contexto temático de ação da ASIST (quadros e elenco -- 1996 a 2000) enfocando-se o processo interativo entre Ciência da Informação e Museologia, foi digno de atenção na análise dos resultados e, também, verificado que:

--- coleção fotográfica, coleções de fotografias e fotos de arte, coleções de pintura, coleções de cartazes e de vídeos de dança, coleções artísticas, coleções especiais, coleções de imagens, imagens digitais de belas-artes, imagens pictóricas, imagens de coleções de arte, representação em arte, arquitetura, arte, Web / museus de arte:

termos que pela própria natureza da composição expressiva atuam como indicadores, no ambiente dos museus, da relação entre informação e arte. A seara da arte e seus produtos é exemplo de tema recorrente, aparecendo, ainda, inserida na aplicação terminológica que envolve a referência feita à imagem / imagens;

--- coleções, coleções digitais especiais, coleções heterogêneas, objetos não verbais, objetos, documentos não textuais, cartazes, fotografias, filmes / vídeos, arte, arquitetura, belas artes, imagens, imagéticos, imagens digitais, digitais, bibliotecas digitais, arquivos, patrimônio cultural:

tais denominações iguais ou assemelhadas usadas isoladamente ou combinadas a outros termos referenciam, também, os objetos, as coleções, os espaços e questões de ordem museológica;

--- imagens dos acervos ou informação visual:

portanto, é assunto de presença permanente no período, fazendo-se associado ao sistema de recuperação da informação e tendo como aliado o processo de digitalização das coleções, representando os (novos) estoques informacionais publicamente disponíveis nas instituições e no ambiente da rede mundial de computadores;

--- Internet, sites, Web, hipermídia, hiperlink, aplicativos, sistema de busca (browser), bases de dados e redes tecnológicas, intercâmbio, multimídia, recursos eletrônicos para descrição, registros eletrônicos de coleções, acesso eletrônico e termos assemelhados:

estão inseridos nas questões ligadas às novas modalidades das tecnologias da informação e inscrevendo-se no cenário da sociedade da informação;

--- museus, bibliotecas, arquivos, universidades (coleções):

exemplificam os indicadores dos espaços / entidades / comunidades das **relações interdisciplinares** e, do mesmo modo, isso ocorre no ambiente web. As bibliotecas e os arquivos representam organismo do corpo museológico e das universidades que, nos Estados Unidos e Canadá, tradicionalmente são detentoras de coleções museológicas. Muitas universidades, inclusive, apresentam mais de um museu na sua configuração administrativa;

--- perfil do profissional da informação (e museus):

é assunto que surge voltado a modificações no corpo especializado, conclamando, nos anos de **1997** e **1999** para interação entre instituições de informação, por meio das comunidades, idéias e atividades dos museus, bibliotecas e arquivos. A questão desse “novo especialista da informação” está relacionada ao **processo interdisciplinar**;

--- sistema de recuperação da informação:

chancelando os termos classificação, indexação, recuperação, representação, descrição, atributos, elementos da classificação museológica e metadados é outro tema presente no elenco ao longo de todo o período analisado;

--- sistema multidisciplinar, convergência, novos estoques de informação e interface, integração, mundos da informação; biblioteca interdisciplinar, demanda interdisciplinar, terreno comum:

são termos apontados para indicar a interdisciplinaridade se processando pela trilha da informação nos anos de **1997**, **1999** e **2000**. Em

1998, a questão interdisciplinar é ressaltada dando título ao evento Mid Year sob o termo colaboração / cruzamento de fronteiras, sustentando o desenvolvimento das conferências.

No elenco dos temas reunidos nos quadros anuais da produção selecionada ASIST, período 1996-2000, a presença de museus / coleções museológicas vinculadas a projetos e pesquisas, às sessões temáticas, conferências e artigos, aos conferencistas, aos instrutores e aos autores apontam, além dos museus e das suas unidades de informação, para ligação com universidades que possuem museus / coleções (o que é adequado ao perfil americano do processo educativo, no qual universidades são complexos culturais dotados de museus) e outras instituições que trabalham voltadas para o tema do patrimônio.

Os cursos universitários de Biblioteconomia e Ciência da Informação (nos Estados Unidos e Canadá os departamentos e cursos ostentam, o mais das vezes, os dois nomes) destacam-se nas apresentações, sendo seguidos pelos cursos na área das Artes ou departamentos de Artes, e os cursos ou departamentos das Ciências da Computação.

Os acervos museológicos de arte que se consegui identificar ¹⁶⁴ relacionados a museus, bibliotecas, universidades e demais instituições integrantes do conjunto temático analisado estão assinalados pelo uso do negrito. As instituições mencionadas são as seguintes:¹⁶⁵

¹⁶⁴ A identificação tomou por base, somente, quando houve menção nas fontes consultadas à existência de coleções da tipologia artística. E, embora, haja conhecimento (em razão da experiência profissional da autora da tese nessa área) de acervos integrando outras instituições que constam da lista apresentada, isso não foi levando em consideração.

¹⁶⁵ Cada instituição está sendo assinalada somente uma vez em todo o período 1996-2000, mesmo que tenha sido apontada pelas fontes mais de uma vez em cada ano ou nos outros anos e, assim, possa aparecer incluída em vários dos indicadores anuais que formam a lista. A apresentação segue a ordem da indicação das sessões, temas, conferências e artigos das fontes consultadas.

A localização geográfica das instituições nem sempre está mencionada nas fontes, no entanto, quando houve clareza para identificar, indicou-se na medida do possível. Algumas instituições pelos próprios nomes já deixam perceber o estado no qual se situam, embora sem detalhamento da cidade.

ELENCO

**ASIST -- INSTITUIÇÕES RELACIONADAS A COLEÇÕES DE CUNHO MUSEOLÓGICO
1996-2000****1996**

- Museum Education Site License Project - MESL (Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text),
 - **J. Paul Getty Trust**. Califórnia,
 - **Library of Congress**. Washington. DC,
 - **National Gallery of Art Washington**. Washington. DC,
 - **National Museum of American Art**. Washington. DC,
 - **Fogg Art Museum** (Harvard University Art Museums),
 - **Busch-Reisinger Museum** (Harvard University Art Museums),
 - **Arthur M. Sackler Museum** (Harvard University Art Museums),
 - **Houston Museum of Fine Arts**. Houston. Texas,
 - **George Eastman House, International Museum of Photography and Film**. Rochester, N. York.
 - **Fowler Museum of Cultural History**,
 - University of Illinois, Illinois,
 - University of Maryland, Maryland,
 - University of Virginia, Virginia,
 - University of Michigan, Michigan,
 - Columbia University,
 - Cornell University,
 - University of Harvard. (todos nos Estados Unidos);
- School of Information and Library Studies, University of Michigan. Ann Arbor. Michigan. Estados Unidos;
- Getty Art History Information Program (também indicado como Getty Museum e Getty Information Institute.). Santa Monica, Califórnia. Estados Unidos;
- **Pontypridd Historical and Cultural Centre**. - Computer Studies Department, University of Glamorgan Pontypridd. Wales (País de Gales). Reino Unido.

1997

- **Nelson Gallery; e Fine Arts Collections**,
 - Department of Art and Art History. University of California, Davis. Califórnia. Estados Unidos;
- Getty Information Institute. Santa Monica, Califórnia. Estados Unidos;
- School of Library and Information Science. University of Southern Mississippi. Estados Unidos;
- School of Information and Library Studies. State University of New York at Buffalo, Buffalo, Nova York. Estados Unidos;

- **University of North Texas.** Denton, Texas. Estados Unidos; [School of Visual Arts]
- **Kent State University Libraries** [Kent State University Fashion Museum];
- Getty Museum. Santa Monica, Califórnia, e
 - Shoah Visual History Foundation. (ambos nos Estados Unidos);
- Henry Ford Museum e
 - Greenfield Village (complexo museológico retratando antiga cidade do período da colonização americana),
 - School of Visual Arts, University of North Texas. Denton, Texas,
 - Texas Commission on the Arts. Texas,
 - **Krannert Art Museum**, University of Illinois. Illinois,
 - Natural History Museum of LA County. Los Angeles,
 - School of Visual Arts, University of North Texas. Texas. (todos nos Estados Unidos);
- **Texas Association of Museums.** Texas. Estados Unidos;
- University of California, Berkeley, Califórnia. Estados Unidos;
- Library of Congress, Washington, DC. Estados Unidos.

1998

- Getty Information Institute, e
 - Wright State University,
 - Louisiana State University,
 - University of Southern Mississippi. (todos nos Estados Unidos);
- Kent State University, [Kent State University Fashion Museum]
- **University of Illinois.** Urbana-Champaign. Illinois. (coleções de “editorial cartoons” e “dance vídeos”)
- University of Michigan, School of Information, e
 - **University of Michigan, Museum of Art**,
 - **Kelsey Museum of Archeology**,
 - **Slide and Photograph Collection**, Department of the History of Art. University of Michigan,
 - **Los Angeles Chicano Murals, Private Photograph Collection Susan Atkins.** Los Angeles. (todos nos Estados Unidos).

1999

- School of Library and Information Sciences. University of North Texas. Denton, Texas (**Bryant Caribbean Art Collection**). Estados Unidos;
- **North York Public Library.** Toronto. Canadá;
- Kent State University. Estados Unidos; [Kent State University Fashion Museum]
- School of Education and Information. University of California, Berkeley. Califórnia. Estados Unidos;

- California State University, San Marcos. Califórnia. Estados Unidos;
- School of Information Management and Systems. University of California, Berkeley. Califórnia. Estados Unidos;
- San Jose State University. Califórnia. Estados Unidos;
- **Consortium for the Computer Interchange of Museum Information-CIMI** (coleções de 14 museus, inclusive de arte) ¹⁶⁶
- Cooperative Online Resource Catalog – CORC;
- École de Bibliothéconomie et des Sciences de l'Information. Université de Montréal. GRIV (Groupe départemental de recherche en information visuelle). Montreal. Canadá;
- **Museum Drexel Historic Costume Collection**, e
 - College of Information Science and Technology. Drexel University,
 - Design Department, College of Design Arts at Drexel University;
- **Smithsonian Institution**, e
 - Library of Congress,
 - Institute of Museum and Library Services,
 - National Archives and Records Administration; (todos em Washington. DC);
- **Tufts University** (coleções especiais) ---- Department of Classics; e ---- Electrical Engineering and Computer Science Department,
 - **Kentucky Classics**, University of Kentucky. Kentucky,
 - **Museum of Fine Arts of Boston**. Boston, Massachusetts,
 - **Brandeis University**, (coleção especial),
 - **University of Pennsylvania**; Pensilvânia. (coleções especiais) (todos nos Estados Unidos);
- National Science Foundation, (o mesmo projeto do conjunto anterior em nova fase **incluindo coleções das seguintes instituições**)
 - Michigan State University;
 - Johns Hopkins University;
 - University of South Carolina.
 - Carnegie-Mellon University;
 - University of California, Santa Barbara,
 - University of California, Berkeley,
 - University of Texas,
 - Columbia University. (todos nos Estados Unidos);

2000

- North Carolina State University Libraries, e
 - Drexel University,

¹⁶⁶ No conjunto temático não foram indicados os nomes das instituições, embora, por meio de outras fontes tenha-se- identificado algumas das instituições envolvidas.

- **Indiana University. School of Music**,
- Museum of America and the Sea, Mystic. CN (todos nos Estados Unidos);
- Spurlock Museum. University of Illinois. Urbana. Illinois. Estados Unidos;
- CNUCE - Consiglio Nazionale delle Ricerche, Itália.
 - projeto Salvaguarda do Patrimônio Cultural - **Safeguard of Cultural Heritage**,
 - **Marble Museum**. Carrara. Itália.
- **Historic New Orleans Collection**. New Orleans. Luisiânia. Estados Unidos;
- **Museo Nazionale della Scienza e della Técnica Leonardo da Vinci**. --- Departamento de Computação. Milão, Itália;
- **Davis Museum and Cultural Center**. Wellesley College. Massachusetts. Estados Unidos;
- **Speed Art Museum**. Louisville, Kentucky. Estados Unidos.

8.3.3 ACADEMIA E FORMAÇÃO INTELECTUAL – Perfil PPGCI

(1972 – 2002)

Em relação à produção acadêmica do PPGCI (IBICT-UFRJ), no período cronológico em questão, cabe lembrar que a primeira dissertação do Curso foi defendida em 1972 e a primeira tese em 1994.

Entre junho de 1994 e setembro de 2002, foram defendidas vinte e seis teses (contexto genérico, o mesmo que IBICT). Em se tratando da produção enfocando museus / Museologia (contexto da pesquisa da presente tese) a primeira identificada nessa perspectiva está datada do ano de 1997 inserida em um total de seis trabalhos similares. Pode parecer expressiva essa relação (23,07%), porém, usando-se de cautela, não se faz qualquer afirmação, já que seria necessário esperar um estudo, ao longo dos anos, para confirmar ou não essa tendência observada, agora, no programa universitário. Tabela 6 - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Tese; e Tabela 7 - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Genérico e Contexto Tese.

No que concerne às dissertações foram defendidas trezentos e trinta e seis (junho 1972 - agosto 2002). Foram identificados tratando do tema relacionado a museus / Museologia treze trabalhos (3,86) e o primeiro deles qualificado como tal foi defendido em 1992. Desperta a atenção, em relação a esse total (13 ou 3,86), que nos anos noventa haja concentração com

relação ao enfoque, isto é, onze dissertações foram produzidas no conjunto das treze defendidas em todo o período de trinta anos. Também, aqui, não há o que afiançar sem conhecer as condições que envolveram tais ocorrências, apenas constatar um valor numérico que se destacou na.¹⁶⁷

Tabela 6 - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Tese 1992-2002; e Tabela 7 - Produção Acadêmica Interdisciplinar : Contexto Genérico e Contexto Tese 1972-2002.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

P P G C I Tabela 6 Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Tese 1992-2002		
PERÍODO	TESES Defendidas (1997)	DISSERTAÇÕES Defendidas (1992)
1992 – 1999	01	11
2000 - 2002	05	02
TOTAL	06	13

P P G C I Tabela 7 Produção Acadêmica Interdisciplinar Contexto Genérico e Contexto Tese 1972-2002			
produção - tipo período	contexto genérico total	contexto tese total	
		nº absoluto	%
teses defendidas 1994 - 2002	26	06	23,07
dissertações defendidas 1972 - 2002	336	13	3,86

¹⁶⁷ Torna-se conveniente lembrar as dificuldades que se encontrou para o levantamento dos dados, principalmente, referente aos anos 70 e 80. A fonte que se afigurou mais confiável foi a lista cedida pelo IBICT (já mencionada) cujo formato é o denominado referência bibliográfica.

4. -- teses e dissertações

--- Quadro PPGCI - TESES DEFENDIDAS 1997-2002---

--- Quadro PPGCI - DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS 1992-2002 ---

O diálogo que supera fronteiras disciplinares interligando os caminhos da Ciência da Informação e Museologia marca sua presença nos dois níveis do curso --- em 1992 ¹⁶⁸ no mestrado e em 1997 no doutorado. A análise desenvolvida nas pesquisas produzidas na pós-graduação indica temas apresentando características polimorfas de vinculações e, também, exhibe relações com o universo das artes. E esse procedimento específico é indicado nos dois Quadros usando-se o expediente do grifo (palavras sublinhadas). A apresentação dos trabalhos é seqüencial respeitando a ordem da data da defesa de cada produto acadêmico.

QUADRO PPGCI TESES DEFENDIDAS 1997-2002 ¹⁶⁹		
ANO	IDENTIFICAÇÃO	
	CI - Título do trabalho	Museologia - ligações
1997	<i>Memória Institucional: a Construção Conceitual numa Abordagem Teórica - Metodológica</i>	referenciais da memória em perspectivas informacionais / integração de acervos diversificados, dentre os quais as coleções museológicas
2000	<i>Representação e Museu Científico: o Instrutivo Aparelho de Hegemonia (ou uma Profana Liturgia Hegemônica)</i>	museu científico, geração e transferência da informação -- discurso das exposições museológicas e feição sócio-político e institucional dessa informação

¹⁶⁸ Em verdade nos anos 70, em especial duas dissertações despertaram atenção e poderiam ter sido incluídas não fosse a as dificuldades mencionadas. A primeira (1977) abordou *Sistema de catalogação e recuperação em Artes Plásticas*; a outra (1979) enfocou *Modelo de um thesaurofacet em Arquitetura*; valendo informar que teve como orientador o Professor Lancaster (Frederick Wilfrid Lancaster).

¹⁶⁹ MCT, IBICT-DEP. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Relação de teses de doutorado: período junho 1994/setembro.2002. Rio de Janeiro: IBICT/DEP. 2002. 4 p. Documento cedido pelo DEP.

2001	• <i>A Arte Rupestre no Brasil: Questões de Transferência e Representação da Informação como Caminho para Interpretação</i> • <i>Componentes Lógicos e Intuitivos no Processo Criativo da Arte e da Ciência: um Estudo Comparativo entre Arte e Ciência sob a Ótica da Ciência da Informação</i>	• arqueologia e a vertente da <u>arte rupestre</u> -- <u>espaços e/ou objetos museológicos</u> (acervos cervos arqueológicos) integrando universo informacional. • <u>questões teóricas da representação da informação (artística)</u> ligando-se à disseminação cultural via <u>museus e demais espaços culturais de artes</u>
2002	• <i>Memórias Clandestinas e sua Museificação: uma Prospeção sobre Institucionalização e Agregação Informacional.</i> • <i>Digitalização de Acervos Fotográficos Públicos e Seus Reflexos Institucionais e Sociais: Tecnologia e Consciência no Universo Digital</i>	• referenciais da memória social e sua institucionalização em contextos de de feições museológicas -- informação e comunicação / agregações e perdas • <u>informação visual -- documentação fotográfica</u> / projetos desenvolvidos e acesso público (necessidades da demanda) -- <u>acervos fotográficos de cultura, arte e história em contexto de coleções museológicas</u>

dados/fontes de referência: ANEXO III PERFIL PPGCI 1972 - 2002
Teses

QUADRO PPGCI DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS ¹⁷⁰ 1992-2002		
ANO	IDENTIFICAÇÃO	
	CI - Título do trabalho	Museologia - ligações
1992	• <i>Memória Institucional do IBGE: um Estudo Exploratório-Metodológico</i>	• referentes da memória [social] -- formação de acervos inclusive museológicos -- estoques de informação (construção de sistema de recuperação)
1995	• <i>Imagem e Cidade: a Informação Fotográfica na Obra de Augusto Malta.</i> • <i>O Museu como Espaço de Conhecimento e de Confiança</i>	• <u>acervos museológicos e informação visual -- fotografias do patrimônio ambiental urbano.</u> (imagens e referentes ou indicadores artísticos) <u>coleção A. Malta; Museu da Imagem e do Som - RJ</u> • espaço museológico como gerador de conhecimento e informação

¹⁷⁰ MCT, IBICT-DEP. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Dissertações: período junho de 1972 a agosto de 2002. Rio de Janeiro: IBICT/DEP. 2002. 39 p. Documento cedido pelo DEP.

1995	• <i>O Museu: do Sagrado ao Segredo. Uma Abordagem sobre Informação Museológica e Comunicação</i>	• ambiência da informação / comunicação museológica (conceitos e práticas exercidos - aspectos)
1996	• <i>Labirinto de Paradoxos: Informação, Museu e Alienação</i> • <i>Imagem X Conceito: Questões da Recuperação da Informação Imagética</i>	• patrimônios culturais “oficiais” (acervos museológicos) e representações da memória social --- informação / difusão cultural. (aspectos informacionais do discurso “oficial”) • acesso à <u>informação visual</u>; representação da informação ---- <u>acervos de imagens, registros documentais e objetos artísticos</u>
1998	• <i>Web - Páginas de Arte: Conteúdos Informacionais X Conteúdos Artísticos</i> • <i>Museu, Informação e Arte: a Obra de Arte como Objeto Museológico e Fonte de Informação</i> • <i>Exposição de Museus e Público: o Processo de Comunicação e Transferência da Informação</i>	• <u>acervos de artes plásticas</u> em ambiente eletrônico -- aplicação de <u>modelo museológico-informacional para pesquisas em artes</u> • <u>acervos artísticos</u> (produção de artistas plásticos) -- <u>documentação museológica / aspectos informacionais dos objetos de coleção</u> • pesquisa de público em <u>circuito expositivo de museus de artes</u> -- informação / comunicação museológica -- <u>transferência da informação: avaliação em contexto de exposição de Artes Plásticas.</u>
1999	• <i>Museu, Informação: o Processo de Construção do Discurso Museográfico e suas Estratégias</i> • <i>O Ser- Interpretante e o Espaço Ideal: uma Análise do Processo de Representação Informacional das Imagens Chárgicas.</i>	• exposição museológica / informação e comunicação museológica enfocando conteúdos da museologia e da museografia • <u>questões da representação da informação em acervo de artes da categoria caricatura – (desenho / pintura)</u>
2001	• <i>Informação e Sites de Museus de Arte Brasileiros: Representação no Ciberespaço</i> • <i>Informação, Ciência e Cotidiano: um Estudo sobre a Divulgação Científica em Museus de Ciência e Tecnologia</i>	• <u>informação museológica -- conteúdos dos acervos artísticos</u> veiculados em ambiente eletrônico (Web) • divulgação científica -- informação em ambiente da categoria museus de ciência e tecnologia (museus científicos)
2002	• <i>Estoques de Informação: o Acervo Imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio como fonte de Informação</i>	• conteúdos informacionais <u>de coleção de imagens</u> (<u>acervos fotográficos</u>) sediadas em museus antropológicos

dados/fontes de referência: ANEXO III PERFIL PPGCI 1972 - 2002
Dissertações

8.3.4 ACADEMIA E FORMAÇÃO INTELECTUAL -- Perfil MMSD

(1991 – 2002)

O ano de 1991 marca a defesa da primeira dissertação do Mestrado em Memória Social e Documento – UNI-RIO, curso que, em torno das referências coletivas da memória coletiva, congrega áreas / disciplinas vinculadas ao contexto da informação, privilegiando, nos museus e modelos conceituais afins, os acervos que os representam, dentre os quais aqueles organizados por força dos estudos museológicos demandados para conhecimento das próprias coleções ou dos conjuntos de que são dotados.

No período em pauta, nos temas expostos pelas dissertações, o aval do cunho museológico é associado ao da Ciência da Informação balizado pelo solo da Memória Social nas suas múltiplas faces de apreensão, o que se pode entender pelas relações de entroncamento no universo da transgressão das fronteiras disciplinares.

No universo de 127 dissertações produzidas, foram selecionados 7 trabalhos,¹⁷¹ Tabela 8 - MMSD Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Tese 1996-2002. Em termos relativos nesse cenário, pode-se apontar um índice de participação do tema da interação entre áreas disciplinares da ordem de 5,51% --- Tabela 9 - Produção Acadêmica Interdisciplinar: Contexto Genérico e Contexto Tese 1991-2002. E o primeiro que se pode qualificar como representativo dessa condição data do ano de 1996.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

(página seguinte)

¹⁷¹ Há que lembrar as dificuldades (que já se comentou) com relação à obtenção e/ou esclarecimentos no processo da coleta de dados.

❖ Tabelas -- Entrecruzando Conhecimentos

M M S D Tabela 8 Produção Acadêmica Interdisciplinar Contexto Tese 1996-2002	
Período	DISSERTAÇÕES Defendidas
1996– 1999	05
2000 - 2002	02
TOTAL	07

M M S D Tabela 9 Produção Acadêmica Interdisciplinar Contexto Genérico e Contexto Tese 1991-2002			
produção período	contexto genérico total	contexto tese total	contexto tese % total
dissertações defendidas 1991 - 2002	127	07	5,51

5. -- dissertações

--- Quadro MMSD - Dissertações Defendidas 1996-2002 ---

Das sete dissertações selecionadas, cinco foram originalmente qualificadas em Ciência da Informação (CI) pela CAPES, sendo três delas

combinadas ao campo da Museologia (M) -- 1998/1999 -- e duas delas, exclusivamente categorizadas na Ciência da Informação -- 2000/2001.

Ocorre, porém, um fato interessante a ser considerado: a autora da presente tese teve sua dissertação incluída nesse quadro --1996, categoria Museologia (M). Trata-se da primeira dissertação a tratar do tema Informação em Arte, portanto Ciência da Informação e Museologia, no curso de mestrado da UNI-RIO, no entanto, a categoria indicada pela CAPES é Museologia, mesma área de graduação da autora. Assim, a tese permite indicá-la, também, como enquadrada na qualificação (CI *).

O fato, talvez, possa ser explicado pelo motivo da Memória Social não estar incluída no banco de dados da CAPES como “área do conhecimento”. Assim, as dissertações ora assumem a área de graduação do autor (de forma isolada ou acompanhada de outra identificação de disciplina), ora assumem outras identidades acadêmicas relacionadas e, ainda, podendo sofrer influências das áreas de afinidade dos orientadores.

A outra dissertação -- 1999 -- indicada como Arquivologia (A) e Museologia (M), aborda, ainda, a Ciência da Informação pelo que se depreende em virtude do resumo e outros indicadores determinados para identificação, mas não está, assim, qualificada na fonte CAPES, desse modo agregou-se, também, a indicação (CI *).

As duas dissertações indicadas exclusivamente como Ciência da Informação: a do ano 2000 é de autora museóloga (foi docente substituta no curso de Museologia na UNI-RIO, coincidentemente, o assunto é do conhecimento da autora da tese) e considerando os indicadores de análise não se poderia excluir o componente de ordem museológica (M *) da construção do trabalho. O mesmo ocorre com o trabalho de 2001, no qual o tema associado à função profissional da autora do trabalho e, ainda, à sua área de atuação que cruza conteúdos da Museologia (M *) --- arquiteta dedicada aos modelos para determinar e tratar os bens do patrimônio

cultural no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional --- foram levados em conta para incluir na seleção / interpretação final.¹⁷²

O Quadro exibe, na coluna da direita, representando ligações com os campos do conhecimento, siglas que se elegeu nesse trabalho para identificar (entre parênteses) a categoria Área do Conhecimento, conforme o Banco de Teses da CAPES. O sinal asterisco entre parênteses precedido por sigla de categoria/disciplina, indica o que se depreendeu nessa tese pela análise da fonte mesmo que, assim, não estivesse declarado no item CAPES, Área do Conhecimento.

As relações com assuntos artísticos que puderam ser claramente determinadas são exemplificadas, isto é, apresentam-se sublinhadas.

QUADRO MMSD DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS ¹⁷³		
ANO	IDENTIFICAÇÃO	
	MS <i>Título do trabalho</i>	Museologia e CI ligações
1996	• <i>Acervos Artísticos: Proposta de um Modelo Estrutural para Pesquisas em Artes Plásticas</i>	• <u>Museu, arte e informação</u> / modelo conceitual e operacional para <u>Informação em Arte</u> (categorias de informação) (M) (CI *)
1998	• <i>Duas Faces de Jano: Design e Museografia em Exposições Museológicas</i> • <i>O que os Olhos Não Vêem: Reservas Técnicas Museológicas na Cidade do Rio de Janeiro</i>	• <u>discurso museológico, prática museográfica e comunicação visual</u> / recursos da <u>arte e da informação em museus</u> (CI + M + CO) • reservas técnicas museológicas e práticas pertinentes -- documentação e informação museológica (CI + M)

¹⁷² Três das dissertações que haviam sido arroladas para o MMSD, uma no ano de 1998 e duas no ano de 1999, na fase final da seleção, tendo em vista as dúvidas que causaram quanto à clareza de determinados dados, foram retiradas dessa relação.

¹⁷³ UNI-RIO/CCH, MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E DOCUMENTO - MMSD. Dissertações apresentadas [31 - 07 - 2002]. Rio de Janeiro: MMSD. 2002. 15 p. Documento cedido pelo MMSD.

1999	• <i>A Museologia Diante do Virtual: Repensando os Elementos Conceituais e a Memória a partir das Novas Tecnologias Informáticas</i> • <i>Arquivo, Memória e Fragmentação: a Construção do Acervo do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz</i>	• museologia e documento, imagens digitais e virtuais / informação museológica -- perspectivas conceituais em discussão (CI +M) • memória institucional, gestão documental, inserção de coleções museológicas -- (formação/organização de acervos), transmissão da informação (A + M) (CI *)
2000	• <i>Sociedade dos Artistas Nacionais: Fragmentos de Memória e Mosaico de Identidade.</i>	• <u>artistas plásticos, associação cultural e produção artística respectiva</u> – memória e informação do saber acadêmico no espaço modernista; (CI) (M *)
2001	• <i>Patrimônio Urbano e Memória Social: Práticas Discursivas e Seletivas de Preservação Cultural. 1975 a 1990</i>	• <u>acervo urbano - conjunto(s) arquitetônico e ambiental</u> / documento histórico e artístico -- IPHAN.; ação cultural e informação (CI) (M *)

dados/fontes de referência: ANEXO IV PERFIL MMSD 1991 - 2002

legendas: CI = Ciência da Informação; M = Museologia; A = Arquivologia; CO = Comunicação

8.3.5 DO PERFIL AO RETRATO DE CORPO INTEIRO

Ao encerrar análise dos quatro Perfis construídos para o painel da investigação, alguns pontos assumiram posição proeminente no panorama geral.

O exercício do movimento da interdisciplinaridade entre os campos está sendo não só postulado como referenciado pelas duas áreas, tendo em vista que a idéia do solo comum é apregoada por ambas e os trabalhos nos quatro extratos advogam --- e exercitam --- tal condição.

Esse encaminhamento vindo de encontro ao novo papel do profissional da informação, categoria que encerra o grupo dos documentalistas de museu, postula qualificá-los como representantes das comunidades híbridas atuando em zona de interlinguagens. E os profissionais que são membros do CIDOC e, também, são associados da ASIST conduzem o entendimento para refletir sobre o exemplo do movimento da interação.

Nesse contexto de mescla e entre outros tipos de acervos e espaços museológicos, as coleções artísticas (entendendo-se o termo sob modo extensivo, assim, abrangendo o material de referência para seu estudo) mencionadas em grande parte dos temas apresentados, fazem emergir a figura da Informação em Arte.

No processo de encadeamento de informação e museus e, sobretudo sob a perspectiva dessa vertente particularizada de estudo, a representação da informação toma vulto. E, ainda no momento atual, faz-se mais forte a pertinência, considerando-se que a disseminação da informação agrega o recurso da reprodução da imagem do acervo, que se faz acompanhada da sua descrição formal e contextual. O assunto imagem está entrelaçado à questão tecnológica e tem, em especial, nos grupos Multimedia - MMWG do CIDOC e Visualization, Images and Sound - VIS da ASIST ativos representantes.

O desenvolvimento tecnológico, principalmente com relação aos temas debatidos pela CIDOC e pela ASIST, está contribuindo para intensificar e ajustar as inter-relações dos campos. Da automação dos acervos, passando pelas redes e sistemas de informação dos museus que alargaram a perspectiva ao acesso público, atingindo maior expressão na disseminação da informação pelo advento da Internet (sites de museus) e seu poder mundial de integração comunicativa, ao permitir que o usuário tenha como base local de suas operações de demanda, investigativas ou de lazer, um espaço por ele determinado e sem necessidade de deslocamentos como outrora se fazia imperioso.

Em síntese, as questões do complexo informacional apresentaram-se compreendendo reflexões e ações que, sob prismas diferenciados, realizam transbordamentos infiltrando os espaços comuns (movimentos de dissolução das fronteiras) onde se reconhecem as tipologias museológicas --- os territórios físicos / os objetos - as coleções / as referências tradicionais ao patrimônio cultural - à memória coletiva e aos novos patrimônios ---- colocando em foco, nas pesquisas, o relacionamento que se processa entre os elementos dos campos da Ciência da Informação e da Museologia.

9. O CAMPO FORJA SEU ESPAÇO: EM BUSCA DA LEGITIMAÇÃO OU... O ESTATUTO 'DISCIPLINA'

A Informação em Arte em todas as suas manifestações -- do índice bibliográfico aos sistemas de registros de museus é de interesse dos pesquisadores de arte e por extensão dos bibliotecários que os atendem.

Deirdre C. Stam e Angela Giral

O Museum Prototype Project - MPP pela magnitude da experiência construída: o enfoque único, qual seja, informação especializada em oito museus da mesma categoria -- museus de Artes Plásticas, porém detentores de diferentes aspectos técnicos, organizacionais e em localizações geográficas diversas; atuando em zonas comuns, isto é, o espaço museológico das instituições com seus variados acervos; participando com equipes mistas das comunidades de especialistas; apresentando duração que, para pesquisa integrada e com pesquisadores distribuídos em localidades diferentes, nos anos 80, pode ser considerada prolongada --- cerca de quatro anos oficialmente (o que se deve entender: tendo como suporte financeiro a Fundação J. Paul Getty, um dos museus integrantes do Projeto); ¹ merece e tem sido considerado como modelo pioneiro relacionado à questão das denominadas Pesquisas em Artes. Seus resultados em procedimentos combinados, propondo modalidades reflexivas e atividades integradas entre os vários setores / áreas do complexo cultural definido na categoria museu, alcançando o formato de cruzamento dos limites interdisciplinares e determinando o impulso para a sedimentação da Informação em Arte, ² propiciou caracterizar, assim, um “novo traçado” ³ de abrangência no campo do conhecimento, o da temática da Informação e da

¹ Por mais de um ano (entre 1986-1987) houve, de modo individual em cada instituição, prosseguimento de iniciativas ligadas ao processo de implantação em razão das implicações que um sistema em rede integrada envolve, principalmente na sua fase inicial.

ALLEN, N. S. Op. cit.

² LIMA, D. F. C. 1995. Op. cit. p. 134.

³ DOGAN, Mattei., PAHRE, Robert. Creative marginality: Innovation at the intersection of social sciences. Boulder Colo. Indiana University Press. 1990. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p.3-4.

Arte em acervos de museus --- a informação museológica de arte, Informação em Arte.

Se durante o MPP houve ensejo para dar início ao processo de construção interdisciplinar formalizando a constituição de uma “variedade”⁴ no ambiente do saber, o modelo híbrido Informação em Arte; foi, após o término desse trabalho coletivo de investigação (1986) e no decorrer dos processos concomitantes ou posteriores ligados à implantação do sistema em rede envolvendo oito museus, que as atividades relativas à Informação em Arte foram alcançando horizontes e, passo a passo, referendando sua prática para estudo e aplicação do conceito de *sistemas de informação em acervos museológicos de arte*.⁵

Esse panorama ativo é o que trata dos programas e projetos, das tarefas conjuntas ou isoladas que, em nível nacional ou internacional, foram e continuam sendo levados a cabo pela Fundação do Museu Getty, como também por outras instituições e, em especial, o parceiro contumaz da Getty, o Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus - CIDOC (conforme mencionado, principalmente, nos capítulos 7 e 8).

A partir desse fato ocorrido na cena do conhecimento focalizando o estudo que destacou as coleções do acervo do Museu Getty sob perspectiva informacional --- o Centro de Informação em História da Arte e Humanidades --- a Fundação tornou-se ponto de referência teórico-conceitual e prático para os projetos de elaboração, manutenção,

⁴ DOGAN, M., PAHRE, R. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 3-4.

⁵ Além dos objetos sob a guarda do museu, a noção de coleção abarca como exemplares museológicos os elementos vegetais, as árvores que constituem, por exemplo, a aléia de um parque e, ainda, os animais representativos de determinada espécie. Em se tratando da concepção de Arte e de Patrimônio são considerados como conjunto (elementos de uma coleção) as edificações, praças, chafarizes, pontes de um setor urbano ou de uma cidade histórica; as ruínas arqueológicas de um sítio histórico, as esculturas a céu aberto etc. Portanto, sob o ponto de vista da arte, o patrimônio edificado intacto ou fragmentado e o seu entorno representam o valor “coleção” de alguma coisa que merece e deve ser mantida e conhecida.

O IPHAN, Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, responsável no Brasil pela política e a proteção da herança cultural / natural em nível nacional, tem sido espaço profissional dos museólogos trabalhando (além dos estudos para tombamento) por exemplo, no inventário e catalogação de diversos gêneros de acervos constituídos de bens móveis e imóveis que formam o acervo brasileiro e em outras atividades pertinentes ao exercício profissional.

desenvolvimento e aperfeiçoamento de modelos voltados para atender a área das pesquisas artísticas, isto é, nesse espaço que se organiza como território sob medida para Informação em Arte.

entrelaces

O fenômeno interdisciplinar que se foi tornando perceptível na trajetória do processo condutor de organização da área / disciplina Informação em Arte, talhado na composição híbrida, representa o resultante de “esforço” que aproxima, compara, relaciona e integra “conhecimentos”⁶ e o ambiente histórico cultural favorável para que tal acontecimento, assim, tivesse lugar, pode ser configurado na conjugação de fatos e/ou fatores --- os problemas demandando soluções; ou seja, as estratégias pós-modernas que o conhecimento elabora, conforme se viu ao abordar Wersig. Estratégias interdisciplinares, ao modo daquelas formas culturais enfocadas por Bourdieu e, ainda, mencionadas por Klein referenciando o sociólogo; que se organizam para, também, ocupar lugar na arena (de lutas eufemizadas) do conhecimento onde a disciplinaridade se havia feito padrão hegemônico desde o século XIX.

Esses fatos / fatores (as estratégias...) que se apresentam associados ao programa técnico-cultural de atividades da J. Paul Getty Trust, podem ser creditados às condições que se relacionam, em grande parte, aos aspectos permanentes que envolvem as coleções dos acervos museológicos sob a guarda de instituições similares aos oito museus do Museum Prototype Project patrocinado pela Fundação e, também, às ocorrências específicas daquele momento, consubstanciando indicadores tais como:

-- 1 -- representatividade quantitativa sediada nos numerosos objetos artísticos componentes dos acervos (estando inscritos na casa numérica da ordem de ‘dois dígitos e mil e tantos’ ... exemplares);

⁶ JAPIASSU, H. 1976. Op. cit. p. 52.

- 2 -- questões técnico-administrativas das instituições envolvendo o gerenciamento --- preservação, comunicação e disseminação,⁷ segurança -
- de acervos expressivos e de grande monta, apresentando componentes materiais bastante diversificados e portes muito variados;
- 3 -- atendimento às necessidades da demanda das Pesquisas em Artes que apontam para o entendimento da relação de afinidade --- definindo a criação de descrições e índices --- entre dados integrantes da catalogação das coleções de obras artísticas e os demais dados contidos nas coleções dos referentes para estudo que asseguram a informação contextual. Ocorrendo as pesquisas no plano interno e externo do museu, as demandas são relativas aos pesquisadores do corpo funcional da própria instituição como, também, representadas pelos demais usuários externos, nacionais e estrangeiros dos diversos campos do conhecimento e de outros tantos setores profissionais, estudiosos que são desses acervos do patrimônio cultural e que estão localizados nos espaços técnicos dos ambientes museológicos;
- 4 -- necessidades vinculadas aos/às padrões e normas, linguagens e procedimentos de múltiplas ordens para intercâmbio técnico com instituições congêneres dentro e fora do país e, ainda, para comunicação junto às comunidades de pesquisadores e os perfis de suas áreas temáticas, desenvolvendo, também, tarefas integradas enfocando assuntos referentes à categoria técnica da instituição museológica, aos acervos e suas relações de ordem conceitual ou prática;
- 5 -- e o grande desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico alcançado no âmbito do instrumental computacional no início dos anos 80 (deflagrado pelo aparecimento do PC -- personal computer, o micro computador), integrando o organismo da própria instituição; da instituição com outras instituições; e ampliando o espaço do atendimento público.

⁷ A Museologia aponta como uma das funções técnicas ligadas a sua prática aquela denominada Comunicação. Tal atividade é desenvolvida por meio das exposições, palestras, edições variadas e, na atualidade, pelos “sites” implantados na rede internacional de comunicação eletrônica, a Internet. No contexto comunicacional / informacional dos Museus, ainda, destacam-se as Bibliotecas e seus Arquivos Históricos, ou seus Centros de Documentação / Informação, todos serviços de atendimento público.

O cerne dessa composição, ilustrado pelo exemplo que moveu o *Museum Prototype Project* – MPP atuando como elemento em torno do qual se irradiou o processo de pesquisas e atividades no complexo cultural Getty, potencializando os liames entre diferentes acervos e tornando esses laços informação integrada, fundamenta-se na relação estrutural existente entre obra de arte e suas referências⁸ documentais / contextuais para estudo, isto é, o que se reconhece no âmbito das *Pesquisas em Artes* como investigação sedimentada na obra de arte e no seu referente de interpretação --- envolvendo as percepções plurais (que, também, apontam para o trabalho de ordem interdisciplinar) sob a forma das leituras, dos olhares lançados, também, pelas outras disciplinas. No caso da percepção representada pelos referentes interpretativos, que se entende pelo extrato de investigação nomeado recepção à obra, ou a sua apreciação, em se tratando do período ligado à sua elaboração, ele deve ser compreendido em dois momentos temporais do registro cultural ao qual é submetida qualquer obra de arte: aquele que é “coexistente” à criação da obra e aquele que lhe é “posterior” no espaço cronológico.⁹

A obra, representando a figura do artista, encontra-se situada no centro do sistema --- o universo da Arte; ‘atraindo’ os elementos que evoluem em torno dela à maneira dos satélites no espaço sideral. Os dois planos perceptivos interagem sob a forma de relações ‘planetárias’, sendo elaborado no campo da arte o espaço interpretativo gerador dos elementos componentes da informação especializada.

Tal informação consigna o tema de estudo que conjuga, ainda agregando a nova perspectiva da produção do conhecimento sob o signo da pluralidade e da interdisciplinaridade, a articulação entre as coleções de arte dos acervos de feição museológica e os acervos das suas fontes de referência para investigação, nos desdobramentos e correlações pertinentes que emergem no complexo da comunicação do conhecimento, ou a transferência da informação. Desse modo, entrelaçando documentação

⁸ LIMA, D. F. C. 1995. Op. cit. p. 128.

⁹ BOURDIEU, Pierre, HAACKE, Hans. Livre-Troca: diálogos entre ciência e arte. Apres. Inès Champey. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 87.

museológica à documentação bibliográfica e tratando da relação - articulação entre museus e bibliotecas ou a convergência desses mundos,¹⁰ sob qualquer forma pela qual a informação museológica se faz processo comunicacional: exposições, publicações, bases de dados, redes e sistemas de informação, entre outras modalidades as quais os museus recorrem, acrescido pela nova modalidade de integração pelo acesso público de alcance mundial que são os *eb sites*.

Ao enlaçar a questão da convergência de acervos, ou seja, intra-articular a informação de museus e bibliotecas considerando seus aspectos de base comum --- o mundo do 'valor herança cultural' / patrimônio e sua 'transmissão' institucional --- o surgimento do CIDOC, no contexto dos Comitês do ICOM, faz refletir acerca da relevância do tema que representa, considerando-se que sua 'criação' foi iniciativa do próprio Centro de Documentação do Conselho Internacional de Museus da UNESCO.

Sua formação pode ser compreendida como anunciando, há mais de trinta anos, o caminho da tessitura de semelhanças e parcerias --- indicativo de necessidades percebidas, embora não se explicitasse, ainda, com a clareza do momento atual a questão do fundamento de um solo comum. E as atividades desenvolvidas, ao longo desse período, foram confirmando o caráter dessas relações de conexão recíproca.

O estabelecimento, na esfera da Museologia, de um espaço institucionalizado de representação internacional para os profissionais da informação (*specialists of information*), destacando-se a categoria dos documentalistas de museu (*museum documentalists*), referenda o sentido agregador que permite postular a entrada ao processo que orienta à construção interdisciplinar.

As áreas temáticas respondendo aos interesses especializados das coletividades, cerzindo museus e informação, são operacionalizadas pelos Grupos CIDOC (*Groups ou Working Groups - WG*) que exemplificam nos programas, projetos e estudos o pensamento do saber (com)partilhado posto

¹⁰ ALLEN, N. S. Op. cit. p. 175.

em prática, inclusive, nos títulos escolhidos para designar os Grupos permite-se identificar os propósitos, as aproximações que os originaram. (capítulos 7 e 8)

O atendimento aos objetivos do Comitê que estão materializados nas atividades desenvolvidas, por sua vez, vinculadas à documentação das coleções museológicas e a transferência dessa informação especializada sob várias feições, relaciona-se, também, aos cinco indicadores numerados e que foram mencionados, nesse capítulo em parágrafos anteriores, quando se traçou o conjunto de fatores que contribuiriam, em dado momento e a par das atividades permanentes dos museus, para o processo do MPP.

Usando-se como marco os anos 90 pode-se, ainda, com relação ao CIDOC e suas implicações reflexivas e práticas para com os museus e a informação, acrescentar um outro indicador (o sexto) aqueles explicitados cruzando os fios discursivos das áreas, linhas atrás.

-- 6 -- Internet e Sociedade da Informação. Cabe observar, sobretudo no que se refere ao CIDOC e a ASIST, que as mesmas preocupações, ou melhor dizendo, as mesmas ocupações... perpassam os temas (analisados no capítulo anterior). E, em síntese, sob diversos prismas conceituais, técnicos e tecnológicos, convocam os profissionais a atuar no complexo processo que envolve promover o adequado acesso e uso da informação cultural dedicada ao segmento dos museus / Museologia, que se caracteriza por estar fortemente centrada no recurso da imagem do acervo e fundamentada na explicitação contextual (o mesmo que o objeto museológico ou a obra de arte e seus referentes técnico-interpretativos para estudo).

É fato que a aplicação do conhecimento em contexto tecnológico, ou melhor dizendo, que os sistemas computadorizados, especialmente desenhados, atuam para facultar trabalhos interdisciplinares em diferentes níveis de complexidade por meio da construção de redes eletrônicas representando o estabelecimento de relações entre idéias e elementos

particulares. Isso vem sendo verificado em contextos que envolvem atividades comuns, projetos completos ou campos do conhecimento.¹¹

E, em tempos da denominada *sociedade da informação* --- comunicação em nível de escala planetária --- a pluralidade cultural que caracteriza a demanda conectada em rede e imersa no mesmo ambiente tecnológico, passou a constituir novo desafio para profissionais da informação, requerendo que se consolide a composição --- o hibridismo --- com o conhecimento museológico.

Ainda no âmbito das interações entre os campos da Ciência da Informação e Museologia, com relação às instâncias profissionais associativas e as universitárias de formação / aperfeiçoamento representadas, respectivamente, pelo Comitê Internacional de Documentação - CIDOC e a Sociedade Americana de Ciência e Tecnologia da Informação - ASIST; e pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI e o Mestrado em Memória Social e Documento – MMSD, há que apontar pelas análises e interpretação dos resultados desenvolvidos e apresentados no capítulo 8, que se afiguram ao modo da *entidade fronteira* de que trata Löwy, desempenhando o mesmo papel atribuído ao *objeto fronteiro* por Star e Griesmer; (conforme explicitado no capítulo 4).

E, em razão dessa ‘modelagem’, comportam-se abrigando interações heterogêneas entre comunidades e atividades mistas que são requeridas pelo cruzamento das fronteiras. Apresentam-se, no espaço do conhecimento, como imagens dos sulcos para sementeiras, indicando o lugar da germinação híbrida que pode ser identificado ao processo fertilizador da interdisciplinaridade estrutural que abarca, sob feição combinatória, modelos segmentados e em posição de dualidade.

desvelar é preciso...

A disciplina que desponta na área acadêmica configurando-se como responsável e, também, voltada à associação da Pesquisa Artística e da

¹¹ KLEIN, J. T. Op. cit. Cap: Interdisciplinary futures. p. 218.

Documentação / Informação Artística, é fruto das recentes investigações vinculadas aos museus com ênfase a partir do início dos anos 80, embora, traduzam etapa anterior de processo (anos 60/70, que a criação do CIDOC ilustra) ligado à identificação e avaliação de lacunas, bem como ao esforço progressivo do entendimento da própria área no quadro dos movimentos que pontuam o conhecimento.

Os estudos que mobilizaram os pesquisadores de assuntos artísticos, ao longo desse tempo, permitiram que se identificasse e traduzisse as linhas temáticas fundamentais de orientação para análises do setor, determinando-se um complexo de base quaternária associando: o Artista, a Obra, a Vida e o Contexto ¹² que, alicerçado nas questões debatidas pelo campo da Arte, apontou a necessidade de integração entre esses indicadores como pontos de fixação para as trilhas intertextuais (integrando, desse modo, saberes / discursos de diferentes naturezas) que demandam ao caminho da interpretação e da narrativa da expressão artística.

A questão dominante no espaço da Informação em Arte (conforme se vem abordando) tem sido o debate focalizando as características do processo que envolve o problema da conexão entre o objeto artístico e a informação fornecedora dos conteúdos para a sua investigação, ¹³ o mesmo que interligação entre as ambientações das percepções artísticas nas suas duas vertentes interpretativas, envolvendo a figura do artista e a sua trajetória no campo e fora dele. Portanto, o complexo quaternário relacionado à produção / criação e à recepção / apreciação da obra de arte, correspondendo ao binômio *produtor e o produto* obra de arte associado, por sua vez, aos seus *referentes técnico-interpretativos para estudos* que são representados pelos períodos históricos coexistente e posteriores às ocorrências artísticas e as múltiplas aparências das abordagens culturais (heterogeneidade dos enfoques / saberes) que as elegem como elemento de interesse. Dizem respeito, desse modo, ao atendimento das necessidades

¹² LIMA, D. F. C. In: PINHEIRO, L V R, GÓMEZ, M N G. 2000. Op. cit.p. 24.

¹³ BARNETT, Patricia J. An art information system: from integration to interpretation. Library Trends: Champaign/Illinois: 37, (2): Fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual. p. 203-204.

do conhecimento que se apresentam revestidas como demandas técnicas (sociais) dos visitantes das exposições museológicas, em sentido amplo --- largamente subsidiadas pelas pesquisas internas da instituição com suas comunidades profissionais responsáveis pelo estudo dessas linguagens dos acervos que se entrelaçam --- e dos usuários dos centros de informação de arte, no próprio local real (físico) das instalações e no espaço virtual dos (sites) dos museus e instituições afins, que abrem seus acervos às consultas na rede internacional de comunicação, nos dias atuais.

É possível, dentro desse contexto de informação e museus / Museologia, estabelecer a seguinte analogia entre a linguagem do campo da Arte no que concerne às obras em acervos e o vocabulário da Ciência da Informação: a obra de arte se faria representar no mesmo nível que se entende por literatura de; e os referentes técnico-interpretativos que colocam a obra sob seu foco de interesse, seja qual for o motivo e independente da apresentação dos gêneros temáticos de enfoque e das formas técnicas dos recursos e suportes, estariam representados como literatura sobre, assim englobando olhares representados pelos planos das percepções da criação ou do autor e da apreciação acerca da criação do autor, formalizando o contexto interpretativo que se interliga nas leituras da Arte. Esse conjunto da e para a interpretação museológica, sintetiza o resultado da combinação do objeto museológico e a informação que se nomeia contextual, baseada nas fontes bibliográficas (sentido amplo).

Torna-se possível, em razão desse caráter constitutivo, refletir acerca da Informação em Arte formalizando-se como um novo território interdisciplinar, ou domínio do conhecimento, em processo de organização reunindo aportes de três dimensões disciplinares Museologia, Arte e Informação, em consonância com o trabalho peculiar das Pesquisas em Artes 'exigindo' que os referentes ditos 'da arte' estejam concordes com necessidades plurais / múltiplas, ou seja, heterogêneas e postuladas pelos conhecimentos dos acervos, assim como os conhecimentos por eles gerados, construindo o processo da geração e transferência da informação. Todo esse quadro permite que se possa perceber o perfil do processo

híbrido de formação de um campo sendo plasmado, distinguindo sua configuração segundo o modelo da interdisciplinaridade estrutural que conjuga visões dos planos teórico e prático.

A área temática do conhecimento que se está formando, divisada pelo encaminhamento de um cenário de mudanças, por esse modo, faculta apresentar-se como espaço para ocorrência, também, de outros saberes e práticas de grupos ligados às Artes, onde se mostram diversificados, ainda, os interesses das investigações na variedade das características culturais apresentadas pelas demandas dos pesquisadores que, em verdade, são reflexos das próprias injunções das manifestações artísticas consolidadas pelas novas dimensões e interrogações do conhecimento.

Tendo em vista que a Arte representa um dos sistemas simbólicos criados pelo universo cultural para explicar, sob sua perspectiva, a relação do homem com o real (do mesmo modo pelo qual é feita a interpretação construída pela Ciência), a concepção antropológica que reconhece a produção artística como produção de ordem simbólica descortina,¹⁴ em se tratando da Informação em Arte, um cenário plural para aquilo que se está definindo como natureza do seu produto e para aqueles que dele fazem uso. Isso se dá porque a concepção citada abrange os variados aspectos das significações culturais, apresentando-se ligados aos enfoques que se debruçam sobre a temática de ordem artística e, doravante, complementa-se às especificidades da informação, na convergência dos saberes que estão desenhando esse novo espaço interativo, campo de caráter híbrido.

A Informação em Arte, paulatinamente, está traçando e buscando fixar um espaço de ação, cuja tarefa básica do seu exercício de reflexão tenha como diretriz a prática voltada para elaborar e fornecer informação dentro de parâmetros técnico-conceituais compatíveis e adequados à multiplicidade das questões ligadas às Pesquisas em Artes. Essas questões surgem sob diversas modalidades das manifestações e práticas culturais, ricas em significados, (as significações simbólicas) espelhando o que se

¹⁴ VELHO, G., CASTRO, E. B. V. de. O conceito de cultura ... Op. cit.

denomina de *intertextualidade do campo cultural* ¹⁵ e cuja raiz, faz-se importante ressaltar, é a mesma que faz brotar a interdisciplinaridade.

No espectro das ocorrências das formações híbridas ¹⁶ o grande número “de espécies mescladas” verificada nas Ciências Sociais e Humanas, não surge como acontecimentos “isolados” em virtude de tais variedades expressarem, no terreno social, “um jogo” de elementos integrantes da transformação “cultural que passa” a produzir explicações que se fundam em “formas simbólicas”.

Espécies disciplinares de formação híbrida e jogo cultural de transmutação explicitando-se sob forma simbólica impõem o tema do interdisciplinar e a metáfora do campo com todas as implicações que foram expostas e discutidas ao longo da presente tese. Retoma-se, em função disso, a reflexão que distingue os campos estudados nas suas “significações” por Pierre Bourdieu sob o prisma da “sociologia dos sistemas simbólicos”, evidenciando a “teoria dos campos” por ele proposta, quando caracterizados como espaços de atividades sociais significativas, nos quais as relações objetivas se organizam em disposições sociais de vários aspectos, instaurando uma arena de lutas expressivas pela posse do poder simbólico. Correspondendo tais disputas às tensões que situam, no universo do saber, o confronto entre disciplinaridade e interdisciplinaridade sob a face do modelo do paradigma hegemônico versus o modelo do paradigma emergente.

A imagem desse comportamento de embates dos campos traduz a concepção conceitual e operacional de *territórios do poder simbólico*, na medida em que eles se fundamentam no *monopólio da legitimidade da produção intelectual e na competência de um corpo de profissionais*, ou seja, os especialistas responsáveis pela produção erudita, ou ideológica e, ainda, política --- conforme entendimento de Bourdieu --- que imprime feição particular ao campo.

¹⁵ KRISTEVA, J. Apud FALCON, F. J. C. Op. cit. p. 9.

¹⁶ GEERTZ, Clifford. Blurred genres: the refiguration of social thought. American Scholar. 42, 2: 1980. Reprinted in Local knowledge: further essays in interpretive anthropology. New York: Basic Books. 1983. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 9.

Esse espaço, como qualquer outro território do conhecimento, “é localizado” e, na qualidade de lugar de pesquisa, transforma-se em “local da experiência”, promovendo a “rotina” na qual se obtém a prática e determina um “espaço negociado ... de competição”.¹⁷

Em sendo as categorias sociais das percepções, apreciações e ações (matriz do *Habitus*) formas do exercício do poder simbólico, manifestadas nos aspectos distintivos que emprestam aos seres e entidades, no que concerne tanto às comunidades profissionais --- corpo socializado representando os segmentos do saber --- como ao universo dos museus, distingue-se que, nos grupos identificados aos domínios do conhecimento dos acervos ditos museológicos e daqueles nomeados bibliográficos (relativos a divisões de saberes aludidos aos museus, arquivos e bibliotecas), o jogo social de relações de força entre haveres de competência cultural tende para o processo de ‘(com)vivência’ em solo comum --- a zona de acordo ou da negociação que, como área de trabalho (área de fronteira comum) permite, estrategicamente, a ‘(sobre)vivência’ sob nova forma --- qual seja, o espaço referenciando a informação museológica.

A categoria técnica e profissional documentalista(s) de museu(s) leva a considerar, no tocante às significações expressas pelo campo cultural, a emergência do ‘produto’ híbrido das comunidades e das interlinguagens do conhecimento gerado no *contexto* do complexo museológico e, por oportuno, há que lembrar: “o próprio contexto é um texto de várias espécies”,¹⁸ remetendo à reflexão quanto ao aspecto de que se reveste à *força do sentido*, conforme explicitado por Bourdieu.

Torna-se interessante reflexionar com relação aos documentalistas de museus --- uso de um termo que, especificando determinada especialidade do conhecimento, leva a considerar a prática do sistema da divisão, o “*princípium divisionis*” dos sistemas simbólicos --- e aos demais

¹⁷ CERTEAU, Michel de. *The practice of everyday life*. Trans. Steven F. Rendall. Berkeley: Univ. of California Press. 1984. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 6.

¹⁸ LACAPRA, Dominik. *Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language*. N. York: Ithaca. 1983 p. 64. Apud KRAMER, Lloyd S. *Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra*. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131-173. (Coleção O homem e a história).

profissionais envolvidos com o processo de documentação / informação / comunicação museológica que, também, são passíveis de serem reconhecidos representando um grupo que busca deter competência cultural. E, ainda, pelos trabalhos interdisciplinares (e desse modo, específicos) que vem sendo desenvolvidos juntamente com outros profissionais de museus, considerar se já não estaria sendo ‘determinado’, isto é, legitimado, um espaço o qual estão empenhados em particularizar.

Esse espaço oriundo da zona comum de recobrimento de áreas que atinge e sobrepõe-se às fronteiras do conhecimento, em cerca de vinte anos de Informação em Arte (datando-se a partir do MPP), movimenta-se talhando por meio de “relações multidimensionais” (interdisciplinares) ¹⁹ --- espelhando contradição, complexidade e acordos estratégicos --- o seu lugar no universo do saber para situar-se na categoria das áreas especializadas de produção do conhecimento do real, os denominados “campos”, de modo igual ao “campo artístico”, “campo científico”, “campo religioso” ou campo da disciplina X e campo da disciplina Y, entre tantas formas sob as quais se apresentam esses “domínios específicos [do saber e] da realidade social”. ²⁰

No tocante à busca de posição e ocupação do território, torna-se possível argumentar que esse comportamento assemelha forjando-se à imagem de uma seção ou espaço, atuando dentro do padrão da reprodução cultural do modelo de dominância por áreas, feição para qual a interdisciplinaridade surgiu como contra-argumento e luta a favor da unidade do conhecimento.

Talvez, a partir dessa postura assumida, cabe que se compreenda tal ação ao modo de estratégia interdisciplinar e peculiar ao comportamento da

¹⁹ Conforme, anteriormente mencionado: entendimento dado ao termo que foi usado por Zhang Yuxiao, autor da área da Ciência da Informação, em artigo abordando o caráter interdisciplinar do campo quando, então, contempla a Museologia nesse processo.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. 1986. Op. cit.

BOURDIEU, Pierre. 1989. Op. cit.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1997. Primeira reimpressão com alterações do autor.

denominada “*estrutura de sombra*”,²¹ tendo em vista que essa maneira de agir é recurso designado como conjunto de estruturas e estratégias que desafia a metáfora prevalente --- aquela ocupante da posição central e representada pela disciplinaridade. Assim, a desafiante toma posição para assumir a passagem em direção à estrutura oposta, localizada sob o foco da luz, o reino do disciplinar. A imagem do paradigma emergente --- a interdisciplinaridade --- deslocando-se em direção ao espaço onde se situa o paradigma hegemônico --- a disciplinaridade --- vai deixando que, sob o facho iluminado, vislumbre-se sua forma assomando no horizonte radioso da ocupação.

Ao estar organizando-se ao modo de campo (do poder) simbólico, o modelo interdisciplinar da Informação em Arte permite que seja compreendido, da mesma forma, de acordo com os trabalhos desenvolvidos por Roger Chartier,²² na perspectiva de *manifestação cultural* segundo os aspectos de práticas e representações consoante os modelos e atitudes / atividades que o seu próprio campo estiver referendando.

Nesse tema dos princípios e comportamentos que movimentam e são acatados pelo campo e suas respectivas comunidades, a análise e avaliação desenvolvidas acerca da natureza da disciplina Informação em Arte apontaram como motivo primordial a ser levado em conta, nos estudos que encaminham os procedimentos para atendimento das necessidades sociais da área (que, aqui, se esclarece: para o pensamento e a ação), aquele que realiza a visão de conjunto “*entre a informação do objeto e ... informação bibliográfica*”²³ (esse entendimento em sentido amplo, independente das filigranas que apontam diferenças de naturezas e enfoques de tratamento entre documentos / testemunhos do patrimônio). E a leitura desse processo cultural pelo prisma das relações de sentido, conduz à compreensão das comunidades mistas --- circunscritas, outrora, ao insulamento calcado na ênfase atribuída à diferenciação pelo entendimento dado aos acervos, em detrimento das aproximações forjadas pelos pontos de contato --- como

²¹ LEMERT, C. C. Apud KLEIN, J. T. Op. cit. p. 4.

²² CHARTIER, R. Op. cit.

²³ BARNETT, P. J Op. cit.. p. 204.

estabelecidas em relações de similaridade e sedimentadas sobre terreno comum em ajustes de idéias e comportamentos, doravante, organizadas sob a forma da interação que compõe, na heterogeneidade, a fecunda natureza do híbrido.

Nesse momento, sobretudo, é preciso destacar que a perspectiva se projete em todos as faces relacionais “suscetíveis de existir entre a ciência e a sociedade, entre as diversas instituições... ou entre as diversas ciências”,²⁴ visão que é da ordem da multiplicidade / pluralidade --- da interdisciplinaridade --- conforme se tem estado argumentando e, agora, mais uma vez, está sendo enfatizado.

No mundo do saber, a construção da disciplina científica é elaborada pela maneira como trata e resolve os seus problemas,²⁵ ou melhor, pelo conhecimento que detém de si própria e, por conseguinte do seu domínio que, na Informação em Arte, conforme já se abordou, refere-se às facetas disciplinares e sociais da conjugação do conhecimento e das comunidades ligadas ao discurso da arte e discurso sobre arte, consubstanciadas nos acervos de bens (testemunhos) culturais representados pelos documentos da arte e documentos sobre arte. São os discursos / documentos que constituem a matéria de conteúdo informacional para as Pesquisas em Artes, o mesmo que, aquelas investigações que se desenvolveram e desenvolvem-se em um complexo da informação existente e oferecido nos museus como resultado da própria natureza da sua constituição.

Reconhece-se, também, que uma disciplina para responder a tal incumbência, em nível teórico e prático, deve efetivar o conhecimento do seu próprio campo e do espaço relacional no qual se movimenta. Assim, para tanto, cabe aos especialistas em Documentação / Informação de Museus (museum documentalists) explorar a “Epistemologia das pesquisas”²⁶ e

²⁴ BACHELARD, Gaston. A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Editorial Presença. 1987. p. 44.

²⁵ SARACEVIC, T. In: VAKKARI, P., CRONIN B. Op. cit. p. 11.

²⁶ SLEDGE, Jane, Nancy, BRYAN. Let a thousand flowers bloom: the great leap forward in museum information, CIDOC Study Series. France: ICOM - International Committee for Documentation, v.3, dec 1996. p. 13.

demais atividades que estão acontecendo, em razão de tais trabalhos / ações consubstanciarem indicadores das necessidades (dos desejos, ou dos poderes...) daqueles agentes institucionais e individuais envolvidos com tal tema.

Nessa arena do conhecimento, ainda a ser explorada, foram representantes que apontam o terreno comum da Museologia e da Ciência da Informação pontuado pela inserção da Arte: a produção do CIDOC e da ASIST por meio das diversas atividades encetadas, entre elas: programas, pesquisas e projetos de universidades, museus e demais entidades; as ações de museus e entidades culturais (a exemplo daquelas que foram descritas como a Fundação Getty e outras); bem como o conjunto da produção acadêmica do PPGCI, do MMSD e, também a pesquisa acadêmica na UNI-RIO.

Por fim, do mesmo modo que compete ao artista *desvelar a arte*, é preciso que se continue *desvelando esse objeto...* , Informação em Arte.

Jane Sledge e Nancy Bryan, do Getty Information Institute, atual Getty Research Institute, tendo sido Sledge, ainda, membro do grupo diretor do CIDOC.

BIBLIOGRAFIA

AATA ONLINE. Disponível em: <<http://www.getty.edu/news/press/online/webby.html>>. Acesso em: junho - 2002

AATA ONLINE -- ART AND ARCHAEOLOGY TECHNICAL ABSTRACTS. Disponível em: <<http://aata.getty.edu/NPS/>>. Acesso em: maio/junho -- 2002.

A COLEÇÃO CONSTANTINI NO MUSEU DE ARTE MODERNA [MAM] DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: (?) s/edit. 1998. 349 p. Catálogo de exposição temporária.

ALLEN, Nancy S. The Museum Prototype Project of the J. Paul Getty Art History and Information Program: a view from the library. Library Trends. Champaign/Illinois: 37, (2): 175-193 fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual.

AMERICAN ASSOCIATION OF MUSEUMS: ABOUT MUSEUMS. DID YOU KNOW ? Disponível em: <<http://www.aam-us.org/public.cfm>>. Acesso em: junho - 2002.

AMERICAN MUSEUMS. Disponível em: <<http://icom.museum/vlmp/usa.html>>. Acesso em: maio/junho - 2002.

ANNIVERSARY OF THE JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE, (50TH). JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n. 12, October 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1299.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS [ARCHIMUSE]. Disponível em: <http://www.archimuse.com/consulting>>. -- <<http://www.archimuse.com/consulting/trant.html>>. -- <<http://www.archimuse.com/consulting/perrot.html>>. -- <<http://www.archimuse.com/consulting/bearman.html>>. Acesso em: julho - 2002.

ARINO, Martine. Pierre Bourdieu: le 'militantisme scientifique'. Esprit critique - Revue électronique de Sociologie. France. v. 4 n. 3, mars 2002. Numéro spécial sur la vie et l'oeuvre de Pierre Bourdieu. Disponível em: <<http://www.espritcritique.org>>. Acesso em: abril - 2002.

ASIS ANNUAL CONFERENCE, 1998. Information Access in the Global Information Economy. October 26 – 29, Pittsburgh, Pennsylvania. Disponível em: <http://www.asis.org/Conferences/AM98/html/am98ce_sun.html#sigcr>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1996. Annual Meeting Preview. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 2, n. 5, p. 6-9, June-July 1996. Reprinted with permission from *Science*, v. 270, p. 247-249, October 13, 1995. Copyright 1995, American Association for the Advancement of Science. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96>>. Acesso em: junho - 2002

ASIS ANNUAL MEETING, 1996 -- PROCEEDINGS. Global Complexity: Information, Chaos and Control. ASIS Annual Meeting 1996, October 19-24. Baltimore, Maryland. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96/ElectronicProceedings/>> Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1996 -- PROGRAM. Global Complexity: Information, Chaos and Control. ASIS Annual Meeting 1996, October 19-24. Baltimore, Maryland. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96/program.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1997. Annual Meeting Coverage. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 2, December 1997-January 1998. Extra Web Exclusive, Additional Annual Meeting Coverage. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Dec-97/index.html>BULLETIN>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1997. Organizing Internet Resources: Metadata and the Web. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 1, October-November 1997. Número enfocando artigos específicos sobre Web, um dos segmentos dentro do tema geral da reunião anual. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-97/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING 1997. PROGRAM. Digital Collections: implications for users, funders, developers and maintainers. November 01-06, Washington, DC. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-97/conted.htm>>. Acesso em: junho - 2002; SESSION ABSTRACTS. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-97/sessions.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1998. Emerging Informations Standards. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n.1, October-November 1998. Inside ASIS. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-98>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1998. Other ASIS Pre-Conference Events -- 9th Classification Research Workshop (sponsored by ASIS SIG/CR). Disponível em: <http://www.asis.org/Conferences/AM98/html/am98ce_sun.html#sigcr>. Acesso em: maio/junho-2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1999 -- Annual Meeting. Knowledge, Creation, Organization and Use. October 31 - November 4, Washington, DC. Continuing Education Courses -- Metadata for digital libraries. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM99/Program/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1999 -- PROGRAM. Annual Meeting. Knowledge, Creation, Organization and Use. October 31 - November 4, Washington, DC. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM99/Program/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 2000 -- PROGRAM, TECHNICAL SESSIONS. Knowledge Innovations: Celebrating our Heritage, Designing our Future. November 11-16. Chicago. Illinois. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM00/overview.html>>. --- <<http://www.asis.org/Conferences/AM00/thursdaydetail.html#r10302>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1998. The New Information Professional. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 3, February-March 1998. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Feb-98/bearman.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. ASIS Midyear Meeting, 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 4, April -May 1999. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-99/1999_mid-year_meeting_session_.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. ASIS Mid-Year Meeting, 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 4, April -May 1999. Inside ASIS. Continuing Educations Courses. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-99/inside_asis.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. Globalization and Information Technologies: New Emerging Partnerships. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 5,

June-July 1999. MUSEUMS AND THE WEB' 99. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/museums_and_the_web>. METADATA INITIATIVE. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/metadata_initiative.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. Theory and Practice in the Organization of Images and Other Visuo-Spatial Data for Retrieval. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 6, August - September 1999. Special Section. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Aug-99/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. The Digital Libraries Initiative. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 1, October-November 1999. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-99/griffin.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 2000. Annual Meeting Coverage: 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 2, December-January 2000. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00>>. ---- <http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/track_2.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 2000. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 3, February-March 2000. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Mar-00/marty.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1996 -- CONFERENCE PROGRAM. Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text- MESL. ASIS Midyear Conference Session. Sponsoring Organization: SIG VIS Special Group (Visualization, Images and Sound). Disponível em: <http://www.asis.org/midyear-96/asismy_final.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1996 -- PROCEEDINGS. The Digital Revolution: Assessing the Impact on Business, Education, and Social Structures. Disponível em: <<http://www.asis.org/midyear-96/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1996 -- PROGRAM. San Diego, California. 18-22 May, 1996. Disponível em: <<http://www.asis.org/midyear-96/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 -- A Look at the ASIS Mid-Year Meeting: Information Privacy, Security and Data Integrity. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 23, n. 4, April-May 1997. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Apr-97/2infoprivacy.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 --TECHNICAL PROGRAM. Information Privacy, Security and Data Integrity. May 30 - June 04, Scottsdale, Arizona. Disponível em: <<http://www.asis.org/midyear-97/program.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1998. Collaboration across boundaries: theories, strategies and technologies. ASIS Midyear Meeting, May 16-20. 1998. Orlando, Florida. Continuing Education Courses - Introduction to image databases. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/contEd.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1998 -- CONFERENCES [sessions contents]. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/Panel-Case.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1998 -- PROCEEDINGS. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/proceedings.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1998 -- TECHNICAL PROGRAM, CONFERENCE WEB PAGES. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May 16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/contEd.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1999 -- CONFERENCE. Evaluating and Using Networked Information Resources and Services. May 24 – 26, Pasadena, California. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY99/contributedpapers.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1999 -- CONFERENCE. Evaluating and Using Networked Information Resources and Services. May 24 – 26, Pasadena, California. Network access to visual information: a study of costs and uses. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY99/contributedpapers.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS SIG/CR (9) Classification Research Workshop. Images and Visualization SIGVIS NEWS. v. 2, n. 1, spring 1998. Held (Sunday, October 25, 1998) in conjunction with ASIS '98, Annual Meeting. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/9thasis.htm>>. Acesso em: junho- 2002.

ASIS SOUTHERN OHIO CHAPTER, 2000 -- SOASIST LEXIS-NEXIS Technical Library. November. Daytona, Ohio. Disponível em: <<http://www.asis.org/Chapters/soasis/events/20001130.html>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIST [CONFERENCES, MEETINGS]. Disponível em: <<http://www.asis.org/>>. Acesso em: julho/agosto -2002.

ASIST PUBLICATIONS. Disponível em: < <http://www.asis.org/publications>>. Acesso em: setembro - 2002.

ASSOCIATION OF ART MUSEUM DIRECTORS -- AAMD. Disponível em: <<http://www.aamd.org/>>. Acessado em: julho - 2002.

BACHELARD, Gaston. A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Editorial Presença. 1987.

BARNETT, Patricia J. An art information system: from integration to interpretation. Library Trends Champaign/Illinois: 37, (2): Fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação no mundo da técnica. ECO - Publicação da pós-graduação de Comunicação/UFRJ. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ. v. 3. p. 25-34.1992. (Série Diversos).

BARROSO, Gustavo. Introdução à técnica de museus. 2 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1951. 2 v. v.1, parte geral e parte básica. 1951; v. 2, parte especializada. 1952.

BAUDRILLARD, Jean. A moral dos objetos: função-signo e lógica de classe. In: MOLES, Abraham, BAUDRILLARD, Jean, BOUDON, Pierre, LIER, Henri van, WAHL, Eberhard. Semiologia dos objetos. Petrópolis: Vozes. p. 42-87. 1972. (Coleção Novas Perspectivas em Comunicação, 4). Seleção de ensaios da revista Communications. n 13, 1969.

BAUDRILLARD, Jean. Para uma crítica da economia política do signo. Lisboa: Edições 70. 1981. cap: 5ª. parte. O leilão da obra de arte. p.123-146. (Série Arte e Comunicação).

BECHER, Tony, HUBER, Ludwig. Editorial. European Journal of Education. [S.l.] 25, 3, 1990. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinaries, and interdisciplinaries. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

BENNETT, Tony. The birth of the museum. London: Routledge. 1995.

BESSER, Howard, TRANT, Jennifer. Introduction to imaging: issues in construction an image database. Santa Monica: Getty Art History Information Program – AHIP, J. Paul Getty Trust. 1995. Imaging Initiative

BORKO, H. Information Science: what is it ? American Documentation. v. 19. n. 1. p. 3-5. 1968.

BOUDON, Pierre. Sobre o estatuto do objeto: diferenciar o objeto do objeto. In: MOLES, Abraham, BAUDRILLARD, Jean, BOUDON, Pierre, LIER, Henri van, WAHL, Eberhard. Semiologia dos Objetos. Petrópolis: Vozes. p. 88-126. 1972. (Coleção Novas Perspectivas em Comunicação, 4). Seleção de ensaios da revista Communications. n 13, 1969.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983a.

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. (Org.) Renato Ortiz; (Coord.) Florestan Fernandes. São Paulo: Ática. 1983b. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. (Introd. Org. Sel). Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos).

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).

BOURDIEU, Pierre. The field of cultural production: essays on art and literature. New York: Randal Johnson/Columbia University Press, 1993. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinaries, and interdisciplinaries. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

BOURDIEU, Pierre, HAACKE, Hans. Livre-Troca: diálogos entre ciência e arte. Apres. Inès Champey. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1997. Primeira reimpressão com alterações do autor.

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. Sur les ruses de la raison impérialiste. Actes de la recherche en Sciences Sociales. France. 121/122. p. 109 -118. 1er. trimestre, mars. 1998

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. A redução da política. Tradução Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Folha de São Paulo, São Paulo. 03 fev. 2002. Caderno MAIS.

BRAGA, Gilda Maria. Prefácio. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. (Org.) Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP. 1999. p. 9-10.

BRIET, Suzane. Qu'est-ce que la documentation?. 1951.

BRILLIANT, Richard. How an art historian connects art objects and information. Library Trends. Champaign/Illinois: 37, (2): 194-205, fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual.

BROIODO, Jonathan. Interdisciplinarity: reflections on methodology. In: KOCKELMANS, Joseph. (Ed). Interdisciplinarity and higher education. University Park: Pennsylvania State University Press. 1979. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

BUCKLAND, Michael, LIU, Ziming. History of information science. Annual Review of Information Science and Technology – ARIST, v. 30, 1995.

BURKE, Frank G. The future course of archival theory in the United States. The American Archivist, 44 (1): 40-46, winter. 1981.

CAA - COLLEGE ART ASSOCIATION .Disponível em: <<http://www.collegeart.org/caa/aboutcaa/caaadma>>. Acesso em: gosto - 2002

CAMERON, F. Duncan. The museum, a temple or the forum? Curator, v. 14, n. 1, p.11-24, 1971.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad. México, DF: Grijalbo, 1990. (Coleção Los Noventa).

CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ. 1995. cap: Introdução: consumidores do século XXI, cidadãos do século XVIII. p. 13-47. --- cap: Rumo a uma teoria multidisciplinar. p.52-56.

CARVALHO, Gerardo. A. de. Um sistema de documentação didática para o Curso de Museus. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MHN; MEC. v. 19. 1968.

CASTELLS, Manuel. Museos en la era de la información: conectores culturales de tiempo y espacio. NOTICIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 56, n. 1, p. 4-7, 2003. Número especial dedicado a la Conferencia General del ICOM (19), 01 - 06 julio 2001, Barcelona, España.

CASSIRER, Ernest. Antropologia Filosófica. Rio de Janeiro: Mestre Jou.1977.

CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO. Medalha, arte e tecnologia. Museu Nacional de Belas Artes/MNBA, Rio de Janeiro, 12 de abril – 08 de maio, 1977. Rio de Janeiro: MNBA, Ministério da Educação e Cultura/MEC; Casa da Moeda do Brasil; Clube da Medalha do Brasil. 1977.

CATEGORIES FOR THE DESCRIPTION OF WORKS OF ART. New York: G.K. 1994. James M. Bower, project manager; Murtha Baca, senior editor. Hall on behalf of the J. Paul Getty Trust.

CATEGORIES FOR THE DESCRIPTION OF WORKS OF ART is a product of the Art Information Task Force (AITF). Edited by Murtha Baca and Patricia Harpring. Copyright 2000 The J. Paul Getty Trust & College Art Association, Inc. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/cdwa/3_cataloging_examples/index.html>. Acesso em: junho - agosto 2002.

CERTEAU, Michel de. The practice of everyday life. Trans. Steven F. Rendall. Berkeley: Univ. of California Press. 1984. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing

boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

CESTEH -- Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. FIOCRUZ. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/deptos/ceste/ceste.htm>>. Acesso em: fevereiro 2003.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

CHATARIS, A. Algumas opiniões sobre Engenharia, Psicologia e sistema. Psicologia da engenharia e psicologia. Moscow: Progresso, 1964. p. 86-128. Apud MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GYLIAREVSKY, R. S. Informatics: its scope and methods. In: FID/RI. International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information. 1969. (FID 435).

CIDOC. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/cidoc0.htm>>. Acesso em: maio 2002.

CIDOC. BIBLIOGRAPHIES AND CATALOGUES OF RESOURCES FOR MUSEUM PROFESSIONALS. --- THE CANADIAN HERITAGE INFORMATION NETWORK - CHIN. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/bibliogs.htm>>. Acesso em: maio 2002.

CIDOC. Compte rendu de la réunion annuelle qui a eu lieu à Nairobi, Kenya du 23 au 28 septembre 1996. [S.l.], CIDOC. [1996?]. 6 p. Jeanne Hogenboom CIDOC Chair, Pays-Ba.

CIDOC CONFERENCE, 1995. International Committee for Documentation – ICOM, Stavanger, Norway. Oslo: Norsk Museumsutvikling for CIDOC, 1995c. 76 p

CIDOC CONFERENCE 98. Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/cidoc/conf98.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

CIDOC CONFERENCE 2000 AND CHIN - CANADIAN HERITAGE INFORMATION NETWORK, PROGRAM. Disponível em: <<http://www.chin.gc.ca/Resources/Cidoc/English/aug22>>. Acesso em: maio - junho 2002.

CIDOC CONFERENCE. 2002, International Committee for Documentation.. Preserving Cultures: Documenting Non Material Heritage. 17-20 setembro. Porto Alegre. CIDOC - ICOM. 2002. Notificação oficial enviada aos membros do CIDOC: carta-convite e formulário de inscrição.

CIDOC GROUPS - WORKING GROUPS. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/board1.htm>>. --- <http://cidoc.ics.forth.gr/crmgroup_status.html>. Acesso em: agosto – 2002.

CIDOC - International Committee for Documentation, International Council of Museums (ICOM). International guidelines for museum object information: the CIDOC information categories. CIDOC, 1995a. Edited by a joint project team of the CIDOC Data and Terminology and the CIDOC Data Model Working Groups. Editors: Alice Grant, Joséphine Nieuwenhuis, Toni Petersen. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/guide/guide.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

CIDOC - International Committee for Documentation. Draft international core data standard for archaeological sites and monuments. [s.l.]: CIDOC Archaeological Sites Working Group. 1995b.

CIDOC -- INTRODUCTION TO THE DRAFT INTERNATIONAL CORE DATA STANDARD FOR ARCHAEOLOGICAL SITES AND MONUMENTS. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/arch0.htm>>. Acesso em: maio - 2002.

CIDOC - International Committee for Documentation. CIDOC Study Series. France: ICOM - International Committee for Documentation. v. 3, dec.1996a.

CIDOC - International Committee for Documentation. International core data standards for ethnology/ethnography / Corpus international de traitement normalisé des données en ethnologie/ethnographie. [Patras]: CIDOC Etho Working Group, Patras University and ICOM Hellenic National Committee. 1996b.

CIDOC -- INTRODUCTION TO THE INTERNATIONAL CORE DATA STANDARD FOR ETHNOLOGY/ETHNOGRAPHY. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/ethst0.htm>>. Acesso em: maio - 2002.

CIDOC - International Committee for Documentation, International Council of Museums (ICOM). Introduction to Multimedia in Museums. Hague: CIDOC Multimedia Working Group – MMWG. 1996c. Edited by Ben Davis and Jennifer Trant, final editing by Jan van der Starre. Editorial Committee composed of David Bearman (USA), Jan van der Starre (The Netherlands), and Tine Waning (Denmark). The editing and production of the report was completed in collaboration with the Imaging Initiative of the Getty Information Institute (formerly the Getty Art History Information Program).

CIDOC -- INTRODUCTION TO MULTIMEDIA IN MUSEUMS. Disponível em: <<http://www.rkd.nl/pklctns/mmwg/home.htm>>. Acesso em: julho – 2002.

CIDOC -- LABELLING AND MARKING OBJECTS. (CIDOC Fact Sheet; 2). CIDOC Services Working Group, 1994. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/home.htm>>. Acesso em: maio -2002.

CIDOC, MDA, CONFERENCE 1999. Delivering diversity: promoting participation, 6-10 September 1999, Imperial College. London. London: mda Information. v. 5, n. 3, 1999. CIDOC in partnership with the mda - Conference Proceedings. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/info53.htm#Contents>>. Acesso em: outubro - 2002.

CIDOC, MDA CONFERENCE PROGRAM 1999. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/conference1999/index.htm>>. Acesso em: outubro - 2002.

CIDOC, MDA CONFERENCE PROGRAM 1999. [Delivering diversity: promoting participation]. London, United Kingdom, September 6-10, 1999. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1999. [8 p.]. Chair Patricia Young, Canada

CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1996. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 7. August 1996. 83 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica

CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1997. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 8. August 1997. 63 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1998. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 9. August 1998. 51 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 2000. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 10. July 2000. 46 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp.

CIDOC PROGRAM CONFERENCE -- THE 1997 CONFERENCE OF ICOM CIDOC. Disponível em: <<http://www.icom.org/conf97htm>>. Acesso em: setembro – outubro 2002.

CIDOC PROGRAM PREVIEW -- CONFERENCE 2000. Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium. August 22-26, 2000. Ottawa, Canada. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 2000. [8 p.].

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL BUSINESS MEETING 1999. [Delivering Diversity: Promoting Participation]. London, United Kingdom, September 6-10, 1999. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1999. [8 p.]. Chair Patricia Young, Canada.

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL BUSINESS MEETING 2000. [Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium]. Ottawa. Canada. August, 26, 2000 International Committee for Documentation, International Council of Museums -- CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 2000. 4 p. Chair Patricia Young, Canada.

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL MEETING 1997. [Quality and Documentation]. Nuremberg, Germany, September 8 and 11, 1997. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1997. [8 p.]. Chair Jeanne Hogenboom, The Netherlands.

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL MEETING 1998. [Documenting and Communicating of Cultural and Natural Diversity]. Melbourne, Australia, October 10 -16, 1998. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1998. [8 p.]. Chair Jeanne Hogenboom, The Netherlands.

CIDOC -- REGISTRATION STEP BY STEP: when an object enters the museum. (CIDOC fact sheet; 1). CIDOC Services Working Group, 1993. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/home.htm>>. Acesso em: maio -2002.

CIDOC WEB PAGES ON STANDARD, 1996-2001. Developments in Museum and Cultural Heritage Information Standards. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/stand1.htm>>. Acessado em: junho/agosto – 2002.

CIMUSET - Comitê Internacional em Ciência e Tecnologia do ICOM. Notícias del ICOM, Boletín del Consejo Internacional de Museos. France: ICOM-UNESCO. número especial, 50^o aniversario del ICOM. enero 1997. não paginado.

COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. Ensino Superior e Interdisciplinaridade: um caminho para a transformação no limiar do século XXI. Raízes e Rumos. Rio de Janeiro, n. 3, ano 2, p. 17-19. 1^o semestre. 1995.

COMMITTEE OF THE ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTION of Great Britain and Ireland. Notes and queries on anthropology. London: Routledge and Kegan Paul Ltd. 1970. cap: Parte III. Cultura material. p. 279-416.

COORDENAÇÃO DO MAAC. Curso de mestrado em administração de centros culturais: esquema conceitual. Apontamentos, MEMÓRIA E CULTURA. Revista do Curso de Mestrado em Administração de Centros Culturais. Rio de Janeiro. UNI-RIO. n. 1, ano II, p. 1-8. abril 1991.

CROFTS, Nick. Réflexions sur l'impact de la technologie de l'information sur la qualité de la documentation muséologique. Colophon CIDOC Bulletin - Comité International pour la Documentation, Anvers (Antwerp): Koninklijk Museum voor Schone Kunsten. v. 8, p. 33-38. août. 1997.

DELOCHE, Bernard. Muséologie e philosophie. In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ICOFOM] Museology and Philosophy. Coro, Venezuela, 28 nov-04 dec. 1999. ICOFOM Studies Series – ISS 31. Coro: ICOFOM/International Committee for Museology -- International Council for Museums-ICOM/UNESCO. 1999. p. 8- 17.

DESVALLÉS, André. A museologia e os museus: mudanças e conceitos. Rio de Janeiro. SPHAN/próMemória. Cadernos Museológicos. n. 1, 1989.

DOGAN, Mattei., PAHRE, Robert. Creative marginality: Innovation at the intersection of social sciences. Boulder Colo. Indiana University Press. 1990. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

DREYFUS, Jenny. Artes Menores. São Paulo: Anambi. 1959. cap: 1. Artes Mecânicas, Liberais, Arte Menor e Arte Decorativa. p. 7-12.

DURHAM, Eunice. Texto II. In: ARANTES, Antonio A. (Coord.) Produzindo o passado: estratégias para a construção do patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984. p. 23-58

ECO, Humberto. Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Coleção Debates, Estética).

ÉCOLE DU LOUVRE. Disponível em: <<http://www.ecoledulouvre.fr>>. Acesso em: agosto - 2002.

EISEL, Ulrich. About dealing with the impossible: an account of experience in landscape planning courses. European Journal of Education. 2, 3, 1992. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

FALCON, Francisco José Calazans. A história cultural. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1992. (Coleção Rascunhos de História).

FERREIRA, Luiz Otávio, BRITO, Nara. Os intelectuais no mundo e o mundo dos intelectuais: uma leitura comparada de Karl Mannheim e Pierre Bourdieu. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 133-150.

FERREZ, Helena Dodd., BIANCHINI, Maria Helena S. THESAURUS para acervos museológicos. Rio de Janeiro: Minc/SPHAN/Pró-Memória. 1987. 2 v.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. Estudos Museológicos. IPHAN. Rio de Janeiro. 1994. p. 65-74. (Cadernos de Ensaios 2).

FERREZ, Helena Dodd. PEIXOTO, Maria Elizabete S. (Compiladoras) Manual de catalogação: pintura, escultura, desenho, gravura. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes. 1995.

FINK, Eleanor. Foreword. In: THORNES, Robin. Protecting cultural objects through international documentation standards: a preliminary survey. Santa Monica: The Getty Art History Information Program -- J. Paul Getty Trust. 1995a. p.1

FINK, Eleanor. Foreword. In: BESSER, Howard, TRANT, Jennifer. Introduction to imaging: issues in construction an image database. Santa Monica: Getty Art History Information Program –AHIP, J. Paul Getty Trust. 1995b. [p. 3]. Imaging Initiative

FISHER, Donald. Fundamental development of the social sciences: Rockefeller philanthropy and the United States Social Science Research Council. Ann Arbor: Univ. of Michigan Press. 1993. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

FLOWER, Derek Adie. A biblioteca de Alexandria: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria. 2002.

FOSKETT, D. J. Informática. In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.) Ciência da Informação ou Informática ? Rio de Janeiro: Calunga. 1980. p. 9-51. Artigo publicado originalmente no Journal Documentation. v. 26, n. 4, p. 340-369, Dec. 1970.

FOSKETT, D. J. A Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.) Ciência da Informação ou Informática ? Rio de Janeiro: Calunga. 1980. Artigo publicado originalmente no Journal of Librarianship. v. 5, n. 3, p. 161-174, July 1973.

FRANCASTEL, Pierre. A realidade figurativa. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1982. (Coleção Estudos, 21).

FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL DO INTERIOR DE PERNAMBUCO/FIAM. Plano de preservação dos sítios históricos do interior -- PPSHI. Recife: Secretaria de Planejamento do Governo do Estado de Pernambuco. 1982. 286 p

GEERTZ, Clifford. Blurred genres: the refiguration of social thought. American Scholar. 42, 2: 1980. Reprinted in Local knowledge: further essays in interpretive anthropology. New York: Basic Books. 1983. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989.

GETTY. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/fda>>. Acesso em: maio - 2002.

GETTY -- ABOUT US. Disponível em: <<http://www.getty.edu/about/>>. Acesso em: junho - 2002

GETTY, Art History Information. CIDOC/MCN. - Source Book. California: J. P. Getty. 1996.

GETTY -- CATEGORIES FOR THE DESCRIPTION OF WORKS OF ART. Disponível em:

<http://www.getty.edu/research/institute/standards/cdwa/3_cataloging_examples/index.html>. Acesso em: junho - agosto 2002.

GETTY -- INTRODUCTION TO METADATA: PATHWAYS TO DIGITAL INFORMATION. Disponível em:

<http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/6_contributors/>. Acesso em: agosto - 2002.

GETTY -- NEWS ELECTRONIC PRESS RELEASES. Disponível em: <<http://www.getty.edu/news/press/online/webby.html>>. Acesso em: julho -2002.

GETTY -- PROVENANCE. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/provenance>>. Acesso em: junho - 2002.

GETTY PROVENANCE INDEX ON THE WEB. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/provenance/database.html>>. ---

<<http://www.getty.edu/publications/ctl/index.html>>. Acesso em: junho – 2002.

GETTY RESEARCH. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/>>. Acesso em: junho - 2002.

GETTY RESEARCH INSTITUTE. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards>>. Acesso em: maio/julho – 2002.

GETTY -- RESEARCH ON COLLECTIONS PROVENANCE: 1933-1945. J. PAUL GETTY MUSEUM. -- Introduction; -- Selected Resources On Holocaust-Era Art Issues. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/provenance>>. Acesso em: junho - 2002.

GETTY -- SPECIAL COLLECTIONS FINDING AIDS. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/tools/special_collections.html>. Acesso em: agosto - 2002

GETTY STANDARDS AND DIGITAL RESOURCE MANAGEMENT PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/cdwa/>>. --

<<http://www.getty.edu/research/institute/standards/fda/>>. --

<<http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/>>. --

<http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/2_articles/index.html>. --

<http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/3_crosswalks/index.html>. -- <<http://www.getty.edu/research/institute/standards/introarchives/>>. --

<<http://www.getty.edu/research/institute/standards/introimages/>> -- Acesso em: agosto - 2002.

GETTY STANDARDS PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards>>. Acesso em: maio/julho - 2002.

GETTY VOCABULARY PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/vocabulary>>. Acesso em: maio/julho - 2002.

GIERYN, Thomas. Boundary-work and the demarcation of science from non-science: strains and interests in professional ideologies of scientists. American Sociological Review. [S.l.] 48. 1983. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia,

1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

GILLILAND-SWETLAND, Anne J. Setting the Stage. Metadata Standards Crosswalk: Pathways to Digital Information - Crosswalk of Metadata Element: Sets for Arts, Architecture and Cultural Heritage Information and on line resources. [2000 ?]. GETTY STANDARDS DIGITAL AND RESOURCE MANAGEMENT PROGRAM. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/2_articles/index.html>. Acesso em: agosto - 2002.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. cap: 5. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. p. 143-179.

GJESTRUM, John Age. Museology and research - the present situation in a norwegian perspective. Nordisk Museology. 1997.

GOLDMAN, Harvey. Innovation and change in the production of knowledge. Social Epistemology. [S.l.] 9, 3, 1995. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A configuração temática da Ciência da Informação no currículo dos cursos do IBICT: estudo de caso. 1983. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). CNPq/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro. Orientador Anna Maria Marques Cintra.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. O objeto de estudo da ciência da Informação: paradoxos e desafios. Ciência da Informação. Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. A informação: do estoque às redes. Ciência da Informação. Brasília, v.1, n.1, p. 77-83. 1995.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. (Org.) O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária UFPb. 2000. p. 25-47.

GOODRUM, Abbey. Letter from the editor. SIG VIS NEWS v.1, n. 3, summer 1996. Jornal eletrônico publicado pelo Special Interest Group on Visualization, Images and Sound - SIG VIS, ASIST- American Society for Information Science and Technology. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/index.html>>. Acesso em: junho - 2002.

GREGOROVÁ, Anna. A discussão da museologia como disciplina científica. Trad. de Vera B. Tostes. Coordenadoria de Acervos Museológicos [s.l.] [s.e.] p. 45-49. [s.d.]

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Museu, museologia, museólogos e formação. Revista de Museologia. São Paulo: Instituto de Museologia de São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política/FESP. v.1, n.1, p. 7-11, 1989.

GUSDORF, Georges. Prefácio. In: JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Série Logoteca).

HABERMAS, Jürgen. Um humanista engajado. Tradução Caio Caramico Soares. Folha de São Paulo, São Paulo. 03 fev. 2002. Caderno MAIS, p. 19.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice, Sociologia e Política).

HANDBOOK OF STANDARDS: DOCUMENTING AFRICAN COLLECTIONS. (AFRICOM). Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/afstand0.htm>>. Acesso em: julho - 2001 -2002.

HARVARD MUSEUMS. Disponível em: <<http://www.artmuseums.harvard.edu/information/index.html>>. Acesso em junho 2002.

HAUSER, Arnold. História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1972. 2 v.

HAUSER, Arnold. Teorias da arte. 2 ed. Portugal: Editorial Presença, Brasil: Martins Fontes, 1978. 457 p. (Biblioteca de Textos Universitários).

HERKOVITZ, J. Melville. Antropologia Cultural. Man and his works. São Paulo: Mestre Jou. 1969. v.1. Cap. 6: O laboratório do etnógrafo. p. 103 –105.

HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Knorr-Cetina e Latour. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 199-232.

HOGENBOOM, Jeanne. Editorial - Introduction to museum documentation issue. CIDOC Study Series. France: ICOM - International Committee for Documentation. v.3, dec.1996.

HOGENBOOM, Jeanne. Chair's Report 1998. CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1998. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 9, p. 5-8, August 1998. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. The “Art of Memory” and learning in the museum. The international journal of museum management and curator ship, n. 7, 1988.

HUBERT, Ludwig. Editorial. European Journal of Education. 27, 3: 1992. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. cap: Apresentação: história, cultura e texto. p. 1-29. (Coleção O homem e a história).

HUYSEN, Andreas. Memórias do modernismo. Rio de Janeiro: UFRJ. 1996. cap: Introdução. p. 7-21; cap: Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. p. 222-255.

ICOFOM - International Committee for Museology, ICOM (UNESCO) Terminologia museológica: Proyecto permanente de investigación. Coordinación general André Desvallées. Buenos Aires, Rio de Janeiro: ICOFOM LAM. mayo 2000. 106 p. CD-ROM.

ICOFOM LAM. Boletim do Grupo Regional para América Latina e o Caribe, Rio de Janeiro: ICOFOM-LAM. Ano II, n. 4/5, ago. 1992.

ICOFOM-LAM ENCUESTRO REGIONAL, 2. Museos, Museologia, espacio y poder en América Latina y el Caribe. Quito, 18 al 23 de julio de 1993. Compilación y Edición Nelly Decarrolis e María Del Carmen Maza. Buenos Aires: ICOM/LAC, 1994. 137 p.

ICOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Disponível em: <<http://icom.museum/>>. Acesso em: junho - 2002.

ICOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. List of Committees. Disponível em: <<http://icom.museum/inizio#inizio>>. --- <<http://icom.museum/>>. Acesso em: junho - 2002.

ICOM - International Council of Museums. Interdisciplinarity in museology. Museological Working Papers: a museological journal on fundamental museological problems. France, Sweden: ICOM; Stasten Historiska Museum -The Museum of National Antiquities. n. 2, 1981

ICOM - International Council of Museums. Directorio., France: ICOM - UNESCO. Notícias del ICOM - Boletín del Consejo Internacional de Museos. número especial 50^o aniversario del ICOM. enero 1997a. não paginado.

ICOM - International Council of Museums. Saqueo en América Latina / Looting in Latin America / Pillage en Amérique Latine. Paris: ICOM. 1997b. (Cent objets disparus -- One hundred missing objects).

ICOM - International Council of Museums Taller Museos, patrimonio y turismo cultural. Trujillo, Perú; La Paz, Bolivia. 21-27 mayo 2000. Trujillo, La Paz: ICOM - Consejo Internacional de Museos. 2000. Programa Trienal del ICOM --- Proyecto sobre Museos y Turismo.

ICOM - International Council of Museums. Directorio. France: ICOM - UNESCO. Notícias del ICOM - Boletín del Consejo Internacional de Museos, v. 55. n. 1. 2002a.

ICOM - International Council of Museums. Código de Deontologia del ICOM para los Museos. Paris: ICOM/UNESCO. 2002b.

ICOM -- CIDOC. International Council of Museums - International Committee for Documentation. Manuel de normes: documentation des collections africaines / Handbook of standards: documenting african collections. AFRICOM. Paris: ICOM -- CIDOC. 1996.

ICOM - ICOFOM, International Committee for Museology. Symposium Museum, Territory, Society: new tendencies, new practices. jul. 1983. Londres: ICOFOM, 1983.

ICOM/LAC. Consejo Internacional de Museos / Organización Regional para América Latina y el Caribe. Revisión. Cuenca: ICOM/LAC, 1995.

ICOMOS - International Council of Monuments and Sites. UNESCO. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/e_charte.htm>. Acesso em: janeiro - 2001.

IMPEY, Oliver, MACGREGOR. (Eds.) The origins of museums: the cabinet of curiosities on 16th and 17 th century Europe. Oxford: Clarendon Press. 1993.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. Programa Rumos, Itaú Cultural, artes visuais. São Paulo: Instituto Cultural Itaú. 2000. Série de catálogos do Programa lançado em 1998

INTEGRATING MULTIPLE OVERLAPPING METADATA STANDARDS. JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n. 13, November 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1399.html>>. Acesso em: junho - 2002.

INTERDISCIPLINARITY: A REPORT BY THE GROUP FOR RESEARCH AND INNOVATION. London: Group for Research and Innovation, Nuffield Foundation. 1975. p. 42-47. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge.

disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

ITAGIBA, Ivair Lisboa. Museologia como ciência. In: CONGRESSO NACIONAL DE MUSEUS, 11, 20-29 outubro 1989, Vitória. Universidade Federal do Espírito Santo. ABM-Boletim: Anais do II Congresso Nacional de Museus. Rio de Janeiro: ABM- Associação Brasileira de Museologia. 1989.

JAMESON, Frederic. Periodizando os anos 60. In: HOLLANDA, Heloisa B. (Org.) Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 81-126.

JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática. 1997. cap.1. Cultura -- A lógica cultural do capitalismo tardio. p. 27-79. cap. 6. Espaço – O utopismo depois da utopia. p. 171-195. (Série Temas. Cultura e Sociedade. v. 41).

JAPIASSU, Hilton. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago. 1975.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Série Logoteca).

JAPIASSU, Hilton. As máscaras da ciência. Ciência da Informação. v. 4, n. 1, p. 13-15, 1977.

JASIS 2000. When Museum Informatics Meets the World Wide Web. JASIS - Journal of the American Society for Information Science. v. 51, n. 1, January 2000. Special Topic Issue. Guest Editors: David Bearman and Jennifer Trant. [Archives & Museum Informatics -- ARCHIMUSE]

Disponível em:<<http://www.asis.org/Publications/JASIS/vol51n0100.html>>. Acesso em: junho - 2002.

JASIS 2000. Digital Libraries: part two. JASIS - Journal of the American Society for Information Science. v. 51, n. 4, March 2000. Special Topic Issue. Guest Editor: Hsinchun Chen. Disponível em:<<http://www.asis.org/Publications/JASIS/vol51n0400.html>>. Acesso em: junho - 2002.

JEUDY, Henri Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JONES, Lois Swan, GIBSON Sarah Scott. Art libraries and information services: development, organization and management. Orlando: Academic Press. 1986.

KIELGAST, Soeren, HUBBARD, Bruce A. Valor agregado à informação: da teoria à prática. Ciência da Informação. Brasília. v. 26, n. 3, p. 271-276, set-dez. 1997.

KITAGAWA. T. Information Science and its connection with Statistics. Fukuoka, Japan: Research Institute of Fundamental Information Science Kyushu University, 1968. Apud HARMON, Glynn. On the evolution of Information Science. Journal of the American Society for Information Science, v. 22, n. 4 p. 235-241, 1971.

KLEE, Paul. Theorie de l'art moderne. Genève: Gonthier. 1964.

KLEIN, Julie Thompson. Interdisciplinarity: history, theory, and practice. Detroit: Wayne State Univ. Press. 1990.

KLEIN, Julie Thompson. Blurring, cracking, and crossing: permeation and the fracturing of discipline. In; MESSER-DAVIDOW, Ellen., SHUMWAY, David R., SYLVAN David J., (Ed.). Knowledges: historical and critical studies of disciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia. 1993.

KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131-173. (Coleção O homem e a história).

KRISTEVA, Julia. Le langage, cet inconnu. Paris: Seuil. 1981. Apud FALCON, Francisco José Calazans. A história cultural. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1992. (Coleção Rascunhos de História). p. 9.

KROKER, Arthur. Migrations across the disciplines. Journal of Canadian Studies 15 (fall); 3-10. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

KUHN Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva. 1992. cap: Prefácio. p. 9-17.

LACAPRA, Dominik. Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language. N.York: Ithaca. 1983. Apud KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 131-173. (Coleção O homem e a história).

LACASIS EVENTS 1997. Disponível em: <http://www.usc.edu/isd/partners/orgs/lacasis/meetings/97_LACASIS_events.html>. Acesso em: junho 2002.

LE COADIC, Yves F. Histoire de Sciences et histoire de la Science de l'Information. Documentaliste – Scences de l'Information. v. 30,. n. 4/5, 1993

LE GOFF, Jacques. (Coord) Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, 1). cap: Memória. p. 11-50; cap: Documento/Monumento. p. 95-106

LEMERT, Charles. C. The Shallowenness of depth. Liberal Education. 75, 7: 1989. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

LIER, Henry van. Objeto e estética. In: MOLES, Abraham, BAUDRILLARD, Jean, BOUDON, Pierre, LIER, Henri van, WAHL, Eberhard. Semiologia dos objetos. Petrópolis: Vozes. p.127-156. 1972. (Coleção Novas Perspectivas em Comunicação, 4). Seleção de ensaios da revista Communications. n 13, 1969.

LIMA, Diana Farjalla Correia, TOSTES, Vera Brottel. Centro integrado de consultoria e informação museológica: CECIM/ABM. Boletim Associação Brasileira de Museologia-ABM, Rio de Janeiro: ABM. n. 10/11, set/dez. 1985. p. 8-10. jan/mar, 1986.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos: proposta de um modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. 1995. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Documento). Universidade do Rio de Janeiro-UNI-RIO. Rio de Janeiro. Orientadores: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Lamartine Pereira da Costa.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Memória Social e a instituição museu: reflexões acerca da herança cultural (re)interpretada. In: Symposium Museology and Memory, ICOFOM – France. 1997. 19-29 june. ICOFOM/International Committee for Museology -- International Council for Museums-ICOM/UNESCO. Paris: ICOFOM Studies Series, n. 27. 1997. p. 202-211.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museo y diversidad cultural: implicaciones de un espacio simbólico de poder. In: ICOFOM LAM 98 - VII Encuentro Regional. Museos, Museología y diversidad cultural en América Latina y el Caribe. 13-20 junio 1998.. México DF: ICOFOM LAM, ICOM México, Museo Dolores Olmedo Patiño. 1998. p. 34-44 Espanhol. p. 45-54 Português.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida (Org). Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 17-40.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, arte e informação como prática interdisciplinar: o modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas exercitado na graduação. Rio de Janeiro: DEPM/CCH/UNI-RIO. 2001. 100 p. Relatório Final de Pesquisa.

LITTLEJOHN, Stephen. Fundamentos teóricos da comunicação humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LÖWY, Ilana. Fleck e a historiografia da recente pesquisa biomédica. Tradução Gilda Gomes Carneiro. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 233-249.

LUNDGREN, J. O. From nature to culture – on the transformation of tourism region – a necessity for survival. In: DUFRESNE-TASSÉ, Colette. (Coord). Evaluation et éducation muséale: nouvelles tendances. Montreal: Conseil International des Musées - ICOM. Comité pour la Éducation et Action Culturelle – CECA, Université de Montreal, Musée de la Civilization. 1998. p. 181- 197.

MACHLUP, Fritz, MANSFIELD, Una. (ed.) The study of information: interdisciplinary messages. New York: John Wiley and Sons, 1983. Cap: Prologue. p. 3-56

MARCHIORI, Patricia Zeni. Profissionais da informação: alguns conceitos de Pierre Bourdieu aplicáveis a possível existência/dinâmica de um campo de atividades de informação. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. (2: 1994: Belo Horizonte). Anais do II Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação; Anais do XVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Belo Horizonte: Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais; Escola de Biblioteconomia da UFMG. 1994. p. 534-548.

MAROEVIĆ, Ivo. Museology as a part of Information Sciences. In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ICOFOM (5)]. London [UK]. July/juillet 1983. Joint Colloquium Methodology of Museology and professional training — Méthodologie de la Muséologie et la formation professionnelle. Symposium Museum, Territory, Society: new tendencies/new practices --- Musée, Territoire, Société: nouvelles tendances/nouvelles pratiques. Stockholm: ICOM, International Committee for the Training of Personnel/ICTOP and International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, Stockholm, Sweden. ICOFOM STUDY SERIES – ISS 5. 1983. Edited by Vиноš Sofka. Reprint and edited by Martin R. Schärer. Contributors and ICOFOM reprint in charge of Anita Shah.

Hyderabad, India. 1995. Book 1. p. 43-46. English. Intervention. The article refers to Joint Colloquium Methodology of Museology and professional training.

MARTY, Paul F. Museum Informatics: Sociotechnical Information Infrastructures in Museums. BULLETIN of The American Society for Information Science. v. 26, n. 3, February-March 2000.. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/track_2.html>. Acesso em: agosto - 2002.

M^CCORRY, Helen. The Catechism project at the National Museums of Scotland. Managing Information. v 1, n. 1, p. 39-41. jan. 1994.

MCT, IBICT-DEP. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Dissertações: período junho de 1972 a agosto de 2002. Rio de Janeiro: IBICT/DEP. 2002. 39 p. Documento cedido pelo DEP.

MCT, IBICT-DEP. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Relação de teses de doutorado: período junho 1994/setembro.2002. Rio de Janeiro: IBICT/DEP. 2002. 4 p. Documento cedido pelo DEP.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O patrimônio cultural entre o público e o privado. In: SÃO PAULO (Cidade:) SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH//SMC, 1992. p. 189-194. Texto apresentado na mesa-redonda O público e o privado; propriedade e interesse cultural, por ocasião do Congresso Internacional Patrimônio Histórico e Cidadania, promovido pelo DPH/SMC do Município de São Paulo, em 1991.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história. Anais do Museu Paulista: história e cultura material. São Paulo: Museu Paulista/USP. v. 2, jan/dez. 1994. (Nova Série).

MENSCH, Peter van. Museology and the object as data carrier Lieden, Netherlands: Reinwardt Cahiers. -- Object, museum, Museology, an eternal triangle. Reinwardt Academie. 1987. yyrttftt

MENSCH, Peter van. Methodological museology: or towards a theory of museum practice. In: PEARCE, Susan. Objects of knowledge. London: The Athlone Press, 1990. p. 142-157. (New Research in Museum Studies and International Series, 1)

MENSCH, Peter van. Modelos conceituais de museus e sua relação com o patrimônio natural e cultural. Trad. Tereza Scheiner. Boletim do ICOFOM-LAM, Buenos Aires, Rio de Janeiro: ICOFOM-LAM. n. 4/5, ago. 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva. 1971.

MERTA, A. Informatics as a branch of science. In: FID/ RI International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. On theoretical problems of Informatics. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information, 1969. (FID 435). p. 32-40.

MESA REDONDA, Las ventajas de Internet para los museos. NOTICIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 56, n. 1, p. 24. 2003. Número especial dedicado a la Conferencia General del ICOM (19), 01 - 06 julio 2001, Barcelona, España.

MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos).

MIKHAILOV, A. I., CHERNYI, A. I., GYLIAREVSKY, R. S. Informatics: its scope and methods. In: FID/RI. International Federation for Documentation. Study Committee Research on Theoretical Basis of Information. Moscow: ALL-Union for Scientific and Technical Information. 1969. (FID 435). Tradução da referência do russo para o português pela Prof^a. Gilda Braga.

MONPETIT, Raymond. Exposer le savoir et savoir exposer: les champs disciplinaires de la muséologie. In: COLLOQUE MUSEOLOGIE E CHAMPS DISCIPLINAIRES: exposer le savoir et savoir exposer. Actes. Québec: Musée de la Civilization. 1990. p. 11-22. Andrée Gendreau, (editeur).

MORAES, Nilson Alves de. Pensando a interdisciplinaridade. Apontamentos, memória e cultura. Rio de Janeiro: Mestrado em Administração de Centros Culturais/UNI-RIO, v. 4, n. 1, p. 5-13. jan/jun. 1994.

MORRISON, Ian. Towards a national database of museum collections in Scotland. Managing Information, v 1, n. 1, 35-38, Jan. 1994.

MULTIMEDIA Y REDES, Especial. NOTICIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 49, n. 4, 1996.

MUSEO ALEJANDRO OTERO. Sin Fronteras: arte latinoamericano actual. Caracas: Fundación Museo Alejandro Otero, CONAC. [1996]. 107 p. Catálogo de exposição temporária.

MUSEO SOUMAYA. Rodin em México: colección de escultura europea de los siglos XIX y XX. México D. F: Museo Soumaya; Asociación Carso. 1997. 185 p. Catálogo de coleção -- escultura.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Anais: Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MHN – IPHAN-MinC. v. 27. 1995.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Coletânea dos Anais do Museu Histórico Nacional 1940 a 1998. Rio de Janeiro: MHN – IPHAN-MinC. 1999. v. 1. CD-ROM.

MUSEUM DOCUMENTATION IN (AND OUT) OF AFRICA -- CONFERENCE 1996. Report on the 1996 Conference of the International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC). [S.l], CIDOC. 1996. Yolande Morel Deckers (CIDOC Editor) and Jeanne Hogenboom (CIDOC Chair). Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/cidoc/conf96.htm>>. Acesso em: setembro -- 2002.

MUSEUM Documentation System: practical museum documentation. Duxford, Cambridgeshire: Museum Documentation Association-MDA. 1981.

MUSEUMS WORLDWIDE. Disponível em: <<http://icom.museum/vlmp>>. Acesso em: 2002.

NAMER, Gérard. Memoire et société. Paris: Méridiens Kincksieck, 1987. (Collection Société).

NEH -- NATIONAL ENDOWMENT FOR THE HUMANITIES. Disponível em: <<http://www.neh.gov/>>. Acesso em: agosto - 2002.

NEIVA, Eduardo. Imagem, história e semiótica. Anais do Museu Paulista: história e cultura material. São Paulo: Museu Paulista/USP. v. 2, p. 11-30. jan/dez. 1994. (Nova Série).

NIEMEYER, Oscar. Um apoio central e a arquitetura solta no espaço... como uma flor. Niterói: Prefeitura Municipal de Niterói; MAC - Niterói. [1994?]. p. 19-31. Catálogo da Exposição Inaugural do Museu de Arte Contemporânea – Niterói.

NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard. 1984. v. 1.

NOTÍCIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 51. n. 2. 1998.

NOTÍCIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 55, n. 2, 2001.

NOTÍCIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. Paris: ICOM. v. 56, n. 1, 2003. Número especial dedicado a la Conferencia General del ICOM (19), 01 - 06 julio 2001, Barcelona, España.

O' BRIEN, Patricia. A história cultural de Michel Foucault. HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 33-62.

OLIVA, Alberto. Kuhn: o normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 67-101.

O' NEILL, M. C. Le discours d'une exposition: identification, explication, emplication. In: DUFRESNE-TASSÉ, Colette. (Coord). Evaluation et éducation muséale: nouvelles tendances. Montreal: Conseil International des Musées - ICOM. Comité pour la Éducation et Action Culturelle – CECA, Université de Montreal, Musée de la Civilization. 1998. p. 77-87.

OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte: uma introdução histórica. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras. 1988. p. 167-182.

PACC -- Programa Avançado de Cultura Contemporânea. UFRJ. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/pacc/oque.html>>. Acesso em: fevereiro 2003.

PAINEL ECOMUSEU: a guarda da memória coletiva. Encontro Internacional de Ecomuseus, 1, 19 de maio de 1992. Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus. [Rio de Janeiro]: Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes do Rio de Janeiro. [1992 ?]. p. 49-91.

PATRIMOINE CULTUREL DE L'HUMANITÉ, 1982. Extrait de La Convention pour la Protection du Patrimoine Mondial, Culturel et Naturel. – UNESCO. France: UNESCO Bulletin d'Information. n. 18 may. 1982. Annex I.

PEARCE, Susan. Objects of knowledge. London: The Athlone Press, 1990. p. 142-157. (Coleção New Research in Museum Studies, an International Series, 1).

PEARCE, Susan. Museums objects and collections: a cultural study. Leichester: Leichester University Press. 1992.

PECK, Jeffrey M. Introduction and "There's no place like home? Remapping the topography of German Studies." German Quartely. 62, 2, p.141-142, 178-187. 1989.

PETERSON, V. Spike. Disciplining practiced/practices: gendered states and politics. In: MESSER-DAVIDOW, Ellen, SHUMWAY, David R., SYLVAN, David. (Eds) Preface and Introduction: Disciplinary ways of knowing. Charlottesville: University Press of Virginia.

1993a. p.260. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan

PLATAFORMA LATTES. (CNPq). Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/curriculo/>>. Acesso em: segundo semestre 2002.

PINHEIRO. Usuário --- Informação: o contexto da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, IBICT. 1983.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. Ciência da Informação. Brasília, v. 24, n.1, p.42-53, jan./jul. 1995a.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Mapa brasileiro da infra-estrutura de Informação em Arte. Rio de Janeiro. julho 1995b. Projeto de pesquisa submetido/apresentado ao CNPq e não aprovado. Cópia digitada cedida pela autora.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. (Coord). Em busca de um caminho interdisciplinar: proposta de um núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. Rio de Janeiro: CCH; UNIRIO.1995c.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. 1997. 278 f. Tese. (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação-ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro. Orientador Gilda Maria Braga.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP. 1999. Cap: Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. p. 155 –182.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida (Org.). Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação: Questões sobre a formação, ensino e pesquisa. DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação. v. 3, n. 5, out. 2002. Seção Colunas. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/out02/R_objet.htm >. Acesso em: janeiro - 2003.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: LE GOFF, Jacques. (Coord) Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, 1). p. 51-83.

POMIAN, Krzysztof. Musée, nation, musée national. Revue Le Débat, Paris, n. 65, p. 166-175, mai. 1991.

PORTOCARRERO, Vera. (Org.) Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

POSNER, Roland. What is an academic discipline? In: CLAUSSEN, Regina, SCHACKET, Roland Daube. (Ed.). Gedankenzeichen. Festchrift for Klaus Oehler. N. Stauffenburg. 1988. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

POULOT, Dominique. Pertes et resurrections du sens au musée. In: DEVALLON, Jean. Claquemurer, pour ainsi dire, tout l'univers: la mise en exposition. Paris: Centre Georges Pompidou, 1986. p. 207-238.

RECHT, Roland. Le regard sur l'histoire de l'art: l'invention du musée. Paris: Christian Bourgeois. 1989.

REED, Patricia Ann & SLEDGE, Jane. Thinking about museum information. Library Trends. Champaign/Illinois, 37, (2): 220-231, Fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual

RIVIÈRE, George Henri. The dynamics of the role of interdisciplinarity in the Museum institution. Museological Working Papers: a museological journal on fundamental museological problems -- Interdisciplinarity in Museology, France, Sweden: ICOM-International Council of Museum, Stasten Historiska Museum-The Museum of National Antiquities. n. 2, 1981.

RIVIÈRE. Georges Henri. La muséologie -- Cours de Museologie: textes et temoignages. Paris: Dunod, Bordas. 1989.

RIVIÈRE, Georges-Henri. L'écomusée, um modele evolutif (1971-1980). Vagues I – Anthologie de la nouvelle muséologie. Lyon: Éditions M. N. E. S. 1992.

ROBERTS, Andrew. Museum Information: the museum information profession and the International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC). CIDOC International Conference, July 1995. Stavanger. Norway. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/prof1.htm>>. --- <<http://www.cidoc.icom.org>>. Acessado em: maio -2000; junho - 2002.

ROBERTS, Andrew. Museum information: the museum information profession and CIDOC. CIDOC Study Series, France: ICOM - International Committee for Documentation. v. 3, dec.1996.

ROBERTS, Andrew. The CIDOC experience and the challenges of Documentation. 2002. CIDOC 2002. Conferência Internacional, Preservando culturas: documentando o patrimônio imaterial -- Preserving cultures: documenting non material heritage. Porto Alegre, Brasil., 2002. 6 p. [Paper cedido para a tese].

RUBEN, B. D. Communication and human behavior. New York: MacMillan, 1984. Apud SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN Blaise, (ed.). Conceptions of library and Information Science: historical: empirical, and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. Universi

SAINT-MARTIN, Arnaud. Disparition de Pierre Bourdieu. Esprit critique - Revue életronique de Sociologie. France. v. 04 n. 03, mars 2002. Numéro spécial sur la vie et l'oeuvre de Pierre Bourdieu. Disponível em: <<http://www.espritcritique.org>>. Acesso em: abril - 2002.

SARACEVIC, Tefko. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN Blaise, (ed.). Conceptions of library and Information Science: historical: empirical, and theoretical perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. University of Tampere. Finland, 26-28. August 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992.

SCHEINER, Tereza. (Coord.) Interação museu-comunidade pela educação ambiental. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural. 1991.

SCHEINER, Tereza., PANTIGOSO, Maria Gabriella P. de A. (Coord). Projeto de Reformulação Curricular. Rio de Janeiro: Escola de Museologia. CCH-UNI-RIO, nov 1995/ago 1996.

SCHEINER, Teresa Cristina Moletta. Apolo e Dionísio no templo das Musas: museu, gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. 152 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação-ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro. Orientadores: Paulo Vaz e Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

SCHEINER, Tereza. Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação: a Experiência Latino-Americana. (Conferência). Encontro Regional do ICOFOM-LAM (10). Museos, Museología y Patrimonio Intangible en América latina y el Caribe. Montevideo, Uruguay, 11-16 dez. 2001. Org. Nelly Decarolis e Álvaro Martinez del Monte. Auspícios: Ministerio de Educación y Cultura / Museo Nacional de Antropología / ICOM Uruguay. Conferência, apresentação em PPS (36 slides), material gentilmente cedido pela coordenadora da pesquisa Prof. Tereza Scheiner.

SCHÜTZE, Hans G. interdisciplinarity revisited: introduction to a new debate on an old issue. In: LEVIN, Lenart, LIND, Ingemar.(Eds) Inter-disciplinarity revisited: re-assessing the concept in the light of institutional experience. Stockholm: Organization for Economic Cooperation and Development, Swedish National Board of Universities and Colleges, Linköping University. 1985. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

SCIENTIFIC INTERFACES AND TECHNOLOGICAL APPLICATIONS. Physics through the 1990's. Washington, DC: National Academy Press. 1986. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

SCOTT, David W. Museum data bank research. Library Trends, Champaign/Illinois, 37, (2): 130-141, Fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual.

SHAPIN, Steven. The invisible technician. American Scientist. [S.l.] 77, 1992. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

SHIELE, B. (Ed.) Faire voir, faire savoir: la muséologie scientifique au présent. Québec: Musée de la Civilization. 1992

SLEDGE, Jane, Nancy, BRYAN. Let a thousand flowers bloom: the great leap forward in museum information, CIDOC Study Series. France: ICOM - International Committee for Documentation, v.3, dec 1996.

SMITH, Linda. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and Information Science as an interdisciplinary field. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN Blaise, (ed.). Conceptions of library and Information Science: historical, empirical, and theoretical

perspectives. Proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the Department of Information Studies. University of Tampere. Finland, 26-28. August 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 253-267.

SPALDING, Julian. Interpretation ? No, communication. Museum. fall. p. 10-13. 1993.

SOLA, Tomislav. Concept et nature de la muséologie. Museum. Paris: Unesco, v. 39, n. 153, p. 45-49. 1987.

SOLA, Tomislav. What is Museology. Report from two symposia at the Department of Museology. Umea University. Umea (Sweden): Papers in Museology. n. 1, 1992. The Symposium took place in 1988.

STAM, Deirdre C., GIRAL Angela. Library Trends: linking art objects and art information. Library Trends. Champaign/Illinois: 37, (2): Fall 1988. Library Trends has become the premier thematic quarterly Journal in the field of American Librarianship. Library Science Annual. p. 118.

STAR, Randolph. Vendo a cultura numa sala para um príncipe renascentista. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279-313. (Coleção O homem e a história).

STAR, S. Leight., GRIESMER, James R. Institutional ecology, "translations" and boundary objects: amateurs and professionals in Berkeley's Museum of Invertebrate Zoology. Social Studies of Science. 19. 1988. Apud KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

THE ANNIVERSARY OF THE JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE, (50TH). JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n. 12, October 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1299.html>>. Acesso em: junho - 2002.

THE GETTY CENTER FOR EDUCATION IN THE ARTS. (The Getty Art History Information Programme). Disponível em: <<http://www.ahip.getty.edu/ahip/home.html>>. Acesso em: maio - 2001.

THE J. PAUL GETTY MUSEUM. General information, the collections. Malibu, CA: The J. Paul Getty Museum. 1987. [18 p]. Folder ilustrado.

THE J. PAUL GETTY MUSEUM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/museum>>. Acesso em: maio -- julho- 2002.

THE MUSEUM OF MODERN ART, NEW YORK – MoMA. The history and the collection N. York: Harry N. Abrams; and The Museum of Modern Art. 1985. cap: Preface. p. 4-7; cap: Introduction. p. 8-41.

THORNES, Robin. Protecting cultural objects through international documentation standards: a preliminary survey. Santa Monica: The Getty Art History Information Program -- J. Paul Getty Trust. 1995.

TRANT, Jennifer. Multimedia evaluation criteria -- revised draft [Criteria for the evaluation of heritage multimedia] CIDOC 1997 Conference. Nuremberg, Germany. September 8-10, 1997. Disponível em: <<http://www.archimuse.com/papers/cidoc/cidoc.mmwg.eval.crit.html>>. Acesso em: outubro – 2002. Versão desse texto em espanhol publicada em: Notícias del ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. v. 51. n. 2. 1998.

UFRJ – IBICT. Programa de pós-graduação - Ciência da Informação: especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado. [Rio de Janeiro:] [UFRJ - IBICT] [2000 ?]. Folder.

UNESCO. First World Congress on Transdisciplinarity. Setúbal, Portugal, 2-7 november 1994. Cosponsored by the Group on Transdisciplinarity Studies at UNESCO, The International University of Lisbon, and Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires. [S.l. : s.n.]. [1994?].

UNESCO. Convention concerning the protection of the world cultural and natural heritage --The General Conference of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization meeting in Paris from 17 October to 21 November 1972. ICOMOS. [Internacional Council of Monuments and Sites]. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/e_charte.htm>. Acesso em janeiro/maio 2001

UNESCO. First World Congress on Transdisciplinarity. Setúbal, Portugal, 2-7 november 1994. Cosponsored by the Group on Transdisciplinarity Studies at UNESCO, The International University of Lisbon, and Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires. [S.l.: s. n.]. [1994?].

UNESCO -- WORLD HERITAGE CONVENTION. Disponível em <http://www.unesco.org/whc/world_he.htm>. Acesso em: janeiro/maio - 2001

UNI-RIO/CCH, MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E DOCUMENTO - MMSD. Dissertações apresentadas [31 - 07 - 2002]. Rio de Janeiro: MMSD. 2002. 15 p. Documento cedido pelo MMSD.

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS. Cadernos de Museologia. Lisboa: Centro de Estudo de Sócio-Museologia. ISMAG/ULHT. I - 1993.

VARINE BOHAN, Hugues de. O tempo social. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora. 1987. p 38.

VELHO, Gilberto, CASTRO, E. B. Viveiros de. O conceito de cultura nas sociedades complexas; uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: [Museu Nacional - UFRJ], 197-. 23 p. Texto mimeografado. Artigo posteriormente publicado na revista Artefacto, ano II, n. 1, jan. 1976.

VÉRON, Eliséo, LEVASSEUR, Martine. Etnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens. Paris: Bibliothèque publique d'information. Centre Georges Pompidou. 1989.

WEBER, Max. Economie e sociedade. Paris: Plon, 1971. Apud BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Estudos). Cap: Apêndice I. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. p. 85-86.

WERSIG, Gernot., NEVELLING, Ulrich 1975. The phenomena of interest to Information Science. The Information Scientist, v. 9, n. 4, p. 127-140, dez. 1975.

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. Information Processing and Management. v. 29, n. 2, 1993.

WASHBURN, Wilcomb E. Collecting information, not objects. Museum News. Washington DC: American Association of Museums, v. 62, n.3, p. 5-15. 1984.

WEILL, Stephen E. A cabinet of curiosities: inquiries into museums and their prospects. Washington; London: Smithsonian Institution Press. 1995.

WILL, Leonard. Museum objects as sources of information. Managing Information. v 1, n. 1, 32-34, Jan. 1994.

WILLPOWER INFORMATION -- INFORMATION MANAGEMENT CONSULTANTS.
[Leonard Will].Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/>>. Acesso em:
setembro -- 2002

YUEXIAO, Zhang. Definitions and sciences of information. Information Processing and Management, v. 24, n.4, 1988. p. 479-82, p. 488-489.

ZELIJKO, Lazlo. Is a general theory on museality possible ? In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ICOFOM] Museology and Philosophy. Coro, Venezuela, 28 nov-04 dec. 1999. ICOFOM Studies Series – ISS 31. Coro: ICOFOM/International Committee for Museology -- International Council for Museums-ICOM/UNESCO. 1999. p. 228-233.

NOTA.

Todos os endereços eletrônicos foram revisitados entre fevereiro e abril de 2003 para verificar os indicadores de localização, mesmo apresentando datas de acesso anteriores.

ANEXOS

Anexo I
PERFIL CIDOC 1996

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

*CIDOC Conference, 1996. Museum Documentation in (and out) of Africa ¹
23/28 setembro 1996. Nairóbi, Kênia*

Conferências --- temas / títulos

- (sessão de abertura) **[overview of developments in African museum documentation]**..
-- Manyando Mukela. Vice-presidente do ICOM.
- (sessão prévia) **Illicit traffic and looting of cultural property**
- (sessão especial) **Documentation of non-material culture**
conferencista (s) ²
-- S. Somjee. National Museums of Kenya.
- (sessão “special conference day”) **Data Standards.** [inventários museológicos]
- (sessão) **Vocabulary Control.** [numismática, paleoantropologia, etnografia, arte e arquitetura, etc.]
- **Museum resources and the Internet** ³ **The Future of the Internet -- Internet for museums**
-- Leonard D. Will -- Information Management Consultants. London. Reino Unido.

¹ MUSEUM DOCUMENTATION IN (AND OUT) OF AFRICA -- CONFERENCE 1996. Report on the 1996 Conference of the International Committee for Documentation of the International Council of Museums (ICOM-CIDOC). [S.l], CIDOC. 1996. Yolande Morel Deckers (CIDOC Editor) and Jeanne Hogenboom (CIDOC Chair). Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/cidoc/conf96.htm>>. Acesso em: setembro -- 2002.

CIDOC. Compte rendu de la réunion annuelle qui a eu lieu à Nairobi, Kenya du 23 au 28 septembre 1996. [S.l], CIDOC. [1996?]. 6 p. Jeanne Hogenboom CIDOC Chair, Pays-Ba.

² Os nomes indicados após os títulos representam os participantes, dizendo respeito aos conferencistas, moderadores e debatedores, autores (artigos) etc, em suma, o responsável pelos temas, resumos e textos integrais analisados. As referências aos participantes foram mantidas no idioma original da fonte consultada visando evitar equívocos na tradução dos cargos, nomes das instituições, localidades e demais indicações. Somente se usou tradução para termos facilmente identificáveis.

³ Esse texto é versão resumida e revisada do “paper” apresentado [por Leonard D. Will] na conferência anual do CIDOC, Comitê de Documentação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), realizada no Museu Nacional do Kênia (National Museum of Kenya), em Nairóbi, [Kênia] em 26 de setembro de 1996.

Texto traduzido de: WILLPOWER INFORMATION -- INFORMATION MANAGEMENT CONSULTANTS. Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/>>. Acesso em: setembro -- 2002

O consultor em questão é Leonard D. Will, membro do CIDOC. Na diretoria precedente ocupava o cargo de Presidente do Museum Library and Information Centres Working Group. Atuava, antes de ter fundado sua firma, como Diretor da Biblioteca e Serviços de Informação do Science Museum, em Londres. (Head of Library and Information Services at the Science Museum).

Sessões do CIDOC Working Groups

- **Archaeological Sites WG.**

assunto(s): adoção pelo Conselho da Europa das normas Sítios Arqueológicos - WG CIDOC

-- Henrik Hansen. Presidente WG. Nationalmuseet. Copenhagen, Dinamarca

- **Contemporary Art WG**

- **Data Standards WG**

- **Ethno WG**

- **Iconography WG**

- **Internet WG**

assunto(s): Installations sur le réseau de l'Internet.

-- Gary Carp. Presidente WG. Musée d'Histoire Naturelle de la Suède. Ministère de la Technologie de l'information. Estocolmo. Suécia.

- **Multimedia -WG (sessão) Documenting objects using multimedia (tema)**

-- Jan van der Starre. Advisor with Automation Advisory Department, Netherlands Institute for Art History - RKD. Haia, Holanda.

- **The Museum Library Museum Information Centres WG**

- **Services Group WG**

NEWSLETTER / BULLETIN ⁴

referência: CIDOC Conference, 1996 -- **Artigos** -- **títulos**

.e
outras referências dessa edição -- **demaís artigos**

- **On the National Museums of Kenya and its computerization activities**

-- Jeanne Hogenboom. Presidente do CIDOC (1995-97). Diretora do Bureau IMC. Roterdã. Holanda.⁵

- **The transformation of museums in South Africa**

-- Charisse Levitz. África do Sul.⁶

- **Documentation in Rwanda**

-- Jan-B. Cuypers. Musée Royal de l'Afrique Centrale.

- **The ethnic days: documenting dances and rituals at the Village Museum**

-- Paul Msemwa. Village Museum, Dar es Salam, Tanzânia.

- **The Africom project for the standardization of inventories**

⁴ CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1996. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 7. August 1996. 83 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

⁵ Jeanne Hogenboom no período 1990-96 foi Chefe do Projet de Enregistrement de Collections du Rijksmuseum . Amsterdã. Holanda.

⁶ Artigo baseado na pesquisa não publicada de Charisse Levitz intitulada The politics, ideology and social practice of science and technology museums in South Africa. M. A. thesis, University of the Witwatersrand.

-- Valérie Chiese. Responsável pelas Atividades do Programa AFRICOM, Secretaria da UNESCO. Paris, França.

- **The role of CIDOC within the Africom inventory project**

-- Andrews Roberts. Museum of London. Londres. Reino Unido.

- **Standardization and computerization of the inventories of the African museums**

-- Chédli Annabi. Coordenadora do Projeto AFRICOM para padronização dos inventários dos museus africanos. Musée National de Carthage. Cartago, Tunísia

- **Illicit trafficking: an ugly transaction**

-- Ahmed Zekaria. AAU. IES. Adis Abeba. Etiópia.

- **Protecting cultural objects through documentation standards**

-- Robin Thornes. Getty Information Center (AHIP). Estados Unidos.

- **Thesaurus project of dutch ethnographical museums** ⁷

-- Joe Taekema. Coordenador do Projeto Dutch Ethnographical Thesaurus. National Museum of Ethnology. Holanda.

- **Archaeological Sites WG report**

-- Gillian Quine. Secretária do WK. Royal. Commission on the Ancient Monuments of England, The National Monuments Record Centre. Reino Unido

-- Henrik Jarl Hansen. Presidente do WK. Nationalmuseet. Copenhagen, Dinamarca.

- **Ethno WG report**

-- Penélope Theologi-Gouti. Patras University. Department of Electric Engineering and Computer Technology. Patras, Grécia.

- **Iconography WG**

-- Claire Constans. Musée National de Chateaux de Versailles et de Trianon. França.

- **Multimedia WG report**

--Jennifer Trant. Getty AHIP. Santa Monica, Estados Unidos..

-- Jan van der Starre. Advisor with Automation Advisory Department, Netherlands Institute for Art History - RKD. Haia, Holanda.

- **Data Standards WG report**

-- Nick Crofts. Co-Chair WG. Direction des Systèmes d'Information. Genebra, Suíça.

-- Pat Reed. Co-Chair WG. Smithsonian Institution. Washington, Estados Unidos.

- **The Museum Library and Information Centres WG report**

-- Wilma Alexander. Scottish Museums Council. Edimburg. Reino Unido.

- **The situation regarding the restoration works of the ROVA, Antananarivo: the residence of the kings and queens of Madagascar, since the fire of the night of November the sixth 1995: the latest news in the month of June 1996.**

-- Jean Aimé Rakotoarisoa. Museologist⁸ Direction Nationale de l'Operation Rova. Madagascar.

⁷ Oito museus participantes: Afrika Museum (Berg en Dal); Museum Geradus van der Leeuw (Groningen); Museum (Haia); Museum voor Volkenkunde (Roterdã); National Museum of Ethnology (Leiden); Tropenmuseum (Amsterdã); Volkenkunden Museum Nusantara (Delft). As coleções desses museus alcança 500 (quinhentos) mil

⁸ Manteve-se nessa apresentação do autor do texto a identificação da fonte: Museólogo como modo de ilustrar o que se comentou no capítulo 8. Embora não se tenha encontrado ao longo do levantamento essa indicação para outros pares. No entanto, particularmente há que confessar, que muitos nomes foram reconhecidos como tal. No caso em questão torna-se interessante essa menção, tendo em vista que, em Madagascar, o idioma francês exerce predominio cultural e, assim, o termo "conservateur" seria bastante comum.

Anexo I PERFIL CIDOC 1997

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS ¹

*CIDOC Conference, 1997. Quality and Documentation
07/11 Setembro -- Nürnberg, Alemanha.*

Temário geral do Evento

Quality assurance through the use of standards data structure, data exchange formats, thesauri.

Quality enhancement through the professionalisation of documentation activities

Conferências -- temas / títulos ²

- (sessão) **Describing and identifying objects: everyone needs information** ³
- **Opportunities and constraints for the use of consultants in museum documentation** ⁴

¹ CIDOC PROGRAM CONFERENCE -- THE 1997 CONFERENCE OF ICOM CIDOC. Disponível em: <<http://www.icom.org/conf97htm>>. Acesso em: setembro – outubro 2002.

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL MEETING 1997. [Quality and Documentation]. Nuremberg, Germany, September 8 and 11, 1997. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1997. [8 p.]. Chair Jeanne Hogenboom, The Netherlands.

² CIDOC PROGRAM CONFERENCE. Op. cit.

³ SLEDGE, Jane. The importance of relationships and other old-fashioned standards. *CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN* 1997. Antwerp: CIDOC- ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 8. p. 12-20. August 1997. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

Esse número da Newsletter está disponível somente em versão tradicional (impressa).

⁴ Esse texto é versão resumida e revisada do “paper” apresentado [por Leonard D. Will] na conferência anual do CIDOC, Comitê de Documentação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), realizada no Museu da Cultura Alemã (Germanisches National Museum) em Nürnberg, Alemanha, em 09 de setembro de 1997.

Texto traduzido do web site: WILLPOWER INFORMATION -- INFORMATION MANAGEMENT CONSULTANTS. Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/>>. Acesso em: setembro -- 2002

O consultor em questão é Leonard D. Will, membro do CIDOC, conforme já se indicou, anteriormente.

Sessões do CIDOC Working Groups ⁵

-- Archaeological Sites W G

- **International Core Data Standard for Archaeological Sites Monuments** -- (*) assunto debatido. (texto de trabalho apresentado p/ publicação / fase de revisão)
- **Survey of National Archaeological Records** -- (*) assunto debatido (texto de trabalho apresentado p/ publicação / fase de revisão)

-- Contemporary Art W G

- **Complex issues surrounding the documentation of contemporary art -- work of art documented, registrars and artists** -- (*) assunto debatido

-- Documentation Standards W G

- **Work on Terminology – revising and compiling standards to museum documentation.** (*) assunto debatido
- **Work on Reference Model – information exchange and interoperability** -- (*) assunto debatido

-- Ethno W G

- **Current survey project on classification systems** -- (*) assunto debatido

-- Iconography W G

- **Set to analyze a certain number of works of art.** -- (*) assunto debatido
- **Potential users of the documentation.** -- (*) assunto debatido

-- Internet W G

- **The use of the Internet** (SGML.; providing collections access...) -- (*) assunto debatido
- e **Intranet vs Internet** -- (*) assunto debatido

-- Museum Library and Information Centres W G

- **Mission statements of museum libraries.** (projeto) -- (*) assunto debatido
- **Museological Informations Centers** (projeto) -- (*) assunto debatido

⁵ Das três fontes usadas para o item referente aos Working Groups duas (a --- b) foram básicas para compor oito dos nove W G listados:

a) CIDOC REPORT ... 1997. [Quality and Documentation]. Op. Cit.

Os títulos que estão sendo apresentados foram organizados a partir de recortes estabelecidos com os dados referentes aos assuntos expostos e discutidos ao longo do Evento CIDOC (os papers referentes circularam nessa ocasião). Embora compostos para a tese a partir do documento relatado por Jeanne Hogenboom, presidente do CIDOC, eles não se apresentam organizados ou ordenados dessa forma no documento original, já que estão mesclados a observações e comentários variados nos textos correspondentes aos Grupos de Trabalho. Deve-se esclarecer que os recortes que foram realizados para a elaboração dos títulos mantêm estreita correspondência temática com os textos apresentados, ainda, na publicação Newsletter 1997, documento que constitui a segunda fonte de consulta e serviu como elemento para cotejar os dados. Deve-se esclarecer que o elenco organizado para Newsletter difere desse mencionado e ordenado para o evento 1996, assim, evitando repetições. Os títulos em questão --para melhor identificação no decorrer da leitura-- foram assinalados com asterisco (*) e apresentados sob a denominação de “assunto debatido”. Os membros do Comitê de Documentação receberam o relatório pelo correio. (A autora da tese recebeu-o nessa condição)

b) CIDOC NEWSLETTER 1997

CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1997. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 8. August 1997. 63 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

-- Multimedia W G

- **Characteristics of a good museum multimedia** (sessão)
- **Multimedia evaluation criteria – revised draft** (texto p/ publicação): [Criteria for the evaluation of cultural heritage multimedia]⁶

NEWSLETTER / BULLETIN⁷

referência: CIDOC Conference, 1997 -- **Artigos** -- **títulos**

e
outras referências dessa edição -- **demaís artigos**

- **Wha's new in Germany ?**
-- Cristolf Wolters. Institut für Museumskunde. (Berlim?)
- **The importance of relationships and other old-fashioned standards** (Projeto Multimedia Access to World Cultural Heritage. Information Society Project Office [ISPO], Towards the Information Society, Bruxelas: European Commission. Bélgica.)
-- Jane Sledge. Project Manager, Network's Initiative. Getty Information Institute. Califórnia. Estados Unidos.
- **Harnessing the potential strategies for a networked service**
-- Lyn A. Elliot Sherwood. CHIN- Canadian Heritage Information Network. Canadá.
- **Controlled vocabulary and the quality of indexing in museums**
-- Jan P. van de Voort. RKD (Netherlands Institute for Art History). Haia, Holanda.
- **Some thoughts on the impact of information technology on the quality of museum documentation**
-- Nick Crofts. Co-Chair CIDOC Data Standards WG G. Direction des Systèmes d'Information. Genebra, Suíça.
- **Getty Information Institute Conference on Object ID - Amsterdam 27 th of May 1997 Describing and identifying objects: everyone needs information**
-- Jeanne Hogemboom. Presidente do CIDOC (1995-97). Diretora do Bureu IMC. Roterdã. Holanda
- **Object ID an international documentation standard for the protection of cultural objects**
-- Robin Thornes. Coordenador do Projeto Object ID. Getty Information Center (AHIP). Estados Unidos.

⁶ c) Essa é a terceira fonte consultada para o item referente aos WG:

TRANT, Jennifer. Multimedia evaluation criteria -- revised draft [Criteria for the evaluation of heritage multimedia] CIDOC 1997 Conference. Nuremberg, Germany. September 8-10, 1997. Disponível em: <<http://www.archimuse.com/papers/cidoc/cidoc.mmwg.eval.crit.html>>. Acesso em: outubro – 2002. Versão desse texto em espanhol publicada em: Noticias del ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos. v. 51. n. 2. 1998.

⁷ CIDOC NEWSLETTER ... 1997. Op. cit.

- **The EC Memorandum of Understanding [MoU] an update for CIDOC**

-- Alice Grant. Head of Collections Information. National Museum of Science and Industry. Londres. Reino Unido.⁸

- **Archaeological Sites WG report**

-- Gillian Quine. Secretária do WK --- Royal Commission on the Ancient Monuments of England - RCHME, The National Monuments Record Centre. UK

-- Henrik Jarl Hansen. Presidente do WK --- Nationalmuseet. Copenhagen, Dinamarca.
. Londres. Reino Unido.

- **Ethno WG report**

-- Penelope Theologi-Gouti. Presidente WG. Patras University. Department of Electrical Engineering and Computer Technology. Patras., Grécia.

- **Iconography WG report**

-- Claire Constans. Presidente WG. Musée National des Châteaux de Versailles et du Trianon. Versailles. França.

- **Multimedia WG report**

-- Jennifer Trant, Presidente WG. Getty AHIP. Estados Unidos

- **Documentation Standards WG report**

-- Nick Crofts. Co-Chair WG. Direction des Systèmes d'Information. Genebra, Suíça.

-- Pat Reed. Co-Chair WG. Smithsonian Institution. Washington, Estados Unidos

⁸ Alice Grant. Tesoureira do CIDOC.

Anexo I
PERFIL CIDOC 1998

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

CIDOC Conference 1998. Documenting and Communicating of Cultural and Natural Diversity
10/16 outubro -- Melbourne, Austrália. ¹

Conferências -- temas / títulos ²

(sessão) Appreciating Diversity

dirigente(s)

-- Chairs: Pat Young; Linda Cheong.

- **The Australian Indigenous Cultural Network - indigenous collections on line**

-- Patrick Dodson. Austrália

- **Networking cultures**

-- Getty Institute delegate Estados Unidos.

- **Australian treasures: a collection of Australian artefacts in Denmark**

-- Lene Rold - Ethnographic Department's National Museums; Prehistoric Department.
National Museum of Denmark.

(sessão) Knowledge Models

dirigente(s)

-- Jane Sledge. (Getty ?)

- **Virtual museums on the information superhighway: prospects and potholes.**

-- Maria Milosavljevic, Robert Dale, Stephen J Green, Cécile Paris, Sandra Williams.

Intelligent Interactive Technologies Group. CSIRO Mathematical and Information Sciences
Sydney. Austrália.

MRI Language Technology Group. Macquarie University. Sydney. Austrália.

- **Electronic communication on diverse data - the role of an object-oriented CIDOC model**

-- Martin Doerr, ICS FORTH, Creta, Grécia.

-- Nicholas Crofts, DSI, Genebra, Suíça.

¹ O evento CIDOC ocorreu paralelo à Conferência Geral do ICOM, em 1998.

Museums and Cultural Diversity's: Ancient Cultures, New World. 10-16 October 1998. Melbourne, Austrália. The overall ICOM conference theme.

ICOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Disponível em: <<http://icom.museum/>>. Acesso em: junho - 2002.

² CIDOC CONFERENCE 98. Disponível em: <<http://www.willpowerinfo.myby.co.uk/cidoc/conf98.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL MEETING 1998. [Documenting and Communicating of Cultural and Natural Diversity]. Melbourne, Australia, October 10 -16, 1998. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1998. [8 p.]. Chair Jeanne Hogenboom, The Netherlands. HOGENBOOM, Jeanne. Chair's Report 1998. CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1998. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 9. August 1998. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

(sessão) Bridging Standards

dirigente(s)

-- Louise Smith [TBC].

- **Making museum multimedia information usable.**

-- David Bearman; Jennifer Trant. Archives & Museum Informatics. Estados Unidos.

- **The application of metadata standards to multimedia in museums**

-- Jane Hunter. University of Queensland. Austrália.

- **Harnessing cultural resources: the Web, Z39.50 and the CIMI profile**

-- Sonya M. Finnigan; Linda J. Bird. Distributed Database Unit, CRC for Distributed Systems Technology Centre. University of Queensland. Austrália

- (painel) **Towards a Museology of Museum Multimedia**

dirigente(s)

-- Jennifer Trant. Archives & Museum Informatics. Estados Unidos.

(sessão) Market of Ideas

dirigente(s)

-- Helen Page. Multimedia Manager National Gallery of Victoria. Austrália.

- **Hellenic network for the diffusion of 'know-how' on the documentation of ethnographic objects.** (Ethnomuseum-Net)

-- Penny Theologi-Gouti. Department of Electrical Engineering and Computer Technology. Patras University. Patras. Grécia.

- **Storing stories; data beyond objects**

-- Virgil Nitulescu. Romania.

- **The 'Arctic-Antarctica' exhibition - enhancing communication through five new media projects**

-- Norbert Kanter. Project Manager New Media. Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland . (Bonn, Alemanha).

- **Use of information technology in updating of museum records**

-- V. N. Singh. Diretor. Government Museum and Art Gallery, Chandigarh. India

(sessão) Beyond Data

dirigente(s)

-- Sarah Kenderdine

- **Du catalogage à l'information contextuelle: approches et objectifs**

-- Rachid Bouzidi. Musée de Kasbah. Marrocos.

- **Recherche d'images: indexation textuelle versus indexation de contenu**

-- Bérengère Schietse. Musées Royaux d'Art et d'Histoire. Bruxelas. Bélgica.

Sessões do CIDOC Groups

- **Archaeological Sites Group**

- **Documentation Standards Group**

- **Iconography Group**

- **Ethno Group**

- **Multimedia Group**

- **Services Group**

- **Museum Information Centres Group**

- **Contemporary Art Group**
- **Internet Group**

NEWSLETTER / BULLETIN ³

referência: CIDOC Conference, 1998 -- **Artigos** -- **títulos**
e
outras referências dessa edição -- **demaís artigos**

- **Collection management and the Internet: an Australia perspective**
-- Timothy Hart. Project Manager, Australian Museums On Line (AMOL).
- **Australian galleries: connecting culture and diversity**
-- Jesmond Calleja. Registrar - Cataloguing and Documentation. Art Gallery of New South Wales Sydney. New South Wales, Austrália
- **Bits, bytes and building blocks: the multimedia strategy of the National Gallery of Victoria and the role of documentation as a foundation for multimedia development**
-- Helen Page. Multimedia Manager National Gallery of Victoria. Austrália.
- **What's in a name? Documenting natural sciences collections in Australia**
-- Elycia Wallis. Collection Manager, Invertebrate Zoology Museum Victoria. Austrália
- **Communicating and documenting cultural heritage on the Web**
-- Ecaterina Geber. Project Leader-Systems and Access. Canadian Heritage Information - Network. CHIN. Ottawa, Ontário
- **ISO TC46, Athens**
-- Nick Crofts. IGVG-Informatique Générale. Genebra. Suíça.
- **The Getty Information Institute - Vocabulary Program.**
-- Patricia Young. Patricia Young. Head, Vocabulary Program - Getty Information Institute. Los Angeles. Estados Unidos
- **Archaeological sites WG report**
-- Henrik Jarl Hansen. Nationalmuseet, Copenhagen. Dinamarca
- **Ethno WG report**
-- Penelope Theologi-Gouti. Department of Electrical Engineering and Computer Technology. Patras University. Patras, Grécia.
- **Documentation standards WG report**
-- Nick Crofts. IGVG-Informatique Générale. Genebra. Suíça
- **Multimedia WG report**
-- Jennifer Trant. Archives & Museum Informatics. Pittsburgh, Pensilvânia. Estados Unidos.
- **Information Centres WG report**
-- Rhoda S. Ratner. Head Librarian. History, Technology and Art Department. Smithsonian Institution Libraries. Estados Unidos.

³ CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 1998. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 9. August 1998. 51 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp. Financial support Getty Information Institute, Santa Monica.

Anexo I
PERFIL CIDOC 1999

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

CIDOC, MDA, Conference 1999. Delivering diversity: promoting participation.
06/10 setembro -- Londres, Reino Unido.

Conferências -- temas / títulos ^{1 2}

- (sessão) **Agendas for the Future**
- (sessão) **Archives, Libraries & Museums (convergência)**
- (sessão) **Resource Discovery**
- (sessão) **Providing for Specific Audiences**
- (sessão) **Combating Illicit Traffic**
- (sessão) **Accessing the Diversity of Collections**
- (sessão) **Content Development**

Sessões do CIDOC Groups (comunicações / assunto)

- **Archaeological Sites Group**
assunto: Towards the development of standards for site documentation
- **Ethno Group**
assunto :Developing an ethnographic data standard.
- **Multimedia Group**
assunto: Advancing the use of multimedia in museums
- **Information Centres Group**
assunto: Issues regarding museum libraries and bibliographic collections
- **Documentation Standards Group**
assunto: Standards and guidelines relevant to museum documentation.
- **Internet Group**
assunto: The promise of the Internet within the museum community
- **Services Group**

¹ CIDOC, MDA, CONFERENCE 1999. Delivering diversity: promoting participation, 6-10 September 1999, Imperial College. London. London: mda Information. v. 5, n. 3, 1999. CIDOC in partnership with the mda - Conference Proceedings. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/info53.htm#Contents>>. Acesso em: outubro 2002.

CIDOC, MDA CONFERENCE PROGRAM 1999. Disponível em: <<http://www.mda.org.uk/conference1999/index.htm>>. Acesso em: outubro -- 2002.

² CIDOC REPORT OF THE ANNUAL BUSINESS MEETING 1999. [Delivering diversity: promoting participation]. London, United Kingdom, September 6-10, 1999. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 1999. [8 p.]. Chair Patricia Young, Canada.

assunto: Various fact sheets and member surveys.

- **Contemporary Art Group**

assunto: Issues regarding the documentation of contemporary art.

- **Iconography Group**

assunto: Issues of standards and classification for iconography.

mda INFORMATION ³ (1)

referência: CIDOC, MDA, Conference 1999

Artigos -- títulos

- **The Launch of the European Museums' Information Institute**
-- Michael Lauenborg. Esbjerg Museum, Dinamarca. Dinamarca
- **The Changing Role of Information Professionals in Museums**
-- Andrew Roberts. Documentation Officer, Museum of London. Londres. Reino Unido
- **Cataloguing is Dead... Long Live the Cataloguers**
-- Alice Grant. Head of Collections Information. Science Museum. Londres. Reino Unido
- **Convergence of Archives, Libraries and Museums: A European Perspective**
-- Ariane Iljon. European Commission.
- **American Str@tegy: A Report**
-- Jane Sledge. Information Resource Manager. National Museum of the American Indian. Estados Unidos.
- ⁴ **DC, RDF, Z39.50, and assorted other acronyms: standards-based resource discovery on the web for the cultural heritage community**
-- Paul Miller. Interoperability Focus. Office for Library and Information Networking - UKOLN, Reino Unido
- **Finding Museum Information in the Internet Commons: A report on the CIMI Dublin Core Metadata Testbed Project** (Consortium for the Computer Interchange of Museum Information - CIMI)
-- John Perkins. Executive Director. Consortium for the Computer Interchange of Museum Information (CIMI), Canadá
-- Angela T. Spinazze.. ATSPIN Consulting. Estados Unidos
- **Bringing in more elderly audiences with the power of digital technologies: A case study.** (Contemporary Art Center of the Art Tower Mito, Mito, Ibaraki).
-- Junko Iwabuchi. Keio University, Tóquio. Japão/
- **The Key Role of Documentation and Information in the Protection of Cultural Property and Institutions in times of Armed Conflict**
-- Patrick Boylan. City University. Londres, Reino Unido.
- **Illicit Traffic, fighting an uphill battle**

³ CIDOC, MDA, CONFERENCE 1999. ... mda Information ...Conference Proceedings. Op. cit.

⁴ Sledge, anteriormente, atuava no Getty Information Center, segundo fontes dos anos precedentes.

-- Manus Brinkman. ICOM.

- **Building a Cultural Digital Library for Diverse Educational Users: The AMICO Experience** (AMICO - Art Museum Image Consortium)

-- Jennifer Trant; David Bearman. .AMICO - Art Museum Image Consortium. Estados Unidos.⁵

- **The Museum in the 21st Century and Information Media [art museum]**

-- Alexander S. Drikker. State Russian Museum. São Petersburgo.

- **Historical Photographic Collections: an untapped resource?**

-- Hermione Cornwall-Jones. Photo Archivist. University of Cambridge. Museum of Archaeology and Anthropology. Cambridge. Reino Unido

- **Chapter 17 Networked Communication: Are Museums in Sub-Saharan Africa Ready?**

-- Mubiana Luhila. Livingstone Museum. Zâmbia.

- **The AFRICOM Inventory Programme**

-- Chédli Annabi, Musée National de Carthage. Cartago. Tunísia.

- **Joining the dots: Challenges in the creation of information for public access**

-- Fiona Marshall. British Museum. Londres. Reino Unido.

- **"Truth may seem, but cannot be": on the objectivity of museum collections data**

-- Jeanne Hogenboom. Diretora. Bureau IMC, Roterdã. Holanda.

(1) NOTA:

Nesse ano (1999) não houve edição NEWSLETTER (CIDOC). Os artigos foram publicados na revista mda Information sob o formato de proceedings da conferência, já que a Museum Documentation Association (mda) era parceira nesse evento CIDOC.

⁵ Bearman e Trant que atuaram na Fundação J. Paul Getty, atualmente, também dirigem com outros especialistas a Archives & and Museums Informatics - ARCHIMUSE, participam também da AMICO. (conforme se mencionou em capítulos da tese). Informações sobre ambos: ver ANEXO - ESPECIALISTAS.

Anexo I
PERFIL CIDOC 2000

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

*CIDOC Conference 2000. Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage
Knowledge for the New Millennium*

22/26 agosto -- Ottawa, Canadá.

evento conjunto CIDOC e CHIN - *Canadian Heritage Information Network*

Conferências -- temas / títulos ¹

- Sessões do **CIDOC Groups**
- Sessões **CHIN Members' Day**
- (sessão especial) **Creating and Managing Digital Resources** (CHIN - Canadian Heritage Information Network --)
- (sessão especial) **Implementing the Dublin Core Metadata Standard in Museums** (CIMI - Consortium for the Computer Interchange of Museum Information)(sessão) Opening Plenary
- **Visions of the Future**
-- Jane Sledge. Information Resources Manager. National Museum of the American Indian. Estados Unidos.
- (sessão) Building Content Together: Partnerships and Initiatives.
- **Considering Cross-Sectoral Convergence from a Library Perspective**
-- Susan Haigh. Information Analysis and Standards, National Library of Canada. Canadá. ²
- **Breaking New Ground: The Virtual Museum of Canada**
-- Karen Neimanis. Diretora. Systems and Access. Canadian Heritage Information Network.- CHIN. Canadá.
- **The European Museums' Information Institute (EMII): What's in a Survey? Interpreting the European Standards Survey** (países participantes; Dinamarca, França, Alemanha, Islândia, Itália, Holanda, Noruega, Portugal, Suécia, Reino Unido).
-- Rosa Botterill. Standards Co-ordinator
-- Christina Brown. Standards Assistant.

¹ CIDOC PROGRAM PREVIEW -- CONFERENCE 2000. Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium. August 22-26, 2000. Ottawa, Canada. International Committee for Documentation of the International Council of Museums – CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 2000. [8 p.].

CIDOC REPORT OF THE ANNUAL BUSINESS MEETING 2000. [Collaboration, Content, Convergence: Sharing Heritage Knowledge for the New Millennium]. Ottawa. Canada. August, 26, 2000 International Committee for Documentation, International Council of Museums -- CIDOC ICOM. [S. l], CIDOC. 2000. 4 p. Chair Patricia Young, Canadá

CIDOC CONFERENCE 2000 AND CHIN - CANADIAN HERITAGE INFORMATION NETWORK, PROGRAM. Disponível em: <<http://www.chin.gc.ca/Resources/Cidoc/English/aug22>>. Acesso em: maio - junho 2002..

² Segundo a fonte S. Haigh, naquele período, havia sido indicada para o projeto Digital Library of Canada Task Force. Na National Library tinha sob sua responsabilidade o planejamento, desenvolvimento de conteúdo e parcerias.

European Museums' Information Institute (EMII). Reino Unido

(sessão) Magic or Myth: the Convergence of Disciplines in the Digital Age

- **Convergence of Activities or Convergence of Thought?!**

-- Claude Camirand. Diretor. Service des Technologies. Musée de la Civilisation, Canadá.

- **Museum collections: the future space**

-- Suzanne Keene. Head of Collections Services. Science Museum. Reino Unido.

(sessão) Collaboration: Putting Theory into Practice

- **Computerization and network distribution of text and image information on Québec museum collections: the role of the Réseau Info-Muse and its numerous partners** (L'informatisation et la mise en réseau de l'information textuelle et iconographique sur les collections des musées du Québec: le rôle du Réseau Info-Muse et ses nombreux partenaires).

-- Françoise Simard. Responsável pela Rede Info-Muse. Société des Musées Québécois. Montreal. Canadá

- **Connecting Britain's Computing Heritage: The National Computing Collections Listing Project.**

-- Ann E. Borda. Acting Head of Collections Multimedia. Science Museum. Londres. Reino Unido.

- **The Multilingual Thesaurus of Religious Objects of the Roman Catholic Faith: An Example of International Cooperation and Documentation Research**³

-- Claire Constans. Conservateur en Chef.⁴ Musée National des Châteaux de Versailles et de Trianon. França.

(sessão) Sights and Sounds in Virtual Spaces

- **Information Principles of the Electronic Art Museum**

-- Alexander Drikker. Head of Databases Department. State Russian Museum, Rússia.

(sessão) From Paintings to Pixels - the Challenges of Image Digitization

- **Research on the access to documentation through images at the l'Inventaire général des monuments et des richesses artistiques de la France**

-- Michel Melot. Encarregado da Sub-direção de estudos, documentação e inventário geral. Direction de l'Architecture et du Patrimoine. Ministère de la Culture et de la Communication. França.

(sessão) Tools for Knowledge Management

- **Helping people find content...preparing content to be found: enabling the semantic Web**

-- Joseph Busch.⁵ Vice-President. Infoware Metacode Technologies, Inc. Estados Unidos.

(sessão) Through the Eyes of the Audience

³ A Fundação J. Paul Getty (Estados Unidos) é uma das três instituições culturais participantes. As outras são ICCD, Itália, e RCIP no Canadá.

⁴ Observa-se nessa indicação referente ao cargo de C. Constans que persiste, ainda, o uso do termo “conservador” para o museólogo ou outro profissional especialista no estudo das coleções, no sistema nacional de museus, na França. (conforme se comentou no corpo da tese, capítulo 8).

⁵ J. Busch, anteriormente atuando na Getty. No resumo que apresenta seu texto, no evento CIDOC -CHIN, encontra-se a informação que este membro do Comitê do ICOM “será o próximo presidente da ASIST em 2001.” (Mr. Busch will be the President of the American Society for Information Science in 2001).

- **Beyond Theory: The interplay between museum practice, data standards and educational users' expectations**

-- David Bearman. Director, Strategy and Research

-- Jennifer Trant. Executive Director.

Art Museum Image Consortium (AMICO). Estados Unidos.⁶

(sessão) Collecting Ideas, Connecting Ideas

- **Standard Documentation Practices of Philippine Museums: An Analysis.**

-- Francisca Flores-Caberoy National Museum of the Philippines, Filipinas.

- **CREATION - The Virtual Art Gallery**

-- Erin Branwen Coffin. Wolverhampton Art Gallery, Canada.

- **The Results of the Information Technology applied to the Jesuit Missions of Guarani**

-- Luiz Antonio Bolcato Custódio. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (Brazilian Heritage Institute). Brasil.

- **Experiment in the Field of Museum Design: Virtual Museum of Russian Primitive**

Aleksey Lebedev. Head Associate. Russian Institute for Cultural Research. Rússia.

(sessão) Mapping the Way: Models and Standards.

- **Joined up Doing: the road to truly virtual heritage organisations**

-- Paul Miller. Interoperability Focus. Office for Library and Information Networking - UKOLN, Reino Unido.

- **Metadata and the CIDOC CRM - a Solution for Semantic Interoperability (CIDOC Conceptual Reference Model)**

-- Martin Doerr. Senior Researcher. Information Systems and Software Technology Division Institute of Computer Science -- FORTH. Grécia.

-- Nick Crofts. Presidente (desde 1996) do ICOM/CIDOC Documentation Standards Group. University of Geneva. Suíça.

-- Maria Theodoridou. Centre for Cultural Informatics at the Foundation for Research and Technology - Hellas -- FORTH. Grécia.

- **Using the CIDOC CRM - RLG's Cultural Materials Initiative [Research Library Group]**

-- Tony Gill. Program Officer for Member Initiatives (Cultural Materials). Research Libraries Group. Estados Unidos.

NEWSLETTER / BULLETIN⁷

referência: CIDOC Conference, 2000 -- **Artigos** -- **títulos**

e outras referências dessa edição -- **demaís artigos**

- **Education, education, education... observations on the CIDOC and MDA 1999 Conference. [Delivering Diversity: Promoting Participation]**

-- Jeanne Hogenboon. Diretora. Bureau IMC. Holanda.

- **Delivery documentation: changing the face of audience participation**

⁶ Bearman e Trant que atuaram na Fundação J. Paul Getty, atualmente, também dirigem com outros especialistas a Archives & and Museums Informatics - ARCHIMUSE, participam também da AMICO. (conforme se mencionou em capítulos da tese). Informações sobre ambos: ver ANEXO - ESPECIALISTAS.

⁷ CIDOC NEWSLETTER / CIDOC BULLETIN 2000. Antwerp: CIDOC - ICOM; Royal Museum of Fine Art. v. 10. July 2000. 46 p. Editor: Yolande Morel-Deckers, Royal Museum of Fine Art, Antwerp.

-- Jesmond Calleja. Registrar - Cataloguing and Documentation. Art Gallery of New South Wales. Austrália.

- **Treatment of chronological information in cultural information systems.**

-- Nicholas Crofts. Head Project MUSINFO. Direction des Systèmes d'Information. - DSI. Genebra. Suíça.

- **News from Archaeological sites WG**

-- Henrik Jarl Hansen. Presidente WG. Nationalmuseet, Copenhagen. Dinamarca
Gillian Grayson. Secretária WG. English Heritage National Monuments Records. Reino Unido

- **CIDOC Multimidia WG.**

-- Jan van den Starre. Secretário WG. L/O RKD. Holanda.

- **The CIDOC Documentation Standards WG**

-- Nicholas Crofts. Presidente WG. Direction des Systèmes d'Information. - DSI. Genebra. Suíça.

- **Working Group on Museum, Libraries and Information Centres**

-- Rhoda S. Ratner. Head Librarian. History, Technology and Art Department. Smithsonian Institution Libraries. Estados Unidos.

- **The European Museums' and Information Institute (EMII)**

-- Rosa Boterill. Standards Co-ordinator .

-- Cristina Brown. Standards Assistan.

European Museums' Information Institute. Reino Unido.

ANEXO II
PERFIL ASIST 1996

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS ¹

ASIS Midyear Meeting 1996

The Digital Revolution: Assessing the Impact on Business, Education, and Social Structures.

18/22 maio -- San Diego, Califórnia

Conferências -- temas / títulos

- (sessão SIG VIS) ² **Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text** [projeto MESL = 16 museus]

³

- Moderador -- Howard Besser. Visiting Associate Professor, School of Information and Library Studies, University of Michigan. Ann Arbor, MI
- Jennifer Trant. Getty Art History Information Program (AHIP)
- David Millman. Columbia University

ASIS Annual Meeting 1996 --- Global Complexity: Information, Chaos and Control

19/24 outubro -- Baltimore, Maryland

Conferências -- temas / títulos

- (workshop -- Continuing Education) **Introduction to Image Databases**
- Howard Besser. Visiting Associate Professor, School of Information and Library Studies, University of Michigan. Ann Arbor, MI.

¹ ASIS ANNUAL MEETING, 1996 -- PROCEEDINGS. Global Complexity: Information, Chaos and Control. ASIS Annual Meeting 1996, October 19-24. Baltimore, Maryland. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96/ElectronicProceedings/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1996 -- PROCEEDINGS. The Digital Revolution: Assessing the Impact on Business, Education, and Social Structures. Disponível em: <<http://www.asis.org/midyear-96/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1996 -- PROGRAM. Global Complexity: Information, Chaos and Control. ASIS Annual Meeting 1996, October 19-24. Baltimore, Maryland. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96/program.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

² ASIS MIDYEAR MEETING, 1996 -- CONFERENCE PROGRAM. Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text- MESL. ASIS Midyear Conference Session. Sponsoring Organization: SIG VIS Special Group (Visualization, Images and Sound). Disponível em: <http://www.asis.org/midyear-96/asismy_final.html>. Acesso em: junho - 2002.

³ Os nomes indicados após os títulos representam os participantes, dizendo respeito aos conferencistas, instrutores (workshops), moderadores e debatedores, autores (artigos) etc, em suma, o responsável pelos resumos e textos integrais analisados. As referências aos participantes foram mantidas no idioma original da fonte consultada visando evitar equívocos na tradução dos cargos, nomes das instituições, localidades e demais indicações.

(reunião SIGs AH, LAN, VIS) Digital Imagery: Photographs and Art

- **Retrieval and Study of Digital Images: Lessons from the Museum Education Site License Project.**

(16 museus entre eles o University of Michigan Museum of Art)

-- Howard Besser. Visiting Associate Professor. School of Information and Library Studies, University of Michigan. Ann Arbor, MI

- **Museum Networking Project Updates: The Consortium for the Computer Interchange of Museum Information (CIMI)**

-- Joseph Busch. Getty Museum

Icons and the Web: Communicating Classificatory Structure through Graphics (reunião SIGs/CR; VIS)

- **A Framework for Image Indexing Based on Free Description**

-- Corinne Jorgensen. Assistant Professor. School of Information and Library Studies, State University of New York at Buffalo, Buffalo, NY

Indexing and Abstracting (sessão)

- **Indexing Images: Testing an Image Description Template**

-- Corinne Jorgensen. Assistant Professor. School of Information and Library Studies, State University of New York at Buffalo, Buffalo, NY

Interface Design and Navigation (sessão)

- **A Unified Similarity Coefficient for Navigating Through Multi-Dimensional Information**

(Pontypridd Historical and Cultural Centre).

-- Douglas Tudhope. Computer Studies Department, University of Glamorgan Pontypridd. Wales, UK

-- Carl TAYLOR 2DK Multimedia. London, UK

BULLETIN. OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE. ⁴

Artigos -- temas / títulos

referência: ASIS Annual Meeting 1996.

- **Electronics and the Dim Future of the University**

-- Eli M. NOAM. Professor of Finance and Economics. Director of the Columbia Institute for Tele-Information, Graduate School of Business, Columbia University, New York City.:

⁴ ASIS ANNUAL MEETING, 1996. Annual Meeting Preview. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 2, n. 5, p. 6-9, June-July 1996. Reprinted with permission from *Science*, v. 270, p. 247-249, October 13, 1995. Copyright 1995, American Association for the Advancement of Science. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-96>>. Acesso em: junho - 2002.

SIG VIS NEWS.⁵

referência: **Midyear Meeting 1996; sessão Sig VIS**

Artigos -- temas / títulos

tema **Projeto MESL**⁶

NOTA : Grupos Especiais ASIST indicados por siglas nesse Anexo

(AH) Arts & Humanities

(CR) Classification Research (CR)

(CRS) Computerized Retrieval Services

(LAN) Library Automation & Networks

(VIS) Visualization, Images & Sound

⁵ GOODRUM, Abbey. Letter from the editor. SIG VIS NEWS v.1, n. 3, summer 1996. Jornal eletrônico publicado pelo Special Interest Group on Visualization, Images and Sound - SIG VIS, ASIST- American Society for Information Science and Technology. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/index.html>>. Acesso em: junho - 2002.

⁶ Esse tema já foi apresentado nesse Anexo em EVENTOS, Midyear...; Conferências...; Museum Education Site License Project: Networked Delivery of High Quality Images and Accompanying Text. [projeto MESL].

ANEXO II
PERFIL ASIST 1997

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

LACASIS Chapter Meeting / Los Angeles Chapter of ASIS 1997 -- Organizational Tools for a Chaotic World: The Getty Vocabularies¹
março 1997 -- Los Angeles, Califórnia

Conferências -- temas / títulos

- **The Getty Vocabularies: Structured Words for a Disordered World**

ASIS Annual Meeting 1997 -- Digital Collections: Implications for Users, Funders, Developers and Maintainers²
30 maio / 04 junho -- Scottsdale, Arizona

Conferências -- temas / títulos

- **Introduction to Image Databases** (workshop -- Continuing Education)
-- Instrutor -- Howard Besser. University of California. Berkeley, Califórnia³
- **Reference Information Acquisition and Coordination** (Contributed Paper)⁴
-- Martin Doerr. ICS- Institute of Computer Science - FORTH, Heraklion, Creta, Grécia.
- **Now That We Have Digital Collections: Why Do We Need Libraries?**
-- Christine L. Borgman. University of California Los Angeles. Los Angeles, Califórnia.

¹ LACASIS EVENTS 1997. Disponível em: <http://www.usc.edu/isd/partners/orgs/lacasis/meetings/97_LACASIS_events.html>. Acesso em: junho 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 -- A Look at the ASIS Mid-Year Meeting: Information Privacy, Security and Data Integrity. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 23, n. 4, April-May 1997. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Apr-97/2infoprivacy.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

² ASIS ANNUAL MEETING 1997. PROGRAM. Digital Collections: implications for users, funders, developers and maintainers. November 01-06, Washington, DC. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-97/conted.htm>>. Acesso em: junho - 2002; SESSION ABSTRACTS. Disponível em: <<http://www.asis.org/annual-97/sessions.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

³ Os nomes indicados após os títulos representam os participantes, dizendo respeito aos conferencistas, instrutores (workshops), moderadores e debatedores, autores (artigos) etc, em suma, o responsável pelos resumos e textos integrais analisados. As referências aos participantes foram mantidas no idioma original da fonte consultada visando evitar equívocos na tradução dos cargos, nomes das instituições, localidades e demais indicações. Algumas palavras de fácil identificação, porém, poderão estar grafadas em Português.

⁴ A sessão / conferência teve como responsável Martin Doerr do Institute of Computer Science - ICS FORTH, Heraklion, Creta, Grécia, que além de membro da ASIST, também é membro do CIDOC.

(sessão) Image Retrieval

- **The QBIC Project in the Department of Art and Art History at UC Davis.** (Contributed Paper)

(Nelson Gallery and Fine Arts Collections at UC Davis)

-- Bonnie Holt; Ken Weiss The QBIC Project in the Department of Art and Art History at UC Davis. University of California. Davis, Califórnia

-- Wayne Niblack, Myron Flickner, Dragutin Petkovic IBM Almaden Research Center, IBM Corporation, San Jose. Califórnia

- **Image Retrieval: Theoretical Analysis and Empirical User Studies on Accessing Information in Images.** (Contributed Paper)

-- Susanne Ornager. Royal School of Librarianship, Copenhagen. Dinamarca. (coleções fotográficas)

- (sessão e Contributed Paper) **Metadata**

-- Moderador -- Joseph A. Busch. The Getty Information Institute. Santa Monica, Califórnia.

- **Hyperlinks: How Well Do They Represent the Intellectual Content of Digital**

-- Heting Chu. Long Island University.

(reunião SIG CRS) Approaching Information: Retrieval Designs Affecting Digital Collections

-- Moderadora -- Debbie Barnes. Southeast Oklahoma State University, Oklahoma.

- **A Getty Information Institute Database** (Contributed Paper)

Vivian Hay. The Getty Information Institute. Santa Monica, Califórnia.

- **Creating Information-Retrieval Artists for Digital Collections**

-- M. J. Norton. School of Library and Information Science, University of Southern Mississippi

(reunião SIGs: CR, VIS) Classification and Indexing for Image Collections: Theory and Practice

- **How People Describe Images: Continuing Research.** (Contributed Paper)

-- Corinne Jorgensen. Assistant Professor. School of Information and Library Studies, State University of New York at Buffalo , Buffalo, NY

- **Sharing Congruence: Text-Based and Image-Based Representations for Moving Images** (Contributed Paper)

-- Abbey Goodrum. University of North Texas. (universidade c/ museu e Bryant Caribbean Art Collection)

(reunião SIG HCI) Interface Design for Digital Special Collections

-- Moderadora -- Janette Bradley. The Entrepreneur Store

- **Web-Based Interfaces for Special Collections**

(Kent State University Fashion Museum)

-- Erica Lilly. Kent State University Libraries

BULLETIN. OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE

referência: ASIS Midyear Meeting 1997 ^{5 6}

Artigos -- temas / títulos

- **Privacy, Integrity and Security for the Holocaust Project Database** (SIG: CRS)
 - Moderator -- Vivian HAY Getty Museum. Santa Monica, Califórnia. (instituição membro da base de dados)
 - Sam GUSTMAN. Survivors of the Shoah Visual History Foundation (museu)
- **Can't Tell You, But I Know It's Mine: Artists' Rights and Electronic Imagery** (SIGs: VIS, AH, TIS)
 - Moderator -- Terry Beamsle. Henry Ford Museum & Greenfield Village
 - David Blow School of Visual Arts, University of North Texas. (universidade c/ museu e Bryant Caribbean Art Collection)
 - Ricardo Hernandez Texas Commission on the Arts
 - Eunice Maguire Krannert Art Museum, University of Illinois
 - Jim Angus. Internet and Hypermedia Programs, Natural History Museum of LA County
 - Russ Pensyl School of Visual Arts, University of North Texas. (universidade c/ museu e Bryant Caribbean Art Collection)
- **A New Definition of Privacy**(SIGs: CRS, AH)
 - Moderadora -- Vivian Hay Getty Museum. Santa Monica, Califórnia.
- **Donor Privacy Issues in the Public Domain.**
 - Jack Knoke Texas Association of Museums
- **Protection and Rights Management Schemes for Digital Images** (SIGs: AH, VIS)
 - Moderator -- TBA (?)
 - Howard Besser. University of California, Berkeley, Califórnia
 - Richard Hulser. IBM
 - Christie Stephenson. Getty Information Institute. Santa Monica, Califórnia.

⁵ ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 –. A Look at the ASIS Mid-Year Meeting: Information Privacy, Security and Data Integrity. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 23, n. 4, April-May 1997. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Apr-97/2infoprivacy.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

⁶ ASIS MIDYEAR MEETING, 1997 --TECHNICAL PROGRAM. Information Privacy, Security and Data Integrity. May 30 - June 04, Scottsdale, Arizona. Disponível em: <<http://www.asis.org/midyear-97/program.html>>. Acesso em: junho - 2002.

referência: ASIS Annual Meeting 1997 ⁷

Artigos -- temas / títulos

- **Metadata in Australia**

-- Carmel Maguire. Honorary Visiting Professor. School of Information Library and Archive Studies, University of New South Wales, Sydney, Austrália

- **The Dublin Core: A Simple Content Description Model for Electronic Resources**

-- Stuart Weibel. Senior research scientist. OCLC - Office of Research [Online Computer Library Center]

Uniform Resource Identifiers, Metadata, and What They Mean for Access to Networked Digital Resources (reunião SIGs CR/LAN/ PUB, ASIS Standards Committee)

- **Metadata, MARC, and the Dublin Core**

-- Rebecca Guenther. MARC Standards Specialist.. Network Development and MARC Standards Office, Library of Congress, Washington, DC (coleção de objetos museológicos e o "mundo da arte").

NOTA: Grupos Especiais ASIST indicados por siglas nesse Anexo

(AH) Arts & Humanities

(CR) Classification Research (CR)

(CRS) Computerized Retrieval Services

(HCI) Human-Computer Interaction

(LAN) Library Automation & Networks

(TIS) Technology, Information, & Society

(PUB) Information Generation & Publishing

(VIS) Visualization, Images & Sound

⁷ ASIS ANNUAL MEETING, 1997. Organizing Internet Resources: Metadata and the Web. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 1, October-November 1997. Número enfocando artigos específicos sobre Web, um dos segmentos dentro do tema geral da reunião anual. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-97/>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS ANNUAL MEETING, 1997. Annual Meeting Coverage. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 2, December 1997-January 1998. Extra Web Exclusive, Additional Annual Meeting Coverage. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Dec-97/index.htmlBULLETIN>>. Acesso em: junho - 2002.

ANEXO II
PERFIL ASIS 1998

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

ASIS Midyear Meeting 1998 -- Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology

16/20 maio -- Orlando, Flórida

Conferências -- temas / títulos ¹

- (workshop) **Introduction to Image Databases**
-- Howard Besser ²
- (painel SIGs CRS, LAN, TIS) **Case Studies in Academic Collaboration** ³
-- Moderator -- Vivian Hay. Getty Information Institute
-- Doug Kaylor. Wright State University
-- Carol Barry Louisiana State University
-- M. Jay Norton. University of Southern Mississippi

ASIS Annual Conference 1998: Information Access in the Global Information Economy ⁴

26/29 outubro -- Pittsburgh, Pensilvânia

Conferências -- temas / títulos

- (workshop) **Introduction to Image Databases**
-- Howard Besser

¹ ASIS MIDYEAR MEETING, 1998 -- CONFERENCES [sessions contents]. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/Panel-Case.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MIDYEAR MEETING, 1998 -- PROCEEDINGS. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/proceedings.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS MID-YEAR MEETING, 1998 -- TECHNICAL PROGRAM, CONFERENCE WEB PAGES. Collaboration Across Boundaries: Theories, Strategies and Technology. May16 – 20, Orlando, Flórida. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY98/contEd.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

² Embora outros dados sejam fornecidos na fonte, não há indicação quanto à instituição que o Professor Besser estaria representando.

³ Essa sessão consistiu em reunião conjunta da ASIS com o grupo SIG VIS, tendo como patrocinador esse Grupo Especial da Associação.

⁴ ASIS ANNUAL CONFERENCE, 1998. Information Access in the Global Information Economy. October 26 – 29, Pittsburgh, Pennsylvania. Disponível em: <http://www.asis.org/Conferences/AM98/html/am98ce_sun.html#sigcr>. Acesso em: junho - 2002.

BULLETIN. OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE

referência: ASIS Annual Meeting 1998 (tema) ⁵

Artigos -- temas / títulos

- **Object Description on the Internet: A Study of Current Standards and Formats - Testing Existing Metadata Standards and Proposed Metadata Cores in a Digitized Historical Fashion Collection**

-- Marcia Lei Zeng. Associate Professor, Kent State University. (Kent State University Fashion Museum)

outras referências dessa edição -- **demais artigos** ⁶

- **Electronic Records Research -- Working Meeting, May 28-30, 1997: a Report from the Archives Community**

-- David Bearman;

-- Jennifer Trant

Archives & Museum Informatics. Pittsburgh, Pensilvânia.

SIG-VIS NEWS ⁷

referência: -- reunião conjunta com ASIS '98, Annual Meeting

Artigos -- temas / títulos

- **Classification Research Workshop. Images and Visualization (SIG/CR)**

outras referências dessa edição -- **demais artigos**

- **Graphic Language Documents: Structures and Functions.** (When Function Follows Form: Representation of Graphic Language Documents) ⁸

⁵ ASIS ANNUAL MEETING, 1998. Emerging Informations Standards. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n.1, October-November 1998. Inside ASIS. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-98>>. Acesso em: junho - 2002.

⁶ ASIS BULLETIN 1998. The New Information Professional. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 24, n. 3, February-March 1998. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Feb-98/bearman.html>>. Acesso em: junho - 2002.

⁷ ASIS SIG/CR (9) Classification Research Workshop. Images and Visualization SIGVIS NEWS. v. 2, n. 1, spring 1998. Held (Sunday, October 25, 1998).in conjunction with ASIS '98, Annual Meeting. Disponível em: <<http://www.asis.org/SIG/SIGVIS/9thasis.htm>>. Acesso em: junho- 2002.

⁸ O segundo título, entre parênteses, é apresentado no programa web da

- Carolyn Beebe. Indiana University. Indiana.
- Elin Jacob.⁹

- **Generalized Software Requirements to Access Thesauri and Classification Schemes for User-based Image Collections.**

- Barbara Barnes, Eric H. Johnson, Jennifer B. Young, Pauline A. Cochrane. University of Illinois. Urbana-Champaign. Illinois. (coleções de “editorial cartoons” e “dance videos”).

- **Browsing Images Using Broad Classification Categories** (University of Michigan Art Image Browser Design, Implementation and Evaluation)¹⁰
(Sils Art Image Browser: School Of Information and Library Studies of Michigan ---
participantes: University of Michigan Museum of Art; Kelsey Museum of Archeology; Slide and Photograph Collection, Department of the History of Art - University of Michigan; Los Angeles Chicano Murals. Private Photograph Collection Susan Atkins)

- C. Olivia Frost. Associate Dean University of Michigan.
- Anna Noakes. University of Michigan.

NOTA: Grupos Especiais ASIST indicados por siglas nesse Anexo

- (CR) Classification Research; e (CRS) Computerized Retrieval Services
(LAN) Library Automation & Networks; e (TIS) Technology, Information, & Society
(VIS) Visualization, Images & Sound

ASIS ANNUAL MEETING 1998. Other ASIS Pre-Conference Events -- 9th Classification Research Workshop (sponsored by ASIS SIG/CR). Disponível em: <http://www.asis.org/Conferences/AM98/html/am98ce_sun.html#sigcr>. Acesso em: maio/junho-2002.

⁹ Essa é a única indicação apresentada pela fonte.

¹⁰ Esse outro título, também diferente, consta do mesmo web site ASIS ANNUAL MEETING 1998. Other ASIS Pre-Conference Events ... (já citado).

ANEXO II
PERFIL ASIST 1999

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

ASIS Midyear Meeting: Evaluating and Using Networked Information Resources and Services¹

24/26 maio 1999 -- Pasadena, Califórnia

Conferências -- temas / títulos

- **Show Me the Pictures! or Evaluation Studies of Art Image Retrieval** (Contributed paper)
-- S.K. Hastings, T.J. Russell. School of Library and Information Sciences. University of North Texas. Denton, Texas. (Bryant Caribbean Art Collection)

ASIS Annual Meeting: Knowledge, Creation, Organization and Use²

31 outubro/04 novembro 1999 --- Washington, DC

Conferências -- temas / títulos

Classification and Representation (sessão)

Knowledge Management in Three Institutional Settings (reunião SIG CR)

- **Elements of Museum Classification**

-- Steven Shubert. North York Public Library. Toronto.

The Metadata Architecture: Issues, Problems, and Future Research (Painel SIG CR, STI)

- **The Metadata Structure for a Digitized Historical Fashion Collection: A Comparison of MARC, Dublin Core, and VRA.**

-- Marcia L. Zeng. [Associate Professor], Kent State University. (Kent State University Fashion Museum)

BULLETIN. OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE.

referência: **ASIS Midyear Meeting 1999**³

¹ ASIS MID-YEAR MEETING, 1999 -- CONFERENCE. Evaluating and Using Networked Information Resources and Services. May 24 – 26, Pasadena, California. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY99/contributedpapers.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

² ASIS ANNUAL MEETING, 1999 -- PROGRAM. Annual Meeting Knowledge, Creation, Organization and Use. October 31 - November 4, Washington, DC. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM99/Program/>>. Acesso em: junho - 2002.

³ ASIS BULLETIN 1999. ASIS Midyear Meeting, 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 4, April -May 1999. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-99/1999_mid-year_meeting_session_.html>. Acesso em: junho - 2002.

Artigos -- temas / títulos

- **Network Access to Visual Information: A Study of Costs and Uses** (Museum Educational Site Licensing Project - MESL).

- Moderador -- Howard Besser, University of California, Los Angeles ⁴
- Howard Besser. School of Education and Information. University of California, Berkeley. Califórnia.
- Robert Yamashita. California State University, San Marcos.
- Rosalie LACK E Joanne MILLER. School of Information Management and Systems University of California, Berkeley. Califórnia
- Lena Stebley, San Jose State University.

The Next Wave of Z39.50 Implementation: Informed by Evaluation (Painel)

- **Findings from the vCuc Experience**

- Carrol Lunau. Virtual Canadian Union Catalogue (vCuc) Project. National Library of Canada. Ottawa.

- **Putting Z39.50 Evaluation Findings to Use: The Z Texas Project**

- William E. Moen. School of Library and Information Sciences, University of North Texas. Denton, Texas.

- **Findings from the SILO Experience**

- Moderador: -- William E. Moen. University of North Texas.
- BLUE ANGEL Technologies/SILO Project [TBD].

- **Introduction to Image Databases** (workshop)

- Instrutor -- Howard Besser. School of Education and Information. UCLA [University of California, Los Angeles].

ASIS BULLETIN 1999. ASIS Mid-Year Meeting, 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 4, April -May 1999. Inside ASIS. Continuing Educations Courses. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Apr-99/inside_asis.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. Globalization and Information Technologies: New Emerging Partnerships. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 5, June-July 1999. MUSEUMS AND THE WEB' 99. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/museums_and_the_web>. METADATA INICIATIVE. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/metadata_initiative.html>. Acesso em: junho - 2002.

ASIS BULLETIN 1999. Theory and Practice in the Organization of Images and Other Visuo-Spatial Data for Retrieval. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 6, August - September 1999. Special Section. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Aug-99/>>. Acesso em: junho- 2002.

ASIS BULLETIN 1999. The Digital Libraries Initiative. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 1, October-November 1999. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-99/griffin.html>>. Acesso em: junho - 2002..

⁴ O Prof. Besser, em 1999, está nomeado com diferentes indicações na mesma fonte de consulta.

outras referências dessa edição -- ***demaís artigos*** ⁵

• **Museums and the Web '99**

-- David Bearman, Jennifer Trant. co-chairs of the Museums and the Web '99 Conference.. Archives & Museum Informatics. Pittsburg, Pensilvânia

• **The State of the Dublin Core Metadata Initiative: April 1999**

-- Stuart Weibel. ⁶

• **A Typology for Visual Collections**

GRIV (Groupe départemental de recherche en information visuelle [Visual Information Research Group])

-- James M. Turner, Professeur adjoint [assistant professor] in the École de bibliothéconomie et des sciences de l'information at the Université de Montréal.

• **Bringing Fashion Out of the Closet: Classification Structure for the Drexel Historic Costume Collection Digital Libraries Initiative – Phase 2: Fiscal Year 1999** -- Drexel Digital Fashion Project

(Museum Drexel Historic Costume Collection)

-- Abby Goodrum. Assistant professor in the College of Information Science and Technology at Drexel University.

-- Kathi Martin is Assistant professor, Design Department, College of Design Arts at Drexel University.

• **Perspectives on DLI-2 – Growing the Field**

-- Michael Lesk. National Science Foundation

(cerca de 17 instituições entre museus, bibbliotecas, arquivos, universidades, agências governamentais e públicas de fomento e patrocínio).

⁵ ASIS BULLETIN 1999. Globalization and Information Technologies: New Emerging Partnerships. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 5, June-July 1999. MUSEUMS AND THE WEB' 99. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/museums_and_the_web>. METADATA INICIATIVE. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jun-99/metadata_initiative.html>. Acesso em: junho - 2002..

ASIS BULLETIN 1999. Theory and Practice in the Organization of Images and Other Visuo-Spatial Data for Retrieval. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 25, n. 6, August - September 1999. Special Section. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Aug-99/>>. Acesso em: junho- 2002.

ASIS BULLETIN 1999. The Digital Libraries Initiative. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 1, October-November 1999. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Oct-99/griffin.html>>. Acesso em: junho - 2002.

⁶ Em 1997, na ASIS Midyear, o nome de Weibel está indicado como Senior research scientist. OCLC - Office of Research [Online Computer Library Center]. Em 1999, somente seu nome.

JASIS - JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE.

Artigos -- temas / títulos ⁷

- **Museum Informatics and Collaborative Technologies: The Emerging Socio-Technological Dimension of Information Science in Museum Environments.**
-- Paul F. Marty. Director of Information Technology, Spurlock Museum, University of Illinois. (doctoral student -- Graduate School of Library and Information Science, University of Illinois at Urbana-Champaign).

Artigos -- temas / títulos ⁸

- **Introduction**
-- Zorana Ercegovac (Guest editor) JASIS v. 50, n.13, November 1999. Special Topic Issue
- **Metadata Elements for Object Description and Representation: A Case Report from a Digitized Historical Fashion Collection Project**
(Kent State University Fashion Museum)
-- Marcia Lei Zeng. Associate Professor, Kent State University.

NOTA: Grupos Especiais ASIST indicados por siglas nesse Anexo

(CR) Classification Research

(STI) Scientific & Technical Information Systems````

⁷ ANNIVERSARY OF THE JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE, (50TH). JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n. 12, October 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1299.html>>.- Acesso em: junho - 2002.

⁸ INTEGRATING MULTIPLE OVERLAPPING METADATA STANDARDS. JASIS -- Journal of the American Society for Information Science. v. 50, n.13, November 1999. Special Topic Issue. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/v50n1399.html>>. Acesso em: junho - 2002..

ANEXO II
PERFIL ASIST 2000

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

EVENTOS

ASIS Annual Meeting: Knowledge Innovations: Celebrating our Heritage, Designing our Future ¹

11/16 novembro 2000 -- Chicago, Illinois

Conferências -- temas / títulos

- (sessão técnica SIGs CR, VIS) **Exploring Convergence: Digitized Multimedia Collections Among Museums, Archives and Libraries**
-- Moderadora. Caroline Beebe. North Carolina State University Libraries [Archives & Museum Informatics. Pittsburgh. Pensilvânia].
-- Anne Gilliland-Swetland. University of California, Los Angeles ²
-- Abby Goodrum. Drexel University. (Universidade / Museum Drexel Historic Costume Collection)
-- Constance Mayer. Indiana University School of Music
-- Leah Prescott , The Museum of America and the Sea, Mystic, CN.

Southern ASIST Ohio Chapter – SOASIST Meeting (reunião seccional) ³
novembro -- Daytona, Ohio.

Conferências -- temas / títulos

- **The Dublin Core: A Simple Content Description Model for Electronic Resources**
-- Sandy McIntyre Colby. LEXIS-NEXIS. Daytona, Ohio
Sandy McIntyre Colby, atua como “product support analyst” na OCLC’s CORC Service (Online Computer Library Center Cooperative Online Resource Catalog)

¹ ASIS ANNUAL MEETING, 2000 -- PROGRAM, TECHNICAL SESSIONS. Knowledge Innovations: Celebrating our Heritage, Designing our Future. November 11-16. Chicago. Illinois. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM00/overview.html>>. ---

<<http://www.asis.org/Conferences/AM00/thursdaydetail.html#r10302>>. Acesso em: junho - 2002.

² Conforme se mencionou no capítulo. 8, a Prof. Anne Gilliland-Swetland. desenvolve trabalhos no âmbito de artes e humanidades enfocando informação em museus para a Fundação J. Paul Getty, sendo autora de publicações editadas pela referida Instituição, a exemplo daquelas incluídas no Getty Standards and Digital Resource Magement Program. Informações sobre a professora, ver ANEXO --- ESPECIALISTAS

³ ASIS SOUTHERN OHIO CHAPTER, 2000 -- SOASIST LEXIS-NEXIS Technical Library. November. Daytona, Ohio. Disponível em: <<http://www.asis.org/Chapters/soasis/events/20001130.html>>. Acesso em: junho - 2002.

BULLETIN. OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE.

referência: ASIS Annual Meeting 1999 ⁴

Artigos -- temas / títulos

• **Classification and Representation**

-- Jessica Milstead. The JELEM Company

referência: outra edição -- **demaís artigos** ⁵

• **-Museum Informatics: Sociotechnical Information Infrastructures in Museums**

-- Paul F. Marty. Director of Information Technology, Spurlock Museum, University of Illinois. (doctoral student -- Graduate School of Library and Information Science, University of Illinois at Urbana-Champaign).

JASIS - JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE.

referência: edição c/ tema especial --

-- When Museum Informatics Meets the World Wide Web ⁶

Artigos -- temas / títulos

1. Introduction: When Museum Informatics Meets the World Wide Web

-- David Bearman; Jennifer Trant.

[Archives & Museum Informatics. Pittsburgh. Pensilvânia]

2. Effective Levels of Adaptation to Different Types of Users in Interactive Museum Systems

-- Fabio Paterno. CNUCE-CNR - Consiglio Nazionale delle Ricerche. Pisa, Itália.

3. On Pattern-Directed Search of Archives and Collections.

-- Cristiano Mancini. CNUCE-CNR - Consiglio Nazionale delle Ricerche. Pisa, Itália.

4. On-Line Exhibit Design: The Sociotechnological Impact of Building a Museum over the World Wide Web

⁴ ASIS BULLETIN 2000. Annual Meeting Coverage: 1999. BULLETIN of the American Society for Information Science. v. 26, n. 2, December-January 2000. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00>>. ---- <http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/track_2.html>. Acesso em: junho - 2002.

⁵ MARTY, Paul F. Museum Informatics: Sociotechnical Information Infrastructures in Museums. BULLETIN of The American Society for Information Science. v. 26, n. 3, February-March 2000. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Jan-00/track_2.html>. Acesso em: agosto - 2002..

⁶ Nessa edição o “tópico questão especial” (Special Topic Issue) teve como editores convidados. (Guest Editors): David Bearman e Jennifer Trant, membros do CIDOC.(ICOM)

JASIS 2000. When Museum Informatics Meets the World Wide Web. JASIS - Journal of the American Society for Information Science. v. 51, n. 1, January 2000. Special Topic Issue. Guest Editors: David Bearman and Jennifer Trant. [Archives & Museum Informatics -- ARCHIMUSE]

Disponível em:<<http://www.asis.org/Publications/JASIS/vol51n0100.html>>. Acesso em: junho - 2002.

-- Paul F. Marty. Director of Information Technology. Spurlock Museum, University of Illinois.

5. Visiting a Museum Together: How to Share a Visit to a Virtual World

-- P. Paolini. Professor. Computer Graphics and Multimedia. Dipartimento de Electronica. Politecnico di Milano. Itália.

Professor. Data Base Systems at University of Lecce.

--Thimoty Barbieri; Paolo Loiudice. HOC-Hypermedia Open Center Department of Electronics and Information. (estudantes -- Politecnico di Milano).

-- Francesca Alonzo. Politecnico di Milano .

-- G. Gaia. [Giuliano]. Director. Museo Nazionale della Scienza e della Tecnica Leonardo da Vinci. Computer Department. Milão. Itália.

6. The Neon Paintbrush: Seeing, Technology, and the Museum as Metaphor

-- Peter Walsh. Director. Information and Institutional Relations. Davis Museum and Cultural Center. Wellesley College, MA.⁷

7. Designing Digital Environments for Art Education/Exploration

-- Slavko Milekic. Hampshire College. Office of Internet Communications & Knowledge Exchange. MA.

outras referências dessa edição -- ***demaís artigos*** ⁸

• **Content and Knowledge Management in a Digital Library and a Museum**

-- Jianhua Yeh; Jiayang Chang; Yenjen Oyang⁹

NOTA: Grupos Especiais ASIST indicados por siglas nesse Anexo

(CR) Classification Research (CR)

(VIS) Visualization, Images & Sound

⁷ P. Walsh foi um dos fundadores e organizadores do Art Museum Image Consortium (AMICO).

JASIS 2000. Digital Libraries: part two. JASIS - Journal of the American Society for Information Science. v. 51, n. 4, March 2000. Special Topic Issue. Guest Editor: Hsinchun Chen. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/JASIS/vol51n0400.html>>. Acesso em: junho - 2002..

⁹ O resumo consultado só indicou os nomes dos autores.

ANEXO III
PERFIL PPGCI 1972¹ - 2002

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

TESES DEFENDIDAS² 1994³ - 2002

Títulos

1997

- **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico - metodológica.**

Autor: Icléia Thiesen Magalhães Costa.

Orientadora: Maria Nélida González de Gómez

Dados/autor

formação: Museologia; Biblioteconomia; c/ mestrado em CI. (UFRJ)

professora da Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO (Escola de Biblioteconomia)

2000⁴

- **Representação e museu científico: o instrutivo aparelho de hegemonia (ou uma profana liturgia hegemônica).**

Autor: José Mauro Matheus Loureiro.

Orientadora: Heloísa Tardin Christóvão

Dados/autor

formação: Museologia; c/ mestrado em CI. (UFRJ)

professor da Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO (Escola de Museologia)

2001⁵

- **A arte rupestre no Brasil: questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação.**

Autor: Carlos Xavier de Azevedo Neto.

Orientadora: Rosali Fernandez de Souza.

Dados/autor

formação: Arqueologia; c/ mestrado em História da Arte. (UFRJ)

- **Componentes lógicos e intuitivos no processo criativo da Arte e da Ciência: um estudo comparativo entre Arte e Ciência sob a ótica da Ciência da Informação.**

Autor: Rosa Maria Lellis Werneck.

¹ Conforme já se ressaltou ao longo da tese, 1972 indica o ano da primeira defesa realizada, dissertação, do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

² MCT, IBICT-DEP. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Relação de teses de doutorado: período junho 1994/setembro.2002. Rio de Janeiro: IBICT/DEP. 2002. 4 p. Documento cedido pelo DEP.

³ 1994 -- o ano registra a primeira tese do Curso de Doutorado a ser defendida.

1995 e 1996 -- não há registro de defesas de teses nesses anos.

⁴ 2000 -- quatro teses.

⁵ 2001 -- seis teses.

Orientadores: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria Nélida González de Gómez.

Dados/autor

formação: Desenho Industrial; c/ mestrado em Filosofia.

professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro _ UFRJ (Escola de Belas Artes)

artista plástica -- cerâmica.

2002⁶

- **Memórias clandestinas e sua museificação: uma prospecção sobre institucionalização e agregação informacional.**

Autor: Ana Lúcia Siaines de Castro.

Orientadora: Regina Maria Marteleto.

Dados/autor

formação: Museologia; c/ mestrado em CI (UFRJ).

- **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia e consciência no universo digital.**

Autor: Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva.

Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

Dados/autor

formação: História; c/ Mestrado em Historia da Arte. (UFRJ).

Nota:

Os dados profissionais que se obteve dos autores e referentes às praticas exercidas, bem como o local dessas atividades, dizem respeito à época da defesa dos trabalhos.

⁶ 2002 -- até o mês de setembro, o Curso indicava cinco teses defendidas.

ANEXO III
PERFIL PPGCI 1972¹ - 2002

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS² 1972 - 2002

Títulos

1992³

• **Memória institucional do IBGE: um estudo exploratório-metodológico**

Autor: Icléia Thiesen Magalhães Costa

Orientadora: Heloisa Tardin Christóvão.

Dados/autor

formação: Museologia; Biblioteconomia

funcionária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

1995

• **Imagem e cidade: a informação fotográfica na obra de Augusto Malta.**

Autor: Ricardo Silva de Hollanda.

Orientadoras: Rosali Fernandez de Souza e Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

formação: Comunicação Social

professor da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (Escola de Comunicação)

jornalista: Jornal do Brasil.

• **O museu como espaço de conhecimento e de confiança**

Autor: Laura de Oliveira Guedes

Orientadora: Maria de Nazaré Freitas Pereira.

formação: Museologia.

• **O museu: do sagrado ao segredo. Uma abordagem sobre informação museológica e comunicação**

Autor: Ana Lúcia Siaines de Castro.

Orientadora: Maria Nélida González de Gómez.

Dados/autor

formação: Museologia

funcionária da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro - FUNARJ

¹ Conforme já se ressaltou ao longo da tese, 1972 indica o ano da primeira defesa realizada, dissertação, do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

² MCT, IBICT-DEP. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Dissertações: período junho de 1972 a agosto de 2002. Rio de Janeiro: IBICT/DEP. 2002. 39 p. Documento cedido pelo DEP.

³ No capítulo 8 desta tese, houve oportunidade de comentar que algumas dissertações foram descartadas da seleção pela insuficiência de dados, inclusive duas defendidas nos anos setenta, uma tratando de um tesouro para a área de arquitetura e a outra abordado um modelo destinado à recuperação da informação para área da arte. Assim, os anos 90 tornaram-se o marco inicial.

1996

- **Labirinto de paradoxos: informação, museu e alienação**

Autor: José Mauro Matheus Loureiro.

Orientadora: Heloísa Tardin Christóvão

Dados/autor

formação: Museologia.

- **Imagem x conceito: questões da recuperação da informação imagética**

Autor: Cássia Maria Mello da Silva.

Orientadora: Maria Nélida González de Gómez.

1998

- **Web - páginas de Arte: conteúdos informacionais x conteúdos artísticos**

Autor: Maria de las Nieves Eirin de Rapp.

Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

Dados/autor

formação: Belas Artes.

funcionária da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

artista plástica.

- **Museu, informação e arte: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação**

Autor: Maria Lúcia de Niemeyer Matheus Loureiro

Orientadoras: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria Nélida González de Gómez.

Dados/autor

formação: Museologia

- **Exposição em museus e público: o processo de comunicação e transferência da informação**

Autor: Rosane Maria Rocha de Carvalho.

Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

Dados/autor

formação: Museologia e Comunicação Social.

funcionária do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. (Museu da República).

1999

- **Museu, informação: o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias**

Autor: Luísa Maria Gomes de Mattos Rocha

Orientadoras: Regina Maria Marteleto e Rosali Fernandez de Souza.

Dados/autor

formação: Museologia

- **O ser-interpretante e o espaço ideal. Uma análise do processo de representação informacional das imagens chárgicas**

Autor: Carlos Fernando Gomes Galvão de Queiroz

Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

2001

- **Informação e sites de museus de arte brasileiros: representação no ciberespaço**

Autor: Rose Moreira de Miranda.
Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro
formação: Museologia

- **Informação, ciência e cotidiano: um estudo sobre a divulgação científica em museus de ciência e tecnologia.**

Autor: Júlio Cesar Cardoso
Orientadores: Geraldo Moreira Prado e José Mauro Matheus Loureiro

2002

- **Estoques de informação: o acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio como fonte de informação**

Autor. Denise Portugal Lasmar.
Orientadoras: Rosali Fernandez de Souza e Isa Maria Freire

Nota:

Os dados profissionais que se obteve dos autores e referentes às praticas exercidas, bem como o local dessas atividades, dizem respeito à época da defesa dos trabalhos.

ANEXO IV
PERFIL MMSD 1991¹ - 2002

CANAIS DE COMUNICAÇÃO ou INSTÂNCIAS DO PODER SIMBÓLICO

DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS ² 1991 - 2002

Títulos

1996

- **Acervos Artísticos: Proposta de um Modelo Estrutural para Pesquisas em Artes Plásticas**

Autor: Diana Farjalla Correia Lima.

Orientadores: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro; Lamartine Pereira da Costa

Dados/autor

formação: Museologia; c/ especialização em História da Arte e Arquitetura (PUC RJ)

1998

- **As Duas Faces de Jano: Design e Museografia em Exposições Museológicas.**

Autor: Denise Calasans da Gama Lima.

Orientadores: Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling; Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.

Dados/autor

formação: Desenho Industrial.

- **O que os olhos não vêem: reservas técnicas museológicas na cidade do Rio de Janeiro**

Autor: Márcia Fernandes Portela Soares

Orientadores: Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling; Lena Vânia Ribeiro Pinheiro

Dados/autor

formação: Museologia

funcionária da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ.

1999

- **A Museologia Diante do Virtual: repensando os elementos conceituais e a memória a partir das novas tecnologias informáticas**

Autor: Karla Estelita Godoy.

Orientadores: Josaida de Oliveira Gondar; Icléia Thiesen Magalhães Costa.

Dados/autor

formação: Museologia

atuando no Museu da República. (projeto ligado ao banco de dados da República)

¹ O ano de 1991 incide o ano de defesa da primeira dissertação do Curso de Mestrado.

² UNI-RIO/CCH, MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E DOCUMENTO - MMSD. Dissertações apresentadas [31 - 07 - 2002]. Rio de Janeiro: MMSD. 2002. 15 p. Documento cedido pelo MMSD.

- **Arquivo, Memória e Fragmentação: a construção do acervo do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz**

Autor: Flavio Leal da Silva.

Orientadores: Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling; Icléia Thiesen Magalhães Costa.

Dados/autor

formação:

atuando na Fundação Oswaldo Cruz - FIORUZ

2000

- **Sociedade dos Artistas Nacionais: fragmentos de memória e mosaico de identidades**

Autor: Maria de Fátima Pinheiro de Castro Neves.

Orientadores: Icléia Thiesen Magalhães Costa; Josaida de Oliveira Gondar

Dados/autor

formação: Museologia

professora substituta da Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO (Escola de Museologia)

- **Patrimônio urbano e memória social: práticas discursivas e seletivas de preservação cultural. 1975 a 1990]**

Autor: Lia Motta.

Orientador: Paulo André Leira Parente.

Dados/autor

formação: Arquitetura

funcionária do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN.

Nota:

Os dados profissionais que se obteve dos autores e referentes às praticas exercidas, bem como o local dessas atividades, dizem respeito à época da defesa dos trabalhos.

ANEXO -- ESPECIALISTAS

--- Murtha **Baca** --- ¹

Diretora do Standards Program, Getty Research Institute. Dedicada à área das artes visuais e arquitetura, também vocabulários controlados. Trabalhos publicados nessa área, inclusive tendo participado da elaboração do tesouro de Arte e Arquitetura da Getty (AAT), entre outros que foram citados na tese. Leciona na graduação a disciplina, Seminários Metadata e Vocabulários Controlados, Escola de Estudos da Informação, Universidade da Califórnia, Los Angeles. Ph.D em História da Arte e Literatura Italiana (Universidade da Califórnia, Los Angeles). Dirigiu o projeto que reuniu três pesquisadores (Gill, Gilliland-Swetland e Woodley) responsáveis pela pesquisa e publicação Getty -- Introduction to Metadata: Pathways to Digital Information.

--- David **Bearman** --- ²

“Consultor para questões relacionadas aos registros eletrônicos e arquivos, integrando informação cultural de multi-formatos e sistemas de informação de museus...” Organizador e dirigente (desde 1991) da bienal ICHIM – International Conference on Hypermedia and Interactivity in Museums e do evento anual Museums and the Web (a primeira datada de 1997), ambas consideradas ocorrências profissionais relevantes para os campos da Ciência da Informação e Museologia, tanto que a ASIST e o CIDOC são instâncias que a elas fazem referência, inclusive agindo em conjunto.

“Bearman é autor de cerca de 125 livros e artigos tratando de questões relacionadas à gestão da informação em museu Introduction to Multimedia in Museums, Introduction to Multimedia in Museums, s e arquivos.” Graduado em História das Idéias - Intellectual History, e mestrado em História e Sociologia da Ciência. (Universidade da Pensilvânia).” Trabalhos apresentados no CIDOC e ASIST.

¹ As informações sobre Murtha Baca procedem da seguinte fonte:

GETTY -- INTRODUCTION TO METADATA: PATHWAYS TO DIGITAL INFORMATION. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/institute/standards/intrometadata/6_contributors/>. Acesso em: agosto - 2002.

² Texto sobre Bearman adaptado de

ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS [ARCHIMUSE]. Disponível em: <<http://www.archimuse.com/consulting/bearman.html>>. Acesso em: julho - 2002.

--- Howard **Besser** ---³

“Associate Professor da Escola de Educação e Informação da UCLA [Universidade da Califórnia, unidade Los Angeles] onde leciona e desenvolve pesquisas em multimídia, bases de dados de imagens, bibliotecas digitais, e o impacto social e cultural das novas tecnologias da informação.” (...) Especialista com larga experiência em informação digital -- no que se refere aos padrões para interoperabilidade (dedicou-se ao estudo e aplicação do Dublin Core metadata desde o início, sendo mencionado em múltiplas fontes de consulta) – é consultor para “projetos de automação em bibliotecas, museus e arquivos.”(...) autor de “dúzias de artigos ... [tratando da relação/aplicação] de tecnologia da informação e patrimônio cultural.” (...) tendo “publicado artigos sobre automação de imagens de coleções no JASIS”[Journal of the American Society for Information Science]

“Dr. Besser recebeu o prêmio, 1995 Best Information Science Teacher [Melhor Professor de Ciência da Informação] da ASIS”

Também atuou como consultor junto ao Metropolitan Museum of Art - MET, N. York, um dos oito museus americanos integrantes da experiência pioneira de Informação em Arte do Museum Prototype Project - MPP Getty. Trabalhos apresentados no CIDOC e ASIST.

Os documentos consultados para compor este texto sobre Besser ora indicam-no como “instrutor” dos workshops Continuing Education Courses que, tradicionalmente, precedem em dois dias (ocupando sábado e domingo) as reuniões ASIST, ora como conferencista ou organizador das mesas temáticas.

--- Joseph A. **Busch** ---

Em 1997, Bush integrava na qualidade de presidente (Techninal Program Chair) o Comitê Técnico (Technical Committee) organizador do evento - ASIS 1997 Annual Meeting

Antigo Administrador de Programas do Getty Information Institute, posteriormente é indicado em outros eventos da ASIST como vice- presidente para Desenvolvimento de Produtos de Informação (Vice President for Information Product Development) da Metacode Technologies Inc; companhia de software, de desenvolvimento em pesquisa de conteúdo e gerenciamento de produtos integrando metatesauros. E, também, vice presidente da InfowareMetacode Technologies, Inc.

³ ASIS ANNUAL MEETING, 1999 -- Annual Meeting. Knowledge, Creation, Organization and Use. October 31 - November 4, Washington, DC. Continuing Education Courses -- Metadata for digital libraries Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/AM99/Program/>>. Acesso em: junho - 2002.
ASIS MID-YEAR MEETING, 1999 -- CONFERENCE. Evaluating and Using Networked Information Resources and Services. May 24 – 26, Pasadena, California. Network access to visual information: a study of costs and uses. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/MY99/contributedpapers.htm>>. Acesso em: junho - 2002.

Em 1999, seu nome aparece, ainda, como vice-presidente da DATAFUSION.

E, em 2000, consta no resumo que apresenta seu texto, evento CIDOC Conference 2000 e - Canadian Heritage Information Network -CHIN, a informação que este membro do Comitê de Documentação do ICOM “será o próximo presidente da ASIST em 2001.” (Mr. Busch will be the President of the American Society for Information Science in 2001). É outro autor com trabalhos veiculados pelo CIDOD e ASIST.

--- Tony **Gill** --- ⁴

Dirige, no Research Library Groups - RLG (associando instituições culturais e universidades no tema do Patrimônio Cultural), o segmento dedicado à Cultura Material, RLG's Cultural Materials Initiatives, Mountain View, Califórnia. Graduado e pós - graduado em Comunicação na Computação (Universidade de Middlesex) e Física e Filosofia (Kings College, Londres). Dedicar-se a compatibilizar acervos museológicos – Artes e Humanidades às linguagens eletrônicas com publicações acerca desse tema, inclusive o Guia de Computação para Museus da MDA (Museum Documentation Association). Integrou a equipe responsável pela pesquisa e publicação Getty -- Introduction to Metadata: Pathways to Digital Information.

--- Anne **Gilliland-Swetland** --- ⁵

Professora, Departamento de Estudos da Informação na Escola de Graduação de Educação e Estudos da Informação, Universidade da Califórnia, Los Angeles. Atuação acadêmica na área de Gestão e Preservação de Arquivos (incluindo-se os museus). Ph.D em Informação e Biblioteconomia (Universidade de Michigan). Trabalhos publicados enfocando informação em museus, âmbito de artes e humanidades. Uma das responsáveis juntamente com Gilliland-Swetland e Gill pela pesquisa e publicação Getty -- Introduction to Metadata: Pathways to Digital Information.

--- Xavier **Perrot** --- ⁶

É um dos componentes da Archives & Museums Informatics - ARCHIMUSE, juntamente com Jennifer Trant e David Bearman.

⁴ Informações acerca de Tony Gill e Anne Gilliland-Swetland tiveram como fonte:.

⁵ GETTY -- INTRODUCTION TO METADATA: PATHWAYS ... Op. cit

⁶ Texto sobre Perrot adaptado de:

ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS [ARCHIMUSE]. Disponível em: <http://www.archimuse.com/consulting/perrot.html>. -- Acesso em: julho - 2002.

Sua indicação vale menção pela inserção no tema, ou seja, em um dos eventos ASIST abordando a área dos museus: a Conferência The Digital Revolution (A Revolução Digital) da ASIST Midyear Meeting patrocinada e organizada pelo seu Special Interest Group on Visualization, Images and Sound, grupo SIG VIS, 1996.

“Ph. D em Production des hypermédias et des interactifs multimédias pour les musées (Universidade de Paris 8). Professor da Sorbonne (Universidade de Paris 1)” “Pesquisador (research fellow) junto ao STUDIO for Creative Inquiry da Universidade Carnegie Mellon (USA). Leciona na Escola do Louvre (Escola de Museologia) e na Escola Nacional Superior de Belas Artes (Paris). É consultor para projetos culturais interativos, produção de multimídia e estudos para gestão”, tendo realizado trabalhos para diversos museus na França. (Museu do Louvre, Museu d'Orsay, entre outros).

--- Jennifer **Trant** ---⁷

Membro do CIDOC e da ASIST. “Mestre em História da Arte.” Atuando “especialmente” no segmento de “automação de sistemas de documentação de Artes.” (captura, armazenamento, transmissão e uso de imagens digitais) Desenvolveu estudos para a catalogação eletrônica: “padrões para Gravuras e Desenho, Fotografias e Coleções de Arquivos”. (Galeria Nacional [de arte] do Canadá -- National Gallery of Canada, e Centro Canadense de Arquitetura -- Canadian Centre for Architecture).”... “ativamente envolvida com definição de padrões para dados de museus.”

Autora de “artigos e ‘papers’ discutindo questões de acesso e integração intelectual”, ... “seu interesse está centrado no uso da tecnologia de informação e comunicação em redes eletrônicas para aperfeiçoar o acesso à informação do patrimônio cultural e integrar, de modo pleno, a cultura às bibliotecas digitais para fins de pesquisa, conhecimento...” Seus trabalhos são apresentados, também, no CIDOC e ASIST.

“Foi presidente do Multimedia Working Group - MMWG, CIDOC, permanece como membro associado. Desde 1997 é sócia e diretora da firma de consultoria Archives & Museums Informatics - ARCHIMUSE juntamente com David Bearman, presidente, [outro profissional do CIDOC e da ASIST] ... e de outro especialista, Professor Xavier Perrot”.

⁷ E sobre Trant adaptado de:
ARCHIVES AND MUSEUM INFORMATICS [ARCHIMUSE]. Disponível em: <http://www.archimuse.com/consulting/trant.html>>. Acesso em: julho - 2002.

--- Mary S. **Woodley** ---⁸

Bibliotecária especialista em Ciências Sociais, University Library, Universidade do Estado da Califórnia, Northridge. Responsável pelo desenvolvimento de coleções e orientação bibliográfica para antropologia e psicologia, e implantação de modelos de catalogação. Ph.D em Arqueologia Clássica e Mestre em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Universidade da Califórnia, Los Angeles. Participante de diversos trabalhos e publicações enfocando as linguagens eletrônicas e as aplicações nos arquivos de acervos culturais, tendo sido integrante do grupo responsável pela pesquisa e publicação Getty -- Introduction to Metadata: Pathways to Digital Information.

⁸ A fonte usada para Woodley foi:
GETTY -- INTRODUCTION TO METADATA: PATHSWAYS ... Op. cit.